

Elisa Masselli



*Em busca do*  
**amanhã**

# **EM BUSCA DO AMANHÃ**

**Elisa Masselli**

Raquel e Francisco formam um belo casal. Embora pobres, jamais perderam a esperança de melhorar de vida. Tentam ultrapassar os obstáculos com fé e retidão de caráter. A chegada dos seus filhos, Mauro, primeiro e Moacir, depois, traz-lhes mais ânimo. Quando Raquel vai dar a luz ao terceiro filho, uma fatalidade acontece e ela terá de perseverar e lutar para que seus sonhos não seja destruídos e para poder caminhar Em busca do Amanhã

# Surpresa

Como acontecia já há muito tempo, Lia acordou, olhou o relógio e, rapidamente, levantou-se.

Nossa! Hoje dormi demais, também, depois do jantar e daquela bomba que Raquel soltou, demorei muito para dormir.

Foi até o banheiro, voltou, trocou de roupa e, apressada, passou pela sala de refeições. Viu que a mesa do café estava colocada.

Quando entrou na cozinha, Cleide estava junto ao fogão.

— Está tudo pronto, Cleide?

— Está dona Lia, mas a dona Raquel ainda não veio para tomar café.

Lia olhou para o relógio pendurado na parede, disse:

— Ela nunca dormiu até tão tarde. Depois do jantar de ontem, deve estar cansada. Vou até o seu quarto para ver o que está acontecendo.

Assim dizendo, sob o sorriso de Cleide, saiu da cozinha.

Chegou junto à porta do quarto de Raquel e, antes de entrar, bateu levemente. Não obteve resposta. Preocupada, abriu a porta. Raquel estava deitada na mesma posição de sempre. Aproximou-se e falou baixinho:

— Acorde, Raquel, já está tarde. Você disse que íamos a algumas lojas para fazermos compras.

Não obteve resposta.

Preocupada, tirou o lençol que cobria Raquel. Ela estava branca como cera. Percebeu que ela estava morta. Sem saber o que fazer, começou a gritar.

Cleide e os outros empregados da casa ouviram e correram para o quarto de Raquel. Assim que entraram, encontraram Lia que chorava desesperada.

— O que aconteceu, dona Lia?

— Ela está morta, Cleide! Morta!

— Como morta?

— Não sei como, só sei que está morta!

— Será que ela teve um ataque do coração?

— Não sei Cleide, como vou saber o que aconteceu?

— Ela tinha algum problema no coração?

— Não, Cleide, não que eu saiba, não, mas você conhece Raquel, nunca demonstrou estar tendo algum tipo de problema!

— Meu Deus do céu, o que a gente vai fazer, dona Lia?

— Não sei, ou melhor, telefone para os meninos e para o Martin, eles saberão o que fazer.

— Vou fazer isso agora mesmo.

Cleide saiu do quarto. Lia, chorando, ficou ao lado de Raquel que parecia dormir. Só se percebia que estava morta pela cor de seu rosto.

Cleide, tremendo muito, pegou o telefone e o primeiro número que discou foi o da casa de Moacir. Quem atendeu foi Joice.

— Dona Joice! Preciso falar com o Moacir!

— O que aconteceu, Cleide? Pare de chorar! Parece que está muito nervosa!

— Estou sim. A dona Raquel está morta!

— O quê?

— Isso mesmo! Ela demorou em vir tomar o café, a dona Lia foi até o seu quarto e ela está morta!

— Como isso aconteceu?

— A gente não sabe! Por favor, dona Joice, chame o Moacir!

— Está bem. Vou fazer isso, espere um pouco.

Joice ia saindo da sala, quando Moacir saiu do banheiro e, ainda segurando uma toalha, notou, pela expressão do rosto dela, que alguma coisa havia acontecido:

— O que aconteceu, Joice? Quem está no telefone, outro agiota?

— Não, Moacir! Não é nada disso! A Cleide está no telefone...

— A Cleide? Por que ela está telefonando a esta hora da manhã?

— Ela está muito nervosa, disse que sua mãe foi encontrada morta!

— O quê?

— Foi o que ela disse...

Moacir correu e pegou o telefone da mão de Joice. Desesperado e assustado, perguntou:

— O que aconteceu, Cleide?

Ela não conseguia falar, só chorava.

— Pare de chorar, conte o que aconteceu!

Com muito custo, ela conseguiu se controlar:

— Sua mãe está morta...

— Como? Onde?

— A dona Lia foi chamá-la para o café e a encontrou morta...

— Meu Deus do céu! Já avisou o Marcos?

— Não! Ele não está em casa!

— Como não está em casa?

— Não sei, assim que sua mãe foi encontrada, fui até o quarto dele, mas ele não está lá e a cama não foi desfeita.

— Ele dormiu onde?

— Não sei Moacir.

— Está bem, estou indo para aí!

— Venha logo, dona Lia está desesperada.

— Estou indo!

— Enquanto eu não chegar, chame o Martin.

— Está bem.

Moacir desligou, colocou o telefone de volta no gancho. Olhou para Joice que, como ele, não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo.

— Como isso aconteceu, Moacir? Será que ela teve um infarto?

— Como vou saber. Ela nunca comentou a respeito de estar doente, mas conhece dona Raquel, não duvido de que ela soubesse da doença e não quis nos alarmar.

— O que vai fazer agora?

— Não sei Joice! Marcos não está em casa.

— Onde ele está?

— Não sei. Depois de ontem, com aquilo que aconteceu no jantar, fera esperado que ele fizesse alguma coisa...

— Tem razão, mas precisamos encontrá-lo!

— Vai ser encontrado. Vou me trocar para ir com você.

— Está bem. Também vou me vestir. Saíram da sala e foram ao quarto. Enquanto se vestiam, Moacir perguntou:

— Está feliz, Joice?

— Feliz, por que, Moacir?

— Não era isso que queria? Não disse que só a morte da minha mãe resolveria a nossa situação?

— Eu disse e ainda acho, mas não estou feliz nem esperava que isso acontecesse.

— Mas aconteceu! Suas preces foram ouvidas! Ela está morta!

— Não fale assim, Moacir. Na realidade, eu não queria que isso acontecesse. Falei aquilo por falar.

— Não, Joice, você falou o que sentia, mas agora não é hora de discutirmos isso. Precisamos ir até a casa da minha mãe e ver como estão as coisas. Mais tarde conversaremos sobre isso e outras coisas também. Joice ouviu e resolveu ficar calada. Somente concordou com a cabeça.

Foram até a sala.

Joice disse à babá:

— Precisamos sair Fátima. Minha sogra foi encontrada morta. Estamos indo até lá.

Fátima, como todos, recebeu a notícia, espantada:

— Morta? A dona Raquel está morta?

— Está, Fátima.

— O que aconteceu?

— Não sabemos. Por isso estamos indo até lá. Não conte às crianças. Assim que voltarmos, eu e o Moacir contaremos. Siga o dia normalmente. Se perguntarem, diga que tivemos que sair.

— Está bem, senhora. Vá com Deus.

Joice apenas sorriu e foi encontrar Moacir, que já estava na garagem, esperando-a, com o carro ligado.

Entrou no carro. Ele acelerou e, rapidamente, saiu da garagem e foi em direção à casa de Raquel.

Nesse mesmo instante, Cleide telefonava para Martin. Quem atendeu foi Lúdia.

— Alô!

— Alô, dona Lúdia, é a Cleide.

— Cleide? O que aconteceu para telefonar a esta hora da manhã?

— A dona Raquel foi encontrada morta...

— O que aconteceu?

— Não sabemos! Ela demorou em vir tomar o café, a dona Lia foi até o seu quarto e encontrou-a morta. A gente acha que foi um infarto...

Lúdia, tremendo, olhou para Martin que estava ao seu lado.

— A Raquel foi encontrada morta, Martin.

— Morta, como?

— A Cleide não sabe. Elas acham que foi um infarto.

— Não pode ser! Ela não tinha problema algum no coração!

— Não sei Martin. Estou repetindo o que a Cleide disse.

Martin pegou o telefone:

— Como isso aconteceu, Cleide?

— Não sei doutor. Ela está morta lá no quarto...

— Está bem. Pare de chorar. Estou indo até aí. Desligou o telefone, olhou atônito, para Lúdia, que olhava firmemente para ele.

— O que você fez Martin?

— Não estou entendendo essa pergunta. O que acha que fiz?

— Não sei. Ontem você disse que havia feito algo e que hoje todos saberiam...

— Está dizendo que matei a Raquel?

— Não sei. Estou perguntando o que você fez ontem.

— Não matei a Raquel! Não sei o que aconteceu! Nada tenho a ver com essa morte! Você está louca, jamais eu faria isso!

— Não sei Martin. Ontem, você estava desesperado e disse que ia fazer algo e que, hoje, todos descobririam...

— Realmente fiz algo, mas não matei Raquel. Jamais faria isso! Foi à melhor amiga que alguém poderia ter!

— Estou preocupada, Martin. Se você fez mais essa loucura, está perdido para sempre.

— Está louca, Lúdia, não matei Raquel! - ele gritou.

— Tomara que não, Martin, tomara que não.

— Agora não é hora para discutirmos! Estou indo para a casa de Raquel. Quer vir comigo?

— Claro que vou. Está bem, não vou falar sobre isso, mas estou muito preocupada, Martin... Estou mesmo...

Ele, parecendo não lhe dar atenção, saiu para a garagem, ligou o carro e saíram rapidamente.

O primeiro a chegar à casa de Raquel foi Moacir. Assim que entrou, correu para o quarto da mãe. Ainda da porta, viu Raquel deitada na posição de sempre. Parecia dormir. Ao seu lado, Lia sentada em um pequeno banco, com carinho e chorando, segurava a mão da amiga.

Ele se aproximou e, gaguejando, perguntou:

— O que aconteceu, dona Lia?

— Não sei meu filho. Ela demorou em se levantar e ir tomar o café, estranhei, vim até aqui e a encontrei da maneira como está.

Ele se aproximou da mãe, abaixou-se, colocando sua cabeça sobre o coração dela, e, chorando, perguntou:

— O que aconteceu, mãe?

Beijou o rosto da mãe e ficou assim por um bom tempo. Joice também chegou e, ao ver aquela cena, começou a chorar. Aproximou-se do marido, colocou a mão sobre o ombro dele, mas permaneceu calada. Sabia que aquele momento era importante para ele.

Estavam assim, quando Martin e Lúdia também chegaram. Martin ficou parado.

Movido pela emoção, não conseguiu emitir um som. Olhou para Lúdia e viu que ela, sim, chorava.

Lúdia, sem conseguir se mover, pensando, se perguntava: O que você fez Martini.

Martin continuou parado junto à porta, sem coragem de entrar. Lúdia entrou, aproximou-se e tocou no braço de Moacir, que se voltou e viu Martin. Correu para ele e, abraçando-o, perguntou:

— Você sabe o que aconteceu?

Martin olhou para Lídia e respondeu:

— Claro que não sei Moacir. Como poderia saber?

— Foram sempre muito amigos. Sei que minha mãe não tinha segredos para você. Sabia se ela tinha algum problema no coração? Por isso ia se afastar da empresa?

Martin, soltando-se do abraço e, olhando primeiro para Lídia, depois para Moacir, respondeu:

— Não, Moacir. Ela não tinha problema algum de saúde, não que eu soubesse. Nunca fez comentário algum!

Pelo contrário, estava muito bem, disse até que queria viajar!

— Não pode ser Martin. Ela devia saber e só não nos contou para que não nos preocupássemos.

Novamente Martin olhou para Lídia, que chorava sem parar.

— Pode ser Moacir... Pode ser. Ela sempre foi independente e, se alguma coisa como essa estava acontecendo, se soubesse que tinha uma doença grave, provavelmente não contaria a ninguém, muito menos a vocês, seus filhos, a quem sempre quis preservar de sofrimentos.

Lídia não suportou, chorando, saiu dali. Assim que entrou na sala, sentou-se em um sofá que ficava em frente a um grande vitrô. Sempre chorando, ficou olhando o jardim, que, por ser primavera, estava todo colorido com rosas de todas as cores e tamanhos. Rosas sempre foram às preferidas de Raquel.

Como você pôde fazer uma coisa como essa Martin? Como pôde se esquecer de tudo o que aprendeu? E agora, como vai ser? O que vai nos acontecer? Meu Deus, não nos abandone em uma hora como esta. Martin, embora preocupado, tentando não demonstrar o que sentia, perguntou:

— Marcos foi avisado, Moacir?

— Não! Ele não passou a noite em casa! Não sabemos onde está.

— Como não sabem?

— Depois que ele saiu, ontem à noite, não voltou mais. Precisamos encontrá-lo, Moacir, para que possamos tomar as providências necessárias para o enterro.

— Tem razão, Martin, não havia pensado nisso.

Nesse mesmo instante, Marcos chegou, entrou pela alameda que levava até a garagem, estranhou:

O que Martin e Moacir estão fazendo aqui em casa tão cedo?

Estacionou o carro e entrou.

Lia que cedeu seu lugar a Moacir e que estava sentada em um sofá na sala, ao ver Marcos entrar, levantou-se e foi ao seu encontro.

— O que aconteceu, dona Lia? Por que Moacir e Martin estão aqui em casa a esta hora da manhã?

— Sua mãe está morta, Marcos...

— O quê?

— Isso que ouviu.

— Como isso aconteceu?

Lia contou.

Marcos, transtornado, perguntou:

— Ela estava doente?

— Não que eu saiba. A não ser o dia em que fingiu aquele desmaio, ela nunca ficou doente ou consultou um médico.

Marcos, em silêncio e com lágrimas nos olhos, afastou-se e foi até a parede onde estava a fotografia do pai. Ficou ali, olhando para a fotografia, pensando: Eu não o conheci, pai, mas nunca senti tanto sua falta como estou sentindo agora...

Francisco, que estava ali, sorriu e olhou para as duas entidades que o acompanhavam. Perguntou:

— O que podemos fazer por ele?

A mulher respondeu:

— Neste momento, apenas enviar luzes de paz e de amor.

Lia voltou até a porta do quarto de Raquel. Moacir e Martin continuavam ali. Voltou-se e, vendo Marcos em frente à fotografia do pai, aproximou-se:

— Como você está Marcos?

Ele olhou-a e, abraçando-se a ela, respondeu:

— Não sei, dona Lia... Não sei o que estou sentindo. Ontem, após o jantar, odiei minha mãe. Ela destruiu minha vida, mas, agora, vendo-a assim, não consigo acreditar que esteja morta...

— Também não posso acreditar, mas ela está morta, sim, Marcos, e isso não têm volta. Sabe que considero você e seu irmão como se fossem meus filhos. Por isso, preciso fazer uma pergunta:

— Que pergunta?

— Você teve a ver alguma coisa com essa morte? Fez alguma coisa para que isso acontecesse?

— Por que está me fazendo essa pergunta? Logo a senhora que, como acabou de dizer, me considera como se fosse seu filho e, posso dizer também a considero como minha mãe! Sabe que eu, embora tenha odiado minha mãe e tenha desejado, mil vezes, que ela morresse, jamais faria qualquer coisa para prejudicá-la, muito menos matá-la!

— Ainda bem, meu filho. Tudo precisa ser esclarecido, para que possamos continuar nossas vidas. Quem sabe, agora, você possa acertar sua vida, procurar Marília e tentar ser feliz.

— Agora é tarde, dona Lia.

— Por que está dizendo isso?

— Ontem, depois que saí daqui, fui até a casa de Lena para contar o que minha mãe havia feito e dito, na esperança de que ela me contasse onde Marília está, mas isso não aconteceu...

— Por que, mesmo após saber a verdade, ela se recusou a dizer onde a filha está?

— Não a encontrei e a mulher que mora na antiga casa dela disse que já mora ali há mais de um ano.

Disse que elas foram para o interior, mas não soube dizer para onde. Eu a perdi para sempre...

— Marcos! Que bom que chegou!

Marcos olhou em direção à voz e viu Moacir que se aproximava com os braços abertos. Os dois irmãos se abraçaram. Moacir chorava sem parar, enquanto Marcos, com os olhos presos no espaço, não demonstrava emoção alguma.

Separaram-se do abraço. Martin, também emocionado, disse:

— Estamos todos surpresos, mas precisamos passar para a ação.

Os irmãos olharam para ele, que continuou:

— Precisamos providenciar o sepultamento.

— Não sei como se faz, Martin. Nunca precisei enterrar alguém.

— Também não sei Moacir, mas é preciso.

Marcos, parecendo não estar ali, se afastou, saiu da casa e foi para o jardim.

Moacir e Martin olharam-se.

— Ele está estranho, Moacir.

— Você o conhece, Martin. Ele foi sempre assim. Não liga para nada que acontece ao seu redor. Desde Marília, só pensava em si mesmo. Agora, depois de ontem, precisamos dar razão a ele. Acho que nós teremos de tomar as providências necessárias.

— É isso mesmo, precisamos nos apressar.

Foram até Lia, Joice e Lídia, que conversavam.

Martin disse:

— Precisamos sair ir até a funerária para providenciar o sepultamento. Não sabemos quanto tempo vamos demorar.

Beijaram as esposas e saíram. Elas continuaram conversando. Marcos continuou em pé, olhando para a fotografia do pai.

Lia voltou para junto de Raquel e ficou olhando para a amiga de tantos anos.

Algum tempo depois, Moacir e Martin voltaram:

— Para conseguirmos a sepultura, precisamos de um atestado de óbito. Como Raquel morreu em casa, temos que conseguir um atestado junto a um médico. Do contrário, ela será levada para o Instituto Médico Legal, onde será feita uma autópsia. Lia, a Raquel tem algum médico com quem se consultava?

— Não, Martin. Ela nunca acreditou muito em médicos e, como sempre teve boa saúde, nunca precisou deles. Há muito tempo, ela apresentou dificuldades para dormir e se consultou com um que lhe receitou um remédio manipulado. Desde esse dia, ela começou a tomar e dizia que estava bem.

— Você sabe o nome desse médico? Ele poderia dar o atestado.

— Não lembro. Ela foi sozinha.

— Não tem a receita?

— Não, esse tipo de remédio não precisa de receita. Para comprá-lo, basta apresentar o vidro anterior.

— Será que na agenda dela não tem o nome desse ou de outro médico?

— Podemos ver, vou buscar.

Lia saiu e voltou, logo depois, trazendo a agenda. Olharam e encontraram o nome de um médico. Telefonaram, mas foram informados de que há muito tempo ele havia morrido.

Martin, desolado, disse:

— Esse médico está descartado.

Ao ouvir aquilo, Joice disse:

— Tem o pediatra das crianças. Talvez ele possa nos dar o atestado ou nos indicar algum amigo seu.

— Tem razão, Joice, vou telefonar para ele.

Moacir telefonou, o pediatra deu o nome e número do telefone de um amigo seu.

Imediatamente, Martin telefonou, explicou o que havia acontecido e o médico se comprometeu em ir até a casa de Raquel.

Eles ficaram esperando por um longo tempo.

Enquanto eles esperavam, conversaram sobre Raquel e sua vida. Marcos, alheio ao que estava acontecendo, continuou no jardim, sentado em um banco, onde Raquel sempre ficava quando estava com algum problema.

Eles não estranharam, pois Marcos, desde Marília, sempre foi calado. Deixou de gostar da vida.

O médico chegou e foi levado até o quarto de Raquel, onde ela permanecia da maneira como fora encontrada. Após examiná-la, preocupado, disse:

— Não posso dar um atestado.

— Por que não, doutor? - Moacir, admirado, perguntou.

— Pelo telefone, me foi dito que ela havia tido um infarto, mas, depois de examinar e ver estas manchas em seu corpo, receio dizer que não foi isso que ocorreu.

— Se não foi um infarto, o que foi que aconteceu?

— Não sei, tenho um palpite, mas não tenho certeza. Por isso, não posso dar o atestado. Ela precisa ser submetida a uma autópsia.

— O que o senhor está dizendo?

— Estou dizendo que não posso dar o atestado. Recomendo que telefonem para a polícia. Ela saberá o que fazer. Sinto muito.

O médico se despediu e foi embora.

Assim que ele saiu, olharam-se. Martin disse:

— Bem, precisamos seguir o que o médico disse. Vou telefonar para a polícia e explicar o que aconteceu.

Joice levantou-se do sofá em que estava sentada e, parecendo preocupada, disse:

— Talvez não seja preciso, Martin.

— Como não, Joice? Raquel precisa ser sepultada e isso só será possível se houver um atestado de óbito que o médico não quis dar!

— Existem outros médicos. Podemos tentar encontrar algum. Uma autópsia é muito demorada e traumatizante...

— Tem razão, além do mais, não acho necessária. Esse médico deve estar enganado. Ela só pode ter tido um infarto.

— Também acho Moacir, mas, mesmo assim, acho que vai ser necessário.

Marcos, que entrava, ao ouvir o que Lídia falou, perguntou:

— Por que está dizendo isso, dona Lídia? Por que acha que é necessário? Acha que minha mãe foi assassinada?

— O que está dizendo, Marcos? Está louco?

— Não, não estou louco, Joice! Por que acham que o médico não quis dar o atestado? Ele percebeu que alguma coisa estava errada e não quis se comprometer. Ele pareceu achar que minha mãe foi assassinada por um de nós.

— Está maluco? Quem de nós faria isso?

— Qualquer um de nós teria motivo para isso.

— O único que me vem à mente é você, Marcos.

Você, ontem à noite, saiu daqui com ódio mortal dela!

— Tem razão, Moacir. Saí daqui com muito ódio, mas não a matei! Enquanto que todos vocês, embora não demonstrassem, queriam que ela morresse!

— Está louco, mesmo!

— Não estou louco! Vocês acham que eu não ligo para nada, mas não é assim! Sei de tudo o que acontece na empresa! Sei de todo o dinheiro que vem sendo tirado, roubado da empresa! Sei quem são as pessoas que estão fazendo isso!

Lia que permanecia ao lado de Raquel, ao ouvir os gritos, levantou-se, foi até onde eles estavam e gritou

mais alto ainda:

— Parem com isso! Vocês ainda não sabem o que aconteceu realmente e já estão se acusando! Não podem continuar assim, são irmãos, não é isso que Raquel queria que acontecesse! Vocês sabem o quanto ela lutou para preservar a família unida!

Marcos e Moacir olharam para ela. Depois, Marcos olhou para todos e se afastou. Voltou para o jardim e para o banco em que estivera sentado todo o tempo. Moacir olhou para Joice, que abaixou a cabeça. Lídia segurou e apertou o braço de Martin. Lia, chorando, voltou para junto de Raquel.

— Não adianta ficarmos brigando sem saber o que, realmente, aconteceu. Vamos chamar a polícia. Como o médico falou, ela saberá o que fazer. Depois que obtivermos a resposta, poderemos discutir a respeito.

## O início

O bairro era novo. Uma grande área foi dividida em pequenos lotes e vendida. Por ser distante do centro, esses lotes tinham um preço bem baixo, o que facilitou a pessoas de pequena renda a sua compra e a construção de suas casas. Assim, um bairro começou a se formar.

Entre as pessoas que construíram suas casas, estavam os pais de Raquel. Ela era ainda criança, tinha apenas oito anos e, junto com os irmãos, começou a viver ali.

Embora seus pais não tivessem recursos, a vida dela, como criança, foi feliz. Havia um vasto campo onde as crianças corriam, brincavam. A escola ficava longe, precisavam andar mais de meia hora, mas aquela pequena viagem de todos os dias era encarada como uma brincadeira, uma aventura.

O tempo foi passando e, aos poucos, o bairro já tinha muitos moradores. As casas eram simples, mas não havia tristeza, pois todos aqueles que moravam ali tinham as mesmas condições e viviam da mesma maneira.

O pai de Raquel trabalhava em uma fábrica de vidros e a mãe cuidava da casa e das crianças, que eram quatro.

Quando Raquel completou dezessete anos, a casa vizinha à sua foi vendida e outra família veio morar ali: pai, mãe e um casal de filhos, uma moça, com dezenove anos, e um rapaz, com dezoito. Seu nome, Francisco. Ele estava servindo o exército. Raquel, assim que o viu com a farda, ficou impressionada e comentou com Jandira, sua amiga:

— Ele é muito bonito...

O mesmo aconteceu com Francisco, assim que a viu, ficou impressionado.

Em pouco tempo, estavam namorando.

Francisco, antes de ir para o exército, trabalhava em uma marcenaria que ficava na Capital, onde a família morava, antes de se mudar para lá. Francisco só acompanhou os pais, porque estava servindo o exército, mas sua intenção era a de voltar a morar na Capital e trabalhar na marcenaria. Gostava daquilo que fazia e o dono da marcenaria mais ainda, pois era um bom marceneiro, responsável e criativo.

Quando Raquel completou dezoito anos, depois de muita insistência, os pais concordaram e eles se casaram. A festa, embora simples, reuniu vários amigos e se estendeu quase a noite toda. Raquel estava feliz.

No dia seguinte, partiram para a Capital.

Como o salário de Francisco era pequeno, alugaram um quarto e cozinha nos fundos de uma casa. Assim que entraram, Francisco, beijando Raquel, disse:

— Esta casa é pequena, mas sei que vamos ser felizes aqui.

— Claro que vamos, Francisco! A casa é pequena, mas é nossa! Francisco continuou trabalhando na marcenaria. Raquel cuidava da casa, mas não se sentia bem. Sabia que Francisco, como todos os homens da época, não queria que ela trabalhasse. Todo dinheiro necessário para casa devia vir do homem. A mulher deveria cuidar da casa e dos filhos. Para ela, o dia não passava, pois a casa era pequena e não tinha muito que fazer. Ficavam várias horas ouvindo rádio ou lendo, coisa de que ela gostava muito.

Estavam casados há seis meses quando ela engravidou. A felicidade foi imensa. Raquel sentia que, daquele momento em diante, teria com quem se preocupar e os dias se tornariam mais curtos.

Faltavam três meses para a criança nascer. Raquel estava ansiosa.

Naquele dia, Francisco chegou. Assim que entrou, Raquel percebeu que ele estava diferente.

— O que aconteceu, Francisco?

— O patrão me chamou e disse que as coisas não estão boas. Os pedidos diminuíram e ele precisava mandar alguns funcionários embora. Disse que sentia muito, mas como eu e o Norberto recebemos o maior salário, demitiu-nos. Entretanto, prometeu que, assim que as coisas melhorarem, nos contratará novamente. Estou desesperado, Raquel. Como vai ser?

Embora não demonstrasse, Raquel também ficou desesperada. Não sabia o que fazer ou dizer.

Meu Deus, o que vai acontecer? Sei que Francisco precisa de uma palavra de ânimo, mas qual? Não sei o que dizer.

Os dias passaram. Francisco, em vão, tentou encontrar outro emprego, mas a situação do país não estava boa. Muitas empresas estavam fechando ou dispensando funcionários.

Raquel, embora estivesse também desesperada, fazia de tudo para incentivar Francisco. Quando via que ele estava desesperado, dizia:

— Não fique assim, Francisco. Vai aparecer algum emprego e você pode até ganhar mais do que ganhava.

— Não quero ganhar mais, Raquel, só quero ter um trabalho para poder sustentar a minha família. É só isso

que quero! Vou receber algum dinheiro de indenização, sei que vai dar para algum tempo, mas e depois, como vai ser?

Naquele desespero e ao ouvir aquilo, Raquel teve uma idéia:

— Francisco, você disse que vai receber um bom dinheiro da empresa?

— Vou sim. Não é muito, mas até eu conseguir um novo emprego, precisamos guardar.

— Por que você não pega esse dinheiro, aluga um galpão, compra algumas máquinas e começa sua própria marcenaria. Você é um ótimo marceneiro, vai fazer sucesso!

— Não posso Raquel! É o único dinheiro que temos! Se essa marcenaria não der certo, como vamos fazer?

— Sei que esse é o único dinheiro que temos, mas o Norberto também não foi mandado embora?

— Foi. O que está pensando, Raquel?

— Ele também é um bom profissional. Podemos conversar com ele e fazer uma sociedade, assim, nenhum dos dois terá de gastar todo o dinheiro e vocês podem ter o seu próprio negócio.

Francisco, calado, ficou olhando para ela.

Ela sabia que ele estava pensando a respeito, se não fosse assim, teria dito logo. Depois de algum tempo, ele disse:

— Você pode estar certa, Raquel. Se juntarmos o dinheiro, não gastaremos tudo e poderemos tentar abrir a nossa marcenaria. Talvez dê certo.

— Vai dar certo, Francisco! Sinto que você não vai se arrepender!

— Não sei, não, mas é uma solução. Vou pedir ao Norberto que venha até aqui e conversaremos a respeito.

— Peça para trazer a Lia. Eles também são recém-casados, por isso é importante que ela esteja presente e dê sua opinião.

— Tem razão, vou fazer isso, agora mesmo.

Ele saiu e Raquel ficou nervosa e ansiosa, esperando sua volta. Uma hora depois, eles chegaram. Como ela havia sugerido, Lia também veio.

Sentaram-se em volta da mesa da cozinha e, enquanto Raquel preparava um café, Francisco contou a eles a idéia que tiveram. Raquel, junto ao fogão, enquanto Francisco falava, olhava para a reação deles. Ela percebeu que Norberto ficou animado.

— Acho uma boa idéia, Francisco! Com a nossa própria marcenaria, poderemos ganhar muito mais dinheiro e não precisamos gastar tudo o que temos. Vamos tentar e ver o que acontece.

Raquel notou que Lia ficou o tempo todo ouvindo, mas calada. Não estranhou, pois sabia que as mulheres tinham pouca força junto aos maridos. Eram eles quem decidiam tudo. Francisco, assim como Raquel, também se animou.

— Vou conversar com Martin, ele acabou de se formar contador, poderá nos ajudar na abertura da firma.

— Faça isso, Francisco. Vamos tentar e que Deus nos ajude.

— Ele vai nos ajudar, Norberto. Tenho certeza disso.

— Você é muito confiante, Raquel. Tomara que dê certo.

Raquel ficou calada, apenas sorriu. Eles se despediram. Raquel e Francisco foram à procura de Martin.

Como faltava pouco tempo para a criança nascer, Raquel estava pesada e tinha até dificuldade para caminhar.

Quando chegaram à casa de Martin, foram recebidos por sua mãe:

— Francisco, Raquel, que surpresa!

— Boa-tarde, dona Catarina. Podemos entrar, precisamos conversar com o Martin. Ele está?

— Claro que pode entrar Francisco. Ele está tomando banho.

Entraram. Catarina entrou por um corredor e logo depois voltou:

— Avisei Martin de que vocês estão aqui. Ele está terminando de tomar banho e vem em seguida.

— Obrigada, dona Catarina.

— Como você está grande, Raquel. Para quando é o bebê?

— Faltam menos de dois meses. Estou grande mesmo, acho que engordei além do normal.

— É assim mesmo, mas assim que a criança nascer, você vai voltar ao normal.

— Espero que sim, dona Catarina.

Martin, ainda com o cabelo molhado, entrou na sala.

— Fiquei surpreso quando minha mãe veio me avisar que vocês estavam aqui. Antes de tomar banho, eu estava lendo os classificados de um jornal, procurando emprego, mas está difícil começar a trabalhar como contador. Francisco, parece que você está preocupado e que você está ansiosa, Raquel. O que está

acontecendo?

Raquel estava mesmo. Ela havia tido a idéia de abrir a marcenaria, mas, ao mesmo tempo, estava com medo, pois estavam empregando quase todo o dinheiro que tinham e, se não desse certo, ficariam em uma situação muito difícil. A única coisa que a confortava era que as despesas seriam divididas com Norberto. Martin ouviu com atenção o que desejavam. Embora não tenha dito nada, também achou que eles estavam se precipitando. Mesmo assim, comprometeu-se em ajudá-los:

— Está bem, vocês querem e eu vou abrir a empresa, mas devo lhes dizer que não tenho prática alguma. Preciso me informar de como fazer. Daqui a três dias, vou dizer se é possível que eu faça ou se precisarão encontrar outro contador mais experiente.

Não foi preciso. Martin se informou e três dias depois foi até a casa deles.

— Eu me informei e não vejo problema algum para abrir a empresa. Só preciso de alguns documentos. Naquele mesmo dia, Francisco e Raquel foram até a casa de Norberto para lhes contar o que Martin havia dito. Assim que chegaram, perceberam que alguma coisa estava acontecendo. Embora se esforçassem para não demonstrar, parecia que Norberto e Lia estavam brigados.

Depois de Francisco contar o que Martin havia dito e o valor que precisava ser gasto, Norberto, olhando para Lia, um pouco sem graça, disse:

— Vocês vão me desculpar, mas não posso entrar na sociedade.

Raquel e Francisco se olharam. Francisco perguntou:

— Por que não, Norberto? Só assim poderemos ter uma empresa só nossa...

— Também pensei assim, mas Lia me fez ver que só temos esse dinheiro e que, se não der certo, ficaremos sem nada. Como está difícil encontrar um emprego, não queremos imaginar o que pode acontecer. Confesso que estou com medo.

Desanimado, Francisco disse:

— Talvez você tenha razão. Acho melhor deixar isso para mais tarde. É muito arriscado mesmo.

— Desculpe Francisco, mas Lia tem razão, não podemos arriscar o único dinheiro em algo que pode não dar certo.

— Tudo bem, Norberto. Acho que tem razão. Também vou pensar a respeito. Não sei se vale à pena corrermos esse risco.

Desanimados, saíram dali.

Raquel percebeu que Francisco estava triste e preocupado. Também ficou preocupada, mas, nesse exato momento, sentiu a criança se mexer em sua barriga. Pensou:

Também estou com medo, mas sei que é a única solução.

— Francisco, você não pode deixar se abater. Embora eles não queiram, acho que vai ser bom e vai dar certo.

— E se não der, Raquel? Se perdermos todo o nosso dinheiro? Gastando só a metade, se acontecesse alguma coisa, se não desse certo, teríamos tempo de achar outra solução, mas se ficarmos sem dinheiro, como vamos fazer?

— Não sei o que responder Francisco. Só sei que, se não fizermos agora, nunca mais teremos outra oportunidade. O dinheiro que vai receber, sem que percebamos, será gasto e se você não encontrar outro emprego, ficaremos sem nada da mesma maneira. Por isso, acho que você deve abrir a empresa, sozinho. É um bom profissional, tenho certeza de que vai conseguir.

— Você pensa assim, mesmo, Raquel?

— Penso Francisco. Nada mais pode ser feito. Vamos nos arriscar e ver o que acontece.

— E se perdermos todo o dinheiro, Raquel?

— Isso não vai acontecer, Francisco, mas se acontecer, na hora certa, veremos o que fazer. Por ora, vamos pedir ao Martin que abra a empresa. Precisamos encontrar um galpão para alugar e ver as máquinas que precisamos comprar.

— Você está certa de que é isso que deve ser feito? Será que não vamos nos arrepender?

— Não sei se vamos nos arrepender, mas é melhor o arrependimento por não ter dado certo, do que por não se ter tentado.

— Está bem, Raquel. Vamos fazer isso e seja o que Deus quiser. Foram até a casa de Martin.

Francisco, ainda preocupado, disse:

— Conversamos com Norberto, Martin, e ele não quer fazer a sociedade. Está com medo de perder todo o dinheiro que tem.

— É uma pena, Francisco. Estive pensando e acho que vocês têm alguma chance de que dê certo.

— Raquel também pensa assim. Eu confesso que estou com um pouco de medo, mesmo assim, vamos arriscar. Pode abrir a empresa somente no nosso nome e seja o que Deus quiser.

Martin, embora preocupado com a situação deles, disse:

— Seria melhor se a sociedade com Norberto tivesse dado certo, pois não precisariam gastar todo o dinheiro que têm, mas se querem mesmo se arriscar, estou disposto a ajudar em tudo o que puder.

Depois que saíram, Martin contou à mãe o que estava acontecendo.

— Que bom, meu filho, é o seu primeiro trabalho!

— É mesmo, mãe, e estive pensando em uma coisa.

— No quê?

— Já que tenho o primeiro trabalho, quem sabe se não daria certo montar o meu escritório de contabilidade. A senhora sabe que quero me casar, mas que não tenho condições. Com um escritório, talvez ganhe o dinheiro necessário para isso.

— Acho que Deus está usando a Raquel e o Francisco para ajudar você a começar.

— Acredita mesmo no que está dizendo, mãe?

— Acredito meu filho. Já tive muitos momentos em que achei que não havia um caminho para eu seguir, que tudo estava perdido, mas logo acontecia algo ou alguém aparecia e a luz voltava e eu me encontrava novamente. Raquel e Francisco procuraram você, em um momento em que você está perdido, sem saber o que fazer com o seu diploma. Eles mostraram a luz, o caminho que deve seguir.

— A senhora acredita mesmo no que diz. A senhora gosta mesmo dessa religião?

— Sim. Meus pais já seguiam o Kardecismo e eu fui criada aprendendo com eles. Porém, você está enganado, não se trata de uma religião, mas sim de uma doutrina. Um modo de se levar a vida, sabendo que somos responsáveis por tudo o que fazemos de bom ou de ruim. Sempre tentei ensinar isso a vocês.

— Não entendi...

— Tudo o que fazemos Martin, seja da maneira como for, é exclusivamente responsabilidade nossa. Somente nós responderemos por nossos atos. Pensando assim, sempre procurei levar minha vida da melhor maneira possível. Procurei, e acho que consegui não prejudicar ninguém. Posso lhe dizer que estou feliz com a minha vida e com todas as oportunidades que Deus me deu. Sou uma mulher feliz.

— Pensando assim, também posso dizer o mesmo. Estou feliz com as oportunidades que tive, embora tenha consciência de que cometi alguns enganos.

— Enganos, erros e escolhas mal feitas são normais. De acordo com aquilo em que acredito nada o que acontece é por acaso. Tudo acontece como tem de ser.

— Pensando assim, nunca teremos culpa alguma do que acontece e o que disse a respeito de responsabilidade perde o valor.

— Ao contrário, sempre seremos responsáveis. Nada sabemos ao certo, por isso, precisamos fazer o que o momento pede e seguir as intuições que sempre nos chegam.

— Assim fico preocupado, mãe, será que fiz o certo ou interferi em algo?

— Como disse, não sabemos, mas, depois de feito, não adianta se amargurar. Se tiver como mudar uma atitude tomada, que depois nos pareceu errada, pode-se tentar, mas, se não puder ser mudada, precisamos continuar nossa vida. No final, tudo volta ao seu lugar. O que passou, passou se foi certo ou errado, já foi feito.

— É verdade, mãe. O jeito é continuar vivendo e procurar errar menos.

— Isso mesmo, meu filho. Assim que deve ser.

Martin providenciou os documentos necessários e a empresa foi aberta. Enquanto isso, Raquel e Francisco encontraram um pequeno galpão e alugaram. Compraram, também, as ferramentas e o material necessário para começar. O dinheiro que tinham foi quase todo gasto, mas, embora com medo, estavam com o coração cheio de esperança.

Em uma manhã, ao se levantar, Francisco disse:

— Raquel, não consegui dormir esta noite.

— Por quê?

— Tive um sonho estranho.

— Que sonho?

— Eu estava em um lugar que parecia ser um escritório, só que diferente dos que conhecemos. Eram claros e luminosos. As mesas e armários tinham uma forma diferente. Acordei e fiquei pensando nos móveis que vi e não consegui dormir mais. Todos os escritórios têm mesas e armários pesados e escuros. Têm um ar fúnebre.

Porém, se fosse ao contrário, se os móveis fossem claros, as salas dariam a impressão de ser mais amplas, o ambiente seria mais aconchegante e as pessoas que ali trabalham também se sentiriam melhor. Você não acha?

Raquel pensou por um tempo, ficou imaginando uma sala de escritório clara.

— Nossa, Francisco, que boa idéia! Você tem razão! Todos os escritórios têm mesmo aparência fúnebre!

— Estive pensando em alguns modelos. Agora mesmo vou desenhar e você vai dar sua opinião.

Foi o que fez. Pegou um caderno, sentou-se e começou a desenhar. Em pouco tempo, tinha, diante de si, desenhos de mesas, cadeiras e armários, diferentes de tudo o que conheciam. Ao ver os desenhos, Raquel vibrou:

— São lindos, Francisco. Imagine um escritório com esses móveis, algumas cortinas e vasos de flores. Todos se sentirão bem dentro dele! Faça alguns para que possam ser mostrados.

— Também acho. Só estou pensando em uma coisa.

— No quê?

— Você não acha estranho eu ter tido esse sonho?

— Estranho, por quê?

— Logo agora que, embora estejamos com esperança, não podemos negar que estamos com medo, também, eu sonhar com algo que pode mudar não só as nossas vidas, mas toda uma tradição?

— O que está pensando, realmente?

— Acho que esse sonho foi mandado para que possamos começar algo que vai dar certo, sim,

Raquel! Acho que estamos no caminho certo! Acho que estamos sendo ajudados por Deus!

— Será, Francisco? Será que esse sonho foi uma ajuda?

— Tenho certeza que sim! Sinto que tudo vai dar certo e que esse dinheiro que estamos empregando para abrir a empresa vai render muito!

— Tomara Francisco, tomara que esteja certo...

# Constatação

Francisco começou a trabalhar e se especializou em móveis para escritório. Aproveitou o material que tinha e fez móveis iguais aos do sonho. Tirou algumas fotos e foi visitar alguns escritórios. As pessoas olhavam as fotos, mas tinham medo de mudar aquilo que já era usado há tantos anos. Depois de muito andar, conseguiu a encomenda de uma mesa, um armário e algumas cadeiras. Entrou em casa, feliz:

— Consegui Raquel! Consegui a primeira encomenda! Vou fazer móveis para um escritório que está sendo montado agora!

— Que bom Francisco!

— Estou feliz, mas também preocupado.

— Com o quê?

— Enquanto eu estiver trabalhando nesses móveis, não poderei sair para vender. Quando estes estiverem prontos, não terei outros para fazer e não sei quanto tempo vai demorar em receber outra encomenda. Para poder convencer o proprietário a comprar, dei um preço, cujo lucro não será muito...

— Eu poderia ajudar você.

— Como, Raquel?

— Enquanto você fabrica os móveis, eu poderia sair e tentar vender.

— Não pode Raquel! Não vê como está pesada? Falta pouco tempo para a criança nascer!

— Ainda falta um mês, Francisco.

— Não, Raquel! Além de não poder sair de casa nas condições em que está não é certo a mulher trabalhar. Eu sou o homem da casa e preciso dar a minha família tudo do que precisa.

— Que bobagem é essa que está falando, Francisco?

— Não é bobagem, Raquel! Cabe ao homem sustentar sua família. A mulher precisa ficar em casa e cuidar de tudo. Nosso filho vai nascer e precisa que cuide dele. Não se preocupe, não vai faltar nada a você nem a ele. Fique tranqüila, esperando a nossa criança. Deixe o resto comigo.

— De certa maneira você tem razão. Agora não posso me arriscar a sair de casa, mas, depois que a criança nascer, eu posso, sim, sair algumas horas e tentar vender seus móveis. Eu, ajudando você, estarei ajudando a mim e a nossa criança que está chegando. Quando tiver mais trabalho, vai ganhar mais, poderemos mudar desta casa e ter um quarto só para a criança. Sinto que posso conseguir vender,

Francisco. Não se preocupe se é certo ou errado a mulher ajudar o marido. Além do mais, não é você que quer quebrar a tradição? Não é você que está tentando mudar a cara dos escritórios?

Francisco ouviu calado, o que ela dizia. Depois, disse:

— Está bem. Não quero brigar com você e não posso contratar um vendedor, não tenho dinheiro para isso. Depois que a criança nascer, vamos ver se você terá tempo para sair e vender os nossos móveis.

Raquel abraçou o marido, sorrindo, disse:

— E por isso que amo tanto você, Francisco. Sinto que tudo vai dar certo na nossa vida!

Naquela manhã, como fazia todos os dias, Raquel acordou, levantou-se e foi preparar o café. Estava sentindo-se muito bem. Francisco acordou em seguida, tomou o café, beijou Raquel e, pegando a bicicleta, foi para o trabalho. O galpão ficava distante da casa em que moravam. Ele levava mais de meia hora, de bicicleta, para chegar lá, mas não se importava. Estava feliz por ser seu próprio patrão. Assim que Francisco saiu, Raquel olhou em volta e pensou:

Esta cozinha é pequena e o quarto também. Não sei onde vou colocar o berço do bebê.

Entrou no quarto e ficou olhando.

Bem, se trocar o guarda-roupa de lugar, trazer para este lado, a cama para ali, do outro lado, embora um pouco apertado o berço vá caber. Será por pouco tempo, tenho certeza, logo a empresa vai nos dar dinheiro para comprarmos a nossa própria casa e bem maior. Estou bem, acho que consigo empurrar o guarda-roupa.

No mesmo instante, sem pensar muito, foi até o guarda-roupa e empurrou-o para o lado que queria. Após empurrar alguns passos, sentiu uma forte dor nas costas. A dor foi tão forte que teve de se deitar.

Sou mesmo uma louca! Como fui fazer tanta força? Devo ter dado um mau-jeito nas costas.

Ficou deitada por algum tempo e a dor, como que por encanto, desapareceu. Levantou-se, olhou para o guarda-roupa que estava bem afastado da parede e sorriu:

Foi só um mau-jeito, mesmo. Não sei como isso foi acontecer, eu estava muito bem...

Olhou para o guarda-roupa e, sorrindo, pensou:

Você vai continuar aí. Não posso me arriscar a me machucar agora, quando falta tão pouco tempo para

minha criança nascer. Quando Francisco voltar, sei que vai brigar comigo e com razão, depois vai colocar você onde eu quiser.

Voltou para a cozinha e começou a lavar a louça do café. De repente, a dor voltou. Sentou-se em uma cadeira e com as mãos esfregou as costas. Estava assim quando Tereza, a vizinha da frente e dona da casa, chegou à porta da cozinha.

— Bom-dia, Raquel, está tudo bem com você?

— Bom-dia, Tereza. O que está fazendo aqui há esta hora?

— Não sei o que aconteceu, mas assim que me levantei, senti uma vontade imensa de vir até aqui.

— Foi Deus quem mandou você até aqui.

— Por que está dizendo isso?

— Fiz a loucura de tentar mudar o guarda-roupa de lugar e, agora, estou com muita dor nas costas. Tereza olhou bem para Raquel e disse:

— Acho que não é por causa do guarda-roupa que está assim.

— Não?

— Sabe que tenho três filhos, acho que a criança está chegando. É bom você ir para o hospital.

— Acha mesmo? Faltam ainda alguns dias.

— Alguns dias a mais ou a menos, não faz diferença. Ainda acho que deve ir até ao hospital. Vi quando Francisco saiu, vou pedir ao Julinho que vá até a marcenaria e peça para ele voltar.

— Espere Tereza. Não sabemos se essa dor é mesmo da criança, se não for, Francisco virá até aqui e perderá muito tempo, ele tem alguns móveis para entregar. Além do mais, não vá incomodar seu filho, que acabou de acordar.

— Acho que não deve esperar. Como lhe disse, já tive filhos e sei como acontece. Precisamos chamar Francisco. O Julinho gosta muito de você e do Francisco, não vai se incomodar. Ele vai de bicicleta, não vai demorar muito.

— Se acha mesmo necessário, está bem. Espero que não seja um falso aviso.

— Não é, Raquel, pode confiar no que estou dizendo.

— A dor passou! Acho que estamos nos precipitando, Tereza.

— Não estamos, não, Raquel. Ela vai voltar e mais forte ainda. Fique feliz, sua criança está chegando!

— Está bem. Não vou discutir com você, peça ao Julinho que vá chamar Francisco.

Tereza, preocupada, saiu dali e foi conversar com seu filho, um rapazinho de doze anos. O menino havia terminado de acordar, ouviu o que a mãe disse, pegou sua bicicleta e saiu em disparada em direção à marcenaria de Francisco.

Francisco se admirou de vê-lo ali:

— O que está fazendo aqui, Julinho?

— Minha mãe pediu para eu vir avisar você que a sua criança está para nascer, precisa ir para casa.

— Ainda não está no tempo! Faltam alguns dias!

— Não entendo nada disso, só estou dizendo o que minha mãe disse.

— Está bem, vou agora mesmo. Julinho, você tem alguma coisa para fazer agora?

— Não, só vou à escola à tarde. Ia fazer a minha lição de casa, por quê?

— Preciso ir, mas não posso fechar a marcenaria, se pudesse ficar aqui até eu voltar e, se alguém aparecer, disser o que está acontecendo e anotar algum recado. Estou precisando muito de trabalho, não posso deixar um cliente chegar e encontrar as portas fechadas.

— Pode ir, Francisco. Posso fazer minha lição mais tarde. O importante é você ajudar Raquel.

— Obrigado, Julinho. Volto assim que puder.

Francisco, nervoso e atrapalhado, pegou a bicicleta. Saiu em disparada, dando adeus com a mão para Julinho, que ficou rindo do nervosismo dele.

Antes de chegar a casa, Francisco parou no ponto de táxi, conversou e o taxista o seguiu.

Quando entrou em casa, Raquel estava sentindo muita dor. Assim que a viu, empalideceu:

— O que aconteceu, Raquel, está com muita dor?

— Estou, sim, Francisco. Já havia escutado que dói muito, mas nunca pensei que fosse tanto...

— Acha que a criança vai nascer mesmo?

— Acho que sim... Tereza, que está acostumada, disse que sim.

— Vai sim, Francisco, acho bom não perderem tempo. Com a ajuda da Raquel, preparei a mala com roupas dela e do bebê. Está tudo pronto.

— Então vamos, Raquel! O táxi está esperando aí na frente.

— Vamos sim.

Saíram da casa e foram acompanhados por Tereza até o portão. Lá, Tereza se despediu:

— Vá com Deus, Raquel. Você vai ter uma criança linda!

— Obrigada, Tereza. Ainda bem que você chegou, senão eu ainda estaria pensando que era mau-jeito por causa do guarda-roupa.

Tereza sorriu:

— Foi Deus, Raquel... Foi Deus...

Francisco ajudou Raquel a entrar no táxi. As dores que ela sentia estavam mais fortes, mas ela não reclamou para não o deixar mais preocupado ainda.

Assim que chegaram ao hospital, Francisco foi imediatamente até a recepção. Raquel passou por uma avaliação e o médico disse:

— Vai nascer mesmo. A senhora será levada até o quarto e, agora, só nos resta esperar.

— Posso ficar com ela?

— Infelizmente, não. O senhor poderá voltar às quinze horas, que é a hora da visita. Até lá, a criança já deverá ter nascido.

Ao ouvir aquilo, Raquel, preocupada e assustada, perguntou:

— Não pode, mesmo, doutor?

— Não, senhora. Este é um hospital público, há algumas regras que não podem ser mudadas.

Raquel, com lágrimas nos olhos, tentou sorrir para Francisco. Sabia o que ele estava sentindo.

— Vai trabalhar Francisco, e não se preocupe. Eu vou ficar bem.

— Queria ficar com você...

— Sei disso, mas não pode. Vou ficar bem e, quando vier na hora da visita, a criança já nasceu...

— Está bem. Eu vou, mas não vou me esquecer um minuto de você.

Ela sorriu, ele deu um beijo em sua testa e saiu.

Assim que se encontrou na rua, olhou para o hospital e começou a chorar. Chorava de felicidade, por saber que sua criança estava prestes a nascer, e também de tristeza, por saber que Raquel estaria sofrendo. No mesmo instante, como se fosse para aliviá-lo, pensou: Nossa! Não terminei o berço! Achei que faltavam alguns dias. Preciso fazer isso hoje! Vou para a marcenaria terminar e levar lá para casa. Quando o neném chegar, precisa ter um lugar para dormir.

A marcenaria ficava longe dali. Francisco teve de tomar um ônibus e andar mais dez minutos para poder chegar.

Quando chegou, encontrou Julinho, que conversava com um senhor. Francisco aproximou-se:

Ao vê-lo, Julinho abriu um sorriso e, olhando para o senhor, disse:

— Não falei que ele ia chegar logo?

— Falou, sim. Como está sua esposa? Este rapaz disse que o senhor a levou ao hospital, para dar à luz.

— Foi isso mesmo o que aconteceu. Tive de deixá-la lá, infelizmente não pude ficar junto. Bem que eu queria, mas não permitiram. Espero que esteja bem e que a nossa criança nasça sem problema algum.

— Vai nascer e sua esposa também ficará bem. O nascimento de uma criança é sempre uma bênção de Deus.

— Tem razão. Essa criança está sendo esperada com muito amor. Vou fazer o possível para que não lhe falte nada.

— Vai conseguir. A propósito, não disse meu nome. Sou Rui e estou montando uma empresa. Vou fabricar artigos de borracha, inclusive chupetas, e preciso montar o meu escritório. Soube que o senhor tem idéias novas. Gostaria de saber quais são.

— Pois não. Vamos até o meu escritório e poderá ver as peças que já fabriquei.

— Vamos, sim. Estou curioso.

— Já posso ir embora, Francisco?

— Desculpe Julinho. Esqueci que você precisa ir para a escola, pode ir, sim, e obrigado por ter ficado aqui. Diga a sua mãe que Raquel ficou no hospital e que, se Deus quiser, está bem.

— Não precisa agradecer. Vou dizer para minha mãe, sim. Ela deve estar preocupada, sabe como gosta de vocês. Sempre diz que não poderia ter melhores vizinhos que vocês.

— O mesmo nos dizemos. Vocês são os melhores vizinhos que qualquer um queria ter.

Julinho sorriu. Subiu na bicicleta e foi embora. Assim que ele se afastou, Francisco olhou para Rui e

perguntou:

— Vamos até o meu escritório?

O escritório ficava nos fundos da marcenaria. Para chegar nele, era preciso passar por todo o galpão. Estavam caminhando, quando Rui, admirado, parou:

— Pensei que só fizesse móveis para escritório, mas, pelo que estou vendo, faz outras coisas também. Francisco também parou e viu que Rui olhava para um berço pintado de branco.

— Ah! Está falando desse berço? Ele é especial, fiz para o meu filho que está para nascer. Mas minha especialidade é móveis para escritórios.

— Seu berço está muito bonito. Suas linhas são suaves e esta cor branca não lembra em nada os berços tradicionais. Gostei muito! Está pronto?

— Tem razão, estou procurando fugir de tudo o que é tradicional. Por que os móveis têm de ser escuros, o que lhes dá um ar pesado? O mesmo estou fazendo com os móveis para escritório.

— O senhor sabe que não vai ser fácil mudar uma tradição.

— Sei disso, mas por que não mudar, se o mundo está mudando? Hoje, as pessoas não pensam como antes. Com a Segunda Guerra, muita tecnologia foi desenvolvida. Agora que a guerra terminou, toda essa tecnologia será empregada na paz e para melhorar a vida das pessoas. As coisas e costumes estão mudando mais rápido do que antes. Acredito que essas mudanças serão cada vez mais rápidas. As pessoas terão de se adaptar aos novos tempos.

— Pelo que estou vendo, o senhor enxerga longe. Vai conseguir muito na vida!

— É o que espero, mas, antes de conseguir qualquer coisa, preciso terminar o berço. Logo minha criança vai estar em casa e precisa ter um lugar para dormir.

— Vai precisar mesmo e garanto que, em um berço como este, terá um sono tranquilo. Mas, agora, vamos ver os móveis para o meu escritório?

— Vamos, sim. Estamos quase chegando, fica naquela porta pintada de azul.

Rui olhou para a porta que Francisco apontava e continuaram andando.

— Preciso lhe dizer uma coisa, senhor Francisco.

— O que é?

— Estou abrindo minha empresa. Trabalho há muito tempo com artigos de borracha. Ela tem tudo para dar certo, mas nunca se sabe. Tenho pouco dinheiro para as instalações, por isso não posso gastar muito, mas quero algo bonito e moderno.

— Não se preocupe com o preço. Entendo a sua situação, pois estou fazendo o mesmo. Também estou começando e espero que dê certo. Vamos nos ajudar mutuamente. Se o senhor gostar dos móveis, vamos ver como pode pagar. Preciso do dinheiro para o material e um pouco para cuidar da minha família. O resto vamos conversar.

Rui sorriu. Chegaram junto à porta azul, que estava aberta. Antes de entrar, Rui ficou parado olhando a sala que estava à sua frente.

— Esta sala está uma beleza!

— Também acho. Estes são os móveis que estou vendendo. Fiz alguns de amostra para tirar fotografia e aproveitei para montar o meu escritório. O que achou?

— Esses móveis são realmente diferentes! Não se parecem em nada com aqueles escuros e pesados. Pintados de branco, com a sala também pintada de branco e só aquela parede azul clara, tudo isso deu uma leveza, uma suavidade que nunca vi em escritório algum! Parece que a sala é enorme, quando, na realidade, não é!

— Essa é a minha idéia. Só por ser um local de trabalho, não precisa ser feio. Acredito que as pessoas se sentirão melhor, trabalhando em um lugar como este.

— O senhor tem razão, seu Francisco. Gostei muito! Vou montar meu escritório com os seus móveis! Dependendo do preço, é claro.

— Não se preocupe com isso. O importante é que tenha gostado. Encontraremos uma maneira para que me pague.

— Sendo assim, vamos conversar.

Sentaram-se e Francisco deu os preços. Rapidamente, o negócio foi fechado. Assinaram um contrato no qual estava explicitado o valor, a forma de pagamento e o tempo em que os móveis seriam entregues. Feliz, Rui foi embora.

Francisco também ficou feliz, pois aquela era uma encomenda grande, diferente das que tinha tido até

então.

Preciso contar a Raquel! Ela vai ficar feliz! Com esse trabalho, poderemos ficar algum tempo sem nos preocupar com dinheiro. Sinto que, assim que ficarem prontos e as pessoas virem surgirão mais encomendas.

Francisco foi até o berço.

Preciso terminar. Só falta a última mão de tinta. Amanhã, estará pronto.

Ficou ali, terminando, com carinho, o berço para sua criança. Enquanto fazia isso, pensava:

Será que vai ser um menino? Gostaria que fosse, mas se não for não tem importância. O importante é que nasça com saúde e que nada aconteça com Raquel. Ela é tudo para mim.

Enquanto pintava, pensava:

Parece que vamos conseguir sobreviver com a marcenaria. Com essa encomenda de hoje, grande como é, Raquel não terá motivo algum para se preocupar, só mesmo, criar a nossa criança. Com a primeira parte que o senhor Rui me deu, vai dar para eu comprar todo o material de que preciso e ainda vai sobrar um pouco de dinheiro. Obrigado, meu Deus. Quando se deu conta, já eram duas horas.

Preciso me apressar. Está quase na hora da visita. Estou louco para encontrar Raquel e contar tudo o que está acontecendo. Será que a criança já nasceu? Tomara que sim...

Trocou de roupas, fechou a porta, colocou um aviso dizendo que estava fechado por força maior e foi para o hospital.

Quando chegou, foi direto para a recepção, precisava pegar um cai tão para poder entrar. Deu o nome de Raquel. A recepcionista olhou em uma ficha:

— O senhor não vai poder vê-la agora.

— Por quê?

— Ela está em trabalho de parto e não pode ser incomodada.

— Preciso falar com ela nem se for somente por um minuto!

— Sinto muito, mas são ordens, não posso desobedecer.

— Por favor, moça, só por um minuto... - ele disse quase chorando.

— Não posso senhor. Ela está em um quarto junto com outras mulheres que, também, assim como ela, estão se preparando para dar à luz. Se o senhor entrar, poderá constranger a todas. Vá para sua casa e não se preocupe, sua mulher está muito bem. Amanhã, quando voltar na hora da visita, sua criança já terá nascido e poderá vê-la.

Ele ainda insistiu:

— Vou ficar só por um minuto. Prometo que não vou incomodar as outras mulheres, nem vou olhar para elas...

— Sinto muito, senhor, mas não posso. Se ela estivesse em um quarto particular, não haveria problema algum e o senhor poderia entrar a qualquer hora ou ficar o tempo todo com ela, mas como não está, precisamos seguir as regras.

Vendo que não conseguiria convencer a moça e não a culpando, sabendo que eram as regras do hospital, saiu.

Já na rua, não pôde evitar que lágrimas caíssem por seu rosto.

Perdão, Raquel por não poder ficar ao seu lado.

Perdão por não ter dinheiro para colocá-la em um quarto particular, mas sinto que tudo isso vai mudar. Vamos conseguir fazer com que a nossa marcenaria nos dê muito dinheiro e você vai ter tudo o que não pôde ter agora, quando vierem os próximos filhos... Lembrou-se da encomenda de Rui.

O melhor a fazer agora é ir comprar o material de que preciso e começar amanhã, mesmo, a encomenda. Esses móveis precisam ficar bons, vão ser a propaganda de que preciso.

Pegou um ônibus e foi até o local onde encontraria todo o material de que precisava.

Quando voltou para a marcenaria, já era quase noite. Entrou e foi direto para o berço que, agora, já estava pronto. Olhando para o berço, pensou:

Raquel não está em casa, como vou ficar ali, sozinho, sem ela? Sei que é por poucos dias, mas não sinto vontade de ir para casa. Vou começar a fazer o desenho dos móveis que quero fabricar.

Trabalhei até agora sozinho, mas acho que vou precisar contratar um ajudante, senão não vou dar conta. Preciso ganhar muito dinheiro para que, quando

Raquel for ter outra criança, possa ficar em um quarto particular e eu possa ficar ao seu lado o tempo todo. Ficou ali até tarde. Distraído, desenhando, nem viu o tempo passar.

Quando chegou ao portão da casa, já eram quase nove horas. Entrou pelo corredor. Estava passando pela

porta de Tereza, que se abriu. Ela surgiu e, parecendo preocupada, perguntou:

— Ainda bem que chegou. Como você não voltou, fiquei preocupada. Aconteceu alguma coisa com Raquel?

Ela não está bem?

— Deve estar. Desculpe-me, Tereza. Eu devia ter voltado mais cedo, mas me distraí trabalhando.

— Trabalhando? E a Raquel?

— Vou contar o que aconteceu.

Contou tudo o que havia acontecido e terminou, dizendo:

— Como pode ver, por não ter dinheiro para pagar um quarto particular, não pude ficar ao lado dela. Espero, em Deus, que ela esteja bem e que a minha criança já tenha nascido, mas só vou saber amanhã, na hora da visita. Não ligo muito para dinheiro, Tereza. Sempre achei que ele deve servir somente para nos trazer a felicidade e a felicidade, para mim, se resume em ter uma casa para morar e comida, além de paz e tranqüilidade, mas, nesses momentos, vejo que ele serve também para outras coisas. Quando temos saúde, não nos preocupamos com essas coisas, mas, nos momentos em que precisamos de uma assistência médica, é que sabemos como o dinheiro é importante.

— Tem razão, mas Raquel deve estar bem e a criança já deve ter nascido.

— Assim espero Tereza. Nada mais posso fazer, além disso, não é mesmo?

— É, sim, Francisco. Esperar e rezar.

— Eu rezo sempre, Tereza, muito mais hoje.

— Também rezei muito pela Raquel. Tenho certeza de que ela está bem. Nossa Senhora do Bom Parto deve estar ao lado dela...

— Espero que esteja, Tereza... Espero que esteja... Francisco se despediu e foi para sua casa, que, embora pequena, para ele, nunca foi tão grande. Sozinho pela primeira vez, desde que se casara, sentia-se pequeno lá dentro.

Comeu alguma coisa que estava sobre o fogão e, cansado, adormeceu.

No dia seguinte não se lembraria, mas, assim que adormeceu uma senhora se aproximou e sorriu:

— Amanhã vai ter uma surpresa, meu filho. Apesar de Raquel não estar em um quarto particular, está sendo bem tratada e seu filho nasceu.

— Nasceu, vó?

— Nasceu meu neto, e ele é lindo. Vai ser muito importante na vida de vocês.

— Estou feliz! Nunca disse a Raquel, mas sempre quis que fosse um menino!

Ela sorriu:

— Sei disso. Não se preocupe mais. Durma em paz e, amanhã, irá conhecer o seu filho. Raquel está sendo assistida não só pelos médicos e enfermeiras, mas pelo plano espiritual que está ao lado dela e da criança. Para o plano, sempre que uma criança nasce, é motivo de felicidade e de apreensão também.

— Apreensão, por quê?

— Todos, quando nascem, trazem consigo a esperança de bem cumprirem o que prometeram, mas nem sempre isso acontece. Por isso, estamos sempre ao seu lado, dando boas intuições e tentando impedir que cometam enganos. Algumas vezes, conseguimos; outras, não, mas tentamos sempre.

— Com meu filho vai ser diferente. Ele vai conseguir?

— Vai sim, tenho certeza. A missão dele é fazer com que Raquel desperte para a vida, consiga se conhecer e ultrapassar limites. Temos fé que ele e ela conseguirão.

— O que vai acontecer?

— Nada que não esteja programado, mas durma bem. Amanhã será um novo dia e, com ele, virão esperanças e realizações.

A senhora, sorrindo, desapareceu. Francisco continuou dormindo profundamente.

Acordou pela manhã. Estava bem e, sem saber o motivo, feliz. Arrumou-se e, rapidamente, saiu da casa. No corredor, encontrou Tereza que voltava depois de ter levado um de seus filhos para a escola.

— Bom-dia, Tereza!

— Bom-dia, Francisco. A que horas é a visita no hospital?

— Às três horas.

— Que pena. Não poderei ir.

— Não tem importância, Tereza. Vou dizer a Raquel como está preocupada e feliz pela nossa criança. Ela vai ficar contente.

— Faça isso, Francisco. Quando ela chegar, vou ajudar no que for possível.

— Sei disso, Tereza. Agora vou para a marcenaria.

— Até mais, Francisco.

Francisco foi para a marcenaria e começou a cortar as madeiras de acordo com o que havia desenhado. Às duas horas da tarde, voltou a colocar o cartaz na porta e foi para o hospital. Embora tranqüilo, estava ansioso para ver Raquel e o menino que havia nascido. Não sabia por que, mas sabia que era um menino.

Assim que chegou, obteve da recepcionista um cartão com o qual poderia ver Raquel. Subiu a escada correndo. Não teve paciência de esperar o elevador. Assim que chegou à porta do quarto cujo número estava marcado no cartão, parou. Viu Raquel que estava em uma cama junto à janela. Viu que havia mais cinco camas com mulheres deitadas e algumas com visitas. Aproximou-se de Raquel e percebeu que ela estava abatida e com olheiras profundas. Preocupado, beijou sua testa e perguntou:

— Como você está Raquel?

— Estou cansada, mas muito bem e feliz. Já viu o nosso menino?

— Menino? É um menino, Raquel?

— É, sim, Francisco, e é lindo!

— Onde ele está?

— Lá no berçário. A enfermeira disse que você poderia vê-lo. Fica no quinto andar.

Francisco olhou para a porta.

— Vá, Francisco!

Ele beijou-a novamente e saiu apressado, quase correndo. Novamente não teve paciência para esperar o elevador, subiu dois andares de escada. Perguntou a uma enfermeira que passava onde ficava o berçário, ela lhe mostrou com a mão. Ele se aproximou de uma janela. Olhou e pôde ver que duas enfermeiras cuidavam de várias crianças colocadas em berços. Mostrou o cartão de visita com o nome de Raquel.

Uma das enfermeiras pegou uma criança em um dos berços e trouxe até perto da janela. Francisco olhou para a criança, mas não pôde evitar que lágrimas de felicidade caíssem por seu rosto.

A enfermeira, acostumada com aquela cena, também sorriu e colocou a criança de volta no berço.

Francisco ficou ali, olhando o seu filho. Feliz, pensou: Raquel tem razão, ele é lindo mesmo...

Ele via somente as duas enfermeiras andando de um berço para outro, mas, se pudesse ver o plano espiritual, veria que sua avó estava ao seu lado e que, ao lado de cada berço, entidades vestidas de branco também estavam ali, cuidando daqueles espíritos que despertavam para a vida com seus deveres e obrigações. Estavam ali e continuariam ao lado de cada um até que aquele de quem tomavam conta completasse a sua jornada.

Ficou ali olhando o filho. Seu coração batia forte.

Ele é tão pequeno, será que vou conseguir dar a ele tudo do que precisa? Será que vou conseguir fazer com que ele seja feliz?

Voltou para o quarto onde Raquel estava. Desde que ele saiu, ela, ansiosa, olhava para a porta, esperando sua volta. Assim que ele se aproximou, ela perguntou:

— Viu o nosso filho, Francisco?

— Vi Raquel! Realmente ele é lindo, mas muito pequeno...

Ela começou a rir:

— É pequeno, mas vai crescer Francisco! Vai ser um moço muito bonito, você vai ver!

Ele segurou sua mão, abaixou-se e deu-lhe um beijo na testa.

— Obrigado, Raquel. Estou muito feliz por nosso filho e por você ter sido tão valente...

— O que é isso, Francisco? Valente coisa nenhuma. Não sou a primeira e não serei a última a ter um filho. Isso faz parte da mulher!

— Mesmo assim, obrigado. Preciso contar a coisa maravilhosa que aconteceu!

— O que é?

Ele contou sobre Rui e sobre a encomenda que ele fez. Ela ficou entusiasmada:

— Não disse a você, Francisco, que a marcenaria ia dar certo? Esse é o primeiro cliente, você vai ver como, depois dele, outros virão!

— Espero que sim. Precisamos de dinheiro para criar o nosso menino.

— Que vai se chamar Mauro.

— Mauro?

— Sim. Por que, não gosta desse nome?

— Gosto, Raquel! Você é a mãe, tem o direito de escolher o nome do filho. Além do mais, esse nome me

parece ser muito forte!

— O nome é tão forte como o nosso menino vai ser! Francisco sorriu e voltou a beijá-la.

Alguns dias depois, Francisco levou Raquel e o menino para casa. Tereza esperava por eles. Assim que chegaram, ela pegou Mauro no colo e, feliz, disse:

— Ele é lindo, Raquel!

— É sim, Tereza! Vamos lá para casa? Estou morrendo de saudade de tudo aqui.

— Não posso Raquel. Preciso preparar o almoço das crianças, mais tarde eu vou até lá.

— Está bem. Sabe que sou mãe de primeira viagem, não sei se vou saber cuidar dele. Minha mãe mora longe daqui, só conto com você.

— Não se preocupe com isso. Toda mulher sabe cuidar de uma criança.

— Será, Tereza?

— Claro que sim, Raquel. Não se preocupe. Depois que as crianças forem para a escola, vou até sua casa.

— Obrigada, Tereza, vou ficar esperando.

Tereza sorriu. Raquel e Francisco entraram em casa. Assim que entrou, Raquel viu o berço que Francisco havia feito.

— Ele é lindo, Francisco! Você não disse que tinha feito! É pequeno!

— Fiz, sim, Raquel. Queria fazer uma surpresa. Fiz um pouco menor para que pudesse caber no quarto. Ficou lindo, não ficou? Ainda mais depois que coloquei o lençol e o travesseiro que você bordou...

— Está maravilhoso, Francisco, digno de um príncipe!

— Nosso filho é um príncipe, Raquel!

— Tem razão, Francisco. Ele é um príncipe, mesmo... Raquel colocou o menino no berço e os dois ficaram olhando, enquanto ele dormia tranquilo.

## Descobrimos uma profissão

Como Raquel havia previsto, teve bastante dificuldade em cuidar do menino que chorava muito e ela não sabia o que fazer.

Francisco, apesar de não conseguir dormir durante a noite, saía cedo para o trabalho, precisava entregar a encomenda de Rui. Raquel, também exausta, só contava com a ajuda de Tereza, que nunca lhe faltou. O tempo passou. Mauro estava com seis meses. Francisco entregou a encomenda de Rui e ficou à espera de novas encomendas que não chegaram.

Em uma noite, quando voltou do trabalho, Raquel percebeu que ele não estava bem. Perguntou:

— O que aconteceu, Francisco, parece que está preocupado?

— Estou mesmo, Raquel. O trabalho é pouco. O dinheiro que ganhei com aquela encomenda grande já está terminando e não sei como vai ficar a nossa situação.

— Não adianta ficar nervoso dessa maneira. Alguma coisa vai acontecer e tudo vai ficar bem.

— Você é sempre otimista, mas as coisas não estão bem.

Raquel ficou em silêncio, pois, embora quisesse animar Francisco, sabia que ele tinha razão. Se não recebesse logo uma encomenda, passariam por dificuldades. Parecendo ter uma idéia, disse:

— Francisco, posso sair e tentar vender seus móveis.

— Como, Raquel? Precisa cuidar do Mauro e da casa...

— Da casa, eu cuido pela manhã e, à tarde, posso sair e tentar vender.

— E o menino, como vai ficar? Vai levá-lo com você?

— Não, não posso, pois, além de ele ficar cansado, o que não é justo, eu não poderia conversar com as pessoas. Estaria preocupada com ele.

— Então, como vê, sua idéia é boa, mas não há o que fazer.

— Vou conversar com Tereza. À tarde, as crianças dela vão para a escola e ela fica sozinha. Vou perguntar se, nesse tempo, não pode cuidar do Mauro.

— Acha que ela vai aceitar sua oferta?

— Não sei, mas não custa tentar. Ela gosta do Mauro e me ajuda a cuidar dele. Acho que não vai se importar em ficar mais tempo com ele. Não podemos nos esquecer de que ele costuma dormir todas as tardes.

— Será que você vai conseguir vender?

— Não sei, nunca fiz isso, mas vou tentar. O que sei é que você precisa de trabalho e não pode se afastar da marcenaria para mostrar os seus móveis.

— Nisso você tem razão.

— Ainda bem que concordou. Amanhã, logo cedo, vou conversar com Tereza e se ela aceitar, à tarde, vou sair e vir o que consigo.

— Está bem. Embora ache que a mulher não deve trabalhar fora, sinto que preciso da sua ajuda...

— Pare com isso, Francisco! Não estou ajudando a você, estou ajudando a nós dois e ao nosso filho.

— Será que vai conseguir?

— Já disse que não sei, mas tenho a mesma capacidade que qualquer homem. Isso da mulher não poder trabalhar vai ter que mudar. A casa não é só do homem, é da mulher também.

— Está bem, já me convenceu. Não precisa ficar nervosa...

— Fico nervosa quando ouço dizer que a mulher não pode trabalhar, porque, no fundo, o que querem dizer é que não temos capacidade e isso me traz uma revolta imensa. Somos todos seres humanos, Francisco. O cérebro, tanto do homem como da mulher, é igual! Tanto o homem quanto a mulher têm a mesma capacidade e vou provar! Vou ser a melhor vendedora do mundo!

Francisco começou a rir. Ela ficou furiosa:

— Do que está rindo?

— De você, de como fica linda quando está nervosa... Ela também riu e se abraçaram.

— Faça o que quiser Raquel. Se Mauro ficar com Tereza, sei que estará bem e isso é o que importa realmente.

— Não existe melhor pessoa para cuidar dele. Tomara que ela aceite, Francisco. Agora vamos jantar e deixar os problemas para amanhã.

No dia seguinte, logo pela manhã, Raquel foi até a casa de Tereza, que lavava a louça do café. Entrou. Tereza se admirou:

— Raquel, você há esta hora aqui! Aconteceu alguma coisa com o Mauro? Ele está doente?

— Não, Tereza. Ele está muito bem. Está brincando no berço. Preciso falar com você.

— Comigo? Sobre o quê?

Raquel contou à conversa que havia tido com Francisco. No final, perguntou:

— Você pode me ajudar, Tereza?

— Claro que sim! Mauro é uma criança tranqüila, não vai me dar trabalho algum! Meus filhos já estão criados. Só o Julinho ainda vai para a escola, a Arlete e o Elias estão trabalhando. Durante as tardes, fico sozinha. Pode ir sossegada e não se preocupe, seu filho ficará em boas mãos.

— Disso tenho certeza, ele não poderia ficar em melhores mãos. Obrigada, Tereza e, se eu conseguir vender os móveis, darei a você uma porcentagem.

— Não precisa Raquel. Só quero que fiquem bem e que a marcenaria vá para frente realmente. Sei que, se tivesse sido o contrário, você também me ajudaria. Naquele mesmo dia, Raquel, depois de dar o almoço para Mauro, levou-o para a casa de Tereza que o colocou para dormir e, pegando as fotografias que Francisco havia lhe dado, saiu para tentar vender os móveis.

Resolveu que deveria ir para o centro da cidade, pois ali se encontrava a maioria dos escritórios. Antes de sair, rezou, pedindo que Deus a ajudasse. Se pudesse ver, notaria que um vulto de mulher, sorrindo, estava ao seu lado e a acompanharia durante todo o tempo. Para chegar ao centro, precisava pegar um ônibus, que demorava mais ou menos quarenta minutos.

Assim que o ônibus parou, ela desceu e ficou olhando, sem saber para que lado devesse ir.

Depois de algum tempo, resolveu seguir em frente. O vulto a acompanhava. Entrou no primeiro escritório e notou que, como todos os outros, aquele também tinha móveis escuros e pesados, o que dava a impressão de ser pequeno. Falou com o chefe do escritório, mostrou as fotografias, mas ele não se mostrou interessado. Embora decepcionada, não desistiu e continuou entrando nos escritórios e mostrando as fotografias. Andou a tarde toda e, como não conseguiu vender, resolveu que estava na hora de voltar para casa.

São cinco horas. Preciso ir embora para fazer o jantar. Não pensei que seria tão difícil conseguir uma venda, mas não posso desistir. Sinto que esse é o caminho que devo seguir.

O vulto que estava ao seu lado sorriu.

Caminhou em direção ao ponto de ônibus. Quando estava chegando perto, o vulto disse:

— Pare e olhe à sua direita.

Embora não tivesse ouvido, parou e olhou para a direita. Viu que havia uma imobiliária. No meio de muitas placas de propaganda de imóveis para vender, havia uma que dizia vender um escritório.

O vulto disse:

— Entre aí e veja o que pode acontecer.

Sem saber o porquê, resolveu entrar. Assim que entrou, viu que um senhor conversava com outro. Parou junto a um balcão. Um dos senhores, vendo-a ali, parada, sorrindo, perguntou:

— Posso ajudá-la?

— Talvez.

— Está procurando um imóvel para alugar ou comprar?

— Não. Não estou procurando.

Ele, sem entender, continuou olhando para ela, que disse:

— Na realidade, estou vendendo móveis para escritórios. Vi sua placa que diz que tem um para vender.

— Tem razão. Não tenho só um, tenho vários, mas não estou entendendo aonde quer chegar.

Raquel tirou da bolsa as fotografias e, enquanto mostrava, disse:

— Como pode ver, meus móveis são totalmente diferentes daqueles usados até então. Com eles, o ambiente de trabalho se tornará maior e mais agradável. As pessoas terão prazer em trabalhar.

O homem, enquanto olhava as fotografias, disse:

— Interessante, mas não entendo como posso ajudá-la. Aqui não vendemos móveis, apenas imóveis.

— Sei disso, mas tive uma idéia que poderá ser boa para nós dois.

— Que idéia?

— Sempre que o senhor vender ou alugar um escritório e a pessoa que o adquirir precisar de móveis, o senhor pode mostrar as fotografias. Se houver interesse, o senhor me comunica, eu vou falar com ela e tento vender os móveis. Se conseguir vender, eu lhe darei uma comissão de três por cento. Assim, nós dois poderemos ganhar.

O homem, que não estava acostumado a ver uma mulher trabalhando, muito menos vendendo, olhou para o outro com quem estava conversando e lhe entregou as fotografias.

O homem olhou as fotografias e, depois, disse:

— Esses móveis são interessantes.

— Sim, diferentes de tudo o que o senhor já viu, não é?

— A senhora tem razão. Jamais imaginei ter móveis como estes em meu escritório.

Raquel percebeu que ele estava empolgado. Mais empolgada ainda, disse:

— Como pode ver com móveis iguais a estes, o ambiente vai parecer maior.

— A senhora tem os preços?

— Sim, estão atrás de cada fotografia.

O homem virou as fotos e viu o preço. Admirado, disse:

— São mais baratos que os atuais!

— Sim, o fabricante deseja que seus móveis sejam conhecidos. Por isso, sua margem de lucro é pequena.

— Gostei... Gostei...

Raquel, tentando não demonstrar seu contentamento, ficou olhando para o homem que olhava, novamente, uma a uma as fotografias.

— Gostei mesmo, minha senhora. Terminei de comprar um escritório e vou precisar de móveis. Gostaria de ir até o fabricante, ver os móveis e fazer um pedido.

Ainda tentando não demonstrar seu contentamento, Raquel disse:

— Vou escrever o endereço e o senhor poderá ir até lá quando quiser. Sei que, vendo os móveis, não deixará de comprá-los.

Escreveu o endereço em um papel que o dono da imobiliária lhe deu.

O homem pegou o papel, olhou e guardou em um de seus bolsos.

— Eu irei até lá. Gostei muito de seus móveis.

— Estaremos esperando, senhor.

Ele sorriu e se afastou. Raquel, feliz, olhou para o dono da imobiliária.

— Então, o senhor vai aceitar a minha proposta?

— Confesso que não havia me interessado, mas ao ver o entusiasmo do meu cliente, vamos fazer negócio.

Deixe as fotografias e eu vou mostrar a todos que comprarem escritórios. Veremos o que vai dar. Empolgada, Raquel se despediu e, apressada, foi para o ponto de ônibus.

Assim que o ônibus chegou, ela subiu e sentou-se. Enquanto o ônibus seguia, ela pensava:

Ele vai até a marcenaria e vai fazer o pedido. Assim, Francisco vai ter mais trabalho e poderemos ficar tranqüilos por mais algum tempo. Não sei o porquê, mas sinto que tudo vai dar certo. Preciso chegar logo. Não sei como Mauro ficou. Espero que Tereza não se arrependa e fique com ele mais vezes. Preciso, ainda, fazer o jantar.

O vulto de mulher que estava ao seu lado sorriu.

O ônibus parou no ponto em que ela deveria descer. Desceu e, apressada, foi para casa.

Tereza, ao vê-la chegar, disse:

— Que bom que chegou Raquel. O Mauro ficou bem até agora, mas começou a chorar. Já dei leite e troquei sua fralda, mas ele não para.

Raquel pegou Mauro no colo e, enquanto o embalava, disse:

— Desculpe Tereza. Sei que me atrasei, mas consegui mostrar as fotografias a um homem que se interessou. Acho, acho não, tenho certeza de que ele vai comprar os móveis de que precisa para o escritório que acabou de adquirir!

— Ainda bem, Raquel! Tomara que ele compre mesmo!

— Vai comprar Tereza, e eu vou dar a você uma porcentagem.

— Não precisa Raquel. Eu disse que cuidaria e vou cuidar de Mauro para que você possa trabalhar.

— Não sei como agradecer, Tereza. Se não fosse por você, eu não poderia sair.

— Não se preocupe. Embora ele tenha chorado agora, foi uma companhia para mim. Ele é um menino lindo e muito bom.

— Obrigada, Tereza. Agora, preciso fazer o meu jantar. Não vejo a hora de que Francisco chegue para que eu conte tudo o que aconteceu.

— Ele vai ficar feliz, Raquel.

— Vai sim...

Raquel, com Mauro no colo, foi para sua casa e começou a fazer o jantar.

Quando Francisco chegou, ela estava terminando. Ele entrou em casa e, como sempre fazia, beijou-a no

rosto. Não pôde deixar de notar a felicidade em seus olhos. Curioso, perguntou:

— O que aconteceu? Conseguiu vender?

— Sente-se e, enquanto comemos, vou contar tudo o que aconteceu. Ele, mais curioso ainda, sentou-se. Raquel serviu a comida e se sentou também. Colocou Mauro em uma cadeira alta. Enquanto comia, dava comida a ele.

Contou a Francisco tudo o que havia acontecido. Assim que ela terminou, ele, empolgado, perguntou:

— Você conseguiu Raquel? Conseguiu vender?

— Ainda não, mas sei que ele vai visitar você. Gostou muito dos móveis e não fez questão alguma de esconder!

— Tomara que venha, mesmo! Essa sua idéia de falar com o dono da imobiliária foi muito boa!

— Não sei explicar como tive essa idéia. Andei a tarde toda e não consegui nada. De repente, não sei como, olhei para uma placa que dizia que ali se vendiam escritórios. Tive a idéia, entrei e parece que tudo vai dar certo! Não sei mesmo como essa idéia apareceu. Acho que foi Deus, Francisco.

O vulto da mulher que a acompanhou durante todo o tempo sorriu outra vez.

— Só que tem um problema.

— Qual problema, Raquel?

— Tive de deixar as fotografias com o dono da imobiliária. Você tem outras? Vou precisar de muitas.

— Tenho algumas, mas vou tirar mais. Só que custa caro mandar revelar.

— É um dinheiro que precisamos gastar Francisco. As pessoas precisam conhecer seus móveis e só pode ser dessa maneira.

O vulto da mulher que a acompanhou durante todo o tempo sorriu outra vez.

Terminaram de jantar. Raquel foi cuidar de Mauro. Deu-lhe um banho e colocou-o no berço. Ele dormiu em seguida. Francisco, deitado em sua cama, acompanhava todos os passos dela. Em dado momento, disse:

— Raquel, preciso confessar que não acreditava que você ia conseguir. Só concordei com você para que não brigasse comigo.

— Não ia conseguir, por quê? Por que sou mulher? É isso que está dizendo, Francisco?

— Calma, Raquel, mas é isso mesmo. Não pensei que ia conseguir. Não pode negar que a mulher não foi criada para trabalhar fora de casa. Sempre soube que a mulher devia só se preocupar com a casa e a criação dos filhos.

— Tem razão. O mesmo aconteceu com a minha mãe, mas isso nunca quis dizer que as mulheres não tivessem capacidade. Simplesmente aceitaram a situação, mas isso precisa mudar Francisco. As mulheres podem cuidar da casa, do marido, dos filhos e ainda trabalhar, ganhar seu próprio dinheiro.

— Estou vendo que está com razão. Você, apesar de ter ficado a tarde toda na rua, está com a casa em ordem, e o jantar também. Nosso filho está tranqüilo. Você tem capacidade, sim, Raquel.

Raquel começou a rir:

— Você não conhece mesmo a mulher, Francisco! Ela, diferente dos homens que só conseguem fazer uma coisa por vez, faz várias. Cuida da casa, atende aos filhos e ainda faz comida, tudo junto e de uma vez. Duvido de que você ou qualquer outro homem consiga fazer isso.

Ele ficou calado, apenas pensando.

## Conscientização

Naquela noite, Raquel quase não conseguiu dormir. Estava ansiosa para que o dia seguinte chegasse. Queria ver se o tal senhor iria mesmo até a marcenaria para comprar os móveis. Antes de adormecer, agradeceu a Deus por aquele dia.

Como fazia todos os dias, acordou cedo e preparou o café para Francisco que levantaria um pouco depois. Enquanto o café era coado, ela preparou uma marmitta com a comida que Francisco levaria para o trabalho e que, na hora do almoço, esquentaria em uma espiriteira acesa com álcool. Como não possuíam geladeira, a comida precisava ser preparada pela manhã. Antes de Francisco se levantar, ela pegou as roupas sujas do dia anterior e colocou-as no tanque. Elas precisavam ser lavadas antes do almoço. Não tinham muitas roupas, nem muitas fraldas para Mauro. Logo, as roupas precisavam ser lavadas e passadas todos os dias. Francisco levantou-se, pegou um pedaço de pão, pegou uma caneca de alumínio, dentro dela, colocou o pedaço do pão, café e leite, misturou tudo e, com uma colher, deu a Mauro, que comeu deliciosamente.

Depois, deu a Raquel algumas fotografias e o filme para que pudesse fazer algumas cópias.

Raquel acompanhou-o até o portão de casa. Voltando pelo corredor, cumprimentou Tereza rapidamente e foi para casa terminar a arrumação, preparar as roupas e comida que precisava deixar com Tereza para que ela pudesse cuidar de Mauro. Estava distraída cuidando de tudo, quando Tereza chegou junto à porta.

— Bom-dia, Raquel.

— Bom-dia, Tereza. Estou terminando de arrumar tudo para poder sair. Sinto que, hoje, também vou conseguir vender ou pelo menos fazer com que alguém se interesse pelos móveis.

— É sobre isso que vim conversar com você...

— O que aconteceu, Tereza?

— Não posso mais cuidar do Mauro...

Raquel estremeceu.

— O quê? Por quê?

— O Manoel ficou muito bravo. Disse que eu não posso ficar responsável pelo seu filho e que já tenho os meus para cuidar.

— Você disse a ele que preciso sair para tentar vender os móveis?

— Disse, mas ele não se importou. Ele falou que o lugar da mulher é dentro de casa e que cabe ao homem trazer o sustento de casa. Perguntou se Francisco não tem vergonha de deixar você sair de casa para trabalhar.

— Vergonha? Por que, Tereza? Estou apenas saindo para trabalhar. Que mal há em a mulher ajudar o marido para que possam ter uma vida melhor?

— Também penso assim, mas Manoel, não. Ele deixou bem claro que não deixa faltar nada aqui em casa e não quer que eu trabalhe nem que cuide do Mauro. Sinto muito, mas preciso obedecer. Ele disse que, se não fizer isso, ele pode ficar nervoso e, quando isso acontece, você sabe o que ocorre. Ele me agride e às crianças também. Você já viu isso acontecer, não viu?

— Vi, sim, e confesso que fiquei apavorada. Você não precisa obedecer, Tereza, muito menos ser agredida da maneira como é! Você não é um animal que precisa ser alimentado, protegido e que, se não fizer o que seu dono quer, ele a castiga! Você é uma mulher, um ser humano! Tem seu valor, sabe pensar! Não pode continuar aceitando ser tratada dessa maneira!

— Que bom seria se tudo isso o que está dizendo fosse verdade, Raquel, mas, na realidade, não é. Sabe que nós, as mulheres, somos dependentes de nossos

maridos para tudo. São eles que trazem o sustento para casa, portanto, são eles que dão as ordens, que mandam...

— Embora eu saiba que é assim, recuso-me a aceitar, Tereza. Quando me casei, foi para ter um lar, filhos e um lugar onde esses filhos pudessem crescer felizes. Acho que eles jamais seriam felizes, vivendo em uma casa onde o pai espanca a mãe e a eles próprios. Em uma casa onde há brigas, gritos e safanões! Com uma mãe incapaz de reagir e de protegê-los! Eles não seriam felizes e muito menos eu!

— Para você é fácil falar, Raquel. Francisco é calmo, mas com Manoel é diferente. Ele tem gênio forte. É sistemático...

— Gênio forte, sistemático? Coisa nenhuma, ele se julga superior, é mal educado e não gosta de você nem dos filhos! Percebeu que você não reage e que nunca vai reagir! Sabe que tem o poder em suas mãos. Sabe que, por um prato de comida e um teto para dormir, você o aceita da maneira como ele é! Isso não está certo, entre marido e mulher não pode existir poder! Os dois devem caminhar juntos e lutar por uma mesma causa!

— A vida é assim, Raquel! O avô dele agia assim, o pai também e os filhos continuarão agindo igual.

Ao ouvir aquilo, Raquel falou gritando:

— Não, Tereza! Seus filhos precisam cortar essa corrente de horror! Eles não podem continuar sendo como o pai e avôs! Eles precisam aprender a respeitar e amar, realmente, suas mulheres e seus filhos! Eles precisam aprender que a mulher é companheira, não propriedade ou escrava! E cabe a você, como mãe, ensinar isso a eles! Cabe a você, Tereza, que a próxima geração comece uma mudança que será boa, não só para as mulheres, mas para todos. Os seres humanos são todos iguais, não importando se são homens ou mulheres!

— Seria bom se isso pudesse ser mudado, mas não vai ser não, Raquel!

— Claro que vai, Tereza! Precisa ser mudado! Cabe a nós, como mães, começarmos essa mudança! Precisamos ensinar aos nossos filhos a mudar tudo isso. Precisamos ensinar aos nossos filhos não só a amar suas mulheres, mas também a respeitá-las!

— Não sei se vai acontecer, mas, enquanto não acontece, vou continuar obedecendo ao meu marido e a fazer tudo o que ele quer.

— Pois eu, não sei como, vou continuar o meu trabalho. Meu marido está precisando de ajuda para poder tocar a empresa que, sob minha sugestão, abriu. Eu posso ajudá-lo. Ontem, percebi que sei como vender. Sei que, se eu vender mais, Francisco também terá mais trabalho e, conseqüentemente, teremos uma vida melhor. Não vejo mal algum nem vergonha alguma para o meu marido. Você me pegou de surpresa e ainda não sei o que fazer, mas tenho certeza de que vou encontrar um meio de continuar vendendo os móveis e de ajudar o meu marido e ajudar a mim própria a me tornar uma mulher útil, não só a mim, mas à sociedade também.

— Você acha que criar e educar os filhos não é útil?

As mulheres que cuidam e dão educação aos filhos não os estão preparando para o futuro, para que sejam pessoas de bem?

— Claro que criar e cuidar de uma criança é útil e necessário, mas a vida da mulher não pode se resumir somente a isso, Tereza. Seus filhos estão criados e têm suas próprias vidas. Não quero que aconteça comigo o que aconteceu com nossas mães, agora que os filhos cresceram e estão casados não sabem o que fazer com a vida. Se tivessem tido uma profissão, seu próprio dinheiro enxergariam a vida de uma maneira diferente.

— Nossos filhos precisam de ensinamentos que só uma mãe pode dar.

— Que ensinamentos, Tereza? O que temos para ensinar aos nossos filhos a não ser higiene e bom comportamento? Claro que temos muitas coisas para ensinar, mas não tudo, porque também não sabemos. Em casa, eles receberão um tipo de educação, mas, se não aprenderem na escola e, principalmente, com a vida, nada saberão. O crescimento é uma educação constante. Viver é um aprendizado constante, e a mulher só poderá dar uma boa educação aos filhos, quando ela própria souber da vida e de tudo o mais.

— Você não é deste tempo, Raquel! Você é louca! -Tereza disse, rindo.

Raquel também riu:

— Acho que você tem razão, Tereza. Não sou deste tempo, mesmo. Estava passando por uma banca de jornal e vi a propaganda de um fogão a gás, mas é muito caro e não poderemos comprar ao menos por um longo tempo. Já pensou Tereza, você se levantar, pela manhã, virar um botão e poder cozinhar rapidamente, sem ter de colocar carvão e esperar que se acenda e se torne brasa? Vi, também, a propaganda de uma geladeira, outro sonho distante.

Já pensou se pudéssemos cozinhar no dia anterior, guardar na geladeira, sem precisarmos nos levantar de madrugada para poder preparar a comida que nossos maridos levam para o trabalho? Já existe um ferro de passar elétrico. Com ele, não vai mais ser preciso se colocar brasa no ferro para que esquente e só depois disso passar roupa. Basta colocar na tomada que ele esquenta na hora. Todo esse conforto já existe, Tereza!

Tereza ficou com o olhar distante, imaginando.

— Seria muito bom, mesmo, Raquel...

— Essas facilidades existem, Tereza, só que o dinheiro que nossos maridos ganham não dá para comprar. Se trabalhássemos, poderíamos pagar em prestações mensais e poderíamos ter a mesma comodidade que os ricos já têm.

— Você tem razão, mas Manoel nunca vai permitir que eu trabalhe fora.

— Ele não quer que você tenha seu próprio dinheiro. Acho que o homem tem medo de que se a mulher trabalhar fora e tiver como se sustentar, ele perderá o controle e não poderá mais subjugar-la.

— Os homens acham que devem trazer o dinheiro para casa.

— Não, Tereza! Eles acham que não temos capacidade. Que somos fracas, mas isso é bobagem. Na Europa, durante a guerra, enquanto os homens

lutavam, as mulheres assumiram todos os cargos que, antes, eram só deles. Elas trabalharam em fábricas, hospitais e em todos os seguimentos. Deram conta do trabalho. Quando eles voltaram, elas foram despedidas e tiveram de voltar à vida de antes. Voltaram a cuidar da casa e a criar os filhos. Acredita que essas mulheres vão se conformar em viver como viviam antigamente? Nunca! Eu não me conformaria.

— Não vi essa notícia em lugar algum, Raquel. Aliás, não gosto de ouvir notícias pelo rádio. Prefiro seguir minhas novelas ou ouvir música.

— Esse é outro problema da mulher, Tereza. A mulher acha que a maneira como o país caminha não tem nada a ver com a sua casa, com sua família e, por isso, não se importa com o que está acontecendo aqui e no mundo. Mas, tudo o que acontece nos atinge, sim, Tereza. O mundo só vai evoluir para melhor, quando homens e mulheres se empenharem em seguir o que os políticos fazem com ele. As novelas no rádio são bonitas e nos prendem a atenção, mas não são reais. Real é irmos ao armazém e não termos dinheiro para comprar comida. Real é querermos ter uma geladeira, um fogão ou um ferro de passar e não termos dinheiro para comprar. Estamos no século vinte, precisamos acompanhar o crescimento da sociedade! Precisamos nos modernizar! Precisamos nos interessar pela política do nosso país e do mundo! Precisamos ser vistas não como mulheres, mas como seres humanos capazes de fazer tudo o que quisermos! Precisamos ser donas de nossas vidas e do nosso destino!

— O que posso fazer? Já estou com trinta e oito anos, vou fazer o que da minha vida?

— Você se acha velha com trinta e oito anos, Tereza?

— Claro que sim, Raquel! Meus filhos estão criados, logo mais estarão casados. Já cumpri minha missão.

O que uma mulher com trinta e oito anos pode fazer? Como posso ter o meu próprio dinheiro se nunca estudei, nunca trabalhei fora. Quando me casei, tinha dezoito anos e nunca me preocupei com os estudos. Só queria me casar para poder sair da casa dos meus pais e ter a minha própria casa, meu marido e meus filhos. Consegui tudo o que queria.

— Não, Tereza, você não é velha nem cumpriu sua missão! Seus filhos vão se casar, mas você é ainda muito jovem, tem muito a fazer!

— Fazer o quê, Raquel?

— Agora que seus filhos cresceram você pode estudar e encontrar uma profissão! Ser alguém, se realizar como mulher!

— Eu não conseguiria estudar, não agora, com esta idade.

— Que idade, Tereza? Você só tem trinta e oito anos! Tem muito tempo pela frente! Procure uma escola, estude! Só assim vai saber o que está acontecendo no Brasil e no mundo! Vai saber o que os políticos estão fazendo com o nosso país! Precisa se interessar por essas coisas! Novelas servem somente para distrair. Nada pode impedir que você cresça como ser humano! Como mulher!

— Não, Raquel! Tudo isso dá muito trabalho! Não vou deixar de ouvir as minhas novelas e minhas músicas para ouvir um político falar. Não tenho nada a ver com eles. Minha vida está muito boa. Não quero que nada mude... Não quero não... Meu marido que continue se preocupando com o nosso sustento. Isso compete a ele.

Raquel, desanimada, mas entendendo que realmente não era daquele tempo, apenas sorriu:

— Bem, Tereza, você tem razão. Continue pensando assim e eu continuarei pensando da minha maneira. Ninguém muda ninguém. Já que não vai poder continuar a cuidar do Mauro e eu não quero deixar de vender os móveis, preciso encontrar uma maneira.

— Você vai conseguir Raquel. Tem força de vontade e seu marido não se envergonha de que trabalhe fora. Quanto a mim, já viu, não é?

— Isso mesmo, Tereza. Vou encontrar uma maneira. Vou poder comprar o meu fogão, a minha geladeira e tudo o que desejar...

Tereza, constrangida por querer e não poder, além de ajudar Raquel, ter um pouco de dinheiro, se afastou. Enquanto ela se afastava, Raquel olhou para Mauro que estava sentado no chão, com um carrinho na mão. Será que vou poder dar uma boa educação a você, meu filho? Será que vou conseguir fazer você entender que não é superior a uma mulher, mas um ser humano igual ela? Tomara que muitas mulheres estejam pensando como eu e preparem seus filhos para a próxima geração, onde a mulher tenha respeito...

Voltou aos seus afazeres. Enquanto terminava o trabalho da casa, pensava:

Não posso deixar de visitar as imobiliárias, mas preciso cuidar do Mauro. Se na marcenaria não tivesse tanto pó e aquele cheiro forte de madeira e tinta, ele poderia ficar com Francisco, mas não pode. Ele ficaria doente. A única maneira será eu levá-lo comigo. Sei que vai ser trabalhoso, e que ele ficará cansado, mas precisa ser assim. Quando Francisco conseguir mais trabalho, poderei ficar algum tempo em casa, mas agora não dá.

Preciso terminar o trabalho que comecei. Preciso vender muitos móveis.

O vulto de mulher que sempre estava ao seu lado sorriu. Estendeu a mão sobre Raquel, que sentiu uma suave brisa passando por seus cabelos.

Raquel não imaginava que aquela mulher estava ali ao seu lado, mas, sem saber dizer o porquê, olhou para Mauro, que engatinhava no chão e pensou:

Sei o que vou fazer. Já que Tereza não vai poder ficar com Mauro, não preciso esperar até depois do almoço para poder sair.

Olhou para o relógio que estava pendurado e continuou pensando.

Ainda não são oito horas, se eu sair daqui agora, chegarei quando os escritórios e imobiliárias estiverem abrindo. Posso percorrer alguns e voltar, cuidar da casa e da roupa suja. Assim, Mauro poderá dormir à tarde e não ficará tão cansado...

Sorriu, pegou Mauro no colo e começou a trocar suas roupas e a prepará-lo para sair.

Depois de trocar Mauro, colocou, em uma sacola, uma mamadeira com leite, outra com água, alguns pedacinhos de pão com manteiga e saiu.

Já na rua, caminhou até o ponto do ônibus. Aquela caminhada nunca lhe pareceu tão longa. Com o menino no colo e a sacola, foi muito difícil subir para o ônibus, mas nada a desanimava:

Assim que subiu e se sentou, pensou:

Sei que não vai ser fácil, mas vou conseguir! Preciso conseguir, não só para ajudar Francisco, mas para provar a mim mesma que posso fazer mais do que cuidar da casa e criar filhos.

Dez minutos após, o ônibus começar a andar, Mauro adormeceu e ela ficou olhando pela janela, guardando, na memória, os escritórios e imobiliárias que existiam naquelas ruas por onde ele passava.

Preciso visitar todos esses locais. Sei que, em algum, vou conseguir vender.

Depois de quase quarenta minutos, o ônibus parou no ponto final. Ela, com Mauro ainda adormecido, foi ajudada por um rapaz para que pudesse descer.

Assim que desceu, ficou olhando de um lado para outro sem saber que caminho tomar.

Escolheu um dos lados da rua e começou a caminhar. Sei que, com Mauro, não vai ser fácil, mas vou conseguir! Sei que vou! Nossa empresa vai crescer muito!

O vulto de mulher que sempre a acompanhava sorriu e disse:

As coisas não são sempre como imaginamos e desejamos Raquel. Nem tudo aquilo que achamos ser o melhor para nós, na realidade o é...

Raquel, sem imaginar que ela estava perto, pensou:

Sinto que estou no caminho certo. Vai dar certo! Precisa dar!

Parou diante de uma porta onde funcionava um escritório. Ela não sabia do que se tratava, mas, mesmo assim, entrou.

Foi recebida por um senhor que, após ouvir o que ela tinha para dizer, falou:

— Sinto muito, mas o patrão não está aqui. Volte outro dia. Ela, ao ouvir aquilo, mesmo frustrada, sorriu e saiu. Entrou em vários lugares, mas não conseguiu, sequer, mostrar as fotografias.

Mesmo assim, com Mauro no colo, agora acordado, continuou andando. Parou em frente a uma grande porta feita em madeira de lei. Diante dela, havia uma escada e, ao lado, um elevador, onde uma fila enorme o esperava. Resolveu não esperar e subiu a escada. No alto, já quase sem fôlego, respirou fundo, bateu à porta. Um rapaz abriu e ela entrou.

Conversou com o rapaz. Quando terminou de falar, o rapaz disse:

— Aguarde um momento, por favor. Vou falar com o senhor Anésio.

Assim dizendo, entrou por uma porta. Raquel, agora, podia olhar tudo à sua volta.

Logo depois, o rapaz voltou e pediu que ela o acompanhasse.

Ela o acompanhou, entrou em outra sala, que, como as demais, tinha aqueles móveis antigos e pesados. Pegou as fotografias e mostrou ao homem que olhou. Nesse exato momento, Mauro começou a chorar.

O homem olhou para o menino, depois para ela e, nervoso, disse:

— Sinto muito, minha senhora, mas não podemos continuar. Seu filho está precisando de assistência.

Ela, desesperada, balançou Mauro para que parasse de chorar, mas ele não parou. O homem, mais nervoso ainda, disse:

— Não tem condições, minha senhora. Como vê seu lugar não é aqui tentando me vender algo! Seu lugar é na sua casa, cuidando de seu filho! Seu marido sabe que está fazendo isso ou não tem marido?

Ao ouvir aquilo, ela estremeceu, sentiu um ódio muito forte e todo seu sangue subiu para sua cabeça. Altiva,

respondeu:

— Tenho marido, sim! Ele está precisando de ajuda e ninguém melhor do que eu para fazer isso!

— Não, minha senhora! O seu lugar é na sua casa, cuidando dela e de seu filho, não de ficar perambulando pelas ruas, sacrificando essa criança! Seu marido que seja homem o suficiente para manter sua casa! Cada um tem um lugar na sociedade e o seu é na sua casa! Bom-dia!

Assim dizendo, ele se levantou e abriu a porta para que ela saísse.

Sentindo as lágrimas querendo descer por seu rosto, ela resistiu, levantou-se e saiu. Desceu a escada. Assim que se viu na rua, permitiu que as lágrimas caíssem por seu rosto e continuou andando.

O vulto da mulher caminhava ao seu lado. Como Raquel não parava de chorar, sorriu para Mauro, que parou de chorar e passou sua mãozinha pelo rosto de

Raquel, que, percebendo aquele gesto de carinho, passou a mão pelos olhos e sorriu. Continuou caminhando, só que mais calma.

Depois de algum tempo, olhou para o relógio que levava em seu pulso:

Já é quase uma hora da tarde. Andei muito e não consegui coisa alguma. Aquele homem, apesar de agressivo, tem razão. Estou sacrificando Mauro. Ele é ainda muito pequeno. Infelizmente, se não encontrar alguém que cuide dele, vou ter de parar de sair. Vou para casa e não vou contar a Francisco o que aconteceu. Ele se sentiria humilhado. Por que as coisas têm de ser assim? Por que existe tanto preconceito no mundo?

Caminhou até o ponto de ônibus e ficou esperando-o chegar.

O ônibus chegou, ela entrou. Uma moça que estava sentada se levantou para que Raquel pudesse se sentar.

Enquanto o ônibus andava, Raquel pensava em tudo o que havia acontecido e procurava uma solução.

Mauro, enquanto comia os pedacinhos de pão que Raquel ia lhe dando, olhava a todos e a tudo.

Quando o ônibus parou, ela desceu e começou a longa caminhada até sua casa.

Finalmente, chegou ao portão da casa. Entrou. Estava passando pelo corredor e pôde ouvir Tereza que ouvia a novela da tarde. Sorriu e continuou andando.

Assim que entrou em casa, colocou a sacola sobre uma mesa e Mauro no chão para que engatinhasse.

Tomou um copo de água e preparou um banho para o menino.

Quando terminou de tomar banho, cansado, ele adormeceu.

Raquel sentou-se em uma cadeira e, agora, sim, poderia chorar.

Chorou muito. Enquanto chorava, pensava:

Por que Deus não me ajuda? Eu só quero trabalhar, ajudar o Francisco para que possamos ter uma vida, melhor! Onde está Deus que não vê a minha agonia?

A mulher que ainda estava ao seu lado estendeu as mãos sobre Raquel, dizendo:

— Nem sempre aquilo que pensamos ser bom para nós, na realidade é... Deus está sempre ao nosso lado, protegendo-nos e ajudando-nos a caminhar... Nunca estamos desamparados.

Raquel não a viu nem a ouviu, mas sentiu-se melhor. Olhou para o relógio que estava na parede:

São quase quatro horas, preciso começar o jantar.

Foi até o fogão, colocou carvão e, com a tampa de uma panela, abanou até que acendesse.

## A presença de Deus

Francisco, na marcenaria, também olhou o relógio. Bem, está na hora de ir para casa. Não vejo a hora de chegar e contar a Raquel tudo o que aconteceu, hoje, aqui. Ela não vai acreditar...

Trocou de roupa, fechou a marcenaria, subiu na bicicleta e foi para casa. Estava chegando, quando viu Martin que, ao vê-lo, disse:

- Que bom que encontrei você, Francisco. Estava indo a sua casa.
- Também estou feliz em encontrar você, Martin. Estava indo a minha casa?
- Estava sim.
- Então vamos.

Francisco desceu da bicicleta e começou a empurrá-la.

- Tem algum motivo para ir a minha casa?
- Tenho, sim.
- Pode me contar?
- Claro que vou contar, mas queria que Raquel também ouvisse.
- Nossa! O que pode ser de tão importante?
- Talvez não seja importante para você, mas para mim é!
- Sendo assim, como estou curioso, vamos mais depressa? Martin riu:
- Por mim, tudo bem, mas você está empurrando a bicicleta.

— Estou acostumado, vou para o trabalho e volto todos os dias. O que mata é esta subida. Sempre que chego nela, tenho de descer e empurrar bicicleta.

- É dureza, meu amigo...
- É sim, mas sinto que tudo vai melhorar.
- Pelos livros, parece que você não tem tido muitas encomendas.
- É verdade, mas tudo isso vai mudar, porque, agora, Raquel está me ajudando.
- Ajudando, como?
- Ela está visitando alguns escritórios e mostrando os meus móveis.
- É mesmo? Você permitiu que ela saísse para trabalhar?

— Confesso que, a princípio, não, mas ela me convenceu de que podia me ajudar e que não era vergonha alguma, porque estaria ajudando não a mim, mas a nós, ao nosso filho e aos outros que virão.

— Pretende ter mais filhos?

— Claro que sim! Não agora, mas eu e Raquel já conversamos sobre isso. Um filho só é muito pouco. Queremos mais de um e o próximo vai ser uma menina.

Martin riu novamente:

- Como sabe que vai ser uma menina?
- Eu sei Martin... Eu sei...
- Voltando ao trabalho de Raquel, Francisco, acredita que ela consegue trabalhar fora e cuidar do Mauro?
- Ela só vai sair à tarde e nossa vizinha vai cuidar do Mauro.

— Não sei se deixaria minha mulher trabalhar fora. Penso, como todos, que a mulher precisa ficar em casa, cuidar dela e das crianças. O dinheiro necessário deve ficar por minha conta.

— Eu também pensava assim, mas, depois de ouvir os argumentos de Raquel, mudei de idéia. Não vejo mal algum em que a mulher trabalhe. Ela é um ser humano, precisa ter suas próprias conquistas.

— Não sei, não, onde vai dar tudo isso, Francisco...

— Também não sei, mas acho que agora não tem volta. Chegaram ao portão da casa e entraram pelo corredor. Quando passaram pela porta de Tereza, ouviram seu marido que gritava e xingava. Francisco olhou para Martin, mas ficou calado.

Ao entrar em casa, viram Raquel e perceberam seus olhos inchados e vermelhos. Francisco, preocupado, perguntou:

— O que aconteceu, Raquel? Esteve chorando?

Ao ver que ele estava acompanhado por Martin, ela tentou disfarçar:

— Não estou chorando, Francisco, estou com muita dor de cabeça...

— Dor de cabeça? Que eu me lembre você nunca teve dor de cabeça ou dor alguma. Fale a verdade, Raquel, o que aconteceu?

Ela olhou primeiro para ele, depois para Martin. Francisco percebeu o que ela sentia e disse:

— Não se preocupe com o Martin. Ele é nosso amigo e também deve estar preocupado e querendo saber por que você chorou.

Ela, sabendo que ele não se conformaria em ficar sem uma resposta, disse:

— Está bem. Vou contar. Sentem-se. Estou terminando o jantar, enquanto isso vou contar tudo o que aconteceu hoje e o motivo que me fez chorar. Curiosos e preocupados, sentaram-se. Ela começou a falar.

Contou tudo, desde a decisão de Tereza até o que aquele homem disse, omitindo, é claro, a referência dele para com Francisco. Terminou, dizendo:

— Chorei de revolta! Chorei por não poder continuar aquilo que tanto quero! Chorei porque aquele homem falou como se eu fosse uma inútil! Chorei porque sei que tenho capacidade e que posso vender como qualquer homem. Chorei porque não posso mais continuar ajudando você, Francisco, e porque estou com medo de que a marcenaria não vá para frente e nós, ficando sem dinheiro, não possamos criar nosso filho como se deve!

Quando terminou de falar, estava chorando novamente. Francisco se levantou e, abraçando-a, disse:

— Não precisa chorar Raquel. Está tudo bem. A marcenaria está muito bem e nós vamos criar nosso filho e os outros que vierem com tudo de que precisam.

— O que ele está dizendo é o certo, Raquel. Não se preocupe porque, no final, tudo sempre termina bem. Não se esqueça de que somos filhos de Deus, e que Ele não nos abandona nunca...

— Para você é fácil dizer, Martin, mas para mim não é fácil aceitar. Eu estava tão feliz e me sentindo realizada, não só pelo dinheiro que poderia vir com as vendas, mas por me sentir útil, por me sentir valorizada. Não aceito que haja tanta diferença entre homens e mulheres. Somos todos iguais!

— Você acha que não é importante a mulher cuidar da casa e criar seus filhos?

— Claro que é importante, mas não satisfaz totalmente. A mulher, sem trabalho, sem dinheiro, fica na dependência do marido. Por isso, é obrigada a

fazer tudo o que ele quer sem reclamar e sem a menor chance de sobreviver sozinha. Vejo isso acontecer com Tereza, à dona da casa que mora aí na frente. Com três filhos, sem trabalhar, sem ter seu próprio dinheiro, é espancada, maltratada, humilhada e oprimida. Assim como acontece com ela, muitas outras sofrem da mesma maneira!

— Você se sente humilhada e oprimida, Raquel?

— Não, Francisco, você é um marido maravilhoso.

Não tenho do que reclamar. Até concordou em que eu saísse para trabalhar. Você pensa diferente dos outros homens e, por isso, é criticado.

— Não me importo com as críticas dos outros, Raquel. Também acho que a mulher tem a mesma competência e, em alguns casos, até mais do que o homem, mas penso também que a educação dos filhos e o cuidado com a casa cabem a ela. O homem não saberia como fazer isso. Ele também precisa aprender.

— Desculpe-me, Raquel, mas eu ainda sou tradicional. Acho que a mulher precisa ficar em casa e cuidar de tudo e que cabe ao homem trazer o dinheiro necessário para que ela possa criar os filhos com tranquilidade, mas, por outro lado, acho que tudo o que nos acontece tem um propósito maior. Nem sempre entendemos o que Deus nos reserva.

— Como pode falar em Deus em uma hora como esta Martin? O que estou fazendo de errado? Estou apenas querendo ter uma vida melhor para mim, meu marido e meu filho! Estou apenas querendo ser uma pessoa que pensa e que sabe agir em qualquer situação! Não

estou fazendo mal ou prejudicando ninguém, só quero trabalhar! Por que Deus não me ajuda? Por que permitiu que, pela ignorância do marido, Tereza não pudesse cuidar do Mauro? Por que colocou aquele homem no meu caminho para me dizer todas aquelas coisas que me arrasaram?

— Não tenho essas respostas, Raquel. Cresci em uma casa onde aprendemos a respeitar a vontade de Deus, sabendo que tudo tem sua hora e que o tempo de Deus é diferente do nosso. Pode ter certeza de que, se não conseguir trabalhar, por ora, Deus não os abandonará, alguma coisa vai acontecer para que possa continuar cuidando da sua casa, de seu marido e do seu filho. Nunca estamos sós! Deus está sempre cuidando de todos nós e, se tiver de ter um trabalho, na hora certa, ele vai aparecer e você vai ter toda condição de se realizar como deseja.

— É muito cômodo pensar assim. É muito cômodo aceitar que tudo é vontade de Deus e esperar que Ele resolva todos os nossos problemas, mas não penso assim, Martin. Deus não tem nada a ver com a maldade e preconceito daquele homem! Deus não tem nada a ver com o que o marido de Tereza faz com ela nem com o que ela mesma faz consigo!

— Estamos todos, nesta vida, para aprender, para crescer como espíritos livres e, muitas vezes, precisamos

passar por algum momento de dificuldade para que possamos crescer como espíritos e caminhar para a eternidade, sempre sabendo mais. Todos estamos em busca do amanhã, Raquel.

— Que história é essa de espírito? Eu não estou preocupada com o que vai me acontecer amanhã, estou pensando no hoje, em como posso ter uma vida melhor! Como posso ter uma geladeira, um fogão a gás ou um simples ferro de passar roupa, para que o meu trabalho seja mais fácil e eu possa me realizar como mulher! Isso nada tem nada a ver com espírito!

— Tudo tem a ver com o espírito e seu crescimento, Raquel. Nada do que nos acontece aconteceria se não fosse à vontade de Deus, que é nosso criador e é o único que sabe do que precisamos.

— Não acredito nisso, Martin! Deus não está preocupado comigo ou com o que estou pensando, muito menos em me ajudar! Ele deve ter muito trabalho com os outros e se esqueceu de que eu existo!

— Isso não é verdade, Raquel. Ele está preocupado com você e com todos nós. Não nos abandona nunca. Fique calma, confie Nele e garanto que alguma coisa vai acontecer para que você possa continuar sua jornada que, com certeza, terá altos e baixos. Em alguns momentos, será feliz; em outros, triste, mas estará sempre caminhando. Tudo isso faz parte da vida e do preço que precisamos pagar por ela.

Estamos todos em busca do amanhã e, com certeza, chegaremos lá.

— Busca do amanhã? Não estou em busca do amanhã, estou querendo viver o hoje! Chego até a pensar que Deus não existe e, se existir, não está nem um pouco preocupado comigo! Ele tem mais o que fazer!

Martin, não querendo continuar aquela conversa, deu de ombros.

— Deus existe, Raquel e, como disse o Martin, não nos abandona nunca.

Raquel e Martin olharam para Francisco que, calmo, sorria.

— O que você disse Francisco?

— O que ouviram. Deus existe e não nos abandona nunca...

— Por que está dizendo isso?

— Vim para casa para contar a você o que aconteceu, hoje, na marcenaria. No caminho, encontrei Martin, que estava vindo para cá. Acho que ele quer nos contar alguma coisa. Como encontramos você daquela maneira, nem ele disse por que estava vindo para cá, nem eu contei o que aconteceu na marcenaria. Portanto, Martin, o que quer nos dizer?

— Fica para depois, Francisco, não é tão importante. Acho que mais importante é sabermos o que aconteceu na marcenaria.

— Está bem, vou contar e você, Raquel, vai ver que Deus existe, sim, e que não nos abandona nunca. Curiosa, Raquel tirou as panelas que estavam sobre o fogão, sentou-se. Olhando para Francisco, disse:

— Agora quem está curiosa sou eu.

Francisco, sorrindo, falou:

— Enquanto você tinha um dia tão difícil, Raquel, eu estava na marcenaria e, preocupado, pensava: Preciso terminar, no prazo, esta mesa. É meu último pedido. Depois dele, não tenho mais o que fazer.

Tomara que aquele homem com quem Raquel conversou venha e goste.

— Olhei para a porta da marcenaria e vi que um carro, de grande porte, parou e que dele desceram dois homens que entraram na marcenaria e caminharam na minha direção. Larguei uma lixa que estava usando, passei as mãos pelo corpo para limpá-las e fui ao encontro deles. Os homens entraram e, curiosos, olharam, primeiro, para a mesa que eu estava terminando e, depois, para mim. Um deles, sorrindo, disse:

— Bom-dia, senhor. Meu nome é Mário. Conversei, ontem, com uma senhora que me mostrou algumas fotografias e me deu o seu endereço. Estamos aqui para ver os seus móveis.

— Enquanto o senhor falava o outro senhor olhava por toda a marcenaria. Lembrei-me do que você havia me dito a respeito do senhor que havia gostado dos móveis e senti meu corpo estremecer. Fiz um esforço imenso para não demonstrar meu nervosismo.

— Bom-dia, senhores. Meu nome é Francisco. Como estão vendo, estou terminando esta mesa.

— Já vimos, mas gostaríamos de ver o resto. Vi pelas fotografias, mas preciso ver pronta e o material que é usado.

— Pois não. Venham até o meu escritório.

— Ainda tremendo, caminhei em direção à porta do escritório. Os senhores me seguiram. Assim que abri a porta e entrei, percebi que eles pararam e, antes de entrarem, ficaram olhando, admirados, para dentro. Feliz, disse:

— Parece que estão gostando dos meus móveis.

— Aquele que se apresentou disse:

— Estamos, sim, senhor Francisco, e admirados. Nossa admiração tem um motivo, pois, apesar de toda a poeira e serragem que há espalhadas pela marcenaria, seu escritório está impecável. Tudo limpo. Essa mesa, os armários, estantes e o arquivos pintados de branco, somente com alguns detalhes em preto, estão bem dispostos pela sala. Esta parede pintada em branco e as demais em creme dão um ar de sobriedade ao ambiente. A cortina branca, com estampas pequenas em cores marcantes, torna o ambiente suave. Esses pequenos quadros e os dois vasos com folhagens compõem o local que está, realmente, agradável.

— Mário olhou para o amigo e, ao ver o espanto dele, perguntou:

— Não falei que os móveis eram diferentes, Josafá?

— Falou Mário, mas, por mais que eu tentasse adivinhar como eram jamais poderia imaginar isto!

Este escritório está muito bonito!

— Ainda bem que gostou Josafá. Afinal, é você quem cuida do dinheiro, não é?

— Josafá riu. Ao ver a reação deles, fiquei mais calmo e fiz com que entrassem e se sentassem junto à mesa:

— Estes são os móveis que fabrico.

— Josafá, não conseguindo disfarçar, falou admirado:

— São sensacionais, senhor Francisco! Gostei muito! Sei que as pessoas irão estranhar, mas que também gostarão. Confesso que não tenho vontade alguma de sair daqui. Em um escritório assim, vou trabalhar sem me cansar!

— Fiquei emocionado, mas permaneci calado, apenas sorri. Ele continuou:

— Gostei mesmo, Mário! Acho que podemos fazer uma encomenda.

— Eu lhe disse que eram bonitos diferentes! Assim que vi as fotografias, também gostei, mas era preciso que você visse, já que somos sócios.

— Confesso que não estava muito animado. Quando me falou em móveis brancos, senti um frio na espinha. Nunca poderia imaginar que fossem assim. Senhor Francisco, gostamos, agora precisamos saber o preço e as condições de pagamento.

— Eu estava feliz, Raquel, mas fiz o possível para não demonstrar. Disse:

— Preciso saber quais os móveis que os senhores querem.

— Mário foi quem respondeu:

— Estamos montando uma empresa e vamos precisar de mobília para nove salas.

Ao ouvir aquilo, Raquel perguntou:

— Nove salas, Francisco?

— Também me assustei, Raquel, e estremei, mas engoli seco e demonstrando uma calma que, na realidade, não sentia, perguntei:

— Nove salas?

— Sim, nossa empresa é grande. Temos sessenta funcionários.

— Bem, estou disposto a fabricar o que desejarem.

— Precisamos de um orçamento.

— Tirei de uma gaveta a cópia das fotografias que havia dado a você, Raquel, e dei-as a eles, que ficaram olhando uma por uma.

— Atrás de cada fotografia tem o preço. Basta os senhores escolherem quais móveis querem.

— Eles ficaram olhando e escolhendo os móveis que queriam. Eu acompanhei todos os movimentos deles. No final, fizeram a encomenda.

— São estes os móveis que queremos. O senhor acha que consegue fabricar todos? Precisamos ter certeza se pode e quanto tempo vai demorar em nos entregar.

— Olhei o papel no qual eles haviam anotado os móveis que queriam e o preço. Olhei, somei e estremei novamente. Era muito dinheiro, Raquel! Muito mais do que eu havia, um dia, imaginado. Era uma quantia que eu nunca havia pegado em minha mão. Eu não tinha certeza, mas não poderia deixar de aceitar aquela encomenda. Naquele momento, lembrei-me de você, Martin.

— De mim?

— Sim e de todas as vezes que me disse que Deus não nos abandona nunca, e nunca estamos sós. Minutos antes, eu estava desesperado, com medo do futuro e, agora, estava ali, com uma encomenda que eu jamais poderia imaginar que algum dia teria. Só mesmo Deus para fazer uma coisa como aquela.

— Está ouvindo seu marido, Raquel?

Raquel, envergonhada pelo que havia dito minutos atrás, sorriu:

— Estou. Ouvindo o que Francisco está dizendo, só posso dizer que você estava com a razão.

Martin ficou calado, apenas sorriu. Francisco continuou:

— Aquela quantia representava um longo tempo de tranqüilidade para nós, Raquel. Confiando em Deus, respondi:

— Consigo, sim, e o prazo é de mais ou menos sessenta dias. Está bem para os senhores?

— Estamos ainda terminando de construir o prédio onde vamos instalar a nossa empresa. Por isso, o senhor terá um pouco mais de prazo.

— Aquilo fez com que eu respirasse fundo. Não sabia como ia fazer, pois trabalho sozinho, mas precisava aceitar a encomenda.

— Assim é melhor. Com um prazo maior, terei tempo para fazer os móveis bem caprichados.

— É isso que queremos. Qual é a forma de pagamento?

— Até aquele momento, eu não havia pensado em como ia fazer os móveis. Só aí me dei conta de que não tinha dinheiro para comprar o material que precisaria usar. Falando com sinceridade, respondi:

— Como estão vendo, minha marcenaria é pequena, estou começando e não tenho dinheiro para comprar o material. Preciso que me adiantem um pouco. O resto podem ir pagando de acordo com o andamento do serviço.

— Está bem. De quanto precisa agora?

— Fiz as contas novamente e mostrei a eles de quanto precisava. Para mim, era uma quantia imensa, mas, para eles, não pareceu. Josafá tirou do bolso um talão de cheques, preencheu e me entregou dizendo:

— Pode ir ao banco e retirar. Estamos confiando no senhor.

— Eu ia pegar o cheque, quando Mário falou:

— Espere Josafá. Os móveis são bonitos e vão ficar bem nas nossas salas, mas sem essas cortinas, os quadros e os vasos com essas folhagens, perderão muito. Acho melhor encomendarmos as cortinas, os quadros e os vasos também.

Ao ouvir aquilo, Raquel perguntou, quase gritando:

— As cortinas? Francisco começou a rir.

— Isso mesmo, Raquel. As cortinas que você costurou. Eles ficaram encantados com a decoração que você fez e querem que decore as nove salas.

— Você disse que fui eu quem decorou?

— Como você, também fiquei surpreso. Não podia dizer que quem tinha feito a decoração era minha mulher. Pensei rápido.

— Como sabem, só construo os móveis. As cortinas e tudo o mais quem fez foi uma senhora amiga da minha mulher. Se quiserem, posso falar com ela e pedir que faça um orçamento.

— Ótimo senhor Francisco, faça isso e depois nos passe o orçamento.

— Preciso saber que tipo de cortina os senhores querem.

— Josafá olhou para Mário que disse:

— Vamos deixar por conta dela. Claro que queremos uma sala diferente da outra, mas ela saberá fazer isso. Pelo que estamos vendo, ela tem bom gosto.

— Está bem. Vou conversar com ela e depois eu me comunico com os senhores.

— Você fez isso, Francisco?

— Fiz, na hora pensei no dinheiro que você poderia ganhar sem ter de sair de casa. São nove salas, Raquel, que servirão como propaganda e, como diz o Martin, depois dessas virão outras. Não se esqueça de que Deus está nos protegendo.

Raquel se levantou e abraçou o marido, que sorriu. Depois, ela disse:

— Não sei quanto paguei pelo tecido. Foi baratinho, estava em uma banca de saldo, nem sei qual é a medida das paredes...

— Você não vai precisar economizar. Eles têm muito dinheiro e querem que as salas fiquem bonitas. Amanhã preciso sair para comprar o material para fazer os móveis. Você pode ir comigo e, juntos, escolheremos o tecido e, depois eu me comunico com eles e peço a medida das paredes. Aí, você poderá calcular e dar o preço final.

— Vai comprar o material? Eles deram o cheque?

— Deram, e eu saí mais cedo da marcenaria para ir até o banco, descontei o cheque e todo o dinheiro está aqui.

Assim falando, tirou do bolso um maço enorme de dinheiro. Raquel e Martin arregalaram os olhos.

— Tudo isso? É muito dinheiro, Francisco.

— É, sim, Raquel. Eu não disse que nunca havia tido em minhas mãos tanto dinheiro?

— Disse, mas eu não imaginava que era tanto!

— Este dinheiro é só uma parte. Vai dar para comprar o material de que preciso para começar. Depois que os móveis ficarem prontos, vai vir muito mais!

— Vamos ficar ricos, Francisco!

— Ricos, não, mas é um bom começo! Bendita a hora em que você teve a idéia de abrimos a nossa própria empresa!

O vulto de mulher estava lá e, estendendo a mão em direção da garganta de Martin, falou através dele:

— Bendito seja Deus por toda a felicidade que está trazendo a todos nós. Neste momento, precisamos agradecer a Ele e ao plano espiritual que nunca nos deixa sozinhos e que estão sempre ao nosso lado, ajudando-nos na nossa trajetória.

Francisco e Raquel olharam para ele que, um pouco constrangido, pois não sabia como havia dito aquilo, sorriu. Francisco, no mesmo instante, completou:

— É verdade, Martin, precisamos agradecer a Deus por este momento de felicidade e pelos muitos que ainda virão. Não sei nada sobre essa sua religião nem sobre o plano espiritual, mas, mesmo assim, agradeço por toda a ajuda que tive.

Levantaram-se e abraçaram-se. Martin aproveitou aquele momento de felicidade e disse:

— Não sabia que nada disso estava acontecendo. A minha vinda aqui tem outro motivo.

— É mesmo, Martin. Você disse que estava vindo aqui por um motivo. Podemos saber que motivo é esse?

— Foi para isso que vim, não foi, Francisco? Pois bem, vamos nos sentar novamente.

Sentaram-se e Martin continuou:

— Como sabem, faz tempo que namoro Lídia. Depois que vocês me procuraram para que eu abrisse a empresa, procurei e encontrei outras. Hoje tenho mais de trinta clientes e já posso me casar.

— Você vai se casar, Martin?

— Vou, Raquel, e estou aqui para convidar vocês.

— Claro que vamos, não é Francisco.

— Com certeza! Não poderíamos deixar de ir.

— Não vim aqui para convidar vocês para irem ao casamento, estou aqui para pedir que sejam meus padrinhos. Afinal, só estou podendo me casar porque vocês iniciaram a minha profissão.

Raquel e Francisco se olharam. Depois, Francisco, rindo, disse:

— Claro que vamos ser seus padrinhos! Queremos que sejam muito felizes, assim como eu e a Raquel temos sido! Para quando é o casamento?

— Daqui a quatro meses.

— Estaremos lá como seus padrinhos e, mesmo tendo todo esse trabalho que você está vendo, vou tirar um tempo para fazer a mesa e as cadeiras da sua cozinha.

— Não precisa Francisco. Não é por isso que estou convidando vocês.

— Sei disso, mas faço questão. Leve a Lídia até a marcenaria para que ela me diga que tipo de mesa e cadeiras quer.

— Você vai ter tempo para fazer?

— Vou encontrar um tempo, nem que tenha de trabalhar até tarde da noite. Não se preocupe, apenas preciso saber que modelo vocês querem.

— Já que insiste, só posso agradecer. Bem, já está tarde e vocês querem jantar. Vou embora.

— Não, Martin, jante conosco!

— Não posso Raquel. Bem que gostaria, mas preciso pegar Lídia na escola e já estou atrasado.

— Não sabia que ela estava estudando.

— Está sim, Raquel, este ano ela se forma professora.

— Que bom Martin. Não existe melhor profissão para uma mulher. Francisco começou a rir.

— Embora você fique brava, Raquel, essa é a única profissão aceitável para uma mulher.

Fingindo estar nervosa, Raquel jogou sobre ele o pano de prato que estava em sua mão.

Martin também riu, despediu-se e saiu. Já na rua, pensou:

Eles merecem toda essa felicidade. São pessoas de bem e lutadores.

Enquanto Raquel preparava Mauro para dormir, Francisco, sentado em uma cadeira junto à mesa, em um papel, fazia as contas de quanto material precisaria. Anotou tudo e deixou o papel sobre a mesa. Depois, ele e

Raquel foram para o quarto e deitaram-se. Francisco ligou o rádio e, ao som de uma música, adormeceram.

## Um novo começo

No dia seguinte, acordaram cedo. Após tomar café, Raquel vestiu Mauro e preparou a sacola com as coisas que precisava levar para atender ao menino. Antes de saírem, Francisco disse:

— Raquel, vamos começar uma nova fase da nossa vida. Sinto que é para melhor. Obrigado.

— Também sinto isso, só não estou entendendo por que está me agradecendo...

— Por ter tido a idéia e me convencido a abirmos a nossa empresa. Estou feliz por ter aceitado a sua idéia.

Você não teve medo de arriscar todo dinheiro que tínhamos.

— Tive a idéia, mas só está dando certo porque você é um ótimo profissional e criativo. Se não fosse, os modelos que você inventou teriam apenas mais um. Estamos no caminho certo, Francisco.

Saíram e tomaram o ônibus que os levaria até o lugar onde Francisco estava acostumado a comprar o material de que precisava para fabricar seus móveis. Foram atendidos por um vendedor, que Francisco já conhecia:

— Olá, Francisco! O que vai levar hoje?

Francisco deu a lista com todo o material de que precisava:

— Quanta coisa! Desta vez, a encomenda deve ser muito grande! Francisco sorriu, demonstrando toda sua felicidade:

— É sim e tenho prazo para entregar. Você tem tudo isso?

— Tenho, sim, mas como você vai pagar, com dinheiro ou cheque?

— Com dinheiro. Pode separar e fazer as contas. Preciso que me entregue o mais rápido possível.

— Amanhã, bem cedo, vai estar tudo na marcenaria.

— Está bem. Estarei esperando.

Raquel, calada, acompanhou toda a conversa. Depois de tudo acertado, saíram dali e foram para uma rua onde havia muitas lojas de tecido. Depois de muito procurar e de entrar em várias lojas, ela encontrou aqueles com os quais poderia fazer cortinas para as nove salas. Separou, perguntou o preço. Anotou em um papel os preços do tecido e de todo o material de que precisaria.

O dono da loja, quando viu que ela anotava tudo, perguntou:

— Sua casa parece ser grande.

Ela riu:

— Não! Moro em um quarto e cozinha!

— Para que está escolhendo tanto tecido?

— Vou fazer cortinas para algumas salas de uma empresa.

— A senhora faz cortinas?

— Sim e muito bonitas.

— Pode me deixar seu telefone. Muitas mulheres vêm até aqui e me perguntam se eu conheço alguma costureira que faz cortinas e eu não conhecia ninguém.

Raquel olhou para Francisco que acenou com a cabeça para ela e disse para o homem.

— Ainda não temos telefone, mas teremos em breve. Enquanto eu não vier trazer o número, se aparecer alguém pode dar o endereço da nossa casa.

— Ótimo! Não imagina o quanto eu procurava alguém que costurasse cortinas. Vai ter muita encomenda, minha senhora.

Raquel sorriu:

— Tomara, preciso muito trabalhar!

— Vai trabalhar muito, pode ter certeza disso!

Saíram dali, comeram um lanche e tomaram o ônibus que os levaria de volta. Francisco desceria alguns pontos antes de Raquel. Ela iria para casa e ele ficaria na marcenaria.

Enquanto o ônibus andava, ele disse:

— Você estava muito feliz, escolhendo os tecidos, Raquel.

— Estava, sim, pois, se eles aceitarem o orçamento, poderei ganhar um bom dinheiro em casa e, ainda, cuidar do Mauro. Você viu como o dono da loja ficou entusiasmado, Francisco! Acho que não vou mais parar de trabalhar. Como Martin disse: Deus cuida mesmo de todos nós! Não poderia ter acontecido nada melhor.

— Tem razão. Tomara que venham outras encomendas de cortinas.

— Não entendi quando você falou que dentro de alguns dias teríamos telefone. Sabe que é muito caro conseguir um telefone.

— Sei que é caro, mas nós precisamos. Preciso na marcenaria para falar com os clientes e, agora, você vai precisar para receber encomendas de cortinas. Separei um pouco do dinheiro que recebi ontem e vou comprar o telefone à prestação. Tem um lugar em que só é preciso dar uma entrada. Eu nunca tive dinheiro, mas agora tenho.

— E se não pudermos pagar as prestações, Francisco?

— Vamos pagar Raquel! Eu e você trabalhando, vai dar para pagar não só o telefone, mas muitas outras coisas que vamos comprar. Vamos considerar que o telefone é uma ferramenta de trabalho. Este é o primeiro dia do nosso crescimento! A nossa marcenaria vai se transformar em uma grande empresa!

— Sabe que não gosto de ter dívidas, Francisco.

— Também não gosto, mas, se não fizermos dívidas, não conseguiremos nada na vida.

— É você tem razão. Estive pensando, Francisco.

— No quê, Raquel?

— Depois de tudo o que aconteceu ontem, penso no que Martin e sua mãe têm dito. Nunca havia prestado muita atenção àquilo tudo.

— Também tenho pensado a respeito. Martin é uma pessoa que sempre está de bem com a vida. Nunca o vi triste ou desanimado. Só sabe dizer que tudo está certo, que todos nós temos um caminho para seguir, alguma coisa para fazer ou dívidas espirituais para resgatar. Que todos precisamos caminhar, que, durante essa caminhada, nunca estamos sós e que sempre teremos ajuda para cumprir a jornada. Que todos nós estamos caminhando em busca do amanhã. Confesso que nunca acreditei muito nessa conversa, porque sempre achei muito cômodo se pensar assim. Na realidade, a vida não é assim, mas você tem razão, depois de tudo o que aconteceu ontem, dá para se pensar a respeito.

— Eu estava tão revoltada e desesperada porque o que desejava não havia dado certo e, agora, vejo que

foi melhor, que realmente não posso deixar de cuidar do Mauro, ele é ainda muito pequeno, mas nem por isso preciso deixar de ganhar algum dinheiro. Entendi que, embora o lugar da mulher, em minha opinião, não possa ser só o de dona de casa, pois ela tem a mesma capacidade do homem, entendi que cuidar dos filhos, educá-los e prepará-los para a vida estão em primeiro lugar. Quando Mauro crescer mais um pouco, souber falar e dizer o que quer, será mais fácil deixá-lo com alguém. Por enquanto, ainda precisa de mim. Depois de ontem, tenho fé de que receberei muitas encomendas e poderei ajudar você, não da maneira como pensava, mas costurando cortinas.

— Bem, parece que Martin está certo. Sabe que nunca fui muito religioso e que, para mim, esse negócio de religião não passa de negócio mesmo. Usam do medo do futuro para fazer com que as pessoas sintam que, tendo uma religião, estarão salvas e com o futuro garantido e que, depois da morte, poderão viver felizes na eternidade. Tudo isso, para mim, sempre foi balela. Ninguém pode saber realmente o que acontece com cada um de nós depois da morte e se realmente existe esse inferno terrível ou esse céu maravilhoso. Cada um diz o que quer e acredita quem quiser. Mas, agora, estou pensando nessa religião de Martin e vou saber mais sobre ela.

— Ele sempre diz que não é religião, Francisco, que é uma doutrina que nos ensina a viver e a entender que tudo o que nos acontece tem um motivo, um propósito e que existem momentos bons e ruins, e que tanto uns como outros são sempre para o nosso bem. Confesso

que é difícil aceitar isso, como compreender que algumas pessoas sofrem tanto, têm tanto problema, miséria, doenças, enquanto outras passam pela vida sem problema algum, com beleza, dinheiro, parecendo que nasceram para que tudo dê certo? Não dá para entender.

— Tem razão, Raquel, mas, segundo Martin, tudo está sempre certo e cada um colhe o que planta.

— Outra coisa que não entendo Francisco. Nem toda pessoa que tem tudo para ser feliz é uma pessoa boa, muitas são até cruéis. Como pode estar colhendo o que plantou?

— Também não entendo, mas uma coisa não podemos negar.

— O quê, Francisco?

— Na hora em que mais precisávamos, quando parecia que tudo estava perdido, de repente, do nada, tudo aconteceu e, agora, temos à nossa frente uma nova vida, com um trabalho que vai nos dar, por muito tempo, tranqüilidade para vivermos, criarmos nosso filho e outros que, provavelmente, virão. Tenho fé que, mesmo antes de terminar essa encomenda, outra virá. Por isso, precisamos conhecer mais a fundo essa religião ou doutrina.

— É mesmo, Francisco. Eu estava tão triste por não poder sair de casa para vender os seus móveis e agora, além de não precisar sair, por um bom tempo, tenho trabalho para fazer em casa, podendo, assim, ganhar

algum dinheiro e ainda cuidar da casa e do Mauro.

— Segundo o Martin, nunca estamos sós e sempre, nos momentos de maior desespero, aparece ajuda e tudo fica bem. Parece que é verdade.

— Estou achando que é verdade, mesmo! Ele sempre disse isso. Vou até a casa do Martin, conversar com a mãe dele e pedir que me explique algumas coisas. Ela entende muito. Sempre pertenceu a essa religião ou doutrina.

— Vá mesmo, Raquel. Eu, por enquanto, não posso fazer isso. Preciso encontrar uma maneira de trabalhar e cumprir o prazo da entrega dos móveis. É muito trabalho e sou sozinho. Preciso encontrar alguém que me ajude. Só não sei quem poderia ser. Vou precisar de dois ou três ajudantes e de um bom marceneiro...

— É verdade, Francisco. Você não vai dar conta, sozinho.

O vulto de mulher sorriu e estendeu a mão em direção a Raquel, que, sem saber por que, perguntou:

— Será que o Norberto está trabalhando, Francisco? Ele, admirado, olhou para ela e respondeu:

— Não sei Raquel. Não está pensando em...

— Estou Francisco. Sei que não quis ser nosso sócio, mas, se não estiver trabalhando, vai ficar agradecido por encontrar trabalho. Ele é um marceneiro tão bom como você, não é?

— É um ótimo marceneiro, só não sei se vai aceitar...

— Não custa tentar. Com ele trabalhando ao seu lado, você conseguirá entregar os móveis no prazo.

— Isso é verdade, só não sei como fazer esse convite. E se ele ficar bravo ou se sentir ofendido?

— Não vejo motivo para isso. Foi ele quem não quis ser seu sócio. Entretanto, se estiver sem emprego, vai agradecer. Na vida, sempre temos dois caminhos. A única resposta que você pode ter é um sim ou um não. Nada, além disso. Portanto, acho que não custa tentar.

— Pensando bem, você tem razão, Raquel. Quando chegarmos na hora de descer do ônibus, antes de você ir para casa e eu para a marcenaria, vamos passar pela casa do Norberto, fazer o convite e ver o que acontece. Afinal, como você disse, só há uma resposta, não é?

— É, sim, Francisco, vamos fazer isso.

O vulto de mulher sorriu e continuou ao lado deles. Assim que desceram do ônibus, foram para a casa de Norberto e Lia. Diante do portão, bateram palmas. Lia abriu a porta da sala e, ao vê-los, surpreendeu-se:

— Raquel, Francisco?

— Isso mesmo, Lia. Estamos aqui para conversarmos com você e com o Norberto. Ele está em casa?

— Está sim. Podem entrar.

Francisco abriu o trinco do portão e entraram. Lia, tentando não demonstrar a surpresa que estava sentindo, afastou-se para que eles entrassem na sua frente.

Eles entraram. Norberto, que estava sentado, ouvindo o rádio e lendo jornal, também ficou surpreso e, ao vê-los, levantou-se:

— Francisco, Raquel? Estou surpreso com a visita de vocês.

— Surpreso por que, Norberto?

— Sei que ficaram magoados por eu não ter aceitado a sociedade. Pensei que nunca mais fossem conversar comigo.

Francisco, sorrindo, disse:

— Não posso negar que fiquei chateado, mas vocês tinham o direito de não aceitar. Afinal, precisariam apostar quase todo o dinheiro que tinham em algo que poderia não dar certo. Era muito arriscado.

— Mas você, mesmo assim, arriscou, não foi?

— Foi, mas confesso que fiquei com medo, porém Raquel me convenceu de que deveríamos tentar.

— Está dando certo?

— Foi bem difícil. Muitas vezes, ao ver que nosso dinheiro estava indo embora, me apavorei, mas sempre surgia algum trabalho e dava para viver e eu fui continuando.

— E agora, como está?

— É por isso que viemos até aqui. Você está trabalhando, Norberto?

— Não. Sabe que as coisas estão difíceis. Percorri todas as marcenarias, mas em nenhuma delas encontrei trabalho. Dizem que não estão vendendo e que, por isso, não precisam de marceneiros. Sabe como a situação do país está difícil, Francisco.

— Sei bem. Também passei por momentos difíceis, mas agora apareceu uma luz. Recebi uma encomenda grande e preciso entregar no prazo, para isso, terei de contratar ao menos um marceneiro. Se quiser, pode vir trabalhar comigo.

Norberto olhou para Lia que a tudo ouvia. Percebeu nos olhos dela um brilho de felicidade. Perguntou:

— Você quer que eu vá trabalhar na sua marcenaria?

— Quero Norberto. Sei que é um ótimo profissional e estou precisando.

— Não acredito que isso esteja acontecendo.

— Por que, está ofendido pelo convite?

— Não, Francisco, ao contrário. Hoje pela manhã, ao acordar, depois de uma noite mal dormida, estava desesperado sem saber o que fazer da minha vida. Não temos mais dinheiro. Quase tudo o que recebi foi gasto durante esses meses que fiquei sem trabalho. Não sabia mesmo o que fazer e, agora, você me aparece com uma proposta desta! Claro que quero! Quando posso começar?

Francisco sorriu, aliviado.

— Amanhã mesmo! Fiz a encomenda do material que vamos usar. Ficaram de entregar amanhã.

— Estarei lá bem cedo. Vocês foram anjos que Deus mandou em um momento em que eu pensava que tudo estava terminado, que não existia mais caminho algum...

Francisco riu, olhou para Raquel e disse:

— Segundo o Martin, é assim que Deus trabalha.

— O que está dizendo, Francisco?

— Nada, Norberto. Eu e a Raquel estávamos conversando sobre a religião do Martin e ele sempre diz isso.

— Ele me falou algumas vezes sobre essa religião, mas nunca me interessei muito por ela.

— Nem nós, Norberto. Nem nós, mas agora estamos pensando a respeito, não é, Raquel?

— É verdade. Aconteceram algumas coisas que nos fizeram pensar.

— Que coisas?

— Ainda estamos pensando nelas. Outro dia conversaremos sobre isso. O importante, agora, é começarmos a trabalhar e terminarmos, no prazo, a encomenda. Está disposto mesmo, Norberto? Olhe que tem muito trabalho!

— Quando tive medo do trabalho, Francisco?

— Não quer saber quanto vou lhe pagar?

— Não, sei que é um homem justo.

— Mesmo assim, vou dizer. Pretendo dar a você dez por cento de tudo o que ganhar. Está bem, assim?

— Não sei de quanto está falando, mas para mim está ótimo. Qualquer importância é melhor do que nada, não é?

— Tem razão, mas posso lhe garantir que é uma boa quantia.

— Está certo, amanhã bem cedo estarei lá.

— Que bom, agora precisamos ir. Esse moleque está cansado, precisa dormir no seu berço.

— Está bem. Até amanhã.

Acompanharam Francisco e Raquel, que se despediram. Enquanto se afastavam, Norberto disse:

— É, Lia, eles foram anjos mandados por Deus.

— Foram, mesmo, Norberto. Só podemos agradecer. O vulto de mulher olhou para outras duas entidades que estavam ao lado de Lia e Norberto e que jogavam luzes brancas sobre eles. Depois, sorriu e acompanhou Raquel e Francisco.

No dia seguinte, antes mesmo de Francisco chegar, Norberto já estava em frente à marcenaria.

Francisco, ao chegar e ao vê-lo, sorriu:

— Bom-dia, Norberto. Está mesmo com vontade de trabalhar.

— Bom-dia, Francisco. É verdade. Não agüentava mais ficar em casa sem ter o que fazer e vendo o dinheiro acabar. Vocês chegaram à boa hora. Francisco abriu a marcenaria e entraram. Ao entrar, Norberto disse admirado:

— Este galpão é bem grande, Francisco. Aqui cabem muitos móveis.

— Tem razão, Norberto. Eu e Raquel procuramos muito um lugar e este foi o melhor que encontramos e que podíamos pagar. Terminei o último trabalho e ia ficar sem ter o que fazer. Estava preocupado, mas recebi uma encomenda grande e, por um bom tempo, teremos muito trabalho.

— E depois, Francisco?

— Depois, não sei. Mas acho que não devemos nos preocupar com isso. Assim que o material chegar, vamos começar a trabalhar, o depois fica para depois, não é?

— Preciso conversar algo com você, Francisco.

— Pode falar. Do que se trata?

— Ontem, depois que vocês saíram lá de casa, eu e a Lia ficamos conversando. Ela acha que ao invés de você me pagar uma porcentagem pelo trabalho, seria melhor que me pagasse um salário fixo.

— Por que ela acha isso?

— Hoje, você tem muito trabalho, mas quando terminar e se não aparecer outro? Como vou ficar?

— Sempre apareceu trabalho, Norberto. Desde que abri a marcenaria, nunca fiquei sem trabalho. Não tão grande como este, mas sempre trabalhei.

— Mesmo assim, ela acha melhor que eu tenha um salário fixo, para podermos ter a tranqüilidade de saber que nunca ficaremos sem dinheiro.

— Poderá se tornar difícil, se, depois deste, não aparecer outro trabalho, mas posso pagar a você o mesmo que recebia no nosso antigo trabalho. Porém, sabe que, se receber comissão, poderá ganhar muito mais.

— Sei disso, mas gosto de ter garantia, Francisco. Se não se importar, gostaria de ter um salário fixo.

— Está bem. Você é quem sabe, mas acho que vai se arrepender.

Estavam terminando de arrumar a marcenaria para começarem o serviço, quando um caminhão chegou trazendo o material de que precisavam.

Ajudaram os outros dois rapazes, que vieram no caminhão. Em pouco tempo, tudo foi descarregado. Quando terminaram, um dos rapazes deu um papel para que Francisco assinasse e disse:

— Hoje só veio uma parte, depois entregaremos o resto.

— Está ótimo. Com esse material já podemos começar.

O caminhão foi embora. Francisco mostrou a Norberto um papel onde estava desenhada a figura de uma mesa com suas medidas. Disse:

— Vamos fazer uma sala por vez, Norberto. Vamos cortar a madeira necessária para esta mesa. Depois, faremos estes armários.

— Você já desenhou todas as salas?

— Não, só esta, que é a maior. Vamos começar?

— Vamos.

Pegaram as madeiras e começaram a trabalhar. Enquanto isso, Raquel, em casa, estava junto ao tanque, lavando roupas e pensando:

Quando Francisco me passar à medida das janelas, vou poder calcular de quanto tecido vou precisar e o quanto cobrar pelo meu trabalho. Ainda bem que o meu pai me deu, de presente de casamento, a máquina de costura. Nem ele nem eu imaginávamos que poderia ganhar algum dinheiro com ela. Mesmo não podendo sair de casa para trabalhar, vou ganhar um bom dinheiro.

De onde estava, viu quando Tereza acompanhou o marido até o portão. Para evitar conversar com ela, pois ainda estava magoada não só por ela não ter tomado conta de Mauro, mas, muito mais, por se deixar oprimir pelo marido da maneira como fazia, entrou em casa.

Tereza percebeu que Raquel não queria conversar com ela, coisa que, naquele horário, fazia todos os dias. Também entrou em sua casa.

Na hora do almoço, Francisco telefonou para Mário, avisando-o de que o material havia chegado e pedindo as medidas das janelas para que as cortinas fossem confeccionadas.

Mário, feliz pela notícia, passou as medidas.

No dia seguinte, Raquel, carregando Mauro no colo, foi até a loja e comprou o tecido para uma das janelas. Como o pacote ficou pesado, e como ela havia combinado com o marido, pediu que guardassem até depois do almoço, quando Francisco iria buscar.

Foi o que Francisco fez.

À noite, ele chegou com o pacote e os acessórios para que ela fizesse a cortina.

No dia seguinte, ela, como sempre, acordou cedo. Lavou as roupas, deu uma ajeitada na casa e começou a cortar o tecido no tamanho certo da cortina. Depois de cortada, começou a costurar.

Naquele mesmo dia, quase terminou a cortina. Trabalhou com carinho.

Esta cortina precisa ficar perfeita. Sei que vai ser a primeira de muitas. Não está sendo fácil, pois preciso parar muitas vezes para atender ao Mauro, mas vou conseguir.

Ela tinha razão em pensar assim, pois, enquanto costurava, Mauro engatinhava pelo chão à sua volta e, algumas vezes, chorava, pedindo colo. Ela não se importava. Parava por alguns instantes, pegava o menino no colo, dava-lhe um brinquedo, água ou alguma coisa para comer.

Em uma tarde, estava costurando, quando Tereza apareceu na porta da cozinha. Raquel não viu quando ela se aproximou. Tereza ficou algum tempo parada na porta. Depois, disse:

— Olá, Raquel.

Raquel levantou os olhos que estavam na costura, ergueu a cabeça e, admirada, também disse:

— Olá, Tereza.

— O que você está costurando?

— Uma cortina.

— Mas suas cortinas são novas, vai trocar?

Raquel não conseguiu disfarçar e começou a rir.

— Está curiosa, Tereza?

— Desculpe Raquel, mas estou sim. Tenho notado que você está costurando há vários dias. Vai trocar suas cortinas?

— Não, Tereza. Vou contar a você o que aconteceu. Depois que percebi que não poderia sair de casa levando Mauro, fiquei triste, mas, naquele mesmo dia, aconteceu algo que me fez ficar feliz.

— O que foi?

Raquel contou tudo e terminou, dizendo:

— Como pode ver, mesmo sem sair de casa, vou ganhar algum dinheiro e logo poderei comprar o meu ferro de passar roupa e até, quem sabe, um fogão a gás.

— Vai ganhar dinheiro sem sair de casa?

— Vou, sim, e espero que, depois destas cortinas que estou fazendo, venham outras.

— Já tinha visto sua máquina de costura, mas não pensei que soubesse costurar.

— Sei, sim. Meu pai me deu esta máquina no dia em que recebi o diploma de corte e costura.

— Comprei um tecido para fazer camisas para os meninos e estava pensando quem poderia costurar. Pode costurar para mim?

Raquel nunca havia pensado que poderia costurar para fora. Fez o curso de corte e costura, não porque gostasse, mas porque sua mãe quase a obrigou. Naquele momento, agradeceu à mãe, em silêncio. Respondeu:

— Posso, sim, Tereza, se puder esperar, pois preciso terminar todas as cortinas.

— Posso esperar. Não estou precisando agora.

— Sendo assim, vou costurar para você.

— Não sei se vou conseguir Raquel. Você conhece o Manuel, mas vou conversar com ele e pedir para que deixe você colocar uma placa lá no muro da frente. Assim, quando as pessoas passarem, saberão que aqui tem uma costureira.

— Isso seria muito bom, Tereza, mas não precisa. Sabe o que seu marido pensa da mulher que trabalha. Ele não vai consentir, ainda vai ficar nervoso com você e brigar. Mas você me deu uma boa idéia. Vou conversar com o seu Joaquim do bar e da mercearia e com o seu Rubens do açougue e pedir a eles que deixem que eu coloque um papel lá. Muitas mulheres vão, todos os dias, à mercearia e ao açougue, não é mesmo?

— É verdade, Raquel. Faça isso. Sei que vai receber muitas encomendas.

— Também sinto isso, Tereza. Já que não posso ganhar o meu dinheiro de uma maneira, encontrei outra.

Tereza ficou calada, apenas olhando a quantidade enorme de tecido espalhado sobre a cama. Depois se afastou. Raquel, sentindo-se vitoriosa, sorriu.

Raquel também trabalhou muito. Como precisava cuidar de Mauro e da casa, só conseguia trabalhar, com tranqüilidade, à noite, quando o menino dormia. Com isso, não só Francisco entregou os móveis na data combinada como ela entregou as cortinas e os quadros que ela mesma escolheu para cada sala.

Logo no início do trabalho, ela pediu a uma vizinha mudas de folhagens e as plantou. Quando chegou o dia de entregar os móveis, os vasos estavam bonitos com as folhagens que cresceram verdes e saudáveis. No dia da entrega dos móveis, Francisco e Norberto foram juntos para que eles pudessem ser montados. Aproveitaram o caminhão que precisaram alugar para a entrega, passaram pela casa de Raquel, pegaram as cortinas, os vasos com as folhagens plantadas e os quadros e levaram com eles.

Trabalharam o dia todo sem parar. Enquanto montavam os móveis, funcionários de Mário e Josafá penduravam os quadros, as cortinas e colocavam os vasos nos seus lugares.

No fim da tarde, Mário e Josafá, acompanhados por um senhor, chegaram e olharam as salas que já estavam prontas. Não conseguiram esconder a satisfação que sentiam. Mário disse:

— Senhor Francisco, ficaram muito bons. Seus móveis, realmente, são maravilhosos.

Francisco olhou para Norberto, sorriu e falou:

— Obrigado, senhor. Fico feliz de que tenha gostado.

— Não só gostei como pedi ao Frederico, meu amigo, que viesse ver. Ele também vai precisar de móveis

para seu escritório de advocacia.

Francisco olhou para Frederico que, rindo, disse:

— É verdade, senhor, e confesso que estou impressionado. Seus móveis e essa decoração dão uma nova aparência para as salas. Precisamos conversar.

— Está bem, podemos fazer isso agora. As salas estão quase prontas. Montaremos amanhã as que faltam.

Conversaram e Frederico pediu que Francisco fosse, no dia seguinte, ao seu escritório para que lhe desse uma idéia de como fazer para transformá-lo em algo diferenciado. Francisco sorriu e aceitou a oferta. Despediram-se. Quando Francisco voltou para casa, contou a Raquel o que havia acontecido e ela contou da idéia de colocar cartazes na mercearia e no açougue.

Ele aprovou a idéia, jantaram e foram dormir.

## Um presente do céu

Francisco conseguiu mais uma encomenda e, daquele dia em diante, não ficou sem trabalho. Raquel, após colocar os cartazes, recebeu muitas encomendas e não parou mais de costurar.

O tempo passou, o dia do casamento de Martin chegou. Raquel fez um vestido novo para ela e roupa nova para Mauro. Francisco vestiu o terno que usara no dia do seu casamento.

Após a cerimônia na igreja, foram para a casa de Martin, onde uma pequena recepção foi oferecida aos convidados. Havia sanduíches de pernil assado, doces e muito chope. Um sanfoneiro tocava e as pessoas dançavam. Raquel se aproximou de Lídia, que estava feliz com seu vestido de noiva.

— Você está linda, Lídia!

— Obrigada, Raquel. Estou, realmente, muito feliz.

— Sua casa também está linda!

— Está sim, preciso agradecer ao Francisco e a você a linda mesa e cadeiras que nos deram de presente, além dos outros móveis que ele fez.

— Sabe que ele fez com todo carinho. Ele gosta muito do Martin e, é claro, de você também.

A festa foi até altas horas, mas Raquel, por causa de Mauro, saiu antes de ela acabar.

O tempo foi passando. Francisco e Raquel trabalhavam muito. Mauro ia completar dois anos. Raquel estava preparando uma pequena festa.

Mandou uma carta convidando seus pais e irmãos e Jandira.

Seus pais e irmãos responderam que não poderiam vir, porque a viagem ficaria muito cara e eles não estavam em condições de gastar tanto. Jandira também respondeu que não poderia vir, pois estava esperando um filho para aqueles dias e não queria fazer uma viagem longa como aquela.

Raquel, embora tenha ficado triste, entendeu a dificuldade que cria uma viagem como aquela. Continuou preparando a festa.

Em uma manhã, enquanto preparava o café, disse:

— Francisco, preciso ir ao médico.

— Por quê? Está doente?

— Não, acho que estou grávida.

Ele se levantou da cadeira onde estava sentado e quase gritou:

— O quê?

Ela, rindo, respondeu:

— Não tenho certeza, mas acho que sim.

— Vamos hoje mesmo ao médico! Estou feliz. Sabe que quero ter muitos filhos!

— Eu também, Francisco.

— Você acha que agora vem uma menina?

— Tomara que sim.

Foram ao médico e, depois de alguns dias, obtiveram o resultado. Ela estava grávida realmente. Ficaram felizes, porém Francisco também ficou preocupado.

— Estou feliz, Raquel, mas temos um problema.

— Que problema?

— O berço que fiz para o Mauro está pequeno. Ele vai precisar de uma cama maior. No nosso quarto não tem lugar para ela, muito menos para outro berço.

— Tem razão, Francisco. Não havia pensado nisso. O que vamos fazer?

— Não sei, vou pensar em algo. O importante é que você esteja bem.

— Temos muito tempo até a criança nascer. Sei que você vai encontrar uma solução.

Alguns meses se passaram. Em uma tarde, Francisco, para surpresa de Raquel, chegou. Ela, ao vê-lo, levantou-se admirada:

— O que está fazendo há esta hora aqui em casa?

— Preciso que venha comigo. Quero lhe mostrar uma coisa.

— Que coisa?

— Logo vai saber. Pegue o Mauro e vamos. Não tenho muito tempo. Dei uma escapada da marcenaria, mas preciso voltar logo. Tenho muito trabalho.

Ela não entendeu, mas pegou Mauro que, sentado no chão, brincava com um carrinho, trocou-o e saíram. Caminharam a pé por alguns minutos. Ela, sem entender, acompanhou-o calada.

Francisco parou algumas casas acima daquela em que moravam.

Um homem que estava dentro da casa saiu.

— Olá, senhor Francisco! Essa é a sua esposa?

— É sim.

— Entrem e fiquem à vontade.

Raquel, ainda sem entender, entrou com Francisco que a conduziu para que olhasse a casa que estava vazia.

Ela tinha dois quartos grandes, uma sala e uma cozinha.

Depois de olhar a casa por dentro, Francisco abriu a porta da cozinha que dava para os fundos. Raquel ficou encantada. Além de um puxado, onde havia um tanque para lavar roupas, havia, também, uma área cercada com bambu, onde foram plantadas verduras e alguns pés de tomates que estavam carregados. Francisco, ao perceber que ela estava gostando, sorriu e perguntou:

— O que você acha desta casa?

— Ela é linda!

— E também é sua.

— O quê?

— É sua.

— Como minha? Quem mora aqui é a Madalena.

Eles se mudaram e eram inquilinos. Fiquei sabendo que o dono morava no interior e que estava querendo vender. Entrei em contato com este senhor, que é o dono. Seu nome é Pedro. Dei uma pequena entrada e vou pagar o resto em prestações mensais. Em dois anos, ela será totalmente nossa!

— Por que não me contou?

— Queria fazer uma surpresa e acho que consegui.

— Pode acreditar que consegui mesmo, Francisco! Ela é linda!

— Agora, Mauro e a criança que está chegando terão um quarto só deles. Como vamos ter outros filhos, ainda tem espaço para construirmos mais dois quartos!

Raquel, emocionada, começou a chorar.

— Por que está chorando, Raquel?

— É de felicidade, Francisco. Jamais poderia imaginar que, um dia, teria uma casa como esta...

Ele abraçou-a e começou a rir.

— Se está assim por esta casa, imagine como vai ficar quando comprarmos uma mansão.

Agora quem riu foi ela.

— Sabe que o que está falando é uma bobagem.

— Bobagem, por quê?

— Sei que nunca poderemos comprar uma mansão.

— Por que não poderemos comprar Raquel? Somos jovens, temos uma vida longa pela frente. A marcenaria está indo muito bem. Vamos comprar uma mansão, sim! Você vai ver!

— Não sei se um dia poderemos comprar, mas, para mim, esta casa já é uma mansão. Estou muito feliz!

— Vai ficar muito mais. Agora, vamos para casa. Precisamos preparar a nossa mudança. Vou conversar com Norberto e pedir que me ajude a pintar a casa.

— Faça isso, Francisco. Não vejo a hora de mudarmos.

Francisco e Norberto, à noite, depois de voltarem do trabalho, pintaram a casa. Alguns dias antes de mudarem, quando jantavam, Norberto e Lia chegaram:

— Que surpresa é essa? Vocês aqui em casa? Aconteceu alguma coisa, Norberto? Querem nos acompanhar no jantar?

— Não, Francisco, obrigado, nós já jantamos. Estamos aqui porque precisamos conversar.

— Conversar? Sobre o quê?

— Eu e a Lia estivemos conversando. Sabem que moramos longe tanto de vocês como da marcenaria.

Lia teve uma idéia e eu achei muito boa. Por isso estamos aqui.

— Que idéia?

— Deixe que eu fale Norberto.

Norberto sorriu. Lia continuou:

— Já que vocês vão se mudar poderíamos alugar esta casa e, assim, moraríamos perto. Sabe que não podemos ter filhos e o quanto gostamos do seu. Morando perto, posso ajudar você, Raquel, a cuidar do Mauro e da outra criança que vai nascer.

Raquel olhou para Francisco e, rindo, disse:

— Que boa idéia, Lia! Vai ser muito bom ter você por perto e, tem razão, vou precisar de ajuda, pois tenho costuras para fazer e, com duas crianças, vai ser quase impossível.

— Você poderia falar com o proprietário?

— Claro que sim, Norberto. Acho que não haverá problema algum.

Sempre paguei o meu aluguel em dia e vou me responsabilizar pelo seu. Trabalhando na marcenaria, não tem como deixar de pagar.

— Faça isso, Francisco. Sei que não vai se arrepender.

— Claro que não! Vai ser bom ter vocês por perto. Francisco conversou com Manuel, marido de Tereza e ele, como não podia deixar de ser, concordou. Poucos dias depois, fizeram as mudanças. Francisco e Raquel mudaram-se para a casa que compraram Norberto e Lia para a que alugaram.

Depois de instalados na casa nova, Francisco, feliz, perguntou:

— E então, Raquel, como está se sentindo na sua casa?

— Estou me sentindo a mulher mais feliz do mundo!

— Isso é só o começo, da maneira como está indo a marcenaria, vamos conseguir muito mais.

O tempo foi passando. Em uma tarde, Raquel sentiu que a criança estava para nascer. Foi conversar com o taxista que era seu vizinho e pediu para que ele fosse avisar Francisco. Em seguida, foi até a casa de Lia e pediu para que ela ficasse com Mauro, enquanto ela fosse para o hospital.

— Vá em paz, Raquel. Agora já sabe como é. Dentro de alguns dias, estará de volta trazendo sua criança. Espero que seja uma menina.

— Eu gostaria muito, Lia, mas, se não for uma menina, não tem importância, só desejo que tenha saúde. Tereza, que estava ao lado delas, começou a rir:

— É isso o que toda mãe fala, mas, lá no fundo, você está torcendo por uma menina, não é?

— Realmente, isso é verdade, mas volto a dizer que, se for um menino, será bem-vindo.

— Está certa, Raquel. Agora, volte para sua casa, Francisco deve estar chegando.

— Obrigada a vocês duas. Da outra vez, tive só você, Tereza, hoje, tenho as duas, sou mesmo uma pessoa de muita sorte.

Elas riram, Lia falou:

— Tem razão, mas, agora, coloque toda sua energia para a sua criança.

Raquel saiu dali e, enquanto subia a rua, voltando para sua casa, encontrou Francisco que chegou ao táxi. Entraram em casa, pegaram a maleta que Raquel havia preparado e foram para o hospital.

Como aconteceu quando Mauro nasceu desta vez, também, Francisco não pôde ficar ao lado de Raquel. Embora sua condição financeira, agora, fosse melhor do que naquele tempo, o dinheiro que ganhava era quase todo para pagar a prestação da casa.

O horário da visita era somente às quinze horas. Como já eram dezoito horas, ele não poderia vê-la mais naquele dia, somente no dia seguinte. Como da outra vez, ficou ansioso e angustiado, esperando, sem saber o que estava acontecendo.

No dia seguinte, ao chegar para a visita, soube que Raquel estava, naquele momento, tendo a criança. Nervoso, ficou esperando.

Meu Deus, por favor, faça com que tudo corra bem. Que nada aconteça de mal com Raquel ou a criança. Depois de mais de meia hora, uma enfermeira se aproximou da recepção, onde Francisco estava e, vendo a angústia em seus olhos, disse:

— Está tudo bem. Nasceu um lindo menino. Parece que ele é muito forte. Sua esposa está sendo levada para o quarto. No momento, o senhor não poderá vê-la, ela está muito cansada, mas, se quiser, pode ir até o berçário e ver o seu filho.

— Um menino?

— Sim. Um lindo menino.

— Pensávamos que seria uma menina, mas, mesmo assim, estou feliz. Queria muito ver minha esposa, não pode ser nem por alguns minutos? Por favor...

A enfermeira, sem saber o porquê, sorriu e disse:

— Está bem. Ela está no quarto trezentos e quinze. Pode ir até lá, mas fique só alguns minutos, pois, se alguém reclamar, terei problemas.

Ele pegou a mão da enfermeira e, beijando-a, disse:

— Obrigado, senhora!

Afastou-se rapidamente e foi até o elevador. A enfermeira ficou olhando-o se afastar e pensou:

Não costumo fazer isso, pois, se alguém descobrisse, teria de fazer com todas as pacientes e isso seria impossível, mas não sei o que aconteceu dessa vez.

O vulto de mulher sorriu e estendeu os braços em direção a ela.

Francisco encontrou o quarto que a enfermeira disse. Entrou.

Raquel estava pálida e com olheiras. Parecia dormir. Ele se aproximou, beijou sua testa. Ela abriu os olhos:

— Como você conseguiu entrar? Disseram que só poderia receber visitas amanhã...

— Não sei, acho que foi ajuda de Deus, mas agora, só quero saber como você está.

— Estou bem. Você viu o nosso filho? É outro menino, Francisco.

— Ainda não fui até o berçário, queria ver primeiro você. Não posso ficar muito tempo. Preciso ir. Logo você vai estar em casa e não se preocupe, vamos ter uma menina. Temos muito tempo.

Beijou-a e saiu apressado. Foi até o berçário e viu o menino.

Alguns dias depois, Raquel voltou para casa. Trouxe com ela o menino. Assim que chegou, pediu a Francisco que fosse até a casa de Lia e trouxesse Mauro.

Francisco saiu e voltou logo depois acompanhado por Tereza e Lia que trouxe Mauro no colo. Assim que entraram, ele disse:

— Preciso ir até o cartório registrar o menino, Raquel. Depois vou para a marcenaria. Meu trabalho está atrasado. Acha que vai ficar bem?

— Vou, Francisco, não se preocupe.

Ele beijou-a e Mauro passou a mão de leve no rosto do recém-nascido e saiu.

Assim que Francisco saiu, Lia, olhando para o menino que dormia em um berço maior do que aquele que Francisco havia feito para Mauro, disse:

— Nasceu um menino, Raquel, mas é lindo!

— É sim, Lia. Sabe que eu queria uma menina, mas estou muito feliz com ele. Como Francisco sempre fala, somos jovens e temos muito tempo para termos não só uma menina, mas duas ou três.

Tereza arregalou os olhos e, olhando para Lia, perguntou:

— Lia você já viu alguma mulher que fala em ter outra criança assim que acaba de ter uma?

— Não, Tereza, nunca ouvi, mas você se esqueceu de como Raquel é corajosa?

Raquel, fingido estar nervosa, disse:

— Quero ter muitos, Tereza, para, quando ficar velha e doente, ter alguém que cuide de mim.

— Sabe que nem sempre isso acontece. Quantas pessoas você conhece que, após ficarem velhas, foram abandonadas por seus filhos.

— Muitas. Existe até um ditado que diz: Uma mãe consegue cuidar de dez filhos. Dez filhos não conseguem cuidar de uma mãe. Porém, penso que comigo será diferente. Vou criar meus filhos com muito amor e carinho. Eles cuidarão de mim, Tereza.

— Também espero que isso aconteça comigo, mas confesso que, algumas vezes, tenho medo da velhice...

— Não adianta ter medo, Tereza. Precisamos esperar para ver o que acontece. Por enquanto, vamos cumprir a nossa obrigação que é a de dar e fazer tudo o que for possível para que nossos filhos sejam felizes.

— Tem razão.

— Pior sou eu que, por não poder ter filhos, não posso nem pensar em ter alguém que cuide mim. Vou ficar velha e sozinha...

— Não fique assim, Lia. Quem sabe vocês ainda conseguem ter filhos. A medicina está evoluindo.

— Talvez isso aconteça, mas, enquanto não acontecer, vamos amar este menino lindo. Já amamos Mauro, não é, Tereza?

— É verdade, Lia. Vamos amar os dois. Já sabe que nome vai dar a ele?

— Eu e o Francisco conversamos e resolvemos que todos os nossos filhos terão o nome começando com a letra M. Gosto muito dela. Francisco saiu e vai registrá-lo com o nome de Moacir. O que vocês acham?

— É um nome bonito, gostei.

Lia e Tereza ficaram ali por mais algum tempo, depois foram embora. Raquel chamou Mauro e, levando-o até o berço onde Moacir estava, disse:

— Este é seu irmão. Ele é menor do que você, não sabe fazer nada, só chorar. Por isso, você precisa ajudar a mamãe a cuidar dele. Você vai ajudar?

Mauro olhou para Moacir e, meio desconfiado, respondeu:

— Ajudo...

Raquel sorriu, beijou o filho e, olhando para Moacir que dormia, pensou:

Meu filho, você foi mais um presente que Deus me deu. Tomara que eu possa dar a você tudo o que é necessário para que seja feliz...

## O inesperado

Como sempre acontece, o tempo foi passando. Raquel, conversando com Lia, contou sobre os dias em que saiu para vender e que só teve de parar por não ter com quem deixar Mauro. Após ouvir com atenção, Lia disse:

— Você gostou de mostrar e vender os móveis, não foi?

— Gostei muito! Sinto que nasci para isso.

— Por que não volta a sair?

— Como, Lia? Precisei parar porque não tinha com quem deixar o Mauro, imagine agora com os dois?

— Posso cuidar deles, Raquel. Raquel arregalou os olhos:

— Você faria isso, Lia?

— Claro que sim. Sou só eu e Norberto. Esta casa é pequena, passo, praticamente, o dia todo sem ter o que fazer. Posso cuidar dos meninos. Para mim, não seria sacrifício algum, ao contrário, seria muito bom. Além do mais, quanto mais você vender, mais certeza eu terei de que meu marido não ficará sem emprego. Raquel riu:

— Tem razão. Vou conversar com Francisco e você converse com Norberto e, se eles aceitarem, vai ser muito bom.

— Eles vão aceitar Raquel. Embora Norberto ainda seja daqueles que acha que a mulher não precisa trabalhar, se eu trabalhar em casa, não vai haver problema algum.

— Converse com ele, Lia. Se ele aceitar e você ficar com as crianças à tarde, de todos móveis que eu vender, vou dar a você uma comissão.

— Não precisa Raquel, mas, se fizer isso, para mim, vai ser muito bom.

Eles concordaram. Raquel começou a sair todas as tardes e a vender. Tinha, realmente, nascido para ser vendedora.

Além de vender os móveis, oferecia as cortinas e todo o resto.

Apesar de ter de cuidar das duas crianças e sair para vender, ela ainda encontrava tempo para costurar e, assim, ganhar algum dinheiro. Sabia que não era muito, mas, com ele, podia comprar coisas de que as crianças precisavam. A marcenaria, depois de muita propaganda feita por Mário e Josafá, estava crescendo e, com as vendas de Raquel, cresceu mais ainda. Tanto que Francisco teve de recorrer a antigos colegas marceneiros que trabalharam com ele e contratou aqueles que estavam desempregados. Agora, já tinha oito funcionários. Norberto continuou ao seu lado. Mauro ia fazer oito anos e Moacir cinco, quando Raquel engravidou mais uma vez.

— Vamos ganhar outra criança, Francisco.

— Tem certeza?

— Tenho e, desta vez, vai ser uma menina. Mauro já está indo para a escola. Moacir, quando fizer sete anos, vai também, é uma boa hora para termos mais uma criança.

— Também acho. Terminamos de pagar a casa e vou construir mais um quarto.

— Vamos fazer isso, Francisco. Estou feliz.

Foi o que ele fez. Enquanto Raquel esperava pela criança, ele construiu um quarto, onde foi colocada uma cama para Mauro. A criança que estava para nascer e Moacir dormiriam no quarto em que este já dormia.

Uma noite, quando terminaram de jantar, Raquel, que estava sentindo uma dor já sua conhecida, preocupada, disse:

— Está chegando a hora, Francisco. A criança vai nascer.

— Tem certeza?

— Tenho. Além de estar no tempo, estou sentindo as primeiras dores.

— Acha que devemos ir ao hospital?

— Acho que sim.

— Como vamos fazer com as crianças?

— Já conversei com a Lia e com a Tereza. Caso eu tivesse que ir ao hospital durante a noite, Mauro ficaria na casa de Tereza, onde há uma cama a mais, e Moacir, com a Lia. Sabe como ele gosta dela. Norberto disse que providenciaria uma cama com algumas cadeiras para que pudesse caber no quarto que, como você sabe, é pequeno.

— Sendo assim, enquanto você prepara as coisas, vou levar as crianças.

Mauro, que a tudo ouvia, perguntou:

— Nós vamos ficar sozinhos?

— Vai ser só por esta noite, meu filho. O papai vai levar a mamãe para o hospital e, talvez, quando ele voltar, já esteja tarde. Vocês são muito pequenos e não podem ficar sozinhos, mas amanhã, vou dormir aqui com vocês.

— Eu não sou pequeno, mãe, e não tenho medo, posso dormir sozinho...

— Sei que não é pequeno, mas, mesmo assim, não podem ficar sozinhos e vai ser só por uma noite. Quando eu voltar, vou trazer um irmãozinho ou uma irmãzinha para vocês!

— Não quero mais um irmãozinho ou uma irmãzinha, só o Moacir já está bom.

Raquel começou a rir e, beijando o filho, disse:

— Sei que só o Moacir já está bom, mas você vai gostar deste que está chegando. Você vai ver que neném lindo vai ser...

O menino, sabendo que não havia jeito, parou de chorar. Francisco, que a tudo acompanhava, disse:

— A mamãe tem razão, Mauro, como já disse, vai ser só por uma noite. Agora, vamos.

Raquel deu a ele uma sacola com os pijamas para que os meninos pudessem dormir e ele saiu, levando-os seguros em suas mãos.

Assim que eles saíram, Raquel respirou fundo e foi pegar a sacola onde havia colocado as coisas de que precisaria no hospital e a roupinha que seria colocada no neném para que viesse para casa.

Logo depois, Francisco voltou e, abraçando-a, disse:

— Eu já conversei com a Lia e o táxi já está aí, na frente de casa, esperando por você.

— Então, vamos, já estou pronta.

Saíram e foram para o hospital e, mais uma vez, não havia condições financeiras para fazer com que Raquel ficasse em um quarto particular. Como das outras vezes, deixou-a no hospital, dizendo:

— Não posso ficar com você, Raquel. Queria muito, mas sabe que não temos condições de pagar um quarto particular.

— Não se preocupe com isso, Francisco. Sabe que vou ficar bem.

Quando voltar, na hora da visita, a nossa criança já terá nascido e logo voltarei para casa.

— Está certo e espero encontrar, desta vez, uma menina.

— Também desejo isso, mas, se for um menino, também será bem recebido. Como você sempre fala, temos muito tempo para ir tentando. - ela falou, rindo. Ele também riu.

— Tem razão, Raquel. Somos jovens, temos muito tempo. Já é tarde, as crianças devem estar dormindo, mas, mesmo assim, vou passar pela casa de Lia e Tereza e, se estiverem acordados, vou levar os dois para casa.

— Pode ir, mas acho que não precisa ficar preocupado, a Lia e a Tereza gostam muito dos meninos, por isso, sei que eles estão bem.

— Tem razão, mas, mesmo assim, vou passar pela casa delas. Francisco beijou Raquel e, acenando com a mão, foi embora.

O vulto de mulher estava ali. Enquanto se afastava, olhou para ele, mas, dessa vez, não sorriu.

Francisco saiu do hospital. Pegou o ônibus e foi para casa.

Ele fez o que disse. Passou pela casa de Lia e Tereza, viu que as luzes estavam apagadas. Concluiu que todos dormiam, foi para sua casa. Entrou, deitou-se e, também depois de algum tempo, adormeceu.

No dia seguinte, acordou, preparou o café, tomou-o rapidamente e foi para a casa dos amigos.

Estava entrando, quando Norberto saía na bicicleta.

— Bom-dia, Norberto. Já está indo para a marcenaria?

— Bom-dia, Francisco. Estou sim. Como está Raquel?

— Eu deixei-a no hospital. Quero confessar que, embora esta seja a terceira vez, ainda está muito ansiosa, mas, fora isso, posso garantir que ela está bem.

— Infelizmente, eu e a Lia nunca poderemos ter um filho, portanto, nunca sentiremos o que vocês sentiram e estão sentindo hoje.

— Acho que não deve perder a esperança. A medicina está evoluindo muito.

— No nosso caso é impossível, mas isso não nos aflige mais. Gostamos muito dos seus meninos e os consideramos como se fossem nossos.

— Sei disso e tenho a certeza de que, se alguma coisa acontecer comigo ou com a Raquel, vocês cuidarão deles. Sabe que tanto os meus pais como os da

Raquel já morreram e que nossos irmãos precisam cuidar de suas próprias vidas. Todos têm filhos e não teriam como cuidar deles.

— Que conversa é essa Francisco? Nada vai acontecer com você ou com Raquel! Vocês vão criar essas crianças!

— Claro que vamos, Norberto, é só uma maneira de falar. Temos tempo para ter mais filhos!

— Sendo só uma maneira de falar, pode ficar tranqüilo. Seus filhos sempre serão nossos filhos. Antes de irmos para a marcenaria, vou entrar com você para tomarmos café.

Entraram. Estavam passando pela porta da casa de Tereza, quando ela apareceu:

— Bom-dia, Francisco. A Raquel ficou no hospital?

— Bom-dia, Tereza. Ela ficou no hospital, sim. Disseram que a criança poderia nascer de madrugada. Não sei ainda o que aconteceu, só vou saber na hora da visita.

— Tomara que já tenha nascido.

— Também estou querendo isso.

Por trás de Tereza, apareceu Mauro, que correu para os braços do pai. Francisco abraçou-o e foram até a casa de Lia, onde Moacir estava.

Quando entraram na casa de Lia, ela estava dando café para o menino. Moacir, assim que viu o pai, correu para ele que o pegou no colo e, abraçando-o, perguntou:

— Tudo bem, Moacir?

O menino, demonstrando no rosto que ainda estava com sono, não respondeu.

Lia apontou uma cadeira para Francisco, que se sentou e, enquanto ela servia café, perguntou:

— Como está a Raquel?

— Não sei, Lia. Ontem, quando a deixei no hospital, pareceu-me bem. Há esta hora, a criança já deve ter nascido, mas só vou saber na hora da visita.

— Tomara que já tenha nascido mesmo.

— Também espero. Não vejo a hora de a visita chegar. Francisco tomou café e Norberto, apesar de já ter tomado, acompanhou-o.

Enquanto comia, Francisco disse:

— Mauro, a mamãe vai dar para você uma irmãzinha ou um irmãozinho. Está feliz?

— Estou, mas preferia ser só eu e o Moacir. A gente não precisa de mais um irmão...

Francisco olhou para Lia e Norberto, que riram.

— Quando você vir o neném que está chegando, sei que vai gostar.

O menino olhou para eles e abaixou a cabeça. Francisco abraçou o filho com força e disse:

— Como você e o Moacir estão bem, agora, vou para a marcenaria e, na hora da visita, vou ver a mamãe e, quando voltar, conto para vocês se é um irmão ou uma irmã que chegou.

— Me deixaeu ir junto, papai...

— Não pode Mauro, você não pode entrar no hospital.

— Não quero ir ao hospital, quero ir à marcenaria.

Sabe que gosto de ajudar.

Francisco olhou para Norberto e perguntou:

— Quando eu for para o hospital, você cuida dele?

— Claro que sim, Francisco. Ele vai me ajudar no trabalho, não vai, Mauro?

— Vou, sim. Vou lustrar os móveis.

— Está bem. Já que Norberto vai cuidar de você, vamos. Assim, a Lia vai ter menos trabalho.

— Se quiser levá-lo com você, Francisco, leve, mas não para que eu tenha menos trabalho. Suas crianças são boas, não dão trabalho algum e eu as adoro!

— Obrigado, Lia. Você é um anjo da guarda. Está sempre disposta a nos ajudar.

— O que é isso, Francisco? Quantas vezes Raquel também me ajudou e sei que, se eu precisar, ela vai ajudar novamente.

— Obrigado, Lia. Agora, vamos embora, Mauro? Moacir começou a chorar:

— Também quero ir...

— Não pode meu filho. Você é ainda muito pequeno. Quando crescer um pouco mais, poderá ir para a marcenaria. Por enquanto, não pode.

— Seu pai tem razão, Moacir. Você vai ficar aqui e depois que terminar de tomar o café, vamos desenhar, está bem?

O menino, embora não quisesse, sabia que o pai não o levaria. Concordou com a cabeça.

Norberto pegou sua bicicleta e, conduzindo-a com a mão, saíram pelo corredor.

Quando chegaram à rua, Francisco disse:

— Pode ir, Norberto. Vou até a casa pegar a minha bicicleta. Mauro vai comigo.

Norberto subiu na bicicleta e Francisco, segurando na mão de Mauro, começou a subir a rua em direção à sua casa, quando percebeu que um caminhão descia em disparada em sua direção. Com força, empurrou Mauro para longe, mas não teve tempo suficiente para evitar o acidente. O caminhão subiu na calçada e atingiu os dois, espremendo-os à parede de um muro. O estrondo que se ouviu foi muito alto. Norberto também ouviu, voltou-se para ver o que havia acontecido e, ao notar que Francisco e Mauro haviam sido atingidos, largou a bicicleta e subiu, correndo, a rua em direção ao acidente. Assim que se aproximou, viu que outras pessoas, que também ouviram o barulho, desesperadas, tentavam tirar os dois que se encontravam presos no muro. Aterrorizado, Norberto, sem conseguir dizer uma palavra ou fazer um movimento, parou e somente conseguiu chorar.

As pessoas tentaram ajudar, mas foi em vão. Rapidamente perceberam que não havia o que fazer. Tanto Francisco como Mauro estavam mortos. Norberto, depois de algum tempo, recuperou-se e aproximou-se do amigo que, ainda segurando a mão de Mauro, estava com os olhos fechados e com aquela cor característica da morte.

A notícia se espalhou e, rapidamente, as pessoas foram chegando. Algumas, ao verem aquela cena dantesca, choravam. Outras ficaram paradas, sem acreditar no que estavam vendo. Francisco ainda estava com o braço estendido em direção a Mauro. O menino estava de costas para ele a alguns centímetros. Todas as pessoas perceberam que o pai tentou afastar o menino, mas não conseguiu.

As pessoas, tristes e desesperadas, não podiam ver que muitas entidades também estavam ali. Entre tais entidades, estava a mulher que sempre estava ao lado deles e um homem, que pegou Francisco adormecido, enquanto ela pegava Mauro e o entregava a uma das entidades que estava ali. Os dois, carregando Francisco e Mauro, rapidamente desapareceram. Enquanto muitas delas jogavam luzes sobre as pessoas que estavam ali, outra pegou o motorista que, por causa da batida forte, não conseguiu se segurar bateu a cabeça no pára-brisa e também não resistiu. As entidades saíram dali e ela voltou para o lado de Raquel que, feliz, aguardava a visita de Francisco para que ele visse o menino que havia nascido.

Uma das vizinhas, que também ouviu o barulho, ao constatar que se tratava de Francisco, correu para a casa de Tereza.

Abriu o portão e entrou correndo. A porta da cozinha estava aberta.

Tereza, ao vê-la transtornada daquela maneira, assustada, perguntou:

— O que aconteceu, Norma?

— Uma coisa horrível!

— O que foi?

— Um acidente aí na rua! Um acidente pavoroso com o Francisco e o Mauro!

— O que aconteceu?

— Eles foram atropelados por um caminhão que subiu na calçada!

— O quê?

— É isso que ouviu, foram atropelados e estão mortos!

Tereza quase desmaiou, soltou um grito forte, vindo do fundo do seu ser.

O grito foi tão alto que Lia que morava nos fundos, ouviu e correu para ver o que havia acontecido:

— O que aconteceu, Tereza? Por que está chorando desesperada dessa maneira?

Realmente, Tereza chorava muito e não conseguia se controlar. Quem respondeu foi Norma:

— O Francisco e o Mauro foram atropelados por um caminhão e estão mortos.

Lia ficou parada sem mover um músculo sequer. Depois, chorando, perguntou:

— O que você está dizendo, Norma? Francisco acabou de sair da minha casa! Ele foi para a marcenaria e levou o Mauro com ele!

— Infelizmente é isso que estou dizendo, Lia. Eles foram atropelados aí na rua. Acho que estava indo para sua casa, quando o caminhão os pegou.

— Vou pegar o Moacir que está lá em casa e ver o que aconteceu.

— Não faça isso, Lia. Moacir é muito pequeno, não precisa ver o que aconteceu. Vá com a Tereza, eu fico aqui tomando conta dele.

— Obrigada, Norma! Vamos, Tereza?

Antes mesmo de responder, Tereza já corria para a rua. Saíram em disparada. Lia se aproximou de Norberto que estava ali, parado, apenas olhando:

— O que aconteceu, Norberto?

— Não sei, Lia. Ele estava indo para casa pegar a bicicleta. Eu estava indo para a marcenaria quando ouvi o barulho.

Tereza, que estava ao lado e que também olhava abismada, disse:

— Meu Deus do céu, como isso foi acontecer? O que vai ser da Raquel? Ela está feliz no hospital e nem imagina que isso tenha acontecido.

Elas não tinham as respostas, apenas choravam, não só pelos dois que jaziam ali, mas, principalmente por Raquel.

O ambiente estava tenso. As pessoas comentavam entre si o que havia acontecido. Algumas, sem conseguir suportar aquela cena, precisaram ir embora, mas, ao lado de cada uma, havia um espírito amigo que jogava luz sobre todas.

O carro da polícia chegou e afastou as pessoas que ficaram olhando de longe. Um dos policiais perguntou:

— Alguém conhece esse homem?

— Eu conheço! É o meu patrão!

— Venha comigo, por favor.

Norberto acompanhou o policial até o carro e respondeu a todas as perguntas.

Tereza e Lia, chorando, permaneceram ali, olhando para Francisco e Mauro. Estavam com o coração apertado. Lia, chorando, disse:

— Francisco acabou de tomar café lá em casa. Não queria levar Mauro para o trabalho, mas o menino insistiu tanto que ele não teve como negar. Se soubesse que isso ia acontecer, eu não teria deixado Mauro acompanhar o pai...

— Você não teve culpa, Lia. Como poderia imaginar que isso ia acontecer?

— Isso não é justo! Ele e Raquel se davam tão bem! Formavam um casal feliz! Nunca vi uma briga entre eles e estavam radiantes com a chegada de outra criança! Não está certo, Tereza! Não está mesmo!

— Deus é quem sabe, Lia...

— Que Deus, Tereza? Ele não existe! Se existe como pode permitir que um homem bom como Francisco e uma criança linda como Mauro morram, enquanto existem tantos outros que são ruins e malvados e, mesmo assim, continuam vivendo? Com Deus ou sem Deus, não está certo!

Tereza, lembrando-se do seu marido e das maldades que ele fazia com ela e com as crianças, disse:

— Talvez você tenha razão, Lia. Deus nem sempre é justo...

— Claro que não é justo, Tereza!

— Não sei se você está certa, mas, no momento, o que devemos pensar é em como vamos contar para Raquel que essa tragédia aconteceu...

Lia, com os olhos cheios de lágrimas, passou as mãos por eles e respondeu:

— Não sei Tereza! Não sei! Ela nem imagina o que aconteceu. Vai ser muito difícil aceitar. Não sei como falar com ela, ainda mais acabando de ter uma criança.

— Será que a criança já nasceu?

— Acho que sim. Ela começou a sentir as dores ontem à tarde. Deve ter nascido sim.

— O que vamos fazer?

Norberto terminou de conversar com o policial e se aproximou delas:

— Dei todas as informações de que precisavam. Os corpos serão levados. Agora podemos ir para casa.

— Como vamos contar para a Raquel, Norberto?

— Já me fiz essa pergunta e não encontrei a resposta. Não sei, Lia.

— Acho que devemos conversar com algum médico, lá do hospital. Ele nos dirá como falar com ela ou ele mesmo fará isso. Ele é quem sabe das condições dela...

— Tem razão, Tereza, essa é a melhor coisa a se fazer.

Depois que os corpos foram levados, eles foram a casa. Encontraram Norma, que estava no corredor com Moacir no colo. Calados, entraram na casa de Tereza e tomaram café.

Quando terminaram, Lia e Norberto saíram e foram para o hospital. Tereza pegou Moacir que estava no colo de Norma e colocou-o no chão para que brincasse com seu carrinho. Olhando para o menino que, sem saber da tragédia que havia acontecido, brincava. Pensou:

Lia tem razão. Não é justo isso ter acontecido com Francisco, muito menos com Raquel. Será que Deus existe realmente?

Enquanto isso, sem imaginar o que estava acontecendo, Raquel, no hospital, esperava ansiosa à hora da

visita para que Francisco pudesse ver o menino que nasceria.

Sei que ele, assim como eu, queria uma menina, mas o menino que nasceu é lindo e com saúde, isso é o mais importante. Como ele sempre diz, somos jovens, temos muito tempo para termos uma menina. Estou feliz por meu filho ter nascido perfeito.

Lia e Norberto chegaram ao hospital. Contaram a uma recepcionista o que havia acontecido.

A moça, após ouvir o que eles disseram, condoída, disse:

— Que situação terrível. Esperem um momento que vou conversar com o médico que está cuidando dela.

Eles sentaram-se em um sofá e ficaram esperando. Alguns minutos depois, um médico entrou por uma porta e olhou para a recepcionista que, com a mão, apontou para eles.

O médico caminhou na direção deles. Lia e Norberto perceberam e levantaram-se também. O médico chegou e disse:

— A recepcionista me contou o que aconteceu. Que fatalidade...

— O senhor tem razão, foi mesmo uma fatalidade. Precisamos avisar a esposa dele, mas não sabemos como. Ela está internada neste hospital para ter criança. Nem sabemos se já teve.

— Já teve sim, é um menino.

— Como ela está?

— Está ótima, senhora. O parto não foi muito difícil. Deu tudo certo. Ela e a criança passam bem.

— O senhor acha que ela está em condições de receber uma notícia como essa?

— Foi bom que falassem comigo. Ela precisa saber o que aconteceu. Vou pedir a uma enfermeira que lhe aplique um sedativo e daqui a quinze minutos entraremos juntos e contaremos.

Eles voltaram a se sentar e, de mãos dadas, ficaram esperando. Permaneceram calados, não tinham o que conversar. Estavam preocupados com Raquel e em como ela reagiria.

Algum tempo depois, que para eles pareceu uma eternidade, a recepcionista saiu de trás do balcão e foi até eles:

— Podem subir até o terceiro andar. O médico está esperando no corredor, em frente à porta do quarto. Eles se levantaram, pegaram o elevador e se encontraram com o médico, que disse:

— Vamos entrar. Eu falarei com ela. Já tomou um tranqüilizante e logo adormecerá.

Entraram.

Raquel estava deitada. Um pouco abatida, sorriu quando os viu:

— Lia! Norberto! Vieram ver o meu menino?

— Viemos, sim, Raquel.

— Ainda não é hora da visita, como conseguiram entrar. Lia e Norberto olharam para o médico, que disse:

— Tem razão, dona Raquel. Ainda não é a hora da visita. Eles estão aqui por um motivo especial que, infelizmente, é triste.

Raquel olhou para Lia e Norberto, notou que ela chorava:

— O que aconteceu, Lia? Por que está chorando? Quem respondeu foi o médico:

— A senhora precisa manter a calma. Seu filho acabou de nascer e precisa muito da sua tranqüilidade.

Aconteceu um acidente com seu filho e marido.

Raquel, com dificuldade, sentou-se na cama e, olhando para Lia, perguntou com a voz embargada:

— Que acidente, Lia? Onde eles estão?

Lia, quase sem conseguir falar, disse:

— Hoje, pela manhã, Francisco foi lá a casa para ver como o menino estava. Passou primeiro pela casa de Tereza, pegou Mauro e foi lá para casa. Tomou café e, quando ia sair, Mauro pediu para ir com ele trabalhar na marcenaria. Ele não queria, mas o Mauro, você conhece, insistiu muito até que Francisco consentiu. Saíram da minha rasa e, quando Francisco subia para pegar a bicicleta na sua casa, um caminhão, desgovernado, desceu a ladeira e atropelou os dois que caminhavam na calçada.

— Meu Deus! Eles estão bem? Estão aqui no hospital?

— Não, dona Raquel. Eles não estão aqui no hospital.

— Como não, doutor? Eles devem ter se machucado muito! Onde eles estão?

— Foram levados para o Instituto Médico Legal.

— O que o senhor está dizendo? Só vão para o Instituto Médico Legal as pessoas que morrem! O senhor está dizendo que eles morreram?

— Sinto muito, dona Raquel, mas foi isso que aconteceu... Raquel parecia estar sonhando e sentia que, a qualquer momento, acordaria.

— Não, doutor, não pode ser verdade. O senhor só pode estar brincando...

— É verdade, Raquel. Eles morreram na hora.

— Os dois, Lia? Não pode ser! Isso não está acontecendo comigo! Quero ir até onde eles estão!

— Hoje, a senhora não pode sair do hospital. Faz somente algumas horas que deu à luz, precisa ficar aqui pelo menos por vinte e quatro horas. É muito perigoso sair antes disso.

— Não vou ficar nem mais um minuto! Quero ficar ao lado do meu marido e do meu filho!

— Hoje, a senhora vai ficar aqui e, amanhã, na hora do enterro, poderá ir para casa, mas se sentir alguma coisa, precisará voltar imediatamente.

Raquel começou a chorar desesperada.

— Não vou ficar aqui, doutor. Será que o senhor não entende? Meu marido e meu filho morreram! Como posso ficar aqui?

— Sei o que está sentindo, mas, se sair antes do tempo estipulado, poderá ter algum problema e também morrer...

— O senhor acha que estou me importando com isso? O senhor acha que vou conseguir continuar vivendo sem meu marido e meu filho? Quero morrer também!

— Você precisa viver Raquel. Tem o Moacir e agora esse menino que nasceu. Eles vão precisar muito de você...

— Eles não terão pai, Lia! Vão ser criados sozinhos...

— Como sozinhos, Raquel? Você vai estar ao lado deles e será pai e mãe...

— Não vou conseguir, Lia. Não vou conseguir...

Antes mesmo de terminar essas últimas palavras, Raquel adormeceu. O médico olhou para Lia e Norberto e disse:

— Agora ela vai dormir por algumas horas. Vou tentar mantê-la calma. As enfermeiras já foram avisadas de que ela precisa ser vigiada todo o tempo e que, se ocorrer qualquer problema, devem me chamar. Podem ir em paz. Não se preocupem com ela, está em boas mãos e ficará bem.

Lia, chorando, beijou a testa de Raquel e saíram. O médico ficou ao lado de Raquel e da enfermeira:

— Ela vai dormir por algumas horas. Assim que despertar, avise-me.

— Pode deixar doutor, farei isso.

Não viram, mas a entidade de mulher também estava ali. Na rua, Norberto disse:

— Lia, preciso ir até o Instituto Médico Legal para ver o que precisa ser feito para poder enterrar os dois. Não sei como fazer, é a primeira vez que enterro alguém próximo...

— Já que Tereza ficou com Moacir, eu vou com você. Começaram a caminhar em direção ao ponto de ônibus.

Logo depois de ter adormecido, Raquel viu diante de si o vulto de mulher que sorria:

— Quem é a senhora? O que está fazendo aqui?

— Sou alguém que a ama e que sempre estive ao seu lado. Um senhor se aproximou e, sorrindo, disse:

— Também estou aqui e torcendo por você, assim como todos os outros, seus amigos. Estamos felizes, pois, até agora, tem cumprido o que prometeu.

— Não me lembro de vocês...

— Isso, agora, não tem importância, no momento certo, lembrará. Agora, é importante que continue sua jornada.

— Francisco e Mauro morreram. Sem eles, não sei se vou ter coragem para continuar. Por que isso aconteceu?

— Eles quiseram renascer ao seu lado, exatamente para isso. Mostrar a você o caminho que deveria seguir.

— Você conhece os meus filhos?

— Conheço. Você sabe quem são?

— Claro que sim! São meus filhos!

— Isso mesmo. São seus filhos e muito mais.

— Muito mais? O que está dizendo?

— No momento certo, saberá.

— Por que Francisco me abandonou e levou meu filho?

— Ele não a abandonou. Os dois seguirão você durante todo o tempo de que precisar. Eles têm outras obrigações, outros caminhos para seguir. Você sabia que seria assim.

— Não lembro. Mas como vai ser minha vida daqui para frente, sem eles para me ajudar?

— Vai depender só de você, Raquel, das escolhas que fizer.

— Escolhas? O que está dizendo? Não estou entendendo...

— Não precisa entender. Basta que continue sua jornada que, daqui para frente, será mais difícil, mas sei que vai conseguir. O importante é que, mesmo sem se lembrar do passado, não se esqueça de que nunca estará só. Sempre estaremos ao seu lado.

— Não vou conseguir viver sem eles. Francisco sempre foi minha fortaleza e Mauro, o motivo da minha luta pela vida. Sem eles, nada mais restou. Não estou pronta para seguir sozinha...

— Não está sozinha. Moacir e Marcos seguirão com você. E com eles que você tem dívidas que precisam ser pagas.

— Dívidas? Do que está falando?

— No momento certo, saberá.

— Não vou conseguir...

— Vai, Raquel, claro que vai. Eu, Francisco e Mauro sempre estaremos ao seu lado.

— Não me despedi deles. Onde estão?

— Estão adormecidos e sendo cuidados. Logo mais serão despertados e saberão que voltaram para casa.

— E que eu fiquei sozinha...

— Não está sozinha, Raquel. Estamos, todos, ao seu lado. Francisco e Mauro tomarão conhecimento do que lhes aconteceu e ficarão torcendo por você.

— Estou com medo...

— Medo do quê?

— Da vida aqui na Terra. Queria voltar para casa.

— Não precisa ter medo da vida nem de nada, Raquel. A vida é um bem precioso que Deus nos dá. Somente com ela, podemos nos aperfeiçoar, resgatar nossas dívidas e, assim, continuar a nossa caminhada. Ao invés de ter medo, agradeça por essa oportunidade. Sabe que nem todos conseguem ou demoram muito para conseguir.

— Tem razão...

— Agora, durma. Embora seu espírito esteja forte, seu corpo, por causa do parto, está debilitado. Você vai ter momentos muito difíceis pela frente.

— Tenho muito medo...

— Não precisa ter medo, Raquel. Quando acordar, não vai se lembrar do que conversamos, mas, no seu íntimo, saberá que não está só.

— Está bem. Não saia de perto de mim...

Olímpia, a entidade de mulher que sempre acompanhava Raquel, olhou para Samuel, que estava ao seu lado e sorriu:

— Nunca saí de perto de você. Nunca vou sair.. Raquel entrou em um sono profundo. Olímpia e Samuel permaneceram ao seu lado jogando luzes brancas sobre ela.

Depois de algumas horas, Raquel abriu os olhos.

Olhou à sua volta e viu duas mulheres que estavam em outras camas e que, também, haviam dado à luz. Percebeu que elas também a olhavam. Lembrou-se do que Lia e Norberto haviam dito e começou a chorar. Uma das senhoras, vendo que ela chorava, disse:

— Sinto muito pelo que aconteceu com a senhora, mas a vida continua. A senhora tem, agora, que pensar no seu outro filho e nesse que acabou de nascer.

— Que vida? Que filhos? Do que adianta pensar na vida e nos filhos se, de repente, tudo pode acabar? Do que adiantou meu marido ter trabalhado tanto para morrer dessa maneira? E o meu filho? Era ainda uma criança! Como vou saber se esses dois vão crescer, não vão morrer também? Não quero mais viver! Não consigo me ver sem Francisco e sem o meu menino! Por que isso aconteceu? O que fiz de mal? Eu e meu marido vivíamos muito bem, éramos felizes e agora como vai ser?

— Tenha fé, tudo sempre passa...

— Fé? Como posso ter fé em alguma coisa? Estou é com muita raiva! Não posso aceitar que isso tenha acontecido! Quero ir embora daqui! Quero ficar ao lado do meu marido e do meu filho!

— O médico disse que a senhora só poderá ir embora amanhã. Precisa ter paciência...

— Paciência coisa alguma! Vou sair daqui agora mesmo! Tentou se levantar, mas não conseguiu. A outra senhora que, em silêncio, ouvia a conversa, percebendo que Raquel estava descontrolada, apertou a campainha que havia perto da sua cama e, em poucos minutos, a enfermeira entrou no quarto. Ao ver Raquel tentando se levantar aproximou-se:

— Para onde a senhora vai?

— Para casa! Para junto do meu marido e do meu filho! Não posso ficar aqui! Preciso ver os dois!

— A senhora não pode sair daqui sem que o médico concorde. Ainda está em observação. Acabou de dar à luz e seu corpo precisa de um tempo para voltar ao normal.

— Não entende o que está acontecendo? Meu marido e meu filho estão mortos e preciso vê-los!

— Sei o que aconteceu, mas se a senhora sair do hospital sem ordem médica, estará se colocando em perigo e poderá morrer também...

— Isso seria muito bom! Como posso continuar vivendo sem eles?

— Ainda tem dois filhos que estão vivos...

Olímpia, que a tudo acompanhava, jogou luzes sobre Raquel que continuou chorando. O médico entrou no quarto e, pegando a ficha que estava no pé da cama, perguntou:

— Como está dona Raquel?

— De saúde estou muito bem, posso ir para casa, para junto do meu marido e do meu filho!

— Como lhe disse, hoje não pode sair. Teria de ficar alguns dias aqui no hospital, até que não tivesse mais perigo algum para sua saúde, mas, diante do que aconteceu, vou permitir que saia amanhã cedo, com tempo de ir ao enterro de seus entes queridos, mas, até lá, não posso permitir.

— Eu quero ir agora!

— Está bem, vou esperar mais algum tempo, se a senhora se acalmar, vou permitir.

O médico anotou alguma coisa na ficha, olhou para a enfermeira e saiu.

A enfermeira olhou a ficha e também saiu. Voltou algum tempo depois e deu um comprimido para que Raquel tomasse.

A princípio, Raquel não queria tomar, mas a enfermeira disse:

— Este comprimido vai ajudá-la a ficar bem.

Vendo que não havia outro jeito, Raquel tomou e, em poucos minutos, voltou a dormir. Olímpia e Samuel permaneceram ao seu lado.

Enquanto isso, Norberto e Lia, após perguntarem aqui e ali, conseguiram chegar ao Instituto Médico Legal, onde, após receberem os documentos que se encontravam em um dos bolsos de Francisco, foram informados dos procedimentos que deveriam seguir.

Ao chegarem à funerária, foram informados dos gastos que teriam.

Após saber o valor, Norberto disse:

— Lia, vamos até lá fora, precisamos conversar.

Lia sabia o motivo daquilo e acompanhou o marido. Já lá fora, ele disse:

— Como vamos fazer, Lia? Não temos esse dinheiro...

— Sei disso, Norberto, mas não podemos deixar de enterrá-los.

— Será que a Raquel tem esse dinheiro?

— Não sei. Como todos os homens fazem, Francisco deve ter sido sempre quem cuidou do dinheiro.

— Não sei como fazer, Lia.

— Dê um cheque, vamos para casa e lá conversaremos com alguns vizinhos, talvez possam nos ajudar. Todos conheciam Francisco e gostavam muito dele. Depois, quando a Raquel sair do hospital, veremos se ela tem esse dinheiro e devolveremos a todos.

— Está certa, Lia. Vamos fazer isso. E se os vizinhos não puderem ou não quiserem ajudar?

— Não sei Norberto. A única coisa que sei é que eles precisam ser enterrados. Entre, dê o cheque e veremos o que vai acontecer.

Foi o que fizeram. Escolheram tudo o que era necessário para um enterro decente. Norberto deu um cheque e saíram.

Assim que chegaram a casa, Lia conversou com Tereza que, após ver a nota fiscal com o valor que havia sido pago, disse:

— Vou conversar com Manuel, sei que, apesar de ser como é não vai se recusar. Ele conhecia Francisco e, apesar de ter alguma restrição por ele deixar Raquel trabalhar, gostava dele. Vamos fazer uma lista e percorrer as casas dos vizinhos. Acredito que ninguém vai se negar. Todos estão entristecidos e inconformados com o que aconteceu.

Foi o que fizeram. Norberto foi o primeiro a assinar. Depois, Lia e Tereza saíram, foram conversar com os vizinhos que também assinaram. À tarde, já tinham o dinheiro necessário. Norberto foi ao banco e depositou.

Raquel, no hospital, passou o tempo todo dormindo. O médico achou necessário para que ela, no dia

seguinte, pudesse sair.

Com a ajuda de Lia e de Tereza, funcionários da funerária prepararam a sala de Raquel para receber os corpos que chegaram à noitinha.

Alguns dos vizinhos, ao lado de Tereza, Lia, Norberto e Manuel permaneceram ali, durante toda a noite.

No dia seguinte, antes das sete horas, Lia e Norberto saíram acompanhados pelo motorista de táxi que havia se comprometido a levá-los, sem cobrar, até o hospital.

Assim que chegaram, perguntaram por Raquel. Foram informados de que ela estava no quarto, esperando-os para ir embora.

Eles tomaram o elevador.

Raquel, após passar o resto do dia e a noite toda dormindo, estava desperta. O médico chegou cedo e foi até o seu quarto. Disse:

— Dona Raquel, vou dar alta para a senhora para que possa ir ao enterro, mas se sentir qualquer coisa, quero que volte imediatamente.

— Está bem, doutor. Vou fazer isso, mas, por favor, deixe que eu vá embora. Preciso ver o meu marido e o meu filho.

— Fique calma. A senhora vai, mas não se esqueça de que está em recuperação e que precisa se cuidar. Não pode se esquecer de que ainda tem dois filhos para criar. A senhora poderá ir embora, mas a criança, não.

— Por quê? Ele não está bem? Tem algum problema?

— Não tem problema algum e está muito bem e, para que continue assim, sem problema, precisa ficar mais alguns dias para ser monitorado. Daqui a três dias, se estiver tudo bem com ele, poderá levá-lo embora.

— Está bem, doutor, e obrigada...

— Vá com Deus. A senhora vai ter de ser muito forte. Tenha fé... Lágrimas surgiram nos olhos dela, mas ficou calada.

Em seguida, Lia e Norberto entraram no quarto. Pegaram a maleta que estava pronta. Raquel se despediu das companheiras e saíram.

Ao chegar a sua casa e ao ver as duas urnas mortuárias, Raquel estremeceu e se encaminhou para elas. Todos esperavam para ver qual seria sua reação. Ela se aproximou, olhou para o corpo de Francisco, depois para o de Mauro e permaneceu parada sem reação alguma, apenas olhando e pensando:

Isso não pode ter acontecido. Devo estar sonhando. Como vou continuar vivendo sem vocês? O que vai ser da minha vida? Como isso pôde acontecer? Onde está Deus? O que fiz para merecer isto!

Algumas pessoas estranharam aquela atitude. Pensavam que ela iria se desesperar, chorar e gritar. Agiram assim, porque não sabiam que ali, junto à Raquel, estavam Olímpia, Samuel e outras entidades que jogavam luzes de tranqüilidade sobre ela.

Após ficar ali, olhando para as urnas, Raquel se voltou para Lia que estava ao seu lado e perguntou:

— Onde está o Moacir?

— Está com Tereza. Achamos melhor não deixá-lo ver o pai e o irmão dessa maneira. Ele é ainda muito pequeno.

— Fizeram bem, Lia. Obrigada.

— Nem sei como agradecer. Vocês são minhas amigas de verdade. Lia ficou calada, apenas sorriu. Raquel voltou a olhar para Francisco:

Como isso foi acontecer, Francisco. Você é tão jovem. Disse que tínhamos muito tempo para termos a nossa menina. Agora está aí, tudo terminou. Por que Deus teve de tirar vocês dois? Sonhei tanto em ver Mauro crescer, ter sua família. Não entendo... Não consigo entender...

Raquel, devido aos remédios que havia tomado, não estava em seu estado normal.

Não sei, acho que estou sonhando. Isso não pode estar acontecendo. Sei que, a qualquer momento, vou acordar...

Ela permaneceu ali o tempo todo. Lia tentou fazer com que ela saísse, mas ela não aceitou:

— Você precisa se alimentar Raquel. Está fraca.

— Não, Lia, não estou com vontade. Quero ficar ao lado deles até o último minuto. Sei que, depois de hoje, nunca mais voltarei a vê-los...

— Isso não é verdade, Raquel.

Ao ouvir aquilo, Raquel se voltou e viu Catarina, a mãe de Martin, que acabava de chegar. Ela continuou falando:

— Assim que Martin me contou o que aconteceu, vim para cá.

— Obrigada, dona Catarina.

— Ouvi o que você disse Raquel, e volto a dizer que não é verdade. Você ainda vai ver o seu marido e seu filho. Eles apenas morreram.

Ao ouvir aquilo, Raquel ficou nervosa:

— Como vou ver? A senhora acaba de dizer que eles apenas morreram?

— É verdade, Raquel. Eles apenas morreram, mas isso não quer dizer que nunca mais os verá. Como todos nós, um dia, morreremos também, podemos dizer que só foram na nossa frente e que um dia você os reencontrará. O caminho de todos é o mesmo, Raquel. Alguns vão antes, outros depois, mas, um dia, todos iremos, não há como escapar.

— Quem pode ter certeza disso? Nem mesmo sabemos se a morte não é o fim de tudo! A única coisa que sei é que meu marido e meu filho estão aí nesses caixões e que serão enterrados! Só isso, dona Catarina! O resto é só conversa!

— Não, Raquel, isso não é verdade. Deus não nos criaria para vivermos apenas por alguns anos. Somos espíritos eternos e cada um de nós tem um tempo para viver aqui na Terra. Quando esse tempo termina, voltamos para o nosso verdadeiro lar.

Raquel, nervosa a ponto de estourar, falou:

— A senhora está tão calma e dizendo isso, porque não é seu filho nem seu marido que estão mortos! Se fosse, sei que agiria de maneira diferente e não aceitaria com tanta naturalidade uma conversa como essa! Esse Deus de que fala certamente não deve existir e, se existir, é muito mau! Por favor, dona Catarina, me deixe sozinha! Não venha com essa conversa!

Catarina entendeu o momento e se calou. Voltou-se para as urnas e, fechando os olhos, pensou:

Sei que aqui estão somente os corpos, pois os espíritos já devem ter sido levados. Que Deus os proteja nessa viagem. Só posso vibrar carinho para os dois e dizer um até breve. Também agradeço àqueles que os estão conduzindo.

Embora tenha permanecido ali até a hora do enterro, Catarina evitou falar com Raquel, que, por sua vez, permaneceu ao lado das urnas, olhando para os corpos.

Às duas horas da tarde, os corpos foram levados e sepultados. Raquel, cercada de muita luz enviada por Olímpia, Samuel e outros espíritos que ali estavam, acompanhou com lágrimas nos olhos, mas parecendo calma, o que, para muitos, foi motivo de surpresa. Após o enterro, vizinhos e parentes se aproximaram de Raquel, abraçando-a com carinho.

Ela, ainda parecendo sonhar, aceitou os cumprimentos. Depois, amparada por Lia e Norberto, foi para casa.

Ao chegar à sua casa, entrou. Foi para o quarto onde Mauro dormia, olhou para sua cama e, aí, sim, começou a chorar. Sentou-se na cama e relembrou os momentos em que outras vezes havia sentado para acordar o menino ou fazer com que dormisse.

Meu filho, isso não está acontecendo. Não pode estar acontecendo...

Ficou lá por muito tempo, depois, ainda chorando, foi para seu quarto e sentou-se sobre a cama.

Lia e Norberto a tudo acompanhavam. Em silêncio, respeitavam aquele momento.

Depois de algum tempo, Lia perguntou:

— Raquel, quer que eu fique aqui com você?

— Não, Lia obrigada. Estou cansada e me sentindo fraca. Acho que preciso comer alguma coisa e, depois, dormir um pouco. Prefiro que você e Tereza cuidem do Moacir. Vou ficar agradecida, sinto que não tenho condições nem vontade de cuidar dele.

— Não tem vontade?

— Infelizmente, não, Lia. Nem sei se ainda quero cuidar dele e do menino que nasceu, já que, a qualquer momento, podem morrer...

— Não fale assim, Raquel. São duas crianças lindas e precisam da mãe.

— Sei que, para a sociedade, eu precisaria demonstrar outra maneira de ser, mas não posso, Lia. Não posso dizer a você o que estou sentindo, neste momento, porque nem eu mesma me entendo. Só sei que não tenho vontade de ficar com meus filhos. Tenho medo de que morram também...

— Isso não vai acontecer, Raquel.

— Como pode saber, Lia? Hoje, pela manhã, eu estava feliz, esperando meu marido chegar para que visse o nosso filho e ele não chegou! Ele foi embora para nunca mais voltar! Meu filho foi com ele! Como posso continuar vivendo? Sei que vai dizer que é para cuidar dos outros que me restaram, mas e se eles morrerem também? Não quero, Lia, não quero sofrer mais!

— Isso não vai acontecer, Raquel! Seus filhos vão crescer e se tornarão homens de bem. Sei que será muito feliz ainda. É jovem, tem uma vida inteira pela frente. Por ora, não se preocupe com Moacir. Eu e a Tereza cuidaremos dele, mas acho que não pode ficar sozinha. Não está em condições...

— Está com medo de que eu me mate? Não precisa ter esse medo, não vou me matar. Sou covarde para isso. Vou ter de continuar vivendo, mas agirei diferente. Não vou mais ser aquela mãe extremosa, não vou!

— Você está nervosa e não sabe o que está dizendo. Daqui a alguns dias, voltará ao normal.

— Tomara, Lia, tomara...

— Está mesmo bem? Quer mesmo ficar sozinha?

— Quero, Lia. Não se preocupe não vou me matar, apenas quero dormir, somente isso.

— Está bem. Preciso ir ajudar Tereza. Ela deve estar maluca cuidando do Moacir. Sabe como ele é terrível!

Ela não está mais acostumada com criança pequena. Os filhos dela já estão grandes.

— Pode ir. Quando eu acordar, vou estar melhor e vou até lá...

— Antes de dormir, precisa comer. Vou até a casa da Tereza para ver se ela tem alguma coisa para você comer. Estou fora de casa desde ontem, não preparei nada.

Ela estava saindo quando Tereza entrou:

— Como você está Raquel?

— Um pouco tonta, achando ainda que tudo não passou de um sonho ruim.

— Essa tontura deve ser por ter acabado de dar à luz e também por estar sem comer. Eu trouxe um pouco de comida. Não é lá grande coisa, mas foi o que fiz para o nosso jantar.

— Não estou com fome, Tereza.

— Com fome ou não, precisa comer. Venha, vamos até a cozinha. Na cozinha, sentaram-se.

— A comida está aqui, Raquel. Coma logo aproveite que ainda está quente.

Raquel olhou para o prato que ela lhe mostrava. A aparência e o cheiro estavam bons, mas ela não sentia fome. Sabendo que elas não a deixariam em paz enquanto não comesse, pegou um garfo e conseguiu comer um pouco.

Quando terminou de comer, olhou para Tereza que disse:

— Agora que comeu, já pode se deitar e tentar dormir.

Lia sorriu, beijou a testa de Raquel e saiu acompanhada por Norberto e Tereza que, assim como ela, estavam preocupados.

Raquel deitou-se e, exausta, pouco depois, adormeceu.

## Atraindo companhia

Olímpia, ao ver que Raquel havia adormecido, ficou, por um tempo, ao seu lado, jogando luzes de paz e de amor. Samuel, que havia se a instado, voltou e perguntou:

— Como ela está Olímpia?

— Pode imaginar Samuel. Não está aceitando nem entendendo o que aconteceu.

— Isso era de se esperar. O importante é que, agora, ela consiga continuar sua vida sem Francisco. Ela não sabe, mas ele a acompanhou nesta jornada, apenas para colocá-la em condições de seguir sozinha.

— Espero que consiga Samuel. Gostaria de poder interferir e ajudá-la.

— Sabe que não pode Olímpia. Não pode interferir nas escolhas que ela fará. Isso depende somente dela.

— Neste momento, Samuel, como ela pode decidir? Não tem condições.

— Ela terá todo o tempo de que precisar. Você sabe que nosso Pai não tem pressa. Tudo o que está acontecendo estava previsto. Ela sabia e aceitou antes de renascer. Ela mesma, ao nosso lado, planejou como seria sua encarnação, como fazem todos os espíritos, antes de nascer.

— Sei disso, Samuel, mas, quando encarnados, tudo é diferente, é mais difícil.

— Sabemos disso, Olímpia, mas nada é impossível. Estamos aqui e ficaremos ao lado dela até o último momento. Usaremos de todas as maneiras para ajudá-la sem, contudo, interferir nas suas escolhas.

— Sabe como amo essa menina.

— Nós a amamos, Olímpia. Por isso, ficaremos ao seu lado, torcendo para que faça as escolhas certas.

— Acha que devemos acordá-la agora, Samuel?

— Não, Olímpia. Ela não está em condições de nos ouvir. Além do mais, seu corpo precisa de descanso. Não se esqueça de que ela acabou de dar à luz.

— É verdade, Samuel. Marcos será mais uma prova a qual precisará vencer.

— A maior das provas. Tomara que, desta vez, consiga. Eles viverão juntos e o mais importante é que haja o resgate e o perdão.

— Essa é a parte mais difícil, não é, Samuel?

— É sim, Olímpia, mas, com a nossa ajuda, não será impossível.

— Francisco e Mauro, como estão?

— Por ora, estão dormindo. Sabemos que, a princípio, não entenderão, mas não estarão sozinhos. Seus amigos estarão velando por eles.

— Inclusive nós, não é?

— É isso mesmo, Olímpia. Inclusive, e principalmente, nós.

Olímpia olhou para Raquel, sorriu e disse:

— Está passando por um momento difícil, minha filha, mas logo tudo passará e você ficará bem. Neste momento, tomara que consiga fazer a escolha certa. Eu gostaria de poder interferir, mas não posso. Todos têm o seu livre-arbítrio e ele pertence a cada um.

— É verdade, Olímpia. Embora, muitas vezes, sintamos vontade de interferir, não podemos. Podemos, sim, ficar ao lado dela, enviando-lhe bons pensamentos que, infelizmente, nem sempre são ouvidos, mas é tudo o que podemos fazer.

— Ela vai ter dificuldade, Samuel. Afinal, acabou de perder o marido e o filho. Não é fácil aceitar.

— Você tem razão, Olímpia. Nós sabemos que tudo estava previsto, que tanto Francisco como Mauro renasceram para ficarem ao lado dela até que estivesse pronta para continuar. Eles, embora não precisassem, aceitaram de bom grado renascer.

Agora, o tempo chegou. Ela está em condições de fazer suas escolhas e eles puderam voltar para casa e continuar com seus próprios projetos.

— Você sabe que não é fácil. Nós sabemos de tudo isso, mas Raquel não. Sabe que, quando o espírito vive na carne, esquece-se de seus compromissos e das escolhas feitas antes de renascer.

— É verdade, mas, esquecendo-se ou não, o planejado será cumprido. Agora, preciso ir embora. Quero estar ao lado de Francisco e de Mauro, quando acordarem.

— Faça isso, Samuel. Eu continuarei aqui ao lado dela.

Ele sorriu, olhou mais uma vez para Raquel que dormia e foi embora. Olímpia olhou novamente para Raquel:

Vou ficar sempre ao seu lado, minha filha, e farei tudo o que estiver ao meu alcance para que consiga vencer.

Embora dormindo, Raquel sentiu um bem-estar enorme, sorriu, virou-se na cama e se acomodou sob as

cobertas. Olímpia permaneceu ali.

Raquel dormiu profundamente e só acordou às onze horas daquela noite. Aos poucos, lembrou-se do que havia acontecido. Olhou para o lado da cama onde Francisco dormia. Lágrimas surgiram em seus olhos. Por que isso aconteceu, Francisco? Por que você teve de me deixar? Depois de tanto tempo de vida juntos e de tanta felicidade. Você foi o melhor marido que uma mulher poderia desejar. Por que nosso Mauro teve de morrer também? Não entendo por que Deus está me castigando dessa maneira. Não sou uma pessoa ruim, sempre me preocupei somente com a nossa vida e a dos nossos filhos. Não sei o que vai ser da minha vida... Não sei se ainda quero continuar vivendo... Levantou-se, foi até a cozinha, olhou para o fogão e viu que algumas brasas ainda ardiavam e que, ao lado, havia uma chaleira com água quente.

Pegou um pouco de chá que estava dentro de um pote sobre um prateleira. Colocou em uma xícara e jogou água quente por cima. Adoçou e, com a xícara na mão, foi até o quarto de Mauro. Olhou para a cama e para alguns brinquedos que estavam espalhados pelo chão. Chorando, começou a recolhê-los.

Meu filho, você era uma criança tão boa e linda. Por que isso teve de acontecer? Eu tinha feito tantos planos para você. Queria que crescesse, queria que se casasse e que tivesse muitos filhos. Nada disso será possível. Por quê? Por quê?

Ficou ali por algum tempo, chorando e lembrando-se das coisas que ele falava e de como ria e a abraçava. Não quero mais viver sem você e sem o seu pai. Não quero acompanhar o crescimento de seus irmãos. Tenho medo de que, a qualquer momento, possam morrer como aconteceu com vocês...

Voltou para o seu quarto, deitou-se. Olímpia, que acompanhou todos os seus passos, voltou a jogar luzes brancas e Raquel dormiu quase que imediatamente.

No dia seguinte, um pouco depois das sete horas, ela acordou.

Levantou-se. Foi para a cozinha, avivou as brasas de carvão e colocou água para ferver. Enquanto a água esquentava, ela se sentou em uma cadeira:

Sei que o certo seria ir buscar Moacir, mas não estou em condições de cuidar dele. Vou pedir à Lia para ficar com ele, por hoje. Amanhã, talvez eu me sinta melhor. A água ferveu, coou o café, pegou um pedaço de pão que estava sobre a mesa, esquentou na brasa do fogão, passou manteiga, comeu e bebeu o café. Depois, voltou para seu quarto e deitou-se novamente. Ficou deitada de costas, olhando para o teto.

Não consigo entender nem me conformar, Francisco. Logo agora que a marcenaria ia tão bem e que você estava com tantos projetos. Como tudo pôde acabar assim tão de repente?

Estava assim, pensando, quando Lia chegou com Moacir. Como a porta da cozinha estava aberta, chamou:

— Raquel?

Raquel, ao ouvir, levantou-se e foi até ela:

— Bom-dia, Raquel. Desculpe por eu ter vindo tão cedo, mas Moacir acordou e quis ver você.

— Bom-dia, Lia. Não se preocupe pelo horário, eu estava acordada. Olhou para Moacir, abriu os braços. O menino correu para ela, que o abraçou fazendo um esforço imenso para não chorar.

— Já tomou café?

— Já, mãe. A dona Lia me deu.

— Que bom.

O menino se afastou da mãe e foi para o quarto de Mauro. Voltou em seguida:

— Mamãe, onde está o Mauro e o neném que a senhora foi comprar?

Lia olhou para Raquel que disse:

— O Mauro foi viajar com o papai e o neném ainda está no hospital. Quando o médico deixar, eu vou buscá-lo.

— Como é o nome dele?

— Marcos. Ele vai brincar com você.

O menino, calado, foi para seu quarto, pegou um brinquedo e começou a brincar.

Lia, segurando no braço de Raquel, perguntou:

— Como você está Raquel?

— Pode imaginar, Lia. Completamente perdida.

— Logo você vai voltar ao normal. Falando nisso, Norberto quer saber como vai ficar a marcenaria.

— Não sei, Lia. Não estou interessada, não quero saber. Ele, se quiser, continue trabalhando.

— Não pode ser assim, Raquel. Você precisa assumir o lugar do Francisco.

— Não quero saber, Lia. Não quero mais nada!

— Você tem dinheiro?

— Não sei. Quem cuidava disso era Francisco.

— Precisa saber Raquel.

— Para quê?

— Para cuidar da sua vida e da dos seus filhos. Você ajudava Francisco, precisa continuar ajudando Norberto. Ele sabe trabalhar como marceneiro, mas não sabe vender. Você sabe e sempre foi muito trabalhadeira.

— Para que trabalhei tanto, Lia? Para que meu marido e filho morressem? Não sei se vale à pena tanto sacrifício.

— Claro que vale Raquel. Seu marido e seu filho morreram, mas restaram Moacir e Marcos. Eles precisam viver e cabe a você fazer com que isso aconteça.

— Não tenho mais forças. Estou cansada. Para ser sincera, a única coisa que quero neste momento, é morrer também.

— Não fale assim. Você precisa cuidar de seus filhos.

— Será que você pode me fazer um favor, Lia?

— Pode falar.

— Poderia ficar com Moacir por alguns dias. Preciso ficar sozinha, preciso pensar...

— Não tenho problema algum em cuidar do Moacir. Sabe que, como não tenho filhos, adoro os seus, mas acho que não é bom, para você, ficar sozinha.

— Não se preocupe comigo, Lia. Não vou fazer loucura alguma. Só preciso de um tempo para poder pensar e ver que rumo vou dar à minha vida.

— Está bem, eu vou cuidar dele. Quando você pode ir buscar o neném no hospital?

— O médico disse que ele precisa ficar por três dias e que depois, se tudo estiver bem, posso trazê-lo.

— Tudo isso?

— Também achei muito, mas acho que ele fez isso, por saber o que aconteceu e que eu não estaria em condições de cuidar de um recém-nascido.

— Deve ter sido isso, mesmo. Está bem. Vou cuidar do Moacir por esses dias, Mas, quando o neném chegar, você vai precisar cuidar dele.

— Vou fazer isso...

— Só temos um problema, Raquel.

— Qual?

— Moacir não vai querer ficar comigo. Hoje, pela manhã, quando acordou, chorou que queria você.

— Vou conversar com ele.

Assim dizendo, foi até o quarto onde Moacir brincava.

— Moacir, a mamãe precisa conversar com você.

O menino largou o carrinho com o qual estava brincando, olhou para a mãe e ficou esperando.

— Moacir, a mamãe vai ter de fazer uma viagem e você vai ficar com a Lia e a Tereza.

— Eu não posso ir junto?

— Não, meu filho. Eu vou para muito longe e você ia ficar muito cansado.

— A senhora vai demorar?

— Não, só alguns dias.

O menino quis chorar, mas Lia pegou-o no colo:

— Não precisa chorar Moacir. Eu e você vamos passear e brincar muito. Vou fazer aquele bolo de que você tanto gosta.

O menino, ao lembrar-se do bolo, sorriu.

Raquel olhou para Lia que sorriu e, voltando-se para o menino, disse:

— Vamos, Moacir? Vamos fazer o bolo?

O menino estendeu a mão que ela pegou e saíram. Raquel ficou olhando-os sair. Depois, foi até o fogão, pegou um pouco de café e foi para o quarto. Deitou-se e começou a chorar. Sob a interferência de Olímpia, voltou a dormir.

Daquele dia em diante, ela só fazia isso. Chorava e dormia.

Olímpia, preocupada, continuou ao seu lado. Dois dias se passaram. Lia, para evitar que Moacir soubesse que ela estava em casa, não foi até lá.

Raquel acordou quase às dez horas. Foi até a cozinha, tomou um copo de água e voltou para a cama.

Olímpia, preocupada com Raquel, foi até a casa de Lia que, enquanto Moacir brincava no quintal, conversava

com Tereza. Olímpia se aproximou, estendeu a mão sobre elas e falou:

— Raquel não está bem. Vocês precisam ir até lá.

Como elas estavam conversando, a princípio não ouviram. Olímpia repetiu várias vezes, até que Lia disse:

— Como será que a Raquel está Tereza?

— Não sei. Você disse que ela queria ficar sozinha, por isso não fui até lá.

— Estou com pressentimento de que ela não está bem. Você pode ficar com Moacir para que eu possa ir até lá e ver como ela está?

— Claro que posso, Lia. Também estou preocupada!

— Vou agora mesmo.

Ela saiu apressada.

Assim que chegou, ficou assustada. A casa estava escura, pois Raquel não havia aberto as janelas. A porta estava fechada. Nervosa, bateu com força.

Bateu várias vezes até que Raquel, que dormia, ouviu, levantou-se e abriu a porta.

— Puxa Raquel, estava preocupada!

— Preocupada por que, Lia?

— Você demorou em abrir a porta!

Raquel sorriu:

— Pensou que eu estivesse morta?

— Para ser sincera, pensei, sim.

— Infelizmente, não estou, Lia. Estava apenas descansando.

Lia olhou em volta e viu que a pia estava com muita louça suja e o fogão com as brasas apagadas.

— Raquel, não estou vendo comida. Você comeu alguma coisa?

— Claro que comi.

— Comeu o quê?

— Pão com manteiga - mentiu.

— Só isso?

— Não tenho sentido fome.

— Não pode continuar assim. Esta casa está cheirando mal e você também. Tomou banho?

— Não, acho que esqueci.

— Vou acender o fogo, esquentar água e você vai tomar um banho agora!

— Não precisa se preocupar Lia. Vou fazer isso. Estou cansada, também acabei de ter uma criança. Isso é normal.

— Não é normal, Raquel! Não vou embora, antes que tome banho!

— Não fique preocupada, Lia, estou bem.

— Não está não, Raquel! Depois que eu acender o fogo e enquanto toma banho, vou até a minha casa pegar um prato com comida e trazer para você.

Precisa se alimentar!

Raquel, conhecendo-a e sabendo que não a deixaria em paz, concordou:

— Está bem, Lia, vou ajudar você.

Enquanto Lia acendia o fogo, Raquel foi até o poço de água, desceu um balde que estava preso em uma corda e trouxe água para cima. Encheu uma lata que estava ali e entrou em casa.

O fogo, embora aceso, ainda não estava em brasa. Lia ajudou Raquel com a lata que foi colocada sobre o fogo que ardia.

Enquanto a água esquentava, Lia abriu as janelas da casa, pegou uma vassoura e disse:

— Vamos dar uma limpada nesta casa, Raquel.

Enquanto Lia varria a casa, Raquel, a contragosto, lavava a louça que estava sobre a pia e a mesa.

Antes de terminarem, a água estava quente. Lia pegou uma bacia grande que estava no banheiro, colocou água quente.

— Agora pode tomar banho, Raquel. Vou até em casa e, quando eu voltar, você vai comer!

Raquel entrou no banheiro, tirou a roupa e começou a tomar banho. Quando Lia voltou, trazia um prato com comida e Raquel já havia tomado banho, trocado de roupa e estava penteando os cabelos longos.

— Agora, sim, você está com aparência de gente, Raquel!

— Estou me sentindo bem, Lia, e com fome!

— Então, coma, não é muito, apenas arroz, feijão e um pedaço de carne que cozinhei.

— Está ótimo, Lia! Obrigada!

Raquel estava mentindo, não se sentia bem nem estava com fome, mas se esforçou para que Lia fosse embora.

Foi o que aconteceu. Lia, ao ver que Raquel estava comendo e parecendo bem, disse:

— Parece que você está bem. Preciso ir embora, deixei Moacir com a Tereza.

— Como ele está?

— Esta bem, pergunta sempre por você e eu respondo que vai voltar logo.

— Amanhã, acho que vou estar bem, aí, vou buscá-lo.

— Não tenha pressa. Somente se cuide para retomar sua vida.

— Obrigada por tudo o que está fazendo, Lia.

— Não precisa agradecer amigo é para essas horas, não é?

Raquel não respondeu, apenas sorriu.

Assim que Lia saiu, Raquel largou o prato com comida, fechou as janelas da casa, voltou para o quarto e se deitou. No mesmo instante, deitaram-se ao seu lado dois vultos de mulher que, chorando, diziam:

— Ela não pode estar bem. O seu marido morreu e o filho também. Coitada...

— Tem razão, como pode estar bem? Eu sei como é esse sofrimento. Também perdi meu marido. Ele morreu antes de mim e não consigo encontrá-lo. Precisamos ficar ao lado dela para que possa sofrer, assim como nós...

— É verdade. Também estou procurando meu filho. Você perdeu seu marido e eu que perdi o meu filho? Não existe dor maior do que essa...

— Tem razão. Ela está sofrendo assim como nós. Vamos ficar aqui junto dela.

Imediatamente, uma nuvem negra envolveu todo o quarto e, principalmente, Raquel, que começou a chorar e a pensar:

Não posso ficar bem. Meu marido e meu filho foram arrancados de mim!

Olímpia, ao ver aquilo, tentou jogar luzes para limpar o ambiente, mas não conseguiu. A nuvem negra era espessa demais e não permitia que as luzes a atravessassem. Desesperada, pensou em Samuel, que chegou imediatamente e, ao ver Raquel cercada por aquela nuvem densa, preocupado, perguntou:

— O que aconteceu aqui, Olímpia?

— Raquel se entregou à tristeza, ao inconformismo e atraiu essas duas irmãs que, como ela, estão tristes. Envolveram-na completamente e eu não estou conseguindo afastá-las. Estou com medo de que elas consigam induzi-la ao suicídio.

— Isso era de se esperar. Raquel deveria fazer uma escolha e escolheu. Você sabe que, em casos assim, muito pouco podemos fazer. Somente Raquel poderá reagir contra a tristeza, o inconformismo e a depressão. Não se esqueça da Lei do livre-arbítrio, Olímpia.

— Às vezes, acho que essa Lei é injusta, Samuel.

— O que está dizendo, Olímpia?

— Isso que você ouviu. Muitas vezes essa Lei é injusta.

— Por que você a acha injusta, Olímpia?

— Na situação em que Raquel se encontra depois de tudo o que aconteceu, de ter perdido o marido e o filho, como se pode exigir que ela não fique triste, não se entregue ao desespero e, conseqüentemente, à depressão?

— Não estou entendendo o que está dizendo, Olímpia. Você sabe que ela não perdeu o marido e o filho. Sabe que eles viveram ao lado dela o tempo necessário.

Eles estão vivos espiritualmente e logo poderão visitá-la. Sabe que, um dia, ela os reencontrará e que, por enquanto, ela precisará seguir sozinha para resgatar seus enganos passados. Sabe que eles renasceram apenas para colocá-la no caminho.

— Vivendo no plano espiritual, aqui onde vivemos, é fácil entender, mas, quando se está encarnado, é difícil, Samuel. Não consigo me esquecer de que, quando vivi do outro lado, sofri e tive dificuldade para aceitar as coisas que me aconteceram. Não podemos nos comparar com os encarnados, eles não têm o mesmo conhecimento que nós.

— É exatamente por, quando encarnados, não termos conhecimento que conseguimos vencer as nossas fraquezas com a liberdade de escolhas. Não existe Lei mais justa do que essa, Olímpia. Raquel está, sim, passando por momentos difíceis e, por isso, atraiu outros espíritos que, assim como ela, não aceitaram passar por aquilo que eles mesmos escolheram antes de renascer. Não aceitaram, quando encarnados, e trouxeram consigo o sofrimento e a depressão, por isso, continuam vagando sem seguir, sem aprender e sem se preparar

para uma nova encarnação. Cabe à Raquel, somente a ela, conseguir reagir e afastar essa companhia. Quanto a você, pelo que está pensando, é necessário que reflita como espírito conhecedor das Leis Divinas e ajude não só à Raquel, mas a essas duas irmãs que também estão perdidas e sofrendo.

— Sabe que me comprometi a ficar ao lado de Raquel durante toda sua encarnação, mas não sei se estou preparada. Existem coisas que não consigo aceitar.

— Nossas dúvidas nunca terminam Olímpia. O espírito encarnado, ou não, é um eterno insatisfeito. Está sempre à procura de mais respostas, portanto, de mais conhecimento.

— Você acha que, por causa das minhas dúvidas, não estou conseguindo atingir Raquel com minhas luzes?

— Por que está me perguntando isso, Olímpia?

— Porque, se eu não puder ajudá-la, preciso de uma reciclagem, acho melhor que outro venha e permaneça ao seu lado.

— Não, Olímpia, não existe outro melhor do que você para ficar ao lado de Raquel. Nas condições em que ela se encontra, luz alguma conseguirá ultrapassar essa nuvem negra e densa. Precisamos encontrar outra maneira de atingi-la.

— Que maneira, Samuel?

— Ela não consegue nos ouvir. Suas energias estão bloqueadas, precisamos de energia mais densa que só um espírito encarnado possui.

— Está pensando em usar um encarnado para conversar com ela?

— Isso mesmo. Fique aqui. Vou a um lugar. Conheço um espírito que está encarnado, mas possui todas as qualidades para fazer esse trabalho. Ele poderá ajudar não só a Raquel, mas também a essas duas Irmãs. Enquanto eu não voltar, continue tentando fazer com que sua luz chegue até elas.

— Está bem, vou fazer isso.

Samuel sorriu e, com a ponta do dedo, enviou um beijo para Olímpia e desapareceu. Ela olhou para as três que estavam unidas e ficou enviando luzes.

## Esclarecimento

O escritório de Martin ficava ao lado da casa de sua mãe, por isso, todos os dias, ele almoçava com ela. Quando chegou, a comida já estava pronta e a mesa colocada. Ele sentou-se e começou a comer. No mesmo instante, Samuel chegou e estendeu a mão em direção à Catarina, que perguntou:

— Tem notícias de Raquel, Martin?

— Não, mamãe. Não tive tempo de ir até lá, mas deve estar bem, ela é forte.

Ainda sob a influência de Samuel, ela continuou:

— Estou pensando muito nela. Estou sentindo que preciso fazer uma visita para ver como ela está.

— Já conheço esses sentimentos, mamãe - ele disse, rindo.

— Também conheço, por isso preciso me apressar. Assim que terminarmos de almoçar, vou até a casa dela.

— Faça isso, mamãe, depois me conte o que aconteceu.

— Vou contar.

Terminaram de almoçar, Catarina nem tirou a mesa e saiu junto com Martin que foi para o escritório, enquanto ela tomava um ônibus. Samuel voltou para junto de Olímpia e de Raquel:

— Como ela está Olímpia?

— Da mesma maneira, Samuel. Está totalmente envolvida pelas energias de tristeza, abandono e revolta que são dela, mas, muito mais, dos espíritos das mulheres que a estão acompanhando. Ela não nos ouve, mas ouve a elas. Estou preocupada, pois, se continuar assim, talvez perca totalmente a consciência, não consiga voltar ao que era e, portanto, não poderá continuar esta encarnação, o que seria uma pena.

— Você está certa, mas não perca a fé. Raquel, muitas vezes, já demonstrou a sua força. Ela só está passando por um momento ruim, mas, com a nossa ajuda, vai se recuperar. Como ela está envolvida por essa energia e não consegue nos ouvir, pedi à Catarina para que viesse. Ela deve estar chegando e, sob nossa influência, Raquel a ouvirá.

— Eu não conheço Catarina, Samuel.

— Sei disso, mas ela já me ajudou muitas vezes. Ela é muito dedicada.

— Estou curiosa. Quero conhecê-la.

— Espere só mais um pouco. Ela está chegando.

— Meia hora depois, Catarina chegou ao portão da casa de Raquel. Bateu palmas várias vezes, mas ninguém atendeu.

Empurrou o portão e ele se abriu. Entrou e caminhou até a porta principal da casa, bateu.

Raquel ouviu, ia se levantar, mas uma das mulheres disse:

— Não se levante! Você não quer falar com ninguém! Está muito bem aqui na cama! Fique quieta, pois só assim poderá ter calma e paz...

Raquel aconchegou-se sob o lençol e fechou os olhos. Catarina insistiu, batendo várias vezes. Vendo que Raquel não atendia, pensou:

Ela não deve estar em casa. Vou embora e voltarei outra hora. Voltou-se para sair, quando Samuel e Olímpia estenderam as mãos sobre ela. Samuel disse:

— Não vá embora, Catarina. Ela está em casa.

Catarina olhou para a maçaneta da porta e tentou abrir. A porta que Lia havia deixado destrancada se abriu. Catarina entrou, chamando:

— Raquel! Você está em casa?

Sob a influência das duas mulheres, Raquel não respondeu e fingiu dormir.

Catarina caminhou pela casa e chegou ao quarto. Foi até a cama e, com a voz baixa, chamou:

— Raquel... Raquel...

As entidades tentaram afastar Catarina, mas a sua própria luz junto com as luzes de Samuel e Olímpia as jogaram para longe.

Elas, assustadas, encostaram-se em uma das paredes e ficaram observando.

Catarina voltou a chamar:

— Raquel... Você está dormindo?

Raquel, percebendo que ela não iria embora, abriu os olhos.

— Acordei dona Catarina, mas o que está fazendo aqui?

— Vim fazer uma visita para você e ver como está.

— Não precisava, dona Catarina, estou bem.

— Por que está deitada a esta hora do dia?

Raquel ficou nervosa, sentou-se na cama e, com a voz ríspida, respondeu:

— Estou cansada! Só fico bem quando estou dormindo, pois assim não penso em tudo o que aconteceu!

Catarina olhou em volta, não viu, mas sentiu que ali havia entidades com energias pesadas. Com a voz calma, antes de responder, pensou: Você não está sozinha, Raquel. Depois disse:

— Tem razão, Raquel. Você tem motivos para esquecer e sofrer. Eu diria até para não continuar vivendo...

Olímpia, ao ouvir aquilo, arregalou os olhos:

— O que ela está falando, Samuel? Ela está louca? Samuel começou a rir.

— Você está há pouco tempo fazendo esse tipo de trabalho, por isso não conhece a maneira como Catarina age.

Catarina que, embora não os visse, sabia que estava sendo protegida por espíritos de luz, continuou falando:

— Você tem motivo para querer dormir e esquecer o que aconteceu, Raquel.

— A senhora acha isso, mesmo? Não vai dizer que eu tenho de me conformar com o que aconteceu? Que devo continuar a minha vicia, que tenho dois filhos para cuidar, como todos falam?

— Não, Raquel, não vou falar isso. Só estou aqui para ver como você está.

— Ainda bem, dona Catarina. Não agüento mais ouvir as pessoas dizerem que está tudo bem, quando, na realidade, nada está bem!

— Claro que não está, mas poderá ficar pior, não é?

— Como pior?

— Nada, só pensei algo, mas foi bobagem.

— Agora estou curiosa, a senhora precisa me contar o que pensou.

— Não foi nada, Raquel. Sabe que moro longe daqui, almocei e ai em seguida sem tomar café. Você tem café coado?

— Tenho, mas nem me lembro quando coei, se a senhora quiser, posso coar um fresco.

— Se fizer isso, vou ficar agradecida. Costumo tomar café e, se não tomar, vou ficar com dor de cabeça.

— Está bem, vou coar. Vamos até a cozinha?

As entidades novamente tentaram se aproximar. Uma delas gritou:

— Não faça isso, Raquel! Não se levante! Ela está enganando você!

Raquel, cercada pela energia de Catarina e dos outros, não as ouviu. Levantou-se, passou as mãos pelos cabelos, empurrando-os para trás, e, acompanhada por Catarina, caminhou em direção à cozinha. As entidades, ainda tentando falar com Raquel, as acompanharam e, na cozinha, ficaram encostadas em uma das paredes.

Na cozinha, Raquel viu que o fogão estava apagado.

— Vai demorar um pouco, dona Catarina, preciso acender o fogo.

— Não se preocupe com isso, Raquel. Tenho todo o tempo que for preciso.

Raquel sorriu. Pegou alguns pedaços de carvão, colocou no fogão, jogou um pouco de álcool e acendeu. A chama, a princípio, ficou alta, depois, foi se apagando e o carvão foi se transformado em brasa. Raquel colocou a chaleira sobre o fogo e disse:

— Logo a água vai ferver.

— Vamos esperar Raquel. Enquanto isso, não quer se sentar? Podemos conversar um pouco.

Raquel se sentou. Catarina olhou dentro de seus olhos e disse:

— Você tem razão em não querer ouvir as pessoas dizendo que deve se conformar e continuar com sua vida. Você precisa entendê-las, Raquel. Elas, por mais que tentem, não conseguirão entender a enorme dor que você está sentindo.

— É isso, dona Catarina! Ninguém pode imaginar! Como posso seguir a minha vida sem Francisco? Sem meu filho?

— É difícil mesmo, Raquel. Acho que tem direito de sofrer o quanto quiser. Deve ficar em casa sem querer conversar com ninguém e deve ficar chorando, derramar todas as lágrimas, até que elas sequem. Olímpia, a cada palavra de Catarina, olhava para Samuel com os olhos arregalados.

— Você não pode deixar que ela continue falando, Samuel! Ela não está ajudando, está incentivando Raquel a continuar da maneira como ela está e nós sabemos que não é bom para ela, que só vai lhe fazer mal...

Samuel voltou a sorrir.

— Continue ouvindo, Olímpia.

Raquel, confusa, perguntou:

— A senhora está me dando razão, dona Catarina?

— Estou Raquel. Assim como as outras pessoas, por mais que tente, não consigo imaginar o que está sentindo. Dever ser uma dor muito grande, mesmo...

— Pois é como posso agir da maneira que querem? Agir como se nada houvesse acontecido? As pessoas não entendem que perdi meu marido e meu filho!

— Será que perdeu, mesmo, Raquel?

— Claro que sim! Sei que a senhora vai me dizer que não estão perdidos, que poderei vê-los um dia, quando morrer, mas não acredito nisso! É tudo conversa de religião!

— Não estou aqui para falar em religião nem para tentar convencer você de coisa alguma. Estou aqui somente para ver como você está.

Raquel ficou nervosa:

— Ainda bem, dona Catarina. Pois, por mais que alguém tente, não vai conseguir me convencer de que preciso me conformar! Eu nunca vou me conformar! Nunca!

— E não deve mesmo, Raquel! Como pode se conformar com uma injustiça igual a essa?

Olímpia, ao ouvir aquilo, com força, apertou o braço de Samuel:

— Ela não pode falar isso, Samuel!

— Calma Olímpia. Catarina ainda não se despediu, não foi embora. Olímpia, nervosa, olhou para as entidades que riam satisfeitas.

Uma disse para a outra:

— Viu Maria, estamos certas! Fizemos bem em nunca termos nos conformado!

— Olhe o que Catarina está fazendo, Samuel! Além de não ajudar Raquel, está dando a entender a essas entidades que a acompanham que estão certas, quando, ao contrário, devia aproveitar este momento e ajudar a todas elas!

— Já disse que você precisa ter calma, Olímpia. Vamos esperar e ver o que acontece.

Catarina continuou:

— Estou pensando em algumas coisas que Martin me contou a respeito de Francisco.

Raquel, surpresa, olhou para ela e perguntou:

— Martin falava a respeito de Francisco?

— Muito. Ele admirava a dedicação dele e sempre falava como era trabalhador e que ele não se importava de trabalhar dia e noite, desde que conseguisse dar a você e às crianças uma boa vida.

— Isso é verdade...

— Disse que Francisco também admirava muito a você.

— A mim, como?

— Ele dizia que você, além de ser uma ótima esposa, era também uma companheira para todos os momentos e que fazia de tudo para ajudá-lo. Dizia que você era forte, decidida e que devia à sua ajuda o sucesso da marcenaria. Disse a Martin que, sem você, ele não conseguiria, que, mesmo quando você não estava trabalhando, sempre o incentivava.

Raquel voltou a chorar:

— Ele é quem foi um marido maravilhoso, dona Catarina...

— Que fez de tudo para que você e as crianças fossem felizes...

— Por isso não é justo ele ter morrido da maneira como morreu!

— Pode não ser justo, mas ele morreu Raquel, e isso não pode ser mudado.

— Sei que não pode ser mudado, mas não me conformo...

— Eu também, na sua situação, não sei se me conformaria, mas quem somos nós para entendermos os motivos de Deus.

Raquel ficou furiosa:

— Que Deus, dona Catarina? Como um Deus pode fazer uma maldade igual a essa? Matar um homem que vivia somente para sua família? Que Deus é esse que permitiu que meu filhinho morresse com toda a vida pela frente? Não, dona Catarina. Sempre fui uma pessoa religiosa e temente a Deus, mas hoje, nem sei se acredito que exista, realmente, um Deus!

— Se pensarmos dessa maneira, você tem razão, Raquel. Deus não deve existir mesmo...

Olímpia, nervosa, apertou o braço de Samuel mais uma vez. Ele olhou para ela e sorriu. Raquel, ao ouvir aquilo, disse:

— A senhora concorda comigo? Também acha que Deus não existe?

As entidades ficaram olhando firmemente para Catarina, esperando sua resposta.

— Eu disse que, se pensarmos da maneira como você está pensando, Raquel...

— Existe outra maneira de se pensar?

— Eu penso diferente.

— Como a senhora pensa?

— Para responder a essa pergunta, eu precisaria falar da Doutrina que sigo há muito tempo e, como você disse, isso não interessa a você e não é por esse motivo que estou aqui.

— Mesmo assim, gostaria de saber o que a senhora pensa.

— Diante do que aprendi e acredito, Deus é o nosso criador e nos ama muito. Para mim, somos espíritos devedores e errantes, caminhando em direção à Luz Divina, em busca do amanhã.

— O que a senhora está querendo dizer? Não estou entendendo.

— Você disse que é religiosa, portanto deve acreditar que temos um espírito ou alma, não é?

— Acredito.

— Acreditando nisso, deve pensar no que acontece com nosso espírito, quando morremos.

— Sim, vamos para o céu, para o inferno ou para o purgatório.

— Eu penso diferente, mas não tem importância. O importante é que sabemos que nosso espírito vai para algum lugar e ficará lá, não é?

Raquel não respondeu, apenas acenou com a cabeça.

— Sendo assim, se o espírito vai para algum lugar e permanece ali, quando morrermos iremos ao seu encontro.

— Isso é teoria, a senhora não pode provar.

— Talvez não, mas é nisso que acredito.

— E se não existir tudo isso? E se, quando morrermos, tudo se acabar e não restar nada?

— Se isso acontecer, é porque nada do que aceitarmos existe realmente, nem sequer Deus.

— Deus existe!

— Claro que existe! Sendo assim, já acreditamos que Deus existe. Você acha que ele nos criaria para vivermos apenas alguns anos aqui na Terra e depois nos destruiria?

Novamente, Raquel não respondeu, apenas ficou pensando.

— Você acha que Deus se daria a todo esse trabalho de nos criar para nada?

Raquel continuou pensando.

— Por isso, eu acredito que Deus é um pai amoroso e que nos ama muito. Já ouviu sobre a parábola dos talentos, não ouviu?

— Sim, ouvi muitas vezes.

— Na parábola, um senhor, como ia viajar, deu a três servos moedas com a liberdade de que gastassem como quisessem e, quando voltasse, viria o resultado, o que eles haviam feito com a moeda. Os dois primeiros servos saíram e dobraram as moedas. O terceiro escondeu. Quando o senhor voltou, ao ver o resultado, parabenizou os dois primeiros por terem dobrado as moedas e criticou o outro por estar com a primeira moeda sem dobrá-la.

— O que tem a ver isso com o que estamos conversando, dona Catarina?

— Quando Deus nos criou nos deu um espírito e a liberdade para fazermos o que quiséssemos com ele. Nascermos e renascemos várias vezes e a cada encarnação temos a oportunidade de dobrarmos o nosso conhecimento a respeito da Luz, e do grande amor de Deus para conosco. Alguns fazem isso, desenvolvem suas qualidades, aprendem o valor do amor para com seus irmãos e, principalmente, a perdoar. Com isso, o espírito vai criando Luz e retornando para o Pai. Outros, não. Assim como aquele servo que escondeu a moeda, também se escondem, e insistem em permanecer cultivando o ódio, a inveja e tantos outros sentimentos que fazem mal.

— Tudo isso é muito complicado, dona Catarina.

— O espírito, ao ser criado, inicia uma jornada. Durante essa jornada, vai convivendo com outros e criando inimigos, mas, principalmente amigos que, muitas vezes, embora tenham sua própria luz, para ajudar um amigo, aceitam renascer, mesmo sem precisar, e ficam ao lado do amigo pelo tempo que for necessário, até que seu amigo possa continuar sozinho. Quando esse tempo termina, ele volta para o caminho interrompido e segue evoluindo, sem perder de vista o amigo que deixou encarnado.

— A senhora está dizendo que Francisco e Mauro renasceram somente para me ajudar e que por essa ajuda não ser mais necessária, eles morreram?

— Não sei Raquel. Somente estou dizendo a você o que aprendi e no que acredito.

— Isso que está dizendo não pode ser verdade, dona Catarina. Eu, sem Francisco e sem Mauro, não estou pronta para seguir sozinha! Como vou continuar vivendo sem eles?

— É... Acho que você tem razão... É difícil mesmo... Olímpia, que ouvia com atenção tudo o que Catarina falava, ao ouvi-la dizer isso, novamente apertou o

braço de Samuel, que fingiu não sentir. Catarina continuou:

— Vamos mudar de assunto, Raquel?

— Acho bom, dona Catarina, essa sua conversa não está me ajudando.

— Eu disse a você que é no que eu acredito você não precisa acreditar, Raquel. Mas, mudando de assunto, você viu que, desde que a guerra terminou, muitas pessoas estão vindo da Europa para viver aqui?

— É verdade, também com a guerra, a Europa ficou destruída...

— É verdade. A guerra, como sempre, só causa dor e sofrimento. Por causa da destruição, famílias inteiras têm chegado, outras pessoas vêm sozinhas, principalmente os homens. Acho quem eles vêm sozinhos para tentar encontrar um emprego, conseguir uma casa para que, assim, a família possa vir também.

— É isso mesmo que deve acontecer, dona Catarina.

— Vamos imaginar que Francisco e seu filho, por um motivo qualquer, fossem obrigados a ir para um país distante com a promessa de que, assim que Francisco conseguisse um emprego, uma casa, você poderia ir até lá. O que você faria?

— Eu ficaria esperando que ele me chamasse.

— Ficaria chorando, se lamentando? Não teria de sobreviver, até que ele a chamasse?

Raquel pensou um pouco e respondeu:

— Claro que eu precisaria sobreviver, portanto, teria de trabalhar.

— Também acho. Se fizer de conta que Francisco foi para um país distante e que, a qualquer momento, você irá ao seu encontro, vai ficar chorando, se lamentando até esse dia chegar?

— Francisco e meu filho não foram para um país distante, dona Catarina, eles morreram!

— É verdade. Eles morreram, mas de acordo com o que você me disse, quando morremos vamos para o céu, para o inferno ou o purgatório, não foi o que disse?

— Sei, foi o que eu disse...

— Portanto, Raquel, eles devem estar em algum lugar distante de você, não é?

— Pensando-se dessa maneira, estão, mas nunca voltarão!

— Sim, é verdade, eles não voltarão, mas você, um dia, irá encontrá-los, pois todos nós, um dia, morreremos também, não é verdade?

Raquel voltou a pensar naquelas palavras e respondeu:

— É verdade...

— Então, Raquel, eles apenas foram à sua frente...

— Não posso dizer que o que está dizendo não é verdade...

Catarina, feliz por estar conseguindo falar, continuou:

— Conhecendo Francisco como você conhece, sabe que ele só iria para um país distante, sabendo que você ficaria bem. Você acha que ele teria tranquilidade para conseguir encontrar um emprego ou conseguiria uma casa para vocês, se soubesse que você, ao invés de trabalhar para sustentar seus dois filhos que ficaram ao seu lado, estivesse chorando e se lamentando?

— O que a senhora está falando, dona Catarina?

— Isso mesmo o que você ouviu. Como acha que Francisco está ao ver você da maneira como está?

Ele, que sempre a admirou, que sabe que você tem condições para seguir sua vida e dar aos filhos que não viajaram com ele todo carinho, amor e uma vida decente?

Raquel voltou a chorar:

— Como vou conseguir fazer isso, dona Catarina?

— Martin sempre disse que você é uma mulher decidida, que muito do sucesso da marcenaria se deve a você e ao seu trabalho. Portanto, Raquel, até que o dia de reencontrar Francisco chegue você deve e pode assumir a marcenaria e continuar tocando sua vida. Você pode Raquel! Sabe como fazer, mesmo que não soubesse, aprenderia. Deus, nosso Pai, nunca abandona seus filhos. Ele sempre esteve e estará ao seu lado. Levante-se, assuma sua vida, seus filhos, para que, quando chegar o dia de reencontrar Francisco, esteja feliz, com sua missão cumprida e para que ele também possa encontrar um trabalho e construir uma casa para vocês.

Raquel caiu em prantos.

Catarina continuou:

— Chore Raquel. Chore até que suas lágrimas sequem para nunca mais chorar.

Raquel chorou por alguns minutos, depois, secou os olhos com as mãos, olhou para Catarina e falou:

— Obrigada, dona Catarina, por me fazer ver a vida como ela é. Não posso decepcionar Francisco. Vou, agora mesmo, buscar Moacir que está na casa da Lia,

mais tarde vou ao hospital visitar meu Marcos que acabou de nascer e, amanhã, o médico disse que ele pode vir para casa e é isso que vou fazer trazê-lo. Vou conversar com Norberto e trabalhar mais ainda na marcenaria. Vou fazer tudo o que for possível para criar bem as minhas crianças.

— Faça isso, Raquel. Você vai conseguir muito mais do que imagina.

Raquel sorriu.

Samuel sorriu, estendeu as mãos sobre Catarina e disse:

— Há duas irmãs que também precisam da sua ajuda. Catarina, embora não tivesse ouvido o que ele disse, captou a mensagem e falou:

— Sabe, Raquel, que muitas pessoas não aceitam quando seus entes queridos morrem, passam o resto da vida chorando e se lamentando. Quando morrem, ao invés de reencontrá-los, continuam chorando e se lamentando. Ficam vagando de um lugar para outro sem conseguir encontrá-los. Se aceitassem que tudo acontece como tem de ser e se entregassem à vontade Superior, poderiam olhar ao lado e poderiam vê-los, pois sempre estiveram ao lado daqueles que deixaram.

As entidades ouviram aquilo. Olharam uma para a outra e começaram a chorar, só que, desta vez, não era de tristeza, mas de esperança. Aos poucos, aquela nuvem negra e densa que as cercava começou a se desfazer e elas, chorando ainda mais, enxergaram seus entes queridos que, também chorando e sorrindo, as abraçaram.

Ficaram abraçados por algum tempo, depois os dois olharam para Catarina e, agradecendo, desapareceram, levando com eles aqueles espíritos que até aquele momento caminhavam sem destino e sem motivo para sofrer. Catarina sorriu.

Olímpia voltou a arregalar os olhos e a apertar o braço de Samuel, que, sorrindo feliz, disse:

— Não falei para você ter paciência, Olímpia? Você não conhecia Catarina, eu, sim.

Raquel levantou-se da cadeira em que estava sentada e, sorrindo, disse:

— Desculpe dona Catarina, mas preciso ir até a casa da Lia pegar Moacir.

— Também preciso ir embora, Raquel. Fiquei mais tempo de que podia. Tenho muito que fazer, lá em casa.

Hoje é dia de faxina. Deixei pela metade.

Raquel acompanhou-a até o portão. Despediram-se e cada uma foi para um lado.

Enquanto caminhava, Catarina respirou fundo, olhou para céu e pensou:

Obrigada, meu Deus, por ter inspirado as minhas palavras. Olímpia e Samuel também sorriram e acompanharam Raquel. Enquanto Moacir brincava com um carrinho feito de madeira por Francisco, Tereza lavava roupa no tanque e conversava com Lia:

— Como está a Raquel, Lia?

— Não está bem. Está desinteressada de tudo, até dos filhos.

— Precisamos entender que ela passou por um momento muito difícil. Já se colocou no seu lugar, Lia?

— Não e nem imagino o que faria se algo acontecesse com Norberto.

— Apesar de meu marido ser da maneira como é, também não me imagino ficar sem ele.

— É verdade. Tomara que ela se conforte e volte a ser a mesma mulher de antes. Ela tem dois filhos para criar e, agora, terá de fazer isso sozinha.

— Tomara que sim.

Lia olhou para o lugar onde Moacir brincava e se admirou ao ver que ele não estava mais lá. Olhou para o portão e viu Raquel que abraçava e beijava o filho.

— Olhe Tereza! Raquel está aqui!

Tereza olhou e, sorrindo, enxugou as mãos no avental. As duas foram ao encontro de Raquel que estava com Moacir no colo.

— Raquel! Que bom que saiu daquela casa!

— É verdade, Lia. Estou bem. Claro que não totalmente, mas agora, tenho claro que preciso continuar minha vida, criar meus filhos, para, um dia reencontrar Francisco e Mauro. Eles devem estar em algum lugar e olhando por mim. Afinal, um dia também vamos morrer, não é verdade?

Tereza olhou para Lia que também a olhava:

— É isso mesmo, Raquel. Todos vamos, um dia, mas, enquanto esse dia não chegar, precisamos cuidar da

nossa vida.

— É verdade, Tereza. Vamos cuidar da nossa vida.

Lia, precisamos conversar. Sei que preciso recomeçar e que, para isso, vou precisar da sua ajuda e da de Norberto.

— Não se preocupe com isso, Raquel. Vamos fazer tudo o que for preciso para que você e as crianças fiquem bem.

— Sei disso. Agora, vou até o hospital visitar o Marcos e, amanhã, de acordo com o que o médico falou, já posso trazê-lo para casa.

— Vai poder, sim. Amanhã, ele terá quatro dias de nascido. Você é quem precisa se cuidar.

— Não se preocupe comigo, estou bem, Lia, mas ainda vou precisar da sua ajuda.

— Minha ajuda?

— Sim, como vou para o hospital, não poderei levar Moacir. Pode ficar com ele mais um pouco?

— Claro que sim, Raquel. Eu adoro essa criança.

— Obrigada mais uma vez, Lia.

Raquel pegou Moacir no colo e, beijando-o, disse:

— Moacir, a mamãe vai buscar o neném que nasceu. Você vai poder brincar com ele.

O menino olhou para a mãe e continuou brincando. Raquel despediu-se das amigas. Acompanhada por Olímpia, foi embora.

Assim que chegou ao hospital, foi até o berçário, pelo vidro, viu Marcos, depois foi falar com o médico.

— Como está o meu menino, doutor?

— Está bem. É um menino muito forte.

— Posso levá-lo?

— Antes, preciso saber se a senhora está bem, se não está sentindo coisa alguma. Sabe que saiu do hospital antes do tempo.

— Estou bem. Com tudo o que aconteceu, até me esqueci de que deveria estar de resguardo, mas estou bem.

— A senhora está em condições de cuidar dele? Sabe que não é a norma, mas, diante do que aconteceu, se quiser, pode deixar que ele fique por mais alguns dias.

— Obrigada, doutor, mas estou bem e preciso retomar minha vida. Como o senhor disse, tenho duas crianças para cuidar. Eu gostaria se fosse possível, de levá-lo hoje. Moro longe e é difícil chegar aqui. Levando hoje, não precisarei voltar amanhã.

— Fico feliz em ver que está bem e que sabe o que quer e precisa fazer. Só posso desejar que tudo dê certo. Seu menino está muito bem. Com este papel, pode ir até o berçário que a enfermeira vai entregá-lo à senhora. Aqui, também, há uma receita de como deve cuidar dele nos primeiros dias e o horário da mamada. Não se esqueça de que, embora esteja passando por um momento ruim, outros melhores virão.

— Obrigada, doutor. Preciso passar por este momento e tenho fé que outros melhores virão.

Foi até o berçário. Pegou o menino, olhou para a enfermeira e, sorrindo, foi embora.

Tomou dois ônibus e, finalmente, chegou à casa de Lia para pegar Moacir.

Entrou no corredor e parou em frente à casa de Tereza. Bateu à porta. Tereza ouviu e abriu a porta:

— Já chegou Raquel?

— Sim e aqui está o meu menino!

Tereza pegou o menino no colo:

— Ele é lindo, Raquel! Parece forte também!

— Ele é lindo, sim, e o médico disse que está bem. Agora, vou até a casa da Lia pegar o Moacir. Vou levá-los para casa. Ainda preciso arrumar o berço para poder deitar o neném. Como saí às pressas para o hospital, Francisco ia arrumar tudo para a minha volta, mas...

Tereza percebeu que uma lágrima surgia nos olhos de Raquel.

— Acho que não tenho muito que fazer para ajudar você, mas, se precisar e quiser, posso ir com você.

— Obrigada, Tereza, mas não precisa. Preciso assumir minha vida totalmente.

Lia ouviu as duas conversando e saiu de casa. Ao ver Marcos no colo de Tereza, correu para o lado dela e pegou o menino.

— Ele é grande, Raquel!

— É, sim, e muito forte também. Vim pegar o Moacir, Lia.

— Ele está dormindo. Venha até em casa, precisamos conversar. Raquel olhou para Tereza, que sorriu:

— Obrigada por tudo o que fizeram por mim. Não sei o que teria feito se não tivesse vocês. Vamos para sua casa, Lia. Estou morrendo de vontade de tomar um café. Depois, preciso ir para casa preparar o jantar.

— Vamos, sim. Falando em jantar, estive pensando. Não precisa fazer o jantar. O meu já está quase pronto. Pode jantar aqui em casa e, depois, poderá conversar com Norberto.

— Obrigada, Lia. Nem sei se tenho algo para cozinhar. Preciso muito conversar com Norberto.

Entraram em casa. Enquanto Lia temperava o feijão, Raquel começou a lavar alface para a salada. Conversaram sobre Marcos e como ele estava bem. Eram quase sete horas, quando Norberto chegou. Admirou-se por ver Raquel ali.

— Boa-noite, Raquel!

— Boa-noite, Norberto. Lia me convidou para o jantar.

— Fez bem. Como você está?

— Estou bem. Vá até o quarto, tem uma surpresa para você. Ele entrou no quarto e, ao ver Marcos, ficou parado, olhando de longe, sem coragem de pegar o menino.

Raquel e Lia estavam ao seu lado. Ele olhou para elas e disse, admirado:

— Ele é grande, Raquel!

— É, sim, e muito bonito também, não é?

— É lindo!

— Que bom que está aqui, Raquel. Precisava conversar com você. Estou preocupado.

— Preocupado com o quê?

— Deixem essa conversa para depois do jantar.

Agora, vamos comer.

Voltaram para a cozinha. Lia, tendo Raquel como ajudante, colocou a comida sobre a mesa e sentaram-se ao redor dela.

Após o jantar, Lia retirou a louça de sobre a mesa e, enquanto tomavam café, Raquel perguntou:

— Você disse que está preocupado, por que, Norberto?

— Sabe que sou marceneiro, um bom marceneiro, não sabe?

— Claro que sei, mas por que está me perguntando isso?

— Porque, embora seja um bom marceneiro, não sei vender, conversar com os clientes, cuidar das contas, compras e pagamentos. Quem sempre fez isso foi o Francisco. Estou terminando algumas encomendas, mas, depois que as entregar, não sei como vai ficar a marcenaria.

Raquel olhou para Lia, que disse:

— Você é capaz de fazer isso, Raquel! Fez muitas vendas!

— Talvez até possa. Preciso confessar que gostei muito de fazer isso.

— Então, você pode assumir o lugar de Francisco. Começar a vender e a cuidar de tudo o mais.

— Como vou fazer isso, Lia? Tenho duas crianças pequenas...

— Norberto havia conversado comigo e fiquei pensando. Se você quiser trabalhar, posso cuidar das crianças. Para mim será um prazer. Sabe como adoro crianças, principalmente os seus filhos.

— Com Moacir tudo bem, mas preciso amamentar o neném.

— Também pensei nisso, Raquel. Você não precisa trabalhar o dia todo. Pode trabalhar só pela manhã ou pela tarde. Se for pela manhã, você o amamenta antes de sair e deixa uma mamadeira com leite e eu dou três horas depois. Quando voltar para a hora do almoço, amamenta novamente. Só não sei se o leite pode ser guardado.

— Não sei, Lia. No hospital, o médico deu um horário para que eu amamentasse o neném. Disse, também, que preciso levá-lo a um pronto-socorro para cuidar das vacinas. Estou pensando em fazer isso amanhã.

Eu disse a ele que não queria voltar amanhã, mas, diante do que conversamos, é melhor eu ir para tirarmos nossas dúvidas. Assim saberemos.

— Faça isso, Raquel. Se o leite puder ser guardado, tudo vai ficar mais fácil. Eu coloco a mamadeira em uma panela com água fria.

Raquel ficou parada com olhar distante, apenas pensando. Depois, disse:

— Com a ajuda de vocês, acho que pode ser. Vamos experimentar. Agora, preciso ir embora. Os meninos precisam dormir. Isto é, se Marcos deixar. Todos sabem que um recém-nascido não gosta de dormir à noite.

— Já ouvi falar, Raquel, mas nunca passei por isso.

— Eu já, Lia. Eu já...

Raquel foi até o quarto, pegou Marcos, Norberto tentou acordar Moacir, mas não conseguiu. Precisou levá-lo no colo.

Saíram e caminharam para a casa de Raquel. Enquanto caminhavam, Raquel foi pensando.

Assim que entraram, Raquel foi até seu quarto, colocou Marcos no berço que Francisco havia feito e apontou para sua cama, onde Norberto colocou Moacir, que ainda dormia. Depois, foram para a cozinha. Raquel disse:

— Enquanto caminhávamos, pensei em algo.

— Em que, Raquel?

— Sabem que Francisco construiu um quarto que seria usado por Moacir e por Marcos. O outro ficaria para Mauro. Se vamos fazer o que planejamos, se vou precisar me ausentar e você, Lia, vai cuidar das crianças, por que não se mudam para cá? Assim tudo seria mais fácil. Sabem que, para eu chegar logo que o comércio abre, preciso me levantar muito cedo. Não acho justo ter de acordar as crianças. Morando aqui, esse não seria um problema.

Norberto olhou para Lia que pensou por um momento e disse:

— Acho que pode dar certo, Norberto. Além do mais, não precisaríamos pagar aluguel, não é, Raquel? Rindo, Raquel acenou com a cabeça, dizendo que não.

— Economizando esse dinheiro, poderemos, um dia, comprar a nossa casa. O que você acha Norberto?

— Você é quem precisa decidir, Lia. Você é quem vai cuidar das crianças.

— Vamos tentar Raquel. Acho que vai dar certo. Norberto, você precisa conversar com Manuel e dizer a ele que vamos nos mudar.

— Está bem. Vocês decidem. Ele já deve ter chegado do trabalho e, se não estiver brigando, o que é raro, converse com ele agora mesmo.

Raquel disse:

— De qualquer maneira, amanhã, vou acordar cedo, levo as crianças e vou para a marcenaria, Norberto. Preciso ver como estão às contas e tudo o mais. A propósito, quem pagou pelo enterro, vocês?

— Não, Raquel. Eu não tinha dinheiro. Fiz uma lista e todos os vizinhos daqui e da marcenaria ajudaram.

— Fizeram isso?

— Não sei por que essa admiração, Raquel. Todos gostavam muito de Francisco e sentiram o que aconteceu com ele.

Raquel sentiu que um nó se formava em sua na garganta, engoliu seco e disse:

— Ele era maravilhoso mesmo. Você tem essa lista, Norberto?

— Sim, mas não se preocupe as pessoas não querem o dinheiro de volta.

— Sei disso, mas preciso agradecer e, mesmo que não queiram, arrumarei uma maneira de devolver.

— Você é quem sabe.

Assim que eles saíram, Raquel voltou para a casa e foi para seu quarto. Olhou para as crianças que dormiam. Uma lágrima surgiu em seus olhos. Com a mão, enxugou-a e se esforçou para não chorar. Pensou: Francisco, não entendo por que você teve de ir embora tão cedo e na minha frente... Não entendo por que fiquei com essas crianças para cuidar, só sei que não há outro caminho. Prometo que vou fazer todo o possível para que elas sejam felizes. De onde está, por favor, me ajude... Deus me ajude a cumprir esta missão.

Preparou-se para dormir e, abraçando Moacir, aos poucos adormeceu.

## Caminhos que se abrem

No dia seguinte, Lia acompanhou Norberto até o portão. Quando Voltava pelo corredor, Tereza apareceu na porta:

— Bom-dia, Lia.

— Bom dia, Tereza.

— Ontem o Norberto conversou com Manuel. Vocês vão, mesmo, se mudar?

— Vamos, sim, Tereza. Raquel precisa trabalhar e eu vou cuidar das crianças. Morando com ela, meu trabalho será mais fácil e as crianças não precisarão sair de casa.

— Você tem razão. Coitada da Raquel está mesmo precisando de ajuda.

— Está mesmo...

— Por outro lado, morando com ela, vocês vão economizar o aluguel, não é?

Lia percebeu a ironia de Tereza e, rindo, respondeu:

— É verdade, vou unir o útil ao agradável.

Tereza, irônica, sorriu.

Lia continuou:

— Estou estranhando que Raquel ainda não tenha chegado. Ela disse que ia cedo para a marcenaria.

— Será que aconteceu alguma coisa, Lia?

— Não sei... Vou até lá.

— Vá sim, quando voltar, me conte o que aconteceu. Lia, preocupada, foi até a casa de Raquel. Abriu o portão e entrou.

Está tudo em silêncio. Será que ela ainda está dormindo? Não! É muito tarde. Ainda mais com um menino recém-nascido. Será que devo bater na porta?

Não, vou embora e, se ela não for lá a casa, daqui à uma hora eu volto.

Estava saindo, quando ouviu o choro de Marcos. Voltou-se e foi até a porta. Bateu de leve.

Raquel, com olheiras profundas e segurando Marcos no colo, abriu a porta.

— Bom-dia, Raquel. Estava preocupada, você disse que ia acordar Cedo.

Raquel riu:

— Bom-dia, Lia. Ontem, quando fizemos os planos para hoje, nos esquecemos de que eu tinha um recém-nascido e que eles odeiam dormir a noite. Depois que vocês foram embora, me deitei e dormi por mais ou menos quinze minutos. Daí para frente, Marcos começou a chorar por de tudo, mas ele só foi adormecer, novamente, às cinco horas da manhã. Exausta, deitei-me e adormeci. Acordei só agora, com o choro dele. Vamos ter de refazer os nossos planos. Não há como eu sair pela manhã, somente quando passarem esses primeiros meses e ele tiver uma vida normal. Por enquanto, só poderei sair à tarde,

— Como nunca tive filhos, nem imagino o que pode ser.

— Eu sabia, Lia, apenas esqueci. A criança, quando nasce, até que todas as suas funções sejam formadas, sofre muito. Nós, as mães, também, mas passa em dois ou três meses, só precisamos de muita paciência.

— Por mim, não haverá problema algum, Raquel. Posso cuidar deles, na hora que você quiser.

— Obrigada, Lia. Não sei o que faria se não fosse sua ajuda e a de Norberto.

— Não estamos fazendo nada demais, Raquel. Afinal, somos seus amigos e você precisa de ajuda para cuidar dessas crianças, que são lindas. Tenho fé que você vai conseguir dar a elas tudo do precisam.

— Pelo menos vou tentar.

— Vai conseguir Raquel!

Marcos chorava mais alto.

— Agora preciso cuidar dele, Lia.

— Quer que eu leve Moacir comigo?

— Não sei como ele consegue, mas ainda está dormindo. Depois, se você ficar com ele, vai ser bom, pois pretendo ir até o hospital e consultar o neném. Se o leite puder ser guardado, vai dar tudo certo. Agora, venha comigo até o quarto. Vou amamentar este comilão.

Lia riu e acompanhou Raquel que, sentando-se sobre a cama, começou a alimentar Marcos que chupava o leite com muita força. Raquel, de vez em quando, apertava os olhos e fazia uma careta. Lia estranhou:

— Por que está apertando os olhos e fazendo essa careta, Raquel? Está sentindo alguma coisa?

— Sempre que ele mama, sinto muita dor no peito, mas isso também faz parte da maternidade - disse rindo.

Lia, sem imaginar a dor que ela sentia, sorriu e disse:

— Ontem, Norberto conversou com Manuel e ele permitiu que mudássemos.

— Que bom. Quando vocês vêm?

— Hoje ou amanhã.

— Que bom, Lia.

— Como Moacir ainda está dormindo, antes de sair, leve-o lá para casa. Pode ir tranqüila, eu dou almoço.

Agora, vou aproveitar para preparar minha mudança.

— Faça isso, Lia e, mais uma vez, obrigada por tudo o que estão fazendo por mim.

Lia ficou calada e, acenando com a mão, saiu.

Raquel continuou dando de mamar para Marcos. Olímpia, que estava ali, percebeu que ela começou a se lembrar de tudo o que havia acontecido e que ia chorar. Estendeu suas mãos para ela e para Moacir que dormia ao seu lado. No mesmo instante, uma luz muito branca e imensa iluminou todo o quarto. Raquel sentiu-se bem.

Moacir acordou:

— Mamãe, sonhei com Mauro. Brinquei muito com ele. Onde ele está?

Raquel ficou calada por algum tempo, Olímpia aumentou sua luz. Raquel, sob sua influência, respondeu:

— Ele e o papai foram para o céu.

— Estão morando em uma estrela?

Raquel não pôde deixar de sorrir:

— Isso mesmo, meu filho. Eles estão morando em uma estrela...

— Nós também vamos morar com eles lá na estrela?

— Um dia, sim, mas, antes, você vai crescer estudar, depois, vai se casar e ter uma porção de filhos...

— Vai demorar muito!

— Não vai, não. O tempo passa depressa. Preciso conversar com você sobre uma coisa.

— Que coisa?

— Como o papai não está mais aqui, a mamãe precisa trabalhar.

— Por quê?

— Para poder comprar roupas e dar comida para você e para o neném.

— Ele não precisa de comida, ele está mamando!

Ela, rindo, disse:

— Ele está mamando porque é muito pequeno, mas logo vai querer comer de verdade. Por isso, a mamãe precisa trabalhar. A Lia e o Norberto estão se mudando para cá e ela vai cuidar de você e do neném. Tem algum problema?

— Eu quero ir trabalhar também.

— Não pode meu filho, ao menos por enquanto, quando crescer, vai trabalhar muito. Agora você só precisa brincar.

— Vai demorar muito para eu crescer?

— Não, Moacir. Logo você vai ser grande como o papai. Agora, preciso levar o neném ao médico e você vai ficar na casa da Lia.

— Eu gosto de ficar na dona Lia, mas queria ir ao médico também. Estou com dor de barriga.

Raquel sorriu.

— Hoje não posso levar você. O médico só atende neném e você já é grande, mas, amanhã, se a dor continuar, eu levo só você. Está bem assim?

Não estava bem, mas ele sabia que a mãe não o levaria. Respondeu:

— Está...

Raquel arrumou a casa rapidamente, deu banho e trocou os filhos, colocou em uma sacola tudo o que precisaria levar. Com Marcos no colo, segurou a mão de Moacir e se encaminhou para a casa de Lia.

Ao passar pelo local onde havia acontecido o acidente, sentiu um caroço na garganta. Ia começar a chorar, mas Olímpia, que estava ao seu lado, estendeu a mão sobre ela e sobre as crianças. Moacir disse:

— Mamãe, me deixaeu ir junto com a senhora... Raquel, ao ouvir o filho, sorriu:

— Já disse que não pode meu filho. Você precisa ficar com a Lia. Eu volto logo.

Distraída com o filho, esqueceu-se do acidente.

Olímpia sorriu. Entrou pelo portão da casa de Lia. Atravessou todo o corredor. Deixou Moacir e, beijando-o, disse:

— Agora a mamãe vai embora, mas volto logo. Obedeça a tudo o que Lia disser.

Moacir, embora amuado, ficou calado.

Raquel sorriu e, abanando a mão para Lia, saiu.

No hospital, conversou com o médico que lhe deu instruções e datas para que Marcos recebesse as vacinas.

Raquel estava saindo da sala, quando perguntou:

— Posso retirar e guardar meu leite para que ele tome algumas horas depois?

O médico estranhou:

— Por quê? A senhora não pode dar na hora?

— Preciso trabalhar e deixar o meu filho com uma vizinha.

— Trabalhar? Não pode esperar mais alguns meses?

— Não, doutor. Meu marido morreu e preciso cuidar dos meus filhos.

O médico sentiu a tristeza em sua voz e, emocionado, disse:

— Sendo assim, se conseguir gelo, pode guardar até oito horas.

— Gelo?

— Sim, com gelo, o leite pode ser conservado.

— Está bem, doutor, vou ver se consigo. Obrigada.

Ela se despediu e saiu. Assim que saiu, o médico pensou: Tão jovem e tendo uma carga tão grande.

Que Deus a abençoe.

Já na rua, Raquel também pensava:

Não vou ter como conseguir gelo. Não vou poder trabalhar, ao menos enquanto preciso dar de mamar.

O que vou fazer?

Olímpia, que continuava ao seu lado, sorriu.

Continuou caminhando até o ponto de ônibus. Estava quase chegando, quando pensou:

Preciso ir até a marcenaria para saber como estão as finanças. Acho que vou fazer isso agora mesmo.

Desceu do ônibus em que estava, pegou outro e chegou à marcenaria.

Quando estava chegando, lembrou:

Não posso entrar na marcenaria levando Marcos. Ele é ainda muito pequeno e lá tem muita poeira. Preciso encontrar alguém que vá chamar Norberto.

Em frente à marcenaria, do outro lado da rua, olhou para dentro dela. Viu Norberto em frente a uma máquina. O barulho era imenso e a poeira também. Olímpia, percebendo sua dificuldade, aproximou-se de Norberto e falou:

Norberto, Raquel precisa conversar com você. Ela está aí fora.

Sem entender o porquê, Norberto parou a máquina e olhou para a rua. Viu Raquel que gesticulava.

Limpou as mãos em um pano que estava sobre a máquina e foi ao seu encontro.

— Raquel!

— Olá, Norberto. Levei Marcos até o médico e resolvi passar por aqui.

— Não quis entrar por causa da poeira, não foi?

— Isso mesmo. Ele é ainda muito pequeno. Vim aqui para conversar com você sobre os problemas da marcenaria, mas acho que não devia ter vindo. Não vai dar para conversarmos.

— É... Acho que não, mas o que quer saber?

— Como você disse que quem cuidava de tudo era Francisco, preciso saber como estão às finanças.

— Não sei Raquel. Era ele quem lidava com isso, mas em sua gaveta deve haver alguns papéis, número da conta do banco. Sei que ele anotava tudo em um caderno. O dinheiro que entrava as contas que precisavam ser pagas, os pedidos e o material que precisava ser comprado. Para que não precise entrar, posso pegar esses papéis e o caderno. À noite, quando for para casa, conversaremos.

— Boa idéia, Norberto. Por favor, faça isso. Somente tendo todas essas informações, vou poder começar a cuidar de tudo.

— Está bem, Raquel. Vou pegar tudo e à noite conversaremos.

— Faça isso. Agora, preciso ir para casa. O neném está cansado e preciso trocar a fralda.

— Está bem.

Raquel sorriu e saiu. Tomou o ônibus que a levaria até sua casa.

Sentada no banco do ônibus, deu de mamar para Marcos que, com o balanço do ônibus, dormiu tranqüilo.

Quando estava subindo a rua, viu que um homem carregava em seus ombros uma pedra muito grande de gelo e que entrou no bar e mercearia que havia ali, onde ela comprava alimentos. Imediatamente, pensou: Devo ter visto esse homem carregando gelo mil vezes, mas nunca prestei atenção.

Entrou no bar. O homem com a pedra se encaminhou para os fundos. Ela se aproximou daquele que sabia

ser o dono do bar.

— Dona Raquel, precisa de alguma coisa?

— Preciso sim, seu Joaquim.

— O que aconteceu com seu marido e com seu filho foi tristeza. Sinto muito.

— Obrigada. Devido ao que aconteceu, preciso trabalhar para sustentar meus filhos.

— A senhora quer que eu arrume um emprego para a senhora?

Ela sorriu:

— Não, seu Joaquim. Vi que um homem entrou no bar carregando uma pedra de gelo.

— Foi mesmo. Ele vem todos os dias. Preciso do gelo para que a cerveja e o leite fiquem gelados. Assim, vendo mais.

— O senhor sabe que este neném acabou de nascer. Preciso trabalhar na marcenaria do Francisco, mas tenho, também, de dar de mamar para o menino. O médico disse que, se eu colocar o leite no gelo, poderei guardá-lo por até oito horas. Assim que vi esse homem carregando o gelo, pensei; será que o senhor não poderia me vender um pedaço de gelo todos os dias?

— Claro que sim, dona Raquel, e nem precisa pagar!

— Obrigada, senhor Joaquim. O senhor não imagina o quanto vai me ajudar!

— Ora, dona Raquel, isso não é nada. Se quiser, já pode levar um pedaço de gelo.

— Hoje não vou precisar, mas amanhã bem cedo eu venho pegar.

— Pode vir.

— Até logo, seu Joaquim!

— Até logo, dona Raquel!

Feliz, Raquel chegou à casa de Lia e contou o que havia acontecido.

— Que bom Raquel! Parece que Deus está ajudando você!

Raquel ia dizer o que estava pensando, mas disse:

— É a única coisa que Ele pode fazer, depois de tudo que me tirou!

Lia entendeu a mágoa da amiga, por isso, ficou calada. Raquel pegou Moacir e foi para sua casa. Deu um banho nos dois. Amamentou Marcos e colocou-o na cama. Estava terminando de lavar a louça do jantar, quando Lia e Norberto chegaram. Ele trazia em suas mãos uma pasta na cor amarela.

— Raquel, trouxe alguns papéis que encontrei e o caderno de que falei.

— Que bom Norberto. Entrem e se sentem.

Eles sentaram-se e ela disse:

— Deixe-me ver.

Norberto entregou a pasta. Ela abriu, olhou os papéis, depois o caderno. No final, disse:

— Parece que Francisco tem guardado no banco dinheiro suficiente para pagar as contas e ainda vai sobrar um pouco, Norberto.

— Sim e ainda falta receber dos móveis que estou terminando. Acho que, por algum tempo, não vamos ter problemas, Raquel. Só precisamos de mais encomendas. Os documentos da empresa estão com Martin. Acho que você precisa conversar com ele. Vai precisar ir ao banco, conversar com o gerente para poder usar o dinheiro que está lá.

— Tem razão, Norberto. Amanhã, vou falar com Martin. Lia, amanhã, bem cedo, vou buscar o gelo.

Dou de mamar para Marcos e tiro duas mamadeiras que comprei na farmácia, antes de vir para cá. Vamos experimentar. Com você tomando conta das crianças, poderei visitar muitos escritórios e conseguir novas encomendas. Acho que vai dar certo!

— Claro que vai, Raquel. Você já fez isso e provou que tem capacidade! Os móveis de Francisco já estão conhecidos e um freguês sempre indica outro.

— Estou esperançosa.

— Amanhã, vai ser o primeiro dia que vou ficar com os dois, tomara que dê conta. Já conversei com Tereza e ela disse que, até eu estar totalmente confiante, vai me ajudar.

Raquel sorriu:

— Tomara que eu consiga dormir um pouco esta noite, embora saiba que vai ser difícil. Mas, de qualquer maneira, com sono ou não, vou retomar minha vida.

— Estaremos aqui para ajudar você, Raquel.

— Sei disso e não sei como agradecer.

— Não precisa agradecer. Quando eu estava sem emprego, desesperado, apesar de eu ter magoado vocês,

me empregaram e eu consegui tocar a minha vida. Uma mão lava a outra, Raquel.

— Obrigada, Norberto. Só posso dizer que, assim que estiver tudo sob controle, vou aumentar o seu salário.

— Não precisa Raquel. Vindo morar aqui, não tenho de pagar aluguel e posso guardar esse dinheiro.

Vamos fazer de conta que recebi um aumento de salário. O mais importante é criarmos essas crianças.

— São verdadeiros amigos.

Conversaram mais um pouco, depois, sabendo que Raquel precisava dormir cedo, pois, com certeza, acordaria durante a noite, se despediram.

Raquel colocou Moacir para dormir ao seu lado e, sob o olhar amigo de Olímpia, adormeceu.

## Do outro lado

No dia seguinte, bem cedo, Francisco abriu os olhos e olhou à sua Volta:

Que quarto é este? Onde estou?

Olhou para o lado e, em outra cama, viu que Mauro dormia profundamente.

Mauro também está aqui? Onde está Raquel?

Confuso, chamou:

— Raquel! Raquel!

A porta se abriu e ele viu Samuel e Olímpia entrando e rindo. Samuel perguntou:

— Como está se sentindo, Francisco?

— Estou bem, só não estou entendendo que lugar é este e o que estou fazendo aqui.

— Logo saberá.

— Conheço vocês, mas não me lembro de onde...

— Disso, também, logo se lembrará.

— Não estou entendendo. Onde está Raquel? Por que não está aqui?

— Ela está bem e logo poderá ir se encontrar com ela.

— O que é tudo isto? Por que só Mauro está aqui?

— Ele está fazendo companhia a você.

— Eu sei, quando saíamos para a marcenaria... Francisco parou de falar e, após pensar por alguns segundos, desesperado, disse:

— Eu estava com ele, quando vi aquele caminhão se aproximando tentei jogá-lo para o lado. Eu consegui?

Samuel olhou para Olímpia, que respondeu:

— Não, Francisco. O caminhão atingiu vocês dois.

— Como? O que está querendo dizer?

— Estou dizendo que o caminhão atingiu vocês dois. Por isso estão aqui.

— Aqui, onde? Que lugar é este? É um hospital?

— Pode-se dizer que sim.

— Não estou machucado! Não estou sentindo dor alguma. Posso ir para casa! Preciso ir ao hospital visitar

Raquel. Ela está lá para ter criança!

— A criança nasceu e é um menino. O nome dele é Marcos e está muito bem. É forte e saudável.

— Então, o que estou fazendo aqui? Preciso ir para o hospital!

— Você irá, mas, antes, precisamos conversar.

Mauro esticou o corpo e também acordou.

Assim como o pai, estranhou o quarto e, ainda mais, aquelas pessoas que não conhecia. Com a voz trêmula, chamou:

— Pai!

Francisco, ao ouvir sua voz, voltou-se para ele:

— Você acordou Mauro? Que bom. Notando o olhar assustado do menino, continuou:

— Está tudo bem, meu filho. Não precisa se assustar. Samuel e Olímpia também olharam para ele. Samuel

disse:

— É verdade, Mauro, está tudo bem. Agora, preciso conversar com seu pai. Olímpia vai levar você a um lugar de que vai gostar muito.

O menino olhou para o pai, que disse:

— Pode ir, Mauro. Está tudo bem.

O menino, contrariado, obedeceu ao pai e saiu com Olímpia. Assim que saíram, Francisco perguntou:

— Preciso saber o que está acontecendo realmente.

— Todos nós, ao renascermos, temos um tempo certo para viver na Terra. O renascer sempre tem um motivo. Na maioria das vezes, é para resgatar erros passados, porém, outras vezes, é simplesmente para ajudar um espírito amigo, para dar condições a ele de resgatar seus erros.

— Não entendo o que está falando. Renascer?

— Embora não tenha dado muita atenção, já ouviu falar sobre isso. Somos espíritos criados por Deus. Ao ser criado, assim como acontece com as crianças, todo espírito precisa viver em um corpo físico para desenvolver suas qualidades.

Francisco, sem entender muito bem o que ele falava, apenas ouvia com atenção. Samuel, sabendo o que ele

estava sentindo, sorriu e continuou:

— Quando são criados, os espíritos têm o mesmo conhecimento e ao dadas a todos as mesmas oportunidades. Poderíamos chamar de talentos. À medida que forem vivendo em um corpo físico, alguns mais outros menos, vão desenvolvendo esses talentos. Durante essa vivência, grupos são formados e tornam-se como se fossem uma grande família. Como acontece em todas as famílias, alguns caminham com mais rapidez do que outros. Embora alguns se desenvolvam mais rapidamente, não abandonam aqueles que ficaram para trás.

— Isso tudo o que está falando é muito confuso e não entendo. O que tem a ver com o que está acontecendo comigo?

— Você, assim como eu e todos os espíritos que reencontrou enquanto renascido, faz parte de uma mesma família.

Francisco, ao ouvir aquilo, gritou:

— Enquanto renascido? Está dizendo que morri que não vivo mais na Terra?

— Calma Francisco. Você entendeu o que eu disse. Você não vive mais na Terra, está de volta. Está no plano espiritual.

— Não pode estar dizendo a verdade! Estou com meu corpo, sinto as mesmas necessidades! Está brincando comigo?

— Sente que está com seu corpo e também sente suas necessidades, mas, na realidade, não é bem assim. Não é mais um corpo físico. Ele ficou na Terra.

— O caminhão também matou Mauro?

— Sim. Vocês dois voltaram.

Francisco engoliu seco. Sentiu vontade de chorar, de gritar, mas não conseguiu, apenas disse:

— Se estou morto, como está Raquel? Ela é tão jovem, acabou de ter um filho! O que vai acontecer com ela? Deve estar desesperada! Perdeu de uma só vez a mim e a seu filho! Isso não podia ter acontecido!

— Ela não perdeu vocês dois. Você e Mauro apenas voltaram antes. Não se esqueça de que, um dia, ela também voltará e, não só vocês, como todos nós a receberemos com muito amor e carinho.

— Isso que está dizendo é para o futuro, mas e hoje, agora? Como ela vai conseguir criar nossos filhos?

— Conhecendo Raquel como você conhece, não deveria se preocupar com isso.

— Como não?

— Ela é forte e decidida. Além do mais, terá toda a ajuda necessária. Não se preocupe, dependerá só de suas escolhas e esperamos que ela saiba fazer as escolhas certas.

— Não entendo, por que isso teve de acontecer, logo agora que tudo estava caminhando tão bem? A marcenaria começou a dar lucro. Eu estava até pensando em comprar um caminhão para fazer as entregas, sem precisar pagar carretos.

— Tudo acontece na hora certa e como foi planejado. Seu tempo e o de Mauro terminaram. Agora, Raquel terá de continuar sozinha.

— Ela não vai conseguir... Preciso ir até onde ela está!

— Claro que você vai até lá e até conversará com ela, só não poderá interferir em seu livre-arbítrio. Somente ela é responsável por ele.

— Por que ela teve de ficar sozinha?

— Porque faz parte daquela família que eu disse. Alguns caminham com mais rapidez, outros demoram um pouco mais. Você, embora tenha caminhado com mais rapidez, sempre esteve ao lado de Raquel. Nesta encarnação, renasceu para ajudá-la a caminhar. Fez isso, agora, ela tem condições de caminhar sozinha.

— Embora diga tudo isso, não consigo concordar nem me conformar com essa situação. Raquel é muito jovem, não tem experiência alguma da vida!

— Não se preocupe com Raquel. Eu e Olímpia sempre estivemos ao lado dela e continuaremos.

Enquanto Francisco e Samuel conversavam, Olímpia abriu uma das portas que havia em um imenso corredor e, para surpresa de Mauro, apareceu um campo enorme com grama rasteira e muitas crianças que corriam, riam e brincavam em brinquedos que ele nunca havia visto. Admirado, ficou olhando.

Olímpia sorriu ao ver o espanto de Mauro. Perguntou:

— Quer brincar também?

— Aqui é muito bonito, mas quero ir para casa. Quero ficar perto da minha mãe.

— Ela não pode vir até aqui, mas logo você vai para casa. Por enquanto, aproveite e brinque. Venha comigo, vou apresentar você a um nosso amigo. Ele vai dizer a você tudo o que pode fazer aqui.

Segurou na mão de Mauro e se encaminhou em direção a um rapaz que olhava as crianças brincando. O rapaz, ao vê-la, sorriu e se encaminhou até ela:

— Olímpia aqui novamente?

— Sim, Gabriel. Estou de volta outra vez e trouxe Mauro para que ele fique ao seu lado por um tempo. Ele acabou de chegar e está um pouco confuso. Gabriel olhou para Mauro e, passando a mão sobre a cabeça do menino, disse:

— Que bom que chegou Mauro. Vai gostar daqui. Mauro começou a chorar:

— Quero ir para casa...

— Você vai, só precisa esperar um pouco. Venha, vou apresentar você a outras crianças.

Olímpia, ao ver o desespero e o medo do menino, carinhosamente, falou:

— Não precisa ter medo, Mauro. Aqui tem muitas crianças. Com o tempo, você vai reconhecer algumas.

— Eu não os conheço!

— Conhece sim, só não está lembrando. Alguns são seus amigos.

Mauro olhou para onde as crianças estavam e se admirou:

— Aquele ali está voando?

— Está sim. Gostaria de voar também?

— Claro que quero voar!

— Com o tempo vai aprender.

Gabriel, ao ouvir aquilo, sorriu e chamou:

— Marcelo! Venha até aqui.

Um dos meninos que estavam ali ouviu e se aproximou. Assim que chegou perto e viu Mauro, feliz gritou:

— Mauro! Você chegou? Eu estava esperando por você.

Mauro olhou primeiro para ele e depois para Olímpia.

— Isso mesmo, Mauro. Não disse que você tem muitos amigos aqui?

— Não está se lembrando de mim, Mauro?

— Não...

— Isso não tem importância, Marcelo. Com o tempo, ele vai lembrar. Agora, leve Mauro até as outras crianças e tente ensiná-lo a voar.

Mauro olhou para Olímpia que, com a cabeça, acenou que sim. Marcelo pegou a mão de Mauro, falando:

— Vem, Mauro, vamos brincar.

Mauro o acompanhou e, como toda criança, logo estava brincando. Olímpia olhou para Gabriel, que disse:

— Ele ficará bem, Olímpia.

— Sei disso, Gabriel. Agora, vou embora, preciso ficar ao lado de Raquel. Ela vai precisar da minha intuição.

— Faça isso, Olímpia. Embora saibamos que ela está se saindo bem, não pode ficar sozinha.

— Tem razão.

Assim dizendo, sorriu para Gabriel, que retribuiu o sorriso, e voltou para a mesma porta por onde havia entrado.

Em alguns segundos, chegou ao quarto onde Samuel conversava com Francisco. Sorrindo, disse:

— Não precisa se preocupar com Mauro, Francisco. Ele está bem, brincando com uma porção de crianças. Muitos já conviveram com ele em várias encarnações.

— Eu, como adulto, estou tendo dificuldade para entender o que está acontecendo, posso imaginar como ele, sendo ainda uma criança, está se sentindo. Samuel olhou para Olímpia e, sorrindo, disse:

— Está enganado, Francisco. Embora hoje ele ocupe um corpo de criança, foi criado ao mesmo tempo em que você e todos nós. Teve mais encarnações do que nós. Por isso, é um espírito bem preparado. Quando foi decidido que Raquel precisava renascer, ele, embora não precisasse, assim como você, decidiu renascer e ficar um tempo ao lado dela. Ela precisava sentir a dor de perder um filho.

— Por quê?

— Isso, na hora certa, você saberá.

— Como já disse, estou cada vez mais confuso.

— Sei disso, mas, para que tudo seja esclarecido e você possa continuar a sua jornada com tranquilidade, hoje, durante a noite, você terá mais explicações.

— Hoje à noite? Por que não agora?

— Só pode ser à noite, pois Raquel precisa estar presente.

— Por que não podemos ir até ela, agora?

— Ela, quando adormecer, será trazida até aqui. Durante o dia, com ela desperta, isso é impossível.

— Está dizendo que, quando dormimos, deixamos nosso corpo?

— É assim que acontece. A isso, costuma-se dar o nome de sonho, mas, na realidade, é um encontro com os amigos da espiritualidade. Muitas vezes a presença de um encarnado é necessária, pois sua energia pesada nos ajuda em muitas curas, principalmente aquelas que são causadas por obsessores.

— Não sei do que está falando. Existem doenças que não têm causas naturais?

— Quase todas as doenças são causadas por esse motivo, mas isso vai ficar para outra vez. Por ora, enquanto Olímpia volta para ficar ao lado de Raquel, se quiser, posso levá-lo para ver que Mauro está bem e, assim, você ficará mais calmo.

— Está bem. Já que não posso ver Raquel e os meninos, preciso ao menos saber que Mauro está bem.

Olímpia se despediu e desapareceu. Francisco acompanhou Samuel.

## Recomeçando

Naquela manhã, Raquel, após acordar várias vezes por causa de Marcos, também abriu os olhos. Olhou para o relógio e viu que eram quase oito horas.

Estava cansada, pois não havia dormido bem. Olhou para o lado, Moacir dormia tranqüilo e Marcos, no berço, também. Levantou-se, foi até a cozinha, colocou carvão sobre as brasas que ardiavam, abanou com a tampa de uma panela e, assim que a chama se formou, colocou sobre ela uma chaleira com água. Voltou para o quarto e, vendo que as crianças estavam bem, trocou de roupa e, rapidamente, foi até a mercearia.

Comprou pão, leite e pegou um pedaço de gelo que Joaquim havia separado.

Voltou para casa e viu que as crianças ainda permaneciam da maneira como as havia deixado. Começou a arrumar a casa, lavou a roupa do dia anterior e, duas horas depois, estava pronta para levar as crianças até a casa de Lia.

Lia aguardava a amiga e pensava:

Hoje vai ser um dia decisivo. Tomara que eu consiga cuidar das duas crianças.

Raquel chegou trazendo Marcos no colo, Moacir seguro na outra mão e no ombro uma sacola.

Enquanto colocava a sacola sobre a mesa, disse:

— Bom-dia, Lia. Trouxe as crianças e as mamadeiras com leite, também esse pedaço de gelo para que possa colocá-las nele.

— Bom-dia, Raquel. Tomara que eu consiga cuidar bem das crianças.

— Vai conseguir, Lia. Você tem o mais importante, à vontade.

— Nisso você tem razão. Sabe o quanto gosto de crianças, principalmente das suas.

— Por isso estou deixando meus filhos com você, sem preocupação alguma. Tenho certeza de que não vai ter problema algum. Mesmo que tenha, é só uma questão de tempo, logo vai se acostumar. Agora, preciso ir até o Martin, para saber como está a marcenaria e o que preciso fazer para que ela continue da maneira como está. Assim que falar com ele, volto para ver como você está. Sei que hoje não vai ser fácil.

— Também sei Raquel. Vou fazer o possível para que eles fiquem bem.

— Sei disso, por isso estou tranqüila.

Raquel se despediu e foi para o ponto de ônibus. Vinte minutos depois, entrava no escritório de Martin, que ficava no segundo andar de um prédio comercial.

Assim que ele a viu, sorriu:

— Raquel! Você aqui?

— Sim, Martin. Preciso que me ajude.

— No que precisar e eu puder, Raquel. Minha mãe disse que conversou com você.

— Conversou, e só estou aqui por tudo o que ela me falou. Eu estava perdida sem saber o que fazer da minha vida e, para ser sincera, só queria morrer.

— Minha mãe sabe como falar sobre o que sente e em que acredita. Ela sempre me diz que Deus usa as pessoas para que seu trabalho seja feito.

— Depois de tudo o que ela me falou, chego até a acreditar nisso, Martin. Seguindo o conselho dela, estou aqui para que me ajude a retomar minha vida. Sabe que não está sendo fácil. De repente, do nada, meu marido e meu filho foram tirados de mim. Não entendo bem por que isso aconteceu, mas, como disse sua mãe, preciso cuidar daqueles que restaram. São crianças e só têm a mim, não é?

— É sim, Raquel. O que precisa que eu faça?

— Vender até que sei, mas nunca mexi com dinheiro, com banco. Não sei como fazer. Pode me ajudar?

— Claro que posso Raquel! Os documentos da marcenaria estão em ordem. Francisco sempre foi muito preocupado com isso. Quanto ao dinheiro, vamos até o banco e conversaremos com o gerente. Ele gostava muito do Francisco e acredito que fará tudo o que for possível para ajudar você.

— Você vai comigo?

— Claro que vou, Raquel. Agora mesmo. Nunca vou me esquecer de que foi por causa de vocês que abri meu escritório. Ele foi tão bem que consegui até me casar e consigo criar, sem problema algum, minhas duas crianças. Vou ficar sempre ao seu lado e a ajudarei em tudo o que precisar.

— Obrigada, Martin. Você é mesmo um grande amigo. Martin deu algumas ordens para a moça que trabalhava com ele e saíram.

Conversaram com o gerente do banco, que providenciou para que Raquel pudesse assinar cheques e controlar a conta.

Depois disso, Raquel se despediu de Martin e foi para a marcenaria. Conversou com Norberto:

— Está tudo certo com o banco, Norberto. Já posso assinar os cheques e pagar as contas que estão para vencer. Amanhã, vou visitar alguns escritórios e tentar vender. Vamos ver o que vai acontecer.

— Vai dar certo, Raquel! Já provou que consegue! Raquel sorriu:

— Precisa dar certo, Norberto. Disso depende a minha vida e a dos meus filhos.

— Tem razão, mas não se esqueça de que sempre estaremos ao seu lado.

— Nunca vou conseguir agradecer tudo o que estão fazendo por mim.

— Você merece Raquel.

— Agora vou para casa e ver como Lia se saiu com as crianças. Ela estava com um pouco de medo.

Norberto começou a rir:

— Com medo? Ela estava apavorada!

Raquel também riu. Despediu-se dele e foi para o ponto de ônibus. Esperou por algum tempo, até que, finalmente, ele chegou.

Como era hora do almoço, estava vazio e ela pôde se sentar.

Enquanto o ônibus andava, ela olhava pela janela e pensava:

Francisco não sabe por que teve de me deixar. Não sei se vou conseguir criar nossos filhos com dignidade, mas vou fazer o possível. Não vejo a hora que chegue o dia em que eu possa encontrar você novamente. De onde estiver me ajude... Não me abandone...

Chegou à casa de Lia. Como estava tudo quieto, entrou devagar. Lia estava deitada, Moacir dormia ao seu lado e Marcos dormia na cama improvisada com cadeiras.

Ao ver aquela cena, Raquel sorriu.

Lia, pressentindo sua entrada, acordou e perguntou baixinho:

— Chegou cedo, Raquel.

— Resolvi tudo no banco e somente amanhã vou sair para vender. As crianças, pelo que estou vendo, estão bem.

Lia se levantou e foram para a cozinha. Sentaram-se.

— Está bem, sim, Raquel, e confesso que me deram menos trabalho do que eu imaginava. Moacir ficou brincando e Marcos acordou duas vezes, dei a mamadeira, troquei a fralda e ele voltou a dormir. Raquel riu novamente.

— Sei disso, ele dorme durante o dia para ficar acordado durante a noite.

Lia também riu:

— Ainda bem que quem cuida dele durante a noite é você.

— Isso mesmo, mas não me incomode. Sei que, daqui a alguns meses, ele dormirá a noite toda. O importante é que ele esteja bem. Agora vou lá para casa. Preciso terminar de arrumar tudo, recolher a roupa que lavei e preparar o jantar.

— Faça isso, Raquel, assim que eles acordarem, eu os levo até lá.

— Obrigada mais uma vez, Lia.

— Não precisa agradecer Raquel. Só cuido das crianças porque gosto delas.

Raquel sorriu novamente e foi embora.

Ao passar pelo local do acidente, novamente sentiu vontade de chorar, mas Olímpia, que estava ao seu lado, colocou as duas mãos sobre suas costas, amparando-a, e ela mudou de pensamento.

Entrou em casa, fez tudo o que precisava fazer. Enquanto passava roupa com o ferro a carvão, sorriu e pensou:

Ainda vou ter um ferro elétrico, igual àquele que vi na revista.

Logo depois, Lia chegou com as crianças. Não pôde ficar muito tempo, pois também precisava preparar o jantar.

Entregou as crianças e foi embora.

Raquel deu banho nas crianças. Em seguida, Marcos mamou e Moacir jantou. Depois, ela comeu alguma coisa, lavou a louça e, cansada pelo dia atribulado, deitou-se para dormir. Deitada, pensou:

Sei que vou dormir só por algumas horas porque logo essa coisinha vai me acordar.

## Relembrando o passado

Raquel adormeceu profundamente. Algum tempo depois, abriu os olhos e viu, diante de si, Olímpia e Samuel. Admirada, perguntou:

— Pai, mãe! Como estão aqui? Vocês morreram! Francisco, que estava ao lado deles, também se admirou:

— Pai, mãe? Você os conhece?

— Claro que conheço. São meus pais, morávamos no Ceará.

— O que está dizendo? Nem seus pais nem você nunca moraram no Ceará! Conheço seus pais e, com certeza, não são esses!

— Claro que são meus pais! O que está acontecendo com você, Durval?

— Durval? Meu nome não é Durval!

Ela, parecendo preocupada, perguntou:

— Está com amnésia? Seu nome é Durval e é meu marido.

— Sou seu marido, mas meu nome é Francisco!

— Acho que você está doente, mesmo. Sei que é meu marido, sim como sei também que seu nome é Durval.

— Você é quem está confusa, Raquel. Meu nome é Francisco...

— Raquel? Por que está me chamando por Raquel?

— Porque é o seu nome!

— Não! Não sei o que está acontecendo aqui, mas meu nome não é Raquel. Meu nome é Eliete! Francisco olhou para Olímpia e para Samuel que a tudo acompanhavam. Desesperado, perguntou:

— Que está acontecendo aqui?

— Não se preocupe, fizemos de propósito.

— Fez o quê, Samuel?

— Precisamos fazer isso.

— Não estou entendendo...

— Nem eu, Durval...

— Depois do que aconteceu com você, agora, vivendo como Raquel e diante da sua tristeza, inconformismo e revolta, é preciso que entenda por que isso aconteceu para que possa continuar esta jornada. Por algum tempo, vocês viverão o que aconteceu na encarnação anterior, para que possam entender por que algumas coisas aconteceram e estão acontecendo nesta em que estão vivendo.

Francisco e Raquel se olharam e, quase juntos, perguntaram:

— Encarnação anterior?

Francisco perguntou:

— Do que está falando, Samuel?

— Sei que parece estranho, mas já tiveram muitas vidas e é sobre a última delas que precisamos conversar. Em um tempo em que você, Francisco, chamava-se Durval e você, Raquel, chamava-se Eliete. Depois dessa conversa, vocês verão que as escolhas feitas ontem refletem hoje e as feitas hoje refletirão amanhã.

Confusos e sem entender o que estava acontecendo, Francisco e Raquel ficaram olhando para Samuel, esperando que ele continuasse a falar.

Ele olhou para Olímpia e, com os olhos, fez um sinal que ela entendeu. Colocou-se por trás de Raquel, de Francisco e abriu os braços. De suas mãos, começaram a sair luzes brancas. Samuel fez o

mesmo, só que pela frente, e luzes também começaram a sair de suas mãos. As luzes encontraram-se. Raquel e Francisco ficaram dentro delas.

Assustados, abraçaram-se. No mesmo instante, aquele círculo de luz se expandiu e eles se viram no meio de muitas pessoas que bebiam e dançavam. Raquel olhou para Francisco e disse:

— Está tendo uma festa?

Francisco, sem entender, respondeu:

— Parece que sim.

— Conheço as pessoas que estão aqui, Durval!

— Não me chame de Durval, Raquel! Meu nome é Francisco!

Ela não deu atenção ao que ele disse e correu para um rapaz que dançava com uma moça. Colocou-se no meio deles e abraçou o rapaz com muita força.

O rapaz também a abraçou e, parecendo surpreso, perguntou:

— O que está acontecendo, Eliete? Por que está me abraçando dessa maneira?

— Estou feliz por ver você.

Francisco se aproximou. Assim que o rapaz o viu, rindo, perguntou:

— O que está acontecendo com a sua mulher, Durval?

— Não sei o que está acontecendo, Norberto.

— Norberto? Meu nome não é Norberto. Chamo-me Hilário. Vocês ficarão loucos?

Raquel e Francisco se olharam. Samuel, sorrindo, disse:

— Está certo. O nome de vocês agora é outro, mas nesta encarnação que estamos revivendo, chamavam-se

Durval e Hilário. Porém, para que não fiquem a todo instante repetindo que o nome de vocês não é aquele pelo qual estão sendo chamados, de agora em diante, continuarão a ser chamados pelo nome atual. Está bem, assim?

Norberto olhou para Francisco, que disse:

— Prefiro que seja assim, do contrário penso que se trata de outra pessoa. O que acha Norberto?

Samuel sorriu.

— Não me lembro de ter sido chamado por Norberto, mas se tiver de ser chamado assim, que seja...

Samuel sorriu, olhou para Raquel e perguntou:

— Você, Eliete, está de acordo? Podemos chamá-la de Raquel, que é o seu nome atual?

Ela, confusa, com a cabeça, disse que sim. Samuel perguntou:

— Vocês não se lembram do dia em que esta festa aconteceu?

Raquel, confusa, ficou olhando para ele e, de repente, falou alto:

— Estou me lembrando! Foi no dia em que papai fez setenta anos! Você não se lembra Francisco? A família estava muito feliz!

Francisco, sem saber explicar como aquilo acontecia, após alguns segundos, disse:

— Também estou lembrando...

— Isso mesmo, Francisco!

Raquel, parecendo surpresa, olhou para Norberto e quase gritou:

— Você é meu irmão Hilário que agora se chama Norberto!

— Claro que sou, mas o que está acontecendo?

— Nada está acontecendo, Hilário. Sua irmã está apenas feliz.

— Ainda bem, papai. Ela está me deixando preocupado.

— Francisco, que confusão é esta? Como posso ter sido Eliete ontem e hoje ser Raquel?

— Não sei Raquel, mas ainda bem que se lembrou de quem é e de quem sou.

Samuel continuou:

— Bem, agora que estão se lembrando, podemos conversar.

— Vejo que estão lembrando. Agora, podemos sair desta festa, ir para casa e voltar no tempo.

— Está bem. Estamos curiosos, eu, pelo menos, estou. E você, Francisco?

— Pode imaginar o quanto.

Samuel se voltou para Norberto e disse:

— Norberto, enquanto vou para casa com eles, fale com Lia e venha também. Todos precisamos conversar.

Diante deles, surgiu uma enorme mansão. Entraram pela porta da frente. Raquel parecia conhecer bem aquela casa, mas Francisco encontrava um pouco de dificuldade para se lembrar com clareza de tudo o que havia acontecido. Por isso, olhava tudo com admiração. Passaram por uma sala bem decorada, porém sóbria. Entraram por uma porta e deram com outra sala. Nela havia uma grande mesa com doze cadeiras à sua volta. Sentaram-se. Norberto e Lia chegaram logo depois e também se sentaram.

Samuel começou a falar.

— Para que esta conversa possa continuar, preciso que olhem para Eliete e Durval. Eles já entenderam o que está acontecendo. E preciso que entendam também.

Lia olhou para Raquel e Francisco e, diante deles, os rostos foram se modificando, inclusive os deles. Norberto e Lia se reconheceram:

— O que está acontecendo aqui, Raquel. Que lugar é este? Francisco, como você está aqui? Você morreu?

— Não sei, Lia.

— Nós morremos também?

Olímpia e Samuel riram. Ela disse:

— Não, Lia, vocês ainda não morreram, estão apenas dormindo e sonhando. Quando o encarnado adormece,

seu espírito fica livre para ir aonde quiser. Nós trouxemos vocês para cá. Quando acordarem, vão se lembrar de algumas coisas e acharão que sonharam.

Intrigados, um olhou para o outro, mas ficaram calados. Samuel continuou.

— Naquele dia da festa em que eu completava setenta anos, enquanto as pessoas dançavam, comiam e se divertiam preocupado com minha idade, sabendo que você, Norberto, não se preocupava com nada, além de se divertir e viver a vida chamei você e disse:

— Preciso conversar com todos vocês sobre um assunto muito sério. Com ar enfadonho, você perguntou:

— Conversar sobre o quê, papai?

— Sobre algo muito sério.

— Sabe que não gosto de conversas sérias, mas se deseja minha presença, não posso me negar.

— Sei que não gosta Hilário, mas é preciso. Quero que sua mulher também esteja presente.

— Precisa ser hoje, papai? É dia de festa!

— Para vocês, todos os dias são de festa.

— Está bem, vou chamar a Odila.

Hilário, rindo, caminhou em sua direção, Odila, que, distraída, conversava com outra moça. Disse:

— Papai quer ter uma daquelas reuniões chatas de família.

— Hoje, Hilário?

— Sim, hoje e sabe que, quando ele quer alguma coisa, não gosta de ser contrariado. Vamos, acho que não vai demorar muito.

Samuel continuou:

— Vi que vocês olharam para a nossa direção e, ao lado de Francisco e Raquel, comecei a caminhar para casa.

— Lembro-me daquele dia, Samuel. Olhei para trás e vi que Norberto e Lia nos seguiam.

— Sim, Francisco. Entramos nesta mesma sala, nos sentamos. Em seguida, Norberto e Lia também chegaram e se sentaram.

Samuel, segurando mão de Olímpia, perguntou:

— Você se lembra da conversa que tivemos naquele dia, Raquel?

— Mais ou menos. Tudo está confuso.

— Sei disso, mas, aos poucos, as coisas ficarão mais claras. Depois de todos sentados, eu disse:

— Já conversei com seu irmão, Raquel, e agora, preciso conversar com vocês a respeito de algo muito sério.

— Sobre o que quer falar?

— Faz dois anos que sua mãe morreu. Desde que ela morreu, andei pensando muito na minha vida. Sinto que logo vou morrer também.

— Que conversa é essa papai?

— Não se trata de conversa, Raquel. É a lei da vida. Nascemos, crescemos, envelhecemos e morreremos. Essa é a realidade e, contra isso, nada podemos fazer.

— O senhor é forte, ainda é cedo para pensar em morte.

— Não é cedo, minha filha. Como disse, tenho pensado na minha vida. Toda a fortuna que temos começou lá atrás com meus avós, quando vieram tentar a vida aqui. Com a venda de café e de escravos, conseguiram uma fortuna incalculável. Depois, meu pai, também com café e fazendo outros negócios com terras, não só conservou a fortuna herdada, como a aumentou. Eu consegui continuar e, hoje, nem sei quanto dinheiro tenho. Vejo agora que, embora tenha todo esse dinheiro, a vida está se acabando e todas as minhas lutas vão ficar para trás. Todo o dinheiro que tenho também vai ficar aqui, na Terra.

— Ao menos teve uma vida boa, pai, e nós também tivemos.

— É verdade, Norberto, mas estou preocupado. Você, sendo meu filho mais velho e homem, deveria continuar nosso legado, mas parece que isso não vai acontecer. Só pensa em se divertir, viajar e gastar dinheiro sem pensar.

— O senhor tem razão. Nunca conseguiria ser como o senhor. Quero viver a vida, para que, quando ficar velho, não me arrependa de não ter feito tudo o que poderia.

— Nem filhos você quis, meu filho! O que mais me estranha é que sua mulher também não quis.

Ao ouvir aquilo, Lia nervosa disse:

— Para que vou querer filhos? Para não poder mais ir a festas, freqüentar a sociedade, ficar com meu corpo todo disforme nem viajar? Não, não quero isso. Estou bem da maneira como estou!

— Não entendo como você, sendo mulher, não quer ter filhos, Lia?

— Sou eu quem não entende o porquê dessa pergunta, Raquel? Eu é que não entendo qual foi à vantagem de você ter tido três filhos? Eu gosto da vida que tenho e não quero mudar!

Samuel continuou

— Fiquei bravo com vocês duas.

— Fiquem quietas! Não viemos aqui para falar bobagens! Estamos aqui para decidir o futuro da nossa família!

— Foi Raquel quem provocou! Não gosto de ouvir palpites sobre a minha vida! Ela, ao invés de se preocupar comigo, devia prestar mais atenção na vida dos filhos!

— O que está acontecendo com meus filhos que eu não sei?

— Nada! Como seu pai disse, não viemos aqui para isso. Fizeram com que eu abandonasse a festa para quê? Para isso?

— Agora você vai ter de dizer o que está acontecendo com eles!

— Nervoso com aquela discussão inútil, gritei:

— Já disse que parem com essa discussão inútil! O assunto que nos traz aqui é muito mais sério!

— Diante do meu grito, vocês se calaram. Raquel, olhando para Francisco, emocionada, disse:

— Francisco, estou me lembrando, agora, claramente de tudo o que aconteceu e, principalmente, daquele dia.

Lia também falou:

— Eu também, Raquel. Eu disse mesmo aquilo... Olímpia, sorrindo, disse:

— Sabíamos que isso aconteceria. Quanto mais Samuel falar, mais vocês se lembrarão. Continue Samuel.

— Vocês se calaram e ficaram olhando para mim, esperando que eu continuasse. Eu continuei:

— Depois de pensar muito, resolvi que, já que você, Norberto, nada entende sobre negócios, sabendo que é Durval quem sempre esteve ao meu lado, aprendeu e me ajudou em todos os momentos, acho justo passar para ele e Raquel todos os nossos negócios para que, na minha falta, continuem trabalhando.

— Vai dar todo nosso dinheiro para eles?

— Juntamente com todo o trabalho, Lia.

— Como vamos continuar vivendo?

— Da mesma maneira que viveram até agora.

— Se o dinheiro não for mais nosso, não entendo como isso pode acontecer.

— Antes de conversar com vocês, pensei em tudo. Embora não goste da maneira como vivem, sendo meu filho aceito. Por isso, vocês terão uma boa mesada que vai garantir que nada mude na vida de vocês. O resto ficará com Francisco e Raquel. Eles cuidarão de tudo.

— Você, Lia, olhou para Norberto, esperando que ele dissesse alguma coisa. Como não disse, você perguntou:

— Teremos dinheiro suficiente para que nossa vida não mude?

— Sim, já calculei todos os gastos que podem ter.

— Sendo assim, não tenho a que me opor. Estou de acordo. E você, Norberto?

— Você acha que vai dar certo, Lia? Será que não vamos nos arrepender?

— Seu pai está dizendo que vamos ter tudo do que precisamos e com o que estamos acostumados.

— Se você acha que está bem, também concordo. Samuel sorriu e continuou falando:

— Eu sabia que concordariam, pois, na realidade, era aquilo que vocês queriam. Ter dinheiro sem precisar trabalhar e se preocupar. Por saber isso, já tinha comigo todos os documentos necessários. Todos assinaram e eu, satisfeito, propus um brinde. Quando terminamos de beber, você, Lia, disse:

— Agora que está tudo dito e assinado, posso voltar para a festa? Estava combinando com a Noêmia uma viagem a Paris.

— Vamos, Lia. Gostei da idéia.

Lia começou a chorar. Samuel perguntou:

— Por que está chorando, Lia?

— Depois de me lembrar desse tempo, entendo o porquê de, hoje, sermos pobres e não termos filhos.

— É verdade, Lia... Olímpia interferiu:

— Sim, esse é o motivo. Ontem, vocês tiveram tudo, dinheiro e tranqüilidade, para terem e criarem muitos filhos com todo conforto, mas, usando do livre-arbítrio, se recusaram. Quando ficaram velhos, encontraram-se sozinhos e perceberam a inutilidade da vida que viveram. Depois, quando morreram e quando iam renascer, escolheram a vida que teriam. Para dar valor, seriam pobres e não teriam filhos. Vocês escolheram e estão

vivendo isso.

— Estamos entendendo, não é, Norberto?

— Sim, Lia. A sorte é termos os filhos de vocês para que não seríamos totalmente infelizes.

Samuel falou:

— É verdade, como podem ver Deus nunca nos abandona. Vocês continuarão ao lado deles, tratando-os como filhos e eles como se fossem seus pais.

Agora, vamos continuar. Você também saiu Francisco, dizendo:

— Já que está tudo acertado, vou para o escritório. Há algumas coisas que preciso ver.

— Está bem, Francisco, pode ir.

— Você também se levantou para sair, Raquel, mas eu disse:

— Fique, Raquel, ainda não terminei com você.

Raquel, parecendo aflita, disse:

— Antes que o senhor continue, eu poderia ir até onde está Mauro, preciso muito vê-lo, saber como está...

— Ele está bem.

— Já disseram isso, mas preciso ver como ele está...

— Está bem. Olímpia, enquanto eu continuo conversando com eles, vá buscar Mauro. Ela vai ver que, realmente, ele está bem.

Olímpia se levantou, sorriu para Raquel, que correspondeu ao sorriso. Depois que Olímpia saiu, Samuel continuou falando.

— Naquele dia, depois que todos saíram, nós continuamos. Você, Raquel, estava preocupada com aquilo que Lia havia dito a respeito de seus filhos. Perguntou:

— Pai, o senhor sabe o que está acontecendo com meus filhos?

— Por que está perguntando a mim?

— Sei que meus filhos conversam sobre tudo com o senhor. Por isso, se alguma coisa estiver acontecendo, o senhor deve saber.

— Está com ciúme?

— Confesso que algumas vezes me incomodei com isso, mas, conhecendo o senhor como conheço, sei que eles, assim como eu, confiam no senhor. Não sei o que faz para obter tanta confiança dos jovens.

— Já estive pensando a esse respeito, minha filha. Talvez seja por nunca me esquecer de como era quando jovem. Por mais que o mundo mude, que se modernize, as crianças e jovens serão sempre iguais. Precisam viver para aprender. Depois de tanto tempo de vida, aprendi que não adianta querermos passar nossas experiências para eles, pois só saberão o que dizemos no momento em que estiverem vivendo.

— Deve ser isso mesmo, pai. Confesso que tenho dificuldade para pensar assim e uso de todas as maneiras possíveis para evitar que sofram.

— Não adianta minha filha. Terão de passar por experiências que serão só deles.

— Preciso me convencer disso, mas, voltando ao assunto, Lia insinuou que está havendo algo, preciso saber do que se trata. O senhor sabe algo a respeito?

— Sim. Ela deve ter se referido ao que está acontecendo com João Pedro. Algo que, para mim, não tem importância alguma, mas que, para você, poderá ser um problema.

— Do que se trata papai?

— Ele está namorando Maria Rita.

— O quê?

— Isso mesmo e, pelo que me disse, está apaixonado.

— Não pode ser pai! Ela é uma...

— Negra? E isso que a incomoda? Ela ser uma negra?

— Não! Não é isso! O senhor sabe que não tenho preconceito.

— Sei, sim, desde que um negro não tente entrar para a nossa família.

— Não é bem assim, pai. Não é por ser uma negra, mas, sim, por não ter instrução nem uma família respeitável.

— Você quer dizer uma família com dinheiro, não é mesmo?

— Sim, pai. O senhor acabou de dizer que nossa fortuna é incalculável! Não podemos permitir que alguém que nada tem se aproprie dela!

— Para que serve o dinheiro, Raquel?

— Quando fiz essa pergunta, você pensou por alguns segundos e depois respondeu:

— Para termos uma boa vida.

— Para o que mais?

— Não sei pai. Para comprarmos tudo o que desejamos.

— Para o que mais, Raquel?

— Lembra-se de como você ficou nervosa, quando insisti na pergunta?

— Tive de ficar, porque, por mais que eu respondesse o senhor queria sempre mais. Eu não sabia para que mais o dinheiro servia.

— É verdade. Eu sabia que ainda não havia descoberto para que o dinheiro servia, realmente. Nervosa, foi você quem perguntou:

— Não sei pai, para o que mais ele serve?

— Não acha que é para nos trazer a felicidade?

— Como?

— Ele serve somente para nos trazer a felicidade, para nada mais, filha...

— Não estou entendendo o que quer dizer. Já disse que serve para termos uma boa vida e comprarmos tudo o que queremos. Isso não é felicidade?

— De certa maneira é, mas você disse que uma pessoa que nada tem não pode ter aquilo que julga ser seu.

— Pai! O senhor está me confundindo...

— Supondo-se que Maria Rita só esteja interessada no nosso dinheiro, o que não acredito, qual seria o problema se, para obtê-lo ela faça João Pedro feliz?

Se o dinheiro pode ser usado para a felicidade dele, que seja!

— Não, pai, não posso aceitar isso! Ele precisa se casar com alguém do nosso nível!

— Está querendo dizer com o nosso dinheiro?

— É isso mesmo!

— Estou velho, minha filha. Sei que logo mais vou deixar esta terra, mas fico triste ao ver que pensa assim. Agora que estou perto da morte, vejo que o dinheiro não tem valor algum e que, principalmente, não tem dono. Assim que eu fechar meus olhos, todo o trabalho que tive, todo o dinheiro que acumulei, ficará aqui e será usado por aqueles que vieram depois de mim. Será que saberão usar? Será que esse dinheiro trará a eles a felicidade ou será que o dinheiro se transformará em motivo de brigas e desavenças?

— Lembra-se disso que eu falei a você, Raquel?

— Lembro-me, pai e, infelizmente, embora eu tenha ouvido, não o escutei.

— Tem razão, infelizmente você não escutou e cometeu aquela injustiça, aquele crime contra Maria Rita, o que causou a infelicidade de seu filho.

— É verdade, depois que conversou comigo, fui conversar com João Pedro.

— Foi isso que aconteceu, mas, agora, precisamos parar de conversar. Precisa voltar ao seu corpo. Não pode se esquecer de que, agora, você é Raquel e que está sozinha, criando duas crianças. Não pode se esquecer de que, embora estejamos conversando aqui, seu corpo está adormecido, mas logo será acordado por seu filho que está com fome.

— Não pode fazer isso!

— Por que não, Raquel?

— Não posso ir sem ver Mauro. Olímpia ainda não voltou com ele!

Samuel sorriu:

— Ele está bem, não se preocupe. Você virá aqui, ainda, várias vezes e poderá ver seu filho. Mas, hoje, não vai dar. Conversamos demais e Marcos precisa de você.

Antes que ela dissesse alguma coisa, Marcos começou a chorar e ela acordou. Enquanto tirava o menino do berço, pensou:

Tive um sonho estranho... Acho que me encontrei com Francisco... Estávamos em uma festa. Vi a Lia e o Norberto também. Não me lembro muito bem, só sei que estava feliz. É uma pena não me lembrar de todos os detalhes. Será que Francisco está aqui? Bem, preciso deixar o sonho para depois, agora, tenho que cuidar do meu neném.

Embora tivesse trocado a fralda, dado de mamar, Marcos não parava de chorar. O choro era tão alto e estridente que acordou Moacir que, sonolento, disse:

— Faz parar de chorar, mãe...

— Estou fazendo o possível, volte a dormir logo ele vai dormir também.

O menino, com sono, virou-se na cama e voltou a dormir. Raquel sorriu.

Depois de mais de meia hora de balanços e afagos, Marcos também voltou a dormir.

Raquel, com cuidado, colocou-o de volta no berço e se deitou:

Preciso dormir mais um pouco, pois sei que daqui a duas horas ele vai acordar novamente. Amanhã vou recomeçar a minha vida. Espero conseguir vender bastante para poder cuidar bem dos meus filhos. Francisco, não sei se existe mesmo outra Vida. Só sei que, se existir, você estará cuidando de Mauro e de nós também e vai me ajudar a conseguir vencer.

Assim pensando, sorriu e logo adormeceu.

Francisco, que estava ali ao lado de Samuel e Olímpia, sorriu.

Olímpia estendeu as mãos sobre Raquel e, de suas mãos, luzes brancas surgiram e iluminaram todo o quarto.

## Dedicação

Não eram ainda seis horas da manhã, quando Marcos acordou. O choro dele fez com que Raquel acordasse também. Ela se levantou, tirou o menino do berço, colocou-o para mamar.

Enquanto ele mamava, carregando-o no colo, foi para a cozinha e, com uma das mãos, colocou carvão sobre as brasas que haviam restado da noite anterior, abanou com a tampa da panela. Quando as chamas ficaram fortes, tirou água de um balde que estava sobre uma cadeira, colocou em uma chaleira e, depois, colocou a chaleira sobre as chamas. Voltou para o quarto, sentou-se sobre a cama e esperou que Marcos terminasse de mamar.

Quando o menino se fartou, trocou sua fralda e colocou-o novamente no berço.

Antes que Moacir acordasse, pegou as roupas que estavam no chão, ao lado da cama, levou-as para os fundos do quintal, onde Francisco havia feito um pequeno coberto e colocado o tanque, que ficava junto ao poço de água.

Ela baixou o balde, que estava preso em uma corda, e, lentamente, trouxe o balde, com água, para cima. Fez isso várias vezes até ter água suficiente para lavar a roupa.

Rapidamente, lavou as roupas, depois as prendeu em um varal e entrou em casa. Moacir ainda dormia. Acordou-o, dizendo:

— Acorde Moacir. A mamãe precisa trabalhar e você vai ficar com a Lia.

O menino, com dificuldade, abriu os olhos.

— Precisa trabalhar, por quê?

— Para poder dar a você e ao seu irmão tudo do que precisam.

— O pai vai demorar muito para voltar?

Ela se emocionou, mas disfarçou, perguntando:

— Por que está fazendo essa pergunta?

— Porque quando ele estava aqui, a senhora não precisava trabalhar...

— Sei disso, mas ele vai demorar em voltar e, enquanto ele não chegar, eu vou cuidar de vocês. Agora, levante-se, precisa tomar café.

O menino se levantou e, sonolento, foi para a cozinha, sentou-se em uma cadeira. Raquel pegou uma caneca de alumínio, colocou dentro dela um pedaço de pão do dia anterior e, sobre ele, jogou um pouco de café e misturou com leite. Bateu bem e deu uma colher para que o menino pudesse comer.

Enquanto ele comia, ela pegou algumas mamadeiras que estavam em uma panela com água. Elas haviam sido fervidas. Voltou para o quarto, tirou leite e colocou nas mamadeiras que deixaria com Lia.

Depois de tudo arrumado, pegou Marcos, ainda dormindo, no colo e, segurando Moacir com a outra mão, foi para a casa de Lia.

Assim que entrou, viu que Norberto estava do lado de fora da casa.

— Bom-dia, Norberto.

— Bom-dia, Raquel. Eu, ontem, avisei ao Augusto que não iria trabalhar hoje, preciso fazer a nossa mudança.

— Está bem, Norberto. É bom que se mudem logo. Assim não vou precisar tirar as crianças tão cedo da cama.

Lia, ao ouvi-los conversando, saiu e, com carinho, pegou Marcos do colo de Raquel e Moacir pela mão.

— Venha Moacir, já preparei alguns brinquedos para você brincar. O menino entrou e correu para os brinquedos que estavam espalhados pelo chão. Sentou-se e começou a brincar.

Raquel, sorrindo, também entrou. Assim que entrou,

Lia disse:

— Raquel, sonhei com você!

— Comigo?

— Sim, não sei o que sonhei, mas Francisco e Norberto também estavam no meu sonho.

— Estranho...

— Estranho, por que, Raquel?

— Também sonhei com você, com Norberto e com Francisco. Parece que estávamos em uma festa...

— Não sei onde estávamos, mas estávamos juntas em algum lugar.

— Acho que é porque estamos preocupadas com a vida e com sua mudança lá para casa.

— Deve ser isso mesmo. Para ser sincera, não vejo a hora de me mudar. Sei que assim vou poder cuidar das

crianças com mais espaço facilidade.

— É verdade, Lia. Lá em casa tem muito mais espaço do que aqui. Agora, vou até o bar do seu Joaquim para pegar pão, leite e o pedaço de gelo. Depois, vou sair e tentar vender os móveis.

— Faça isso e não se preocupe, sabe que cuido dos seus filhos como se fossem meus. Suas crianças, para mim, foram como presentes de Deus.

— Sei disso, Lia. Por isso não me preocupo. Agora, preciso ir. À tarde, quando eu voltar, já deverá estar na minha casa.

Raquel beijou os filhos e, acompanhada por Olímpia, saiu. Em sua bolsa, levava as fotografias dos móveis. Visitou vários lugares, mas não conseguiu vender. Olhou para o relógio que tinha em seu pulso, pensou:

Já são quase três horas e não vendi nada. Hoje, definitivamente, não vou vender. Acho melhor voltar para casa. Lia já deve estar lá e precisando de ajuda para a arrumação de tudo. Sei que, com as crianças, isso não é fácil.

Caminhou em direção ao ponto do primeiro ônibus que deveria tomar. Estava andando, quando Olímpia fez com que ela olhasse para o outro lado da calçada. Ela viu que um prédio, já em fase de acabamento, estava sendo construído. Parou, olhou e percebeu que era um prédio de apartamentos, mas que no térreo estavam construindo lojas.

Atravessou a rua e parou em frente. Um senhor se aproximou:

— A senhora está interessada em comprar?

— Bem que gostaria, mas não tenho dinheiro para isso.

— Vi que estava olhando com tanto interesse, achei que queria comprar. Sou o construtor. Os apartamentos já foram vendidos, mas restam, ainda, duas lojas.

— Não quero nem posso comprar, mas pode me informar que tipo de lojas haverá aqui?

— Daquele que o comprador quiser. Como pode ver, são quatro lojas. Duas já foram compradas. Uma vai ser de sapato, outra será de roupas. As outras duas ainda não sei. Por que está perguntando, já que não vai comprar?

Ela tirou as fotografias da bolsa e mostrou ao senhor que, após olhar, disse:

— Os móveis são muito bonitos. A senhora trabalha para esta empresa?

— Não, senhor, sou dona.

— Dona da empresa? Uma mulher?

— Embora pareça estranho, sou dona, sim. A vida me levou a isso.

— Como a vida a levou?

Ela não entendia o porquê, mas confiou naquele senhor que poderia ser seu pai e contou tudo o que havia acontecido. Quando terminou de falar, o homem, demonstrando pesar, disse:

— Nossa, moça, quanto sofrimento!

— O senhor não pode imaginar como estou me sentindo. Embora saiba que preciso cuidar dos filhos que me restaram, confesso que, muitas vezes, sinto vontade de abandonar tudo.

— Não pode moça! Essas crianças são a sua salvação!

— Por que está dizendo isso? Eles nasceram e continuarão crescendo, mesmo que eu não esteja mais aqui. Já fiz a minha parte, permiti que nascessem.

— Nem pense isso, ao contrário, deveria perguntar o que fez na outra encarnação para estar sofrendo assim.

— Não, por favor, não venha com essa conversa de reencarnação! Isso é uma loucura!

— Já ouviu falar sobre isso?

— Sim. Muitas vezes, mas não acredito que alguém possa ser castigado por algo de que não se lembre! Deus não poderia ser tão malvado assim!

— Deus não é malvado, Ele não é responsável por aquilo que passamos. Só existe um responsável.

— Quem?

— Nós mesmos. Deus só nos dá a chance de resgatarmos os erros que praticamos.

Raquel, furiosa, falou:

— Não dá para aceitar, não! O senhor quer que eu acredite que fui muito má, que matei meu marido e meu filho e que por isso eles morreram? Não aceito isso! Não pode ser!

— Não disse que tenha feito isso, mas pode ter feito, sim. Quem vai saber o que fizemos em outra vida...

— Eu só aceitaria isso, se conseguisse me lembrar, como não me lembro, não aceito!

— Pode estar certa, mas, se lembrasse, não haveria mérito algum. Mudaria sua atitude por interesse, não para progredir, como espírito. Deus não quer nos impor nada, quer que façamos o que sentimos vontade. Ele é

o mais democrata de todos. Deixa que cada um decida o caminho que quer seguir.

— Não consigo entender dessa maneira! Supondo-se que seja verdade, eu não posso ter feito algo tão grave para merecer a vida que estou tendo!

— Quem é que sabe moça... Quem é que sabe, mas não adianta ficarmos conversando, o que preciso fazer é tentar ajudar à senhora. Posso ficar com essas fotografias?

— Pode, sim. Eu tenho o filme e vou mandar revelar mais.

— A senhora manda revelar sempre?

— Sim, sempre que deixo em algum lugar, preciso mandar fazer mais.

— Fica muito caro! Por que não manda fazer folhetos em uma gráfica?

— Folhetos? Não sei, mas deve ficar muito caro e eu não tenho dinheiro para isso.

— Não é tão caro assim e garanto que é muito mais barato do que fazer revelação de fotografias. Além disso, terá muito mais para poder mostrar. Procure se informar. Tenho um amigo meu que tem uma gráfica, vou lhe dar o endereço. Vá até lá, sei que ele vai facilitar para que possa fazer os folhetos. Assim, todas essas fotografias ficarão juntas em um só folheto e poderá deixá-las por todo lugar. Vai ver como o resultado será melhor.

— O senhor acha?

— Tenho certeza. Seus móveis são muito bonitos e diferentes de tudo que já vi. Vai ser um sucesso. Acho que a senhora vai se tornar uma grande empresária!

— Tomara que seja verdade!

— Vai ser, pode ter certeza. Não foi à toa que a senhora passou por aqui e parou para conversar. Isso aconteceu para que eu pudesse lhe falar da gráfica e dos folhetos. Embora não acredite, Deus trabalha assim. Sempre que precisamos, Ele usa as pessoas para nos ajudar.

— Será verdade?

— Não sei, mas pense a respeito e vai ver que, por pior que seja o momento que estamos vivendo, nunca estamos sós e que, de alguma maneira, a ajuda sempre vem.

— Não sei se foi Deus, mas o senhor me deu uma ótima idéia.

Ele tirou do bolso um cartão e deu a ela, falando:

— Não vai acreditar, mas este cartão estava esquecido na gaveta da minha escrivaninha e, hoje, quando estava saindo, abri a gaveta para pegar um pedido de material de construção que havia feito e vi o cartão. Sem saber o porquê, peguei-o e coloquei-o no bolso. Vá até lá e diga ao Domingos que foi o Luiz quem a mandou. Aqui não tem telefone, mas assim que chegar ao meu escritório vou telefonar e pedir a ele que faça o que for possível para ajudá-la.

— O senhor vai fazer isso?

— Claro que vou. Embora não acredite, acho que Deus me fez um Seu instrumento para ajudá-la neste momento difícil pelo qual está passando.

— Nem sei como agradecer.

— Não precisa agradecer. A senhora é uma mulher muito forte. Uma guerreira! Vai vencer na vida, disso tenho certeza!

Ela olhou para o cartão e, rindo, disse:

— É aqui perto, justamente na rua em que vou pegar o meu ônibus.

— A senhora vai passar por essa rua?

— Sim. Estava indo para lá.

— Então, vou junto com a senhora e converso com o Domingos. Sei que ele vai ajudar. Espere só um pouquinho.

Entrou na construção, falou alguma coisa a um dos pedreiros e saiu.

— Agora podemos ir. Avisei que vou sair, mas que voltarei logo. Saíram caminhando.

Chegaram à gráfica. Luiz mostrou as fotografias:

— Esta senhora tem uma pequena marcenaria.

Precisa fazer alguns folhetos para divulgar sua mercadoria, mas não tem dinheiro. Queria ver se você pode ajudá-la.

Domingos olhou as fotografias e disse:

— Podemos fazer um folheto, não muito grande, mas que mostre bem os móveis que, por sinal, são bonitos.

— Também achei e sinto que, com uma boa propaganda, ela tem futuro. Por isso, você poderia facilitar a maneira de pagamento.

— Somos amigos há muito tempo, Luiz, e você sabe que minha gráfica também é pequena e que não costumo fazer isso, mas, não sei por que, vou ajudar à senhora. Vou fazer os folhetos e poderá pagar em duas vezes. Vou fazer ainda mais. Pagará a primeira prestação em trinta dias e a segunda em sessenta. O que acha?

Raquel, que acompanhava a conversa e ao ouvir aquela pergunta, ficou calada por alguns minutos, depois disse:

— O senhor ainda não falou quanto vão custar os folhetos.

— Vou fazer um orçamento e amanhã poderei dizer com certeza. Mas não se preocupe. Sei que não vai se arrepender e que seus móveis serão vendidos com mais facilidade e menos trabalho.

— Está bem. Faça o orçamento e amanhã bem cedo eu passo por aqui.

Domingos olhou para Luiz e sorriram. O mesmo fez Olímpia que continuava ao lado de Raquel.

Saíram da gráfica. Despediram-se.

— Obrigada por sua ajuda, senhor Luiz.

— Já disse que não precisa agradecer e, quando os folhetos ficarem prontos, leve-os a minha obra. Vou tentar vender seus móveis e acho que vou conseguir. Raquel sorriu, foi para o ponto de ônibus e Luiz voltou para sua construção.

O ônibus chegou e ela entrou. Assim que entrou, percebeu que não havia lugar para se sentar, mas não se incomodou. Em pé, segurando-se no banco à frente, pensou:

Foi muito bom ter conhecido esse senhor. Nunca havia pensado em fazer folhetos. Acho que ele tem razão, meu trabalho vai se tornar mais fácil e os móveis serão conhecidos por mais pessoas.

Após quase quarenta minutos, finalmente o ônibus parou no ponto em que ela deveria descer. Desceu. Acompanhada, sem saber, por Olímpia, começou a caminhar em direção à sua casa. Sabia que Lia havia se mudado.

Entrou, viu Lia que dava comida para Moacir. Assim que a viu, Lia disse:

— Raquel! Chegou cedo!

Antes de responder, Raquel abraçou e beijou Moacir, que continuou comendo. Depois, respondeu:

— Cheguei, Lia. Estou cansada, andei muito, mas valeu à pena.

— Conseguiu vender?

— Não, mas aconteceu algo que, acho, vai me ajudar muito.

— O que foi?

Raquel contou o encontro com Luiz e terminou, dizendo:

— Acho que é uma boa idéia, você não acha que é,

Lia!

— Acho Raquel! Como não pensamos nisso?

— Não sei, Lia.

Moacir terminou de comer, desceu da cadeira e chegou perto de Raquel que, pegando-o no colo, perguntou:

— Então, meu filho, você está bem?

— Estou já tomei banho e comi.

Lia sorriu:

— É verdade, Raquel. Ele é um bom menino. Já tomou banho e logo poderá ir dormir.

— O Marcos, como está, Lia?

— Depois de mamar e chorar um pouco, está dormindo.

Raquel sorriu:

— Está dormindo agora para ficar acordado quase a noite toda. Vou até o quarto para vê-lo.

Estava indo para o quarto, quando Lia disse:

— Ele não está mais no seu quarto, Raquel.

Raquel parou, voltou-se, perguntando:

— Por que não, Lia?

— Durante o dia nos mudamos. Tirei os móveis que eram de Mauro e que estavam no quarto, levei para o quartinho dos fundos e coloquei nossa cama e o guarda-roupa no lugar. Pensei um pouco e, já que precisa sair todos os dias e eu vou ficar em casa, não acho justo que fique acordada cuidando de Marcos. Coloquei o berço dele no meu quarto, assim, eu cuidarei dele e você poderá dormir melhor.

— Sua intenção foi muito boa, mas acho que não vai passar da primeira noite. Você não imagina o que um neném faz. Você não pode evitar o choro dele, mas, de qualquer maneira, obrigada por ter feito isso.

Preciso muito dormir, tomara que dê certo.

— Tomara que dê certo, mesmo, Raquel. Depois que o vir, volte. O jantar está quase pronto e, enquanto eu cozinhava, deixei este caldeirão com água sobre o fogão para que esquentasse e, se quiser, pode tomar banho. Depois, eu coloco outra água para Norberto.

— Nossa, Lia! Você é perfeita! Obrigada!

Lia sorriu e voltou-se para o fogão, onde uma panela com feijão fervia.

Raquel foi tomar banho. Quando Norberto chegou, jantaram. Após o jantar, Raquel, cansada, deitou-se. Olhou para o lado e pensou:

Parece que tudo está se encaminhando, mas você não está mais aqui, Francisco. Durante o dia, chego até, por alguns momentos, a me esquecer de tudo, mas, agora, aqui, a saudade de você e de Mauro é muito grande. Sinto meu coração até doer. Ouvi tanto falar em outra vida, seria tão bom que fosse verdade e que eu, um dia, me encontrarei com vocês. Poder abraçar e beijar meu filho outra vez. Dormir abraçada a você, como fazia antigamente. Se tudo o que disseram for verdade, você deve estar aqui ao meu lado. Tomara que seja verdade...

Lágrimas caíram de seus olhos. Após algum tempo, cansada, adormeceu.

## Sonho reparador

Algum tempo após adormecer, Raquel foi acordada por Olímpia e Francisco:

— Acorde Raquel! Precisamos ir a um lugar e sei que vai gostar. Ela, não demonstrando surpresa, sorriu:

— Aonde vai me levar, Francisco?

— É uma surpresa. Vamos! Vai ser uma surpresa!

— Está bem.

Ela levantou-se, olhou para a cama e viu que seu corpo dormia.

— Meu corpo vai ficar aqui?

— Vai, sim. Ele precisa de repouso, mas o espírito nunca dorme. Antes, porém, vamos acordar os meninos.

Eles precisam ir conosco.

— Para onde vai nos levar?

— Já disse que é surpresa, Raquel. Não se preocupe, sei que vai gostar.

Olímpia estendeu os braços em direção a Moacir que, no mesmo instante, abriu os olhos. Ao ver a mãe em pé, estranhou:

— A senhora não está dormindo?

— Não, filho. Olhe quem está aqui.

Moacir olhou para onde ela apontava e, com alegria, gritou:

— Papai! Já voltou de viagem?

Francisco pegou o menino no colo e, emocionado, respondeu:

— Não, Moacir, estou apenas visitando vocês.

O menino não se deu conta do que estava acontecendo realmente, apenas sorriu de felicidade. Entraram no outro quarto onde Marcos dormia e o acordaram também.

Assim que viu Moacir, o menino gritou:

— Você está aqui, mesmo, Moacir?

— Estou o Gabriel não disse que íamos nos encontrar?

— Ele disse, mas eu estava com medo de não encontrar você.

Raquel, ao ouvir aquilo, olhou para Francisco que, também surpreso, olhou para Olímpia que, sorrindo disse:

— Por que toda essa admiração?

— Marcos é ainda um bebê, como pode falar e reconhecer o irmão?

— Vocês se esquecem de que, embora em um corpo de criança, todo espírito foi criado há muito tempo?

— Sim, mas, mesmo assim, não estou entendendo o que está acontecendo aqui...

— Viemos buscar vocês justamente para isso, para que entendam.

— Para onde vamos?

— Vamos nos dar as mãos.

Obedecendo, Raquel pegou Marcos no colo. Francisco segurou Moacir pela mão e, em poucos minutos, estavam naquele mesmo lugar onde havia muitas crianças.

Raquel, admirada, olhava sem se conter. Perguntou:

— Existem, aqui, crianças de todas as idades, Olímpia! Antes que Olímpia dissesse algo, Marcos e Moacir, assim que viram Gabriel, correram para ele, que, assim que os viu, abriu os braços. As crianças o abraçaram com carinho e saudade.

O rapaz, abraçando-os, disse:

— Eu não falei que vocês iam se encontrar, Moacir?

— Falou Gabriel, mas, mesmo assim, eu estava com medo, não queria nascer. Não queria deixar Marcos, ele é meu amigo de muito tempo. Fiquei com medo de que ele não fosse ao meu encontro.

— Sei disso, mas eu disse que você iria primeiro e que ele iria depois, não foi?

Os meninos, com a cabeça, disseram que sim. Gabriel continuou:

— Como estão vendo, isso aconteceu. Ele, agora, é seu irmão e vocês crescerão juntos. Um ajudará ao outro a caminhar, a aprender e a resgatar.

Raquel e Francisco, ao ouvirem e virem aquilo estranharam. Raquel perguntou:

— Não estou entendendo, Olímpia. O que está acontecendo aqui?

— O que você não está entendendo, Raquel?

— Agora pouco, você disse que todo espírito foi criado há muito tempo. Como existem tantas crianças aqui?

— É muito simples, Raquel.

— Como simples?

— Todo espírito foi criado há muito tempo, mas quando morre no corpo de uma criança, seria muito estranho, para ele, ao voltar para cá, ver se em um corpo adulto. As crianças precisam de um tempo para se adaptarem à nova realidade. Por isso, elas são enviadas para lugares como este, onde espíritos amigos as recebem, instruem e vão, aos poucos, contando o que aconteceu. Com o tempo, vão sendo esclarecidas e se adaptando.

— Parece ser uma escola!

— Pode-se dizer que é mesmo, Raquel. Os espíritos que trabalham com as crianças que chegam aqui, na maioria das vezes, aqui e quando renascidos, foram e serão sempre professores.

— Existem espíritos que sempre são professores?

— Sim, assim como médicos, advogados e de todas as profissões. O espírito, antes de renascer, escolhe a profissão que quer seguir. Quantas vezes você ouviu alguém dizer: "O que ele tem é um dom..."

— É verdade, muitas vezes já ouvi dizer isso.

— Sei que sim e é verdade. Esse dom foi adquirido através de muitas vidas e vai sempre sendo aperfeiçoado.

— Nunca imaginei que fosse assim, embora, muitas vezes, tenha ficado admirada com coisas que as pessoas fazem.

— Todo espírito, antes de renascer, após escolher como vai viver, é mandado para cá, onde, como criança, recebe instruções. Ele fica algum tempo aqui, vivendo e convivendo com espíritos em um corpo de criança como ele, espíritos esses que encontrará durante sua vida de renascido. Seria muito estranho, para todos, se as crianças nascessem sabendo tudo. Durante o tempo em que ficam aqui, se adaptando ou se preparando, encontram-se com amigos de várias vidas e planejam como será o seu encontro. Algumas vezes, renascem na mesma família. Algumas vezes, conhecem-se e se tornam amigos inseparáveis. Já não ouviu, também, alguém dizer: "eu e ele somos mais que irmãos".

— É verdade, Olímpia, isso realmente acontece... Francisco interferiu:

— Está certo, Raquel. Lembra-se do Paulo, ele era mais do que meu irmão. Fiquei muito triste quando ele foi para o exterior, mesmo assim, nos correspondemos por cartas!

— É mesmo, Francisco. Eu também me dava melhor com Jandira do que com minha irmã.

Olímpia sorriu e continuou falando:

— Puderam ver o que aconteceu agora pouco com Moacir e Marcos. São espíritos amigos há muito tempo, sempre renascem na mesma geração e se reencontraram de várias maneiras, na mesma família ou não. Há pouco tempo, eles estavam aqui, sendo preparados por Gabriel para a volta a Terra. Moacir teve dificuldade para ir embora, tendo de separar-se de Marcos, mas, depois de muito conversar com os dois, Gabriel conseguiu convencê-los. Moacir foi à frente e Marcos ficou ansioso, esperando a sua hora de ir, também, para poder reencontrar o amigo. Depois da partida de Moacir, hoje é a primeira vez que se reencontram. Por isso, vocês puderam ver a felicidade deles.

Raquel e Francisco estavam boquiabertos. Ela perguntou:

— A criança, quando morre, permanece como criança, mesmo sendo um espírito criado há muito tempo? É isso que está dizendo?

— Isso mesmo. Claro que não é para sempre. Somente até que, aos poucos, vá relembrando as outras vidas que teve e aceitando que não é criança.

— Demora muito tempo para que isso aconteça?

— Depende de cada espírito. Nada é forçado. Cada um vai escolher quando quer voltar a ser adulto. Aqui, a liberdade de escolha é total. Como acontece aqui ou em qualquer lugar, o espírito sempre tem seu livre-arbítrio.

— Sendo assim, Mauro está aqui?

— Está, Raquel, e foi por isso que a trouxemos até aqui, para que possa encontrá-lo. Ele ainda não entendeu o que aconteceu. Está triste e perguntando por você.

— Onde ele está?

— Está ali, conversando com Neide. Ela é quem está cuidando dele.

Raquel olhou para onde ela apontava e viu Mauro, voltou a olhar para Olímpia que, com a cabeça, consentiu. Saiu correndo em direção ao menino. Quando estava chegando perto, avisado por Neide, a professora que cuidava dele, o menino se voltou e viu Raquel se aproximando. Correu para ela.

Chorando, abraçaram-se.

O menino, feliz, mas chorando, perguntou:

— Onde a senhora estava, mãe? Perguntei, mas ninguém soube me responder, nem o papai.

Raquel, entre lágrimas, olhou para Francisco, que sorriu. Depois, olhou para Olímpia, que respondeu:

— Sua mãe estava viajando, Mauro, e vai precisar viajar novamente, mas você vai ficar aqui com todas essas crianças e com seu pai.

— Onde está Moacir?

— Está ali com Marcos, o seu irmãozinho que nasceu.

— Ele vai ficar aqui comigo?

— Ele ainda é muito pequeno e precisa ficar com a sua mãe, não é, Raquel?

Raquel, que nunca havia mentido para o filho, ficou sem saber o que dizer. Francisco foi quem respondeu:

— É, sim, Olímpia. Mauro, Marcos acabou de nascer. Nenéns que nascem precisam ficar com a mamãe. Você sabe que eles são ainda muito pequenos. Você, como já está bem grande, vai ficar comigo. O que acha? Podemos fazer uma porção de coisas. Soube que há uma marcenaria aqui. Vou trabalhar nela e, se quiser, pode me ajudar.

— Posso ir à marcenaria?

— Pode meu filho. Sempre que quiser.

— Eu quero!

— Está bem. Depois que a mamãe for embora, nós vamos conhecer a marcenaria que tem aqui, não é mesmo, Olímpia?

— Claro que sim, Francisco. Sei que vai gostar da marcenaria que tem aqui, Mauro, e, se quiser, pode até desenhar e construir alguns móveis.

O menino voltou a abraçar a mãe:

— Mãe, a senhora vem sempre me ver?

Raquel, com lágrimas nos olhos, mas tentando evitar que o menino visse que estava chorando, abraçou-o e respondeu:

— Sempre que eu puder meu filho, e, enquanto isso não acontecer, vou morrer de saudade.

— Eu também vou.

A um sinal de Olímpia, Neide segurou a mão do menino, dizendo:

— Venha comigo, Mauro, vamos ver aquela mesa de que você gostou tanto. Pode tirar as medidas e depois construir igual, como o papai faz. Você quer?

— Quero!

Raquel não conseguia parar de chorar nem largar o filho. Ainda abraçada a ele, olhou para Olímpia e perguntou:

— Preciso mesmo ir embora? Não posso continuar aqui ao lado dele?

— Não, Raquel. Você tem, ainda, uma longa caminhada. Mas não se preocupe, o tempo passa depressa e, antes que se dê conta, seu tempo vai terminar e você estará de volta.

— Por que tem de ser assim? Não me conformo com esta separação.

— Tudo tem um motivo, Raquel. Um dia entenderá, mas, agora, precisa voltar. Não pode esquecer que seus filhos pequenos precisam muito de você.

Ao ouvir aquilo, Mauro se soltou dela e falou:

— Ela está certa, mãe. Eles são muito pequenos.

Pode ir sossegada, vou ficar com o meu pai e na marcenaria!

Raquel olhou mais uma vez para Francisco que a abraçou.

— Vá, Raquel. Como pode ver, estamos bem. Prometo a você que sempre estarei por perto para ajudar no que for preciso e possível. Nem sei se posso fazer isso, mas, se puder, vou estar sempre ao seu lado. Eu amo você e aos meus filhos. Também, ainda não entendi o porquê de tudo isso ter acontecido, mas sei que um dia saberemos. Vá. Sei que sua vida vai ser difícil, mas você é um espírito lutador e vai vencer.

Ela ia dizer alguma coisa, mas ouviu o choro de Marcos e acordou.

Ainda sem acordar totalmente, levantou-se, saiu para o corredor, onde, no fundo, estava o quarto de Lia e Norberto.

Caminhou até a porta e viu que a luz estava acesa e que Marcos chorava. Bateu devagar.

Lia, com Marcos no colo, abriu a porta.

— Volte a dormir Raquel. Ele está bem. Já troquei a fralda e vou dar um pouco de chá. Ele vai dormir em seguida. Não se preocupe.

— Tem certeza, Lia?

— Tenho. Pode ir.

— Está bem, mas, se precisar, pode me chamar.

— Eu faço isso.

Voltou para o quarto. Antes de se deitar novamente, olhou para Moacir que dormia tranqüilo, sorriu e estendeu o cobertor, que ele havia tirado, cobriu-o. Deitou-se, pensando:

Sei que sonhei com Francisco e com Mauro, só não consigo saber o que foi. Queria tanto lembrar...

Olímpia e Francisco, que estavam ao seu lado, sorriram. Ela estendeu os braços e jogou luzes sobre Raquel, que adormeceu imediatamente.

Quando acordou novamente, Raquel olhou para a janela e, através de suas frestas, pôde ver que estava claro. Olhou para o relógio e se assustou:

Quase oito horas! Como pude dormir tanto? Levantou-se, rapidamente, abriu a porta e foi para a cozinha. Marcos estava sobre a mesa e Lia trocava sua fralda. Ao ver Raquel, perguntou, sorrindo:

— Bom-dia, Raquel! Dormiu bem?

— Bom-dia, Lia! Dormi bem, mas muito! Por que não me acordou.

— Você está muito cansada, Raquel. Achei melhor deixar que dormisse mais um pouco. Não se preocupe com Marcos, ele tomou chá duas vezes e dormiu o resto da noite. Só acordou depois que Norberto saiu para o trabalho. Assim que eu terminasse de trocar a fralda, ia acordá-la. Ele está com fome.

Raquel se aproximou da mesa e, após Lia terminar de trocar sua fralda, pegou o menino no colo e, beijando-o, sentou-se e começou a dar de mamar.

Enquanto ele mamava, disse:

— Sonhei com Francisco e com Mauro, Lia.

— Sonhou? O quê?

— Não lembro, mas sei que foi um sonho bom. Se acreditasse realmente em tudo o que dona Catarina diz, diria que eles estão bem.

— Devem estar Raquel. Francisco era um bom homem e Mauro uma criança linda...

— Devem mesmo, Lia. Estranho...

— Estranho o quê, Raquel?

— Embora sinta saudade deles, não estou mais com aquela tristeza enorme que sentia. Meu coração não está mais apertado, como estava antes. Sinto que preciso continuar e que, como dona Catarina diz e tomara que seja verdade, logo mais vou reencontrar Francisco e Mauro.

— Credo, Raquel! Pare com essa conversa! Vai demorar muito para isso acontecer!

Raquel começou a rir:

— Também espero, Lia, mas sabemos que esse dia vai chegar para todos nós.

— Que vai chegar, vai, mas não quero pensar nisso agora! Quero viver muito!

Raquel apenas sorriu.

Terminou de dar de mamar. Trocou de roupa e foi até o bar buscar o gelo.

Voltou, tirou o leite necessário para as mamadeiras que deveria deixar no gelo. Foi até o quarto, beijou Moacir, que ainda dormia. Beijou Marcos que estava sobre a cama de Lia e saiu para mais um dia de trabalho.

Olímpia, como sempre fazia, acompanhou-a.

## Desejo realizado

Daquele dia em diante, Raquel dedicou-se ao trabalho e Lia cuidava da casa e das crianças.

Com os folhetos em mãos, Raquel andava o dia todo, visitando imobiliárias, prédios em construção, lojas e escritórios, oferecendo os moveis e também as cortinas. Quando conseguia vender cortinas, ficava até altas horas da noite costurando.

As encomendas começaram a chegar e foram tantas que o galpão ficou pequeno. Precisou se mudar, comprar um pequeno caminhão para fazer as entregas e contratar mais funcionários.

Cinco anos se passaram. Raquel quase não via os meninos, pois, quando saía para o trabalho, eles estavam dormindo e, à noite, quando voltava, eles estavam cansados e querendo dormir novamente.

Já não pensava com tanta dor em Francisco e Mauro. O dia a dia tomava conta de todo o seu tempo. Somente na hora de dormir é que se lembrava deles e pensava:

Estou conseguindo, Francisco. O que me alenta é saber que você está me esperando.

Lia era quem contava as gracinhas e travessuras que os meninos faziam.

Foi Lia que viu Marcos andar pela primeira vez e foi a ela que ele chamou de mamãe.

Naquele dia, quando Raquel chegou cansada e as crianças já estavam dormindo, Lia estava radiante:

— Raquel! Hoje Marcos me chamou de mamãe!

Raquel sentiu um aperto no coração, mas sabia que nada poderia ser feito. Ela precisava trabalhar e precisava de Lia para que isso acontecesse.

— Que bom, Lia. Mas não se esqueça que a mãe deles sou eu...

— Eu sei Raquel, e sempre falo com eles, mas não pude deixar de me emocionar. Sabe o quanto quis ter um filho. Não entendo por que Deus não me mandou nenhum.

— Também não sei, Lia. Em minhas andanças, tenho estado em muitos lugares, desde os mais ricos até os mais pobres. Tenho visto mulheres pobres com muitas crianças, maltrapilhas e mal alimentadas. Quando vejo isso, me pergunto: por que Deus permite que mulheres pobres tenham tantos filhos, enquanto outras, assim como Lia, não conseguem ter uma criança que teria tudo para crescer bem alimentada e feliz?

— Já me fiz essa pergunta muitas vezes, Raquel, e, assim como você, também não entendo.

— Quem sabe, algum dia, teremos essa resposta.

— É quem sabe...

Alguns dias depois, Raquel chegou a casa trazendo um pacote, embrulhado em um papel azul. Assim que entrou, disse:

— Trouxe uma coisa, Lia. Abra este pacote, sei que vai gostar.

— O que é Raquel?

— Abra e veja. Sei que vai gostar.

Lia curiosa, pegou o pacote que estava sobre a mesa e, com cuidado, tirou o papel que o envolvia.

Assim que tirou o papel, uma caixa surgiu:

— Um ferro elétrico, Raquel?

— Sim. Agora que já temos eletricidade na Vila e que Norberto fez a instalação na casa, nada melhor do que um ferro elétrico, não é?

— Como funciona?

— A moça da loja que me vendeu disse que basta colocar na tomada. Vamos ver?

Antes mesmo de responder, Lia tirou o ferro da caixa e, com cuidado, colocou a tomada em outra que Norberto havia colocado na parede. Em poucos minutos, o ferro estava quente.

Nesse mesmo instante, Norberto entrava em casa.

— Olhe Norberto! Raquel trouxe um ferro elétrico! Não vou mais precisar ficar soprando naquele com carvão!

— Vamos dar viva à eletricidade que finalmente chegou aqui!

— Tem razão, Norberto. Com ela, nossa vida vai mudar. Sempre quis ter um ferro elétrico, um fogão a gás e uma geladeira, também.

— Essas coisas são novidades que só os ricos podem comprar Raquel. Estou feliz com o ferro elétrico. Ele vai me ajudar muito!

— Sei disso, Lia. Quando eu dizia a Francisco que queria ter um ferro elétrico, ele falava que a marcenaria ia bem e que logo poderia comprar um ferro e outras coisas que facilitam a vida da mulher.

Ele tinha razão. Como a marcenaria está indo muito bem, consegui guardar um pouco de dinheiro e, como esta casa fica muito longe do galpão novo, estive pensando em comprar aquela casa grande, perto da

marcenaria que fica naquela esquina, Norberto. Hoje vi que está com uma placa de vende-se. Amanhã, vou conversar com o dono e, conforme for comprarei e nos mudaremos para lá.

— Aquela casa é enorme, Raquel!

— Sim, é mesmo. Exatamente a que merecemos. Percebi que o quintal é grande. As crianças poderão brincar muito lá!

— Bem, você é quem sabe. A marcenaria está indo bem, mesmo. Os pedidos são tantos que, para dar conta de tanto trabalho, vou precisar contratar mais funcionários.

— Faça isso, Norberto. Contrate quantos forem necessários. Além de entregarmos os móveis de acordo com o contrato, estaremos dando trabalho a outras pessoas que precisam. Não sei o porquê, mas, de repente fiquei pensando que o dinheiro serve unicamente para nos trazer felicidade e quando o temos, podemos, dando trabalho, fazer com que outras pessoas sejam felizes também.

— De onde tirou essa idéia, Raquel?

— Não sei, Lia. Acho que ouvi em algum lugar. Acho que cada um deve saber qual é a felicidade que deseja. Para você, vejo que é apenas um ferro elétrico. Para mim, é dar uma boa vida para meus filhos.

— Parece estranho, mas, pensando bem, se não for para nos trazer felicidade, o dinheiro não serve para nada, mesmo. Como você disse, estou muito feliz com meu ferro!

Raquel, rindo, disse:

— Que bom que esteja feliz, Lia. Agora, preciso jantar e depois vou costurar. Preciso terminar aquela cortina para que possa ser entregue amanhã, junto com os móveis.

— Você podia me ensinar, Raquel. Assim, poderei costurar durante o dia. Você trabalha muito!

— Não precisa, Lia. Você tem muito mais trabalho cuidando da casa e dos meninos.

Trabalho não mata! O que mata é a falta dele.

Lia, conhecendo Raquel, apenas sorriu.

Raquel trabalhou até tarde da noite, mas conseguiu terminar a cortina.

No dia seguinte, bem cedo, saiu novamente. Norberto colocou a cortina no caminhão que ele dirigia e foi para a marcenaria.

Aquele seria mais um dia de entregas.

Raquel, após visitar alguns clientes, foi até a casa que estava sendo vendida.

Entrou, olhou e se admirou, pois, por fora, não parecia ser tão grande.

Conversou, soube o preço, regateou, combinou a forma de pagamento e fechou o negócio.

Foi para casa mais cedo. Precisava contar a novidade para Lia.

Quando chegou, encontrou os meninos que brincavam no pequeno quintal.

Os meninos, assim que viram a mãe, correram para ela, abraçaram-na e foram abraçados com carinho.

Lia, ao vê-la, estranhou:

— O que está fazendo aqui em casa tão cedo,

Raquel?

— Vim buscar vocês para irem a um lugar comigo! Enquanto arrumo as crianças, arrume-se também, Lia. O táxi está esperando aí fora.

Raquel vestiu os meninos. Lia colocou seu melhor vestido. Tomaram o táxi e foram embora. O táxi parou em frente a um portão. Raquel desceu e, rindo, disse:

— Esta é a casa em que vamos morar.

— É muito grande, Raquel!

— Está dizendo isso, porque não viu por dentro, Lia! Ela é maior do que parece! Vamos entrar, estou com as chaves.

Entraram.

Assim que ela abriu o portão, as crianças entraram e ficaram paradas olhando o enorme quintal.

A casa havia sido construída no meio de um terreno muito grande. Na frente, havia um jardim. Dos lados, havia vários tipos de verdura e, nos fundos, árvores frutíferas.

Ao ver as árvores, os meninos não se contiveram e correram para uma delas, carregada de laranja. Subiram pelo tronco e, lá do alto, jogavam laranjas para baixo.

Raquel e Lia felizes, acompanhavam toda essa movimentação.

— Vamos entrar, Lia! Venha ver a casa por dentro. Garanto que nunca viu outra igual!

Entraram e, realmente, Lia ficou encantada.

— Esta sala é grande e linda, Raquel!

— É sim, mas os quartos são maiores e olhe que tem quatro!

— Quatro quartos?

— Sim! Agora cada menino vai poder ter seu próprio quarto! Estou muito feliz, Lia! Quando me lembro daquele quartinho em que eu e Francisco moramos, quando nos casamos, nem acredito ter comprado uma casa como esta. Nunca sonhei que houvesse igual e, muito menos, que algum dia seria minha! Está vendo para que é que serve o dinheiro? Para nos dar toda essa felicidade!

— É verdade, Raquel. Também estou feliz. E esses móveis são lindos! O antigo dono vai levá-los embora?

— Não. Os móveis vão ficar. Conversei com o dono e ele me disse que está se mudando para uma casa maior e que, se eu quisesse, poderia ficar com toda a mobília também. Como acho que está perfeito concordei.

— Ele vai para uma casa maior do que esta? Não imagino de que tamanho possa ser!

— Nem eu, Lia! Agora venha ver a cozinha, sei que vai gostar muito!

Lia, empolgada, acompanhou Raquel, que abriu uma porta para entrarem.

— O que é isso, Raquel?

— Esta cozinha é muito grande, não é?

— É enorme! O que é aquilo?

— Eu mesma não acredito, mas é um fogão a gás, Lia! Você não vai mais precisar colocar carvão e esperar que o fogo fique em brasa, basta só girar este botão e riscar um fósforo!

Enquanto falava, Raquel acendeu o fogo e Lia ficou extasiada.

— Como pode ser isso, Raquel?

— Também fiquei encantada, mas ainda tem mais.

— Tem mais?

— Isso aqui é uma geladeira, Lia! Agora vamos ter água gelada para beber sempre que quisermos e a comida pode ser guardada! Não vai precisar cozinhar todos os dias!

— Isso é uma maravilha, Raquel!

— É mesmo! Sempre que via tudo isso nas revistas, ficava imaginando como seria ter todas essas coisas. Agora vejo que é maravilhoso!

Raquel foi até a pia, abriu a torneira e a água começou a jorrar:

— Olhe, Lia? Quanta água sai desta torneira! Não vamos mais ter de tirar água do poço. Ela sai aqui desta torneira! Tem torneiras aqui na pia da cozinha e nos banheiros também!

— Banheiros? Quantos banheiros tem?

— Três! Tem um dentro do meu quarto, outro no corredor e outro no seu quarto também!

— Banheiro dentro de casa?

— Sim e em cada um deles há um chuveiro elétrico! Nós nunca mais teremos de esperar a água esquentar para podermos tomar banho! Não é uma maravilha!

— Como funciona?

— Venha, vou mostrar a você!

Pegando Lia pela mão, Raquel saiu da cozinha e entrou no banheiro que havia ali. Abriu a torneira e em pouco tempo a água começou a jorrar.

— Coloque a mão, Lia! Veja como está quente!

Lia colocou a mão e gritou, rindo:

— Está quente mesmo, Raquel! Que maravilha!

— Quando poderíamos imaginar que isso existisse, não é? Esta casa é perfeita, não é?

— Perfeita e maravilhosa e, se não estivesse vendo, não acreditaria! Como pode acontecer isso, Raquel? Como essa água chega às torneiras?

— O antigo dono me disse que mandou colocar uma bomba. Essa bomba tira água do poço, joga para uma caixa grande que está no alto da casa e dessa caixa a água vai para todas as torneiras. Isso se chama modernidade, Lia!

— Nossa, Raquel, para onde esse mundo vai?

— Estive pensando. Já imaginou como tudo vai ser daqui a quarenta ou cinquenta anos? Sei que não vai ser possível, mas bem que eu gostaria de estar viva para poder ver!

— Eu também, Raquel!

— Vai ser difícil pagar. Vamos ter de fazer algumas economias, mas, no final, vai valer à pena. Vamos morar em um castelo!

Lia começou a rir:

— Não acha que está muito velha para ser princesa?

— Velha coisa nenhuma! Tenho muito para fazer nesta vida! Este é só o começo!

— Conhecendo você como conheço, sei que realmente é só o começo!

— Tudo isso eu devo a você e ao Norberto, Lia.

— A nós, por quê?

— Se não fosse pela ajuda que me deram, se você não tivesse cuidando dos meus filhos e Norberto da marcenaria, eu jamais teria chegado até aqui.

— Para nós não foi sacrifício algum, Raquel! Gosto de seus filhos como se fossem meus, e Norberto adora trabalhar na marcenaria. Está tudo certo.

— São amigos verdadeiros.

— Deixe isso para lá, Raquel. O que pensa fazer da casa em que moramos?

— Ainda não sei. Talvez a venda ou alugue. Agora não é hora para se pensar nisso. Precisamos ir para lá, arrumar nossas coisas e nos mudarmos o mais rápido possível.

— Já que não vamos trazer os móveis, vai ser muito simples. Basta fazer algumas trouxas com as roupas, Norberto coloca no caminhão e nós nos mudamos. Só de pensar que não vou mais precisar esquentar o ferro de passar com carvão nem o fogão e que vou ter água gelada para beber. Não quero mais nada desta vida, Raquel!

Feliz, Raquel sorriu.

Saíram da casa. No quintal, os meninos, rindo, corriam e caíam sobre uma grama rasteira e muito verde. Raquel chamou:

— Vamos, meninos! Precisamos ir para casa!

Moacir, de longe, gritou:

— Não queremos ir, mãe! Queremos ficar brincando!

— Vamos para casa arrumar as coisas e, amanhã, nos mudaremos para cá e poderão brincar à vontade!

— Vamos morar aqui, de verdade?

— Sim, Marcos. Vamos morar aqui, de verdade! Os meninos correram para ela e a abraçaram.

Assim que chegaram a casa, Raquel e Lia começaram a arrumar as roupas que levariam.

Quando Norberto chegou, admirou-se com toda a bagunça.

— O que está acontecendo aqui?

Lia, correndo para ele, abraçou-o e respondeu:

— Raquel comprou aquela casa, Norberto! Ela é linda e vamos nos mudar!

— Comprou Raquel?

— Comprei. Fui até a marcenaria para que fosse comigo, mas você havia saído para fazer uma entrega.

— Fiquei na rua quase o dia todo. Ainda bem, consegui vários cheques.

— Que bom Norberto, vamos precisar de muito dinheiro para pagar a casa.

— Vamos pagar Raquel. Não se preocupe. Tudo está caminhando bem.

— Amanhã não vou sair para trabalhar, Lia. Vou ficar em casa e ajudar você com a mudança. Norberto, à tarde, você pode vir no caminhão para levar tudo?

— Tem que ser bem à tarde, Raquel. Tenho mais entregas para fazer.

— Venha a hora que puder. O mais importante é que todas as encomendas sejam entregues como o combinado.

No dia seguinte, bem cedo, elas continuaram a separar as roupas que levariam. Aquelas que estavam pequenas para os meninos seriam doadas. Tereza apareceu na porta da cozinha.

— Bom-dia.

Raquel e Lia se voltaram.

— Bom-dia, Tereza. Tudo bem com você?

— Como podem ver, não está nada bem...

Raquel foi para junto dela:

— O que aconteceu, Tereza, por que está chorando?

— Ainda bem que você ainda não saiu para o trabalho, Raquel. Estou desesperada e não sei o que fazer...

— Entre, Tereza, e sente-se. Ela entrou e, chorando, falou:

— Arlete está grávida...

— O quê?

— Ela contou ontem à noite.

— Está chorando por causa disso?

— Ela não é casada, Raquel!

— Mas pode se casar, não pode? Ela não namora aquele rapaz que trabalha na farmácia?

— Trabalhava...

— Não estou entendendo...

— Assim que soube que ela estava grávida, ele desapareceu.

— E agora, Tereza? Manuel já sabe?

— Sabe e pode imaginar. Ficou furioso. Espancou Arlete e, quando fui defendê-la, me espancou também e deu até esta manhã para que Arlete saia de casa. Não quer ser envergonhado perante as pessoas.

— Para onde ela vai?

— Não sei. Sabe como são as coisas, nas condições em que ela está ninguém vai querer recebê-la.

— O que pretende fazer, Tereza?

— Ela é minha filha, Raquel. Não posso deixar que fique na rua, mas não tenho o que fazer.

— Nunca entendi como suportou ser espancada da maneira como ele faz...

— Eu sei que é terrível, mas o que podia fazer? Nunca trabalhei e tinha três filhos para cuidar. Para onde eu iria com três crianças?

Raquel, furiosa, disse:

— Agora não são mais crianças, Tereza! Todos vocês podem abandonar aquele monstro, arrumar um emprego e viver uma vida de paz!

— É o que mais desejo e vou fazer isso. Não vou deixar Arlete sozinha. Sei que ela errou, mas é minha filha e essa criança que vai nascer é minha neta. Só não sei para onde ir. Por isso, vim aqui conversar com você. Você, diferente de mim, sempre foi tão decidida, sempre soube tomar atitude. O que me aconselha a fazer?

Raquel olhou para Lia que tudo ouvia sem nada dizer. Com o rosto sério, perguntou:

— Tereza, quer mesmo largar aquele homem?

— Quero Raquel. Preciso escolher entre ele e minha filha. Não tem outro caminho, só posso e quero escolher minha filha...

— Tem certeza de que é isso que quer?

— Tenho! Sempre que ele me espancava por motivo algum, eu queria fazer isso, mas nunca tive coragem. Tinha medo de ficar sozinha...

— Está bem. Sendo assim, posso ajudar você, mas a decisão final será sua.

— Não quero mais ficar com ele, Raquel! Chega de tanto sofrimento! Seria tão bom se a vida fosse como acontece nas novelas, no final sempre acaba bem e todos ficam felizes...

— A vida não é uma novela, Tereza. A vida é a realidade. Por outro lado, se abandonar aquele homem, realmente, tudo terminará bem para você e seus filhos. Talvez não tenha o mesmo conforto que tem hoje, mas vai ter paz.

— Como vai me ajudar?

— Como pode ver, a casa está uma bagunça e eu não fui trabalhar hoje. Estamos nos mudando. Comprei uma casa maior. Se, realmente, quiser largar aquele homem, pode vir morar aqui com seus filhos. Podemos arrumar um lugar para que trabalhem na marcenaria. Norberto precisa de um ajudante para fazer as entregas. Julinho pode fazer isso. Netinho pode começar como aprendiz, assim como aconteceu com Francisco. Você, no começo, pode cuidar da limpeza e aprender datilografia. Assim, em pouco tempo, poderá me ajudar no escritório. Arlete, enquanto estiver esperando a criança, ficará em casa, depois vamos arrumar um trabalho para ela também. Com o dinheiro que receberem, poderão viver muito bem, sem precisar sofrer a violência que sofreram até hoje.

— Vai fazer isso, Raquel?

— Se você quiser, sim. Só tem um problema. Ficarão morando na mesma rua em que Manuel mora. Será que você vai suportar? Será que ele não vai convencê-la a voltar?

— Nunca, Raquel, nunca!

— Sendo assim, como vamos nos mudar à tarde e ainda hoje, vocês podem vir para cá.

— Obrigada, Raquel.

— Não precisa agradecer, só não diga a palavra "nunca". Ela representa muito tempo e, durante esse tempo, decisões e escolhas são mudadas. Agora, vamos voltar ao nosso trabalho, Lia. Hoje quero dormir na casa nova!

— Vamos, sim, Raquel!

Voltaram a dobrar as roupas que iam levar. Sem que imaginassem, Olímpia, Samuel e Francisco estavam ali, felizes pela felicidade delas.

## O motivo

Como sempre acontece, o tempo passou. Raquel continuou trabalhando muito.

Através do correio, distribuiu os panfletos para outras cidades e outros estados. Isso fazia com que precisasse viajar e ficar vários dias longe de casa, porém, não se preocupava, pois sabia que Lia cuidaria não só da casa, mas das crianças também.

Com a exportação dos móveis para outras cidades e outros estados, o galpão onde ficava a marcenaria ficou pequeno e ela foi obrigada a comprar uma área grande de terra e a construir um galpão bem maior do que aquele que usara até o momento. Precisou contratar mais funcionários. Norberto, agora, só cuidava dos funcionários. Não saía mais para fazer entregas. Moacir, após terminar a faculdade de administração, era quem, ao lado de Martin, cuidava da administração. Marcos, embora quisesse ser engenheiro e construir casas e arranha-céus, por exigência de Raquel, também estava no último semestre de Administração. Ela desejava que, com sua morte, os filhos continuassem com a empresa. Durante todo esse tempo, todos os dias, Raquel se lembrava de Francisco e de Mauro. Em uma noite, antes de dormir, pensou:

É uma pena que vocês não estejam aqui para poderem ver como tudo mudou, mas como dona Catarina disse, naquele dia, sei que estão me esperando. Logo mais estarei chegando. O importante é que meus filhos estão bem e felizes. Acho que tudo está bem e vai continuar assim, Francisco, pois, sempre que existe um problema, geralmente não me lembro do que foi, mas sei que sonhei com você. Agora, faz muito tempo que isso não acontece. Será que se esqueceu de mim?

Francisco, que estava ali ao lado de Olímpia e Samuel, sorriu. Raquel adormeceu e pouco tempo depois foi acordada por ele:

— Acorde, Raquel, precisamos conversar.

Ela abriu os olhos e sorriu, perguntando:

— Hoje mesmo pensei em você, Francisco. Chegou minha hora? Veio me buscar?

Francisco olhou para Samuel, que respondeu:

— Não, Eliete! Sua hora está muito distante. Viemos buscar você porque precisamos conversar.

Ela olhou para o lado e viu Olímpia, que sorria.

— Olá, Eliete! Como você está?

— Estou muito bem e feliz, mas não consigo me acostumar a ser chamada por Eliete. Meu nome agora é Raquel.

Samuel continuou:

— Sim, mas ontem você foi Eliete e é sobre ela que precisamos conversar.

— Podemos conversar, mas, por favor, me chamem de Raquel. Gosto mais desse nome!

— Nomes não são importantes. Os nomes mudam, mas o espírito continua e ele é que tem importância.

Portanto, para que se sinta bem, podemos chamá-la por Raquel.

— Obrigada...

Samuel sorriu e continuou:

— Depois de esse ponto ter sido esclarecido, vamos continuar. Você disse que está feliz, posso saber por quê?

Ela olhou para Francisco que segurava sua mão e respondeu:

— Consegui tudo o que queria nesta vida! Meus filhos estão criados e são lindos! A marcenaria, agora, é uma grande empresa! Não tenho mais o que desejar!

— Estou feliz por você, Raquel, mas precisamos conversar. As coisas vão mudar.

— Mudar, como? Por quê?

— Todo espírito, ao nascer, traz consigo algumas tarefas para serem cumpridas, outras para serem concluídas e outras, as principais, para que sejam resgatados enganos ou erros cometidos. Para que o espírito possa continuar sua caminhada, é necessário que esteja livre de qualquer amarra.

— Não entendi muito bem.

— Vou tentar explicar melhor.

— Todo espírito tem uma missão a cumprir. O não cumprimento dessa missão faz com que ele seja obrigado a renascer muitas vezes até que consiga cumpri-la.

— Todos não cumprem sua missão?

— Infelizmente, não.

— Por que isso acontece?

— Antes de renascer, os espíritos escolhem a missão, mas, depois de renascidos, algumas vezes não a aceitam e se afastam dela. Isso acontece, porque, depois de renascidos, o sonho de todos é fazer algo importante, que seja reconhecido, mas, na maioria das vezes, isso não acontece. A missão quase sempre é algo simples. Algo que não lhe trazer glória nem reconhecimento. Como exemplo, saber ouvir é uma missão das mais valiosas, mas aqueles que a praticam não se dão conta disso. Querem fazer algo maior, que lhes dê glória e fama, dinheiro e poder. Muitas vezes, não têm paciência com aqueles que precisam apenas de uma palavra amiga.

— Todos querem ser reconhecidos, ter glória, dinheiro e poder! Estou feliz por ser a dona de uma grande empresa! De ter muito mais dinheiro de que preciso e até de ter certo poder sobre as pessoas que trabalham para mim! Que mal há nisso?

— Na verdade, não há mal algum, mas o reconhecimento e a glória não querem dizer que seja o melhor para o espírito; ao contrário, às vezes, fazem com que ele se afaste de sua real necessidade. Às vezes, fazem com que se deixe dominar pelo orgulho, o que é muito prejudicial, pois, por ser homenageado, glorificado por algo que faz, sente-se superior aos demais, quando, na verdade, não o é.

— Não é, Samuel?

— Não, Raquel, não é e, na maioria das vezes, como todo espírito renascido, não importa se tem fama, glória e dinheiro, está resgatando erros ou enganos passados.

— Eu estou cumprindo minha missão?

— Sim, até aqui. Você, quando perdeu tudo, ajudada por Catarina conseguiu se levantar e levar sua vida para frente. Criou seus filhos e os encaminhou para a vida. Cabe a eles seguirem, sozinhos, sua jornada, fazendo suas escolhas, cumprindo sua missão sem que haja interferência alguma. Está vendo? Mesmo não sendo reconhecida ou glorificada, cumpriu uma missão das mais gloriosas.

— Está dizendo que essa foi a minha missão, mas não percebi. Estava apenas tentando sobreviver.

Samuel começou a rir e disse:

— Foi sua missão, sim, Raquel e, como aconteceu com você, a maioria não percebe que sua missão está sendo cumprida, mas não se esqueça de que sobreviver também é uma missão.

Ela olhou para Francisco que a abraçou e beijou sua testa.

— Você venceu todos os problemas, meu amor.

— Consegui, somente porque tive você sempre no meu pensamento, Francisco.

Olímpia, também a abraçou, dizendo:

— Todos estamos felizes por você, Raquel.

Samuel continuou:

— Sua missão foi cumprida, Raquel, mas, agora, chegou o momento do resgate.

— Resgate? O que preciso resgatar? Procurei viver minha vida sempre dentro dos padrões!

— Sim, sem se afastar um minuto deles.

— Fala como se isso fosse condenável!

— Não, não é condenável, mas, agora, vai precisar sair dos seus padrões e seguir sentimentos de amor, de igualdade. Terá de deixar de lado os preconceitos.

— Não tenho preconceito algum!

— Será que não, Raquel?

— Não que eu saiba. Converso com todas as pessoas sem me preocupar se são ricas, pobres, negras, brancas ou amarelas.

— Já pensou em ter na sua família alguém negro ou pobre?

Raquel parou e ficou olhando para Francisco, que sorriu.

Samuel insistiu:

— Já pensou Raquel?

— Não, nunca pensei...

— Você cumpriu sua missão, Raquel, agora, falta resgatar alguns erros passados. Está em suas mãos fazer a escolha certa.

— Não estou entendendo. Sempre achei que havia feito as escolhas certas.

— Sim, tem razão. As escolhas que fez foram às fáceis, aquelas que a ajudaram a, como você diz, sobreviver, porém, vai chegar a hora em que terá de

resgatar erros passados, de tentar, desta vez, escolher o que, realmente, é certo.

— Estou assustada com seu tom de voz.

— Não precisa ficar assustada, somente terá de escolher o caminho que deseja seguir.

Francisco, segurando a mão de Raquel, disse:

— É verdade, meu amor, mas não se preocupe, haja o que houver, escolhendo certo ou errado, estarei sempre ao seu lado.

Ela, assustada, olhou para ele e sorriu.

Samuel continuou:

— É verdade, Raquel, não precisa ficar assustada. Fomos buscar você, enquanto dormia, para ajudá-la a fazer essa escolha.

— Não estou entendendo...

— Lembra-se daquela vez em que conversamos em que você se lembrou da Eliete do passado?

— Sim, mas, embora tenha sonhado muitas vezes com vocês, nunca mais conversamos a esse respeito.

— Deixamos para voltar ao assunto na hora certa e à hora é agora, mas, antes, espere. Olhe para lá.

Raquel olhou para o lado em que ele apontava e viu Yara, que chegou acompanhada por duas entidades.

Raquel se admirou:

— Yara? O que ela está fazendo aqui?

— Estiveram unidas no passado e estão agora, portanto, as duas precisam recordar o que, juntas, fizeram.

Yara, um pouco sonolenta, ao ver Raquel, perguntou:

— Que lugar é este, dona Raquel? O que estamos fazendo aqui?

— Também não sei Yara, mas sente-se aqui ao meu lado e logo descobriremos.

Olímpia disse:

— Isso mesmo, Yara. Sente-se ao lado de Raquel. Yara, desconfiada, sentou-se.

Samuel continuou:

— Acalme-se, Yara. Está tudo bem. Somos seus amigos e você está aqui para que possa entender o momento que está vivendo. Daqui a alguns minutos, estará totalmente consciente e se lembrará do tempo em que se chamava Maria da Glória.

Realmente isso aconteceu. Poucos minutos depois, Yara disse:

— Estou me lembrando de quando era Maria da Glória...

— Sim, filha de um homem poderoso, uma moça mimada e que nunca aceitou um não como resposta. Yara abaixou a cabeça e Samuel continuou:

— Lembra-se, Raquel, de que, naquele dia, conversamos até o momento em que você me disse que ia conversar com João Pedro?

— Sim, lembro-me daquele dia e dessa conversa.

— E o que fez em seguida?

Ela pensou um pouco e respondeu:

— Sim, eu, furiosa, procurei João Pedro. Ele estava em casa, lendo um livro, me aproximei e perguntei, gritando:

— João Pedro, é verdade que está namorando a Maria Rita?

— Ele levantou os olhos do livro e, calmamente, respondeu:

— Sim.

— O que está pretendendo com ela?

— Quero me casar.

— O quê?

— Isso que a senhora está ouvindo. Quero me casar com ela.

— Não pode fazer isso nem sequer pensar em uma coisa como essa!

— Não posso, por quê? Eu gosto dela e ela de mim, não vejo problema algum em nos casarmos.

— Não vê problema algum?

— Não, mamãe, não vejo. Ela é a mulher da minha vida!

— Não pode ser João Pedro!

— Não pode ser por quê?

— Ela é uma negra! Neta de escravos! Como pode pensar em se casar com uma negra? Com alguém que tem como herança a escravidão! Nada mais que isso!

— A cor dela não tem importância. Eu a amo e vou me casar com ela! Quanto a ser escrava, a senhora se esqueceu de que a Princesa Isabel assinou a lei que diz que não existe mais escravidão no Brasil?

— Essa lei foi assinada em um momento de loucura da Princesa! Essa Lei precisa ser derrubada! Imagine um

país como o nosso sem escravidão! Mesmo que seja,

o negro sempre será negro e pobre!

— Está enganada! Essa Lei veio para ficar! Os negros não são melhores ou piores que todos nós! São pessoas iguais, com a mesma inteligência e sentimentos! Não existe diferença alguma! Muitos deles, assim como acontece com os brancos, poderão estudar trabalhar e ter uma vida decente. Quanto à pobreza, existem muitos brancos que nunca serão ricos ou poderosos! Não existe diferença, mamãe! Somo iguais...

— Você está louco, mesmo!

— Não, mamãe, não estou louco, apenas apaixonado e nada fará com que eu me afaste de Maria Rita! Vou me casar com ela!

— Vou falar com seu pai, ele não vai permitir uma loucura como essa!

— Papai já sabe, eu mesmo contei.

— Ele sabe?

— Sim e disse que devo fazer o que eu achar que for melhor. Ele só quer que eu seja feliz.

— Ele não pode ter dito isso, sabe que temos um compromisso com o coronel Leôncio! Você vai se casar com Maria da Glória, a filha dele!

— Quem tem esse compromisso é a senhora, não eu! Já disse que vou me casar com Maria Rita.

— Não vai, não! Eu não vou permitir!

— A senhora não pode fazer isso! Não pode interferir na minha Vida! Eu e Maria Rita estamos juntos desde o tempo em que ela trabalhava aqui em casa. Escondemos, para que ninguém mais soubesse. Quando ela engravidou, não poderia continuar morando aqui, por isso inventou aquela história de que ia para a casa de um tio no interior, mas, na realidade, aluguei um quarto em um cortiço, e é onde ela está morando. O lugar é horrível, mas é o único que eu posso pagar com a mesada que papai me dá. Porém, agora, com o nascimento do menino, isso não pode continuar! Estou muito feliz com o meu filho! Por isso, quero me casar com ela para dar um nome a ele.

A voz de Raquel, enquanto falava, tremia. Samuel, pegando sua mão, disse:

— Está lembrando com muita força aquele dia, não é, Raquel?

— Sim. Fiquei possessa e perguntei, gritando:

— Um filho? Você está louco mesmo! Acha que vou receber e chamar de neto um negrinho qualquer?

Acha que vou mostrar para nossos amigos a loucura que você fez?

— Não me importo com o que a senhora ache ou pense, vou me casar com ela, porque é a mulher que amo, somente por isso!

— Não vou permitir que faça essa loucura e, se insistir, não o aceitarei mais como meu filho! Você vai pegar essa negra e a sua cria e sumir desta casa, sumir da nossa vida!

— Eu sabia que sua reação seria essa, por isso não contei. Não se preocupe, eu já havia dito a Maria Rita que precisaríamos ir embora daqui, desta casa e da sua vida! Sabia que a senhora não aceitaria o nosso amor!

— Lembro-me de que, com ironia na voz, eu perguntei:

— Vai embora, é? Pode me dizer para onde? Como vai viver? Está pensando em continuar recebendo nosso dinheiro?

— Não, mamãe, se o preço que tiver de pagar para ficar com Maria Rita e ser feliz for esse, é um preço muito alto e estou disposto a pagar. Ainda não sei como vamos viver, mas encontrarei uma maneira.

Samuel interrompeu o que Raquel contava:

— Lembre-se de que, ao ver que o caminho que estava seguindo não a levaria a lugar algum, resolveu mudar de tática?

— Sim, percebi que ele não desistiria daquela loucura e falei:

— Está bem. Já que seu pai não se importa com o fato de você se casar com uma negra e de quebrar o compromisso que temos com o Coronel Leôncio, não vejo como me opor. Seja feliz, meu filho. Nada farei para interferir.

— Está falando a verdade, mamãe?

— Claro que estou João Pedro! Conheço você o bastante para saber que não vai mudar de idéia, por isso, não vou me opor, ainda mais agora, com uma criança. Embora não seja o neto que sempre desejei, prometo que vou amar essa criança com toda força do meu coração. Disse que essa é a mulher da sua vida, então, case-se e seja feliz.

Ele, incrédulo, voltou a perguntar:

— Está falando a verdade, mamãe?

— Claro que estou meu filho. Desculpe eu ter sido tão dura, me conhece para saber que sou assim mesmo. Grito fico nervosa, mas, no fundo, sou mole como uma gema de ovo.

Samuel, sorrindo, perguntou:

— Você disse aquilo, mas estava mentindo, não estava, Raquel?

— Sim. Eu precisava pensar em outra maneira de afastar meu filho daquela mulher e evitar que ele fizesse aquela loucura. Saí dali e fui procurar você, Francisco.

— Lembro-me daquele dia, Raquel. Eu estava em meu escritório, quando você entrou, bufando de raiva. Chegou perto de mim e perguntou, gritando:

— Você sabia da loucura que seu filho estava fazendo e não me contou?

— Olhei firme para você e respondi:

— Sabia e não contei, porque sabia que sua reação seria essa que está tendo.

— Que reação queria que eu tivesse? Ela não passa de uma negra e teve um negrinho!

— Ela é a mulher que seu filho ama e o menino que você chama de negrinho é o filho dele, nosso neto!

— Você está louco como ele, para aceitar uma coisa como essa! Jamais vou aceitar um negrinho como meu neto!

— Não entendo você, Eliete.

— Como não entende?

— Quando quisemos nos casar, seu pai não queria. Dizia que eu era pobre e que só queria o seu dinheiro. Lembra-se de quanto resolvemos de lutar para conseguir que ele me aceitasse? Lembra-se de que estávamos dispostos a fazer qualquer coisa para ficarmos juntos? Conseguimos convencê-lo e, hoje, ele gosta de mim como se fosse seu filho! O mesmo vai acontecer com Maria Rita e o menino que nasceu. Em pouco tempo, diante da felicidade de nosso filho, nem vamos nos lembrar de que são negros.

— Com você foi diferente!

— Diferente, por quê?

— Você não era negro!

— Mas era pobre e o preconceito é o mesmo! Nada disso importa Eliete! O que importa é a felicidade que vejo nos olhos do meu filho quando ele fala na mulher que ama e no filho que nasceu! Isso é que tem verdadeiro valor!

— Pode ser para você, não para mim!

Francisco, com tristeza na voz, continuou:

— Você não quis mais me ouvir, Raquel, e saiu dali muito nervosa.

— Sim, estava muito nervosa. Fui para casa e fiquei pensando em uma maneira de acabar com aquilo tudo. Depois de pensar muito, encontrei uma solução. Samuel a interrompeu novamente:

— Apesar de toda ajuda espiritual no sentido de que você se acalmasse, Raquel, e compreendesse o que estava se passando, afastou qualquer bom pensamento que o plano lhe mandava e se uniu às forças malignas que lhe deram a resposta de que precisava. Achou que era você quem estava pensando, quando, na realidade, os pensamentos eram delas.

— É verdade. Tive uma idéia, saí dali e fui procurar você, Yara, pois era a moça com quem eu queria que João Pedro se casasse. Eu queria, porque, além de ser bonita, era filha de um homem poderoso que muito poderia nos ajudar para que nossa fortuna aumentasse ainda mais. Contei-lhe o que estava acontecendo. Lembro-me de que, quando terminei de falar, você ficou furiosa e disse aos gritos:

— Isso não pode acontecer, dona Eliete! Eu amo seu filho e quero me casar com ele! Se isso não acontecer, vou morrer!

— Não vai precisar morrer! Ele não vai se casar com ela! Só precisamos encontrar uma maneira para que isso não aconteça, mas vou precisar da sua ajuda. Estou pensando em algo que só pode dar certo!

— Que idéia?

— Vou à busca de uma pessoa que conheço. É uma negra velha que mexe com ervas e que, quando eu era criança, trabalhou lá em casa. Depois que conversar com ela, preciso descobrir onde aquela negra, que pensa que vai entrar para minha família, mora e ir até lá.

— Para fazer o que, dona Eliete?

— Para pôr fim a essa história e meu filho poder se casar com você!

— Não sei, não. Conhecendo João Pedro como conheço, acho que isso só vai acontecer se ela e o menino morrerem.

— Essa é a idéia!

— A senhora está pensando em matar os dois?

— Isso mesmo, mas, como já disse, preciso da sua ajuda.

— Você pensou um pouco e, decidida, falou:

— Para poder ficar com ele, faço o que a senhora quiser!

— Está bem. Depois que eu for à casa da negra velha e conseguir um veneno bem forte, vou conversar com Zefinha, outra negrinha ignorante, que trabalha lá em casa. Ela é muito amiga da outra. Deve saber onde ela mora. Com o veneno na mão e o endereço, vou marcar um dia para ir até a casa da negra e do menino. Vou até lá e faço o serviço. Vai ser nesse dia que vou precisar de você.

— A senhora quer que eu vá junto?

— Não, quero que, no dia em que for à casa de Maria Rita, Você vá almoçar lá em casa. Depois do almoço, eu, como sempre faço, vou dormir. Você precisa ficar conversando com ele, até que eu volte.

— Por que quer que eu o segure?

— Não posso me arriscar. Ele não pode chegar e me encontrar lá. Sabendo que ele está com você, ficarei mais tranqüila.

— Sobre o que vou falar? Sabe que ele sempre me evita.

— Não sei sobre o que vai falar Maria da Glória! Precisa inventar um assunto qualquer! Se ele se recusar, insista! Só poderei fazer o que pretendo se tiver a certeza de que ele está com você.

— Vou tentar, mas não sei se vou conseguir.

— Claro que vai! Insista que o assunto é urgente. Quando ele perguntar do que se trata, diga que ficou sabendo do romance dele com aquela negra! Diga que entende e, por desejar que ele seja feliz, o compromisso que há entre vocês está desfeito, não existe mais. Ele vai ficar tranqüilo e, daí para frente, basta inventar um assunto qualquer. O importante é que o segure até eu voltar!

— Está bem. Quando souber o dia, me avise e vou tentar fazer da maneira como à senhora falou.

Yara começou a chorar:

— Nós fizemos aquilo, dona Raquel...

Raquel, com o olhar distante e parecendo não acreditar, respondeu:

— Fizemos Yara. Não sei como tivemos coragem, mas fizemos.

Francisco, que até aquele momento ouvia calado, desesperado, perguntou:

— O que vocês fizeram?

Raquel, sem coragem para responder, olhou para Samuel, que respondeu:

— Tenha um pouco mais de paciência, Francisco, em breve saberá tudo o que aconteceu. Continue Raquel. Com os olhos marejados, ela continuou:

— Quando cheguei à casa da preta velha, ela me recebeu com um sorriso:

— O que mia fia quer com a nega?

— Estou tendo muito rato lá em casa, mãe Albertina. Sei que a senhora mexe com ervas, preciso de um veneno forte para acabar com eles. Um veneno que não faça mal para os cachorros e gatos. A senhora sabe como gosto de animais.

— Lembrou, sim, desde o tempo em que trabaiei pra vossa mãe. Uncê era piquitita e gostava muito do seu cachorro, Lorde.

— A senhora se lembra do Lorde?

— Craro qui mi lembrou, minina!

— Por isso, por gostar muito de animais, preciso de um veneno que não faça mal a eles.

— Rato tumem é animar...

— Sei disso, mas ele é nocivo!

— É virdade. O xixi faz muito mal. Num tenho veneno que não faz mal pra animar. Posso dar um, que faço com erva, mas tem que ter cuidado e só colocar onde os animar não chega.

— Para o ser humano, faz mal?

— É muito perigoso, mata na hora! Tem qui tê cuidado.

— Sendo assim, vou tomar cuidado. Raquel, com os olhos marejados, disse:

— Ela me deu um pouco de pó enrolado em um jornal.

— Tome muito cuidado com esse veneno. Deixa-o longe dos animar e das crianças.

— Pode ficar sossegada, vou tomar muito cuidado.

— Estava saindo com o pacotinho na mão, quando pensei:

Se eu usar veneno primeiro no menino, ela pode desconfiar.

— Voltei-me e disse:

— Estou tendo dificuldade para dormir, mãe Albertina. Será que a senhora não tem alguma erva para me ajudar?

— Tenho, sim.

— Entrou em casa e, de cima do guarda comida, pegou um pote de barro. Colocou sobre a mesa e foi tirando uma porção de pacotinhos menores. Olhou um após outro, até que encontrou o que queria.

— Este aqui é muito bom. Se colocar um pouquinho em qualquer chá, dorme na hora e por muito tempo.

— É verdade? Vou poder dormir a noite toda?

— Dependendo da quantidade, pode dormir até mais. Por isso, não usa muito.

— Muito obrigada, mãe Albertina. Quanto vai custar o veneno e o calmante?

— Não custa nada, não. Essas coisa aprendi cum minha mãe, que aprendeu cum a mãe dela. Está na fâmia há muito tempo. É coisa de Deus. Por isso, num possu cubrá, não.

— Está bem, sendo assim, obrigada. Depois eu trago um presentinho para a senhora.

— Num precisa não, minha fia. Só quero que seja filiz.

— Com o pacotinho na mão, saí de lá e voltei para casa. Encontrei Zefinha lavando o quintal. Olhei em volta e vi que não havia ninguém que pudesse ouvir nossa conversa, me aproximei:

— Zefinha, você sabe onde Maria Rita mora?

Ela me olhou desconfiada:

— Para que a senhora quer saber?

— João Pedro me contou que estão juntos e que nasceu um menino. Embora possa parecer o contrário, fiquei muito feliz e quero conhecer o menino. Comprei um presente para ele e quero dizer para Maria Rita que vou providenciar o casamento. João Pedro disse que ela mora em um lugar muito ruim. Isso não pode continuai acontecendo. O menino é meu neto, precisa ter o melhor!

— Ela, ainda desconfiada, perguntou:

— A senhora está falando a verdade?

— Claro que estou Zefinha! Para que ia inventar uma coisa como essa? Não sou aquele monstro que todos pensam! Esse menino é o meu primeiro neto!

— Ela pensou mais um pouco:

— Parece que a senhora está falando a verdade. Eu sei onde ela mora, sim. Vou dar o endereço e, quando vir o menino, vai ficar apaixonada! Ele é lindo, forte que nem um touro! Estou muito feliz, porque a senhora aceitou seu neto. Não sei escrever, mas vou ensinar direitinho. Não tem erro, vai achar logo.

— Não vejo a hora de conhecer o meu neto!

— Depois de entender bem o endereço, agradei e entrei em casa. Fiquei algum tempo, andando de um lado para outro, depois saí e fui conferir se havia entendido bem onde ficava o cortiço. Como ela havia dito, ficava ali perto e não foi difícil achar. Feliz por tudo estar caminhando como eu planejara, fui para sua casa, Yara.

— Lembro-me muito bem daquele dia...

— Eu também, infelizmente. Depois de contar a você o que havia conversado com Zefinha, disse:

— Vai ser amanhã, Maria da Glória. Vá até lá em casa e, depois do almoço, faça da maneira como combinamos. Você vai ficar conversando com ele na sala da frente. Vou sair e entrar pelo portão dos fundos. Ele vai pensar que eu estarei dormindo. Quando eu voltar, vou até a sala e, só aí, você poderá ir embora. Se fizer direito, vai dar tudo certo e ficaremos livres daquela mulher. Depois que ela e o menino morrerem, você ficará ao lado de João Pedro, confortando-o, dando-lhe apoio. Só assim você poderá se casar com ele!

— Sei disso, dona Eliete, vou fazer o possível para que dê certo.

— O possível, não, Maria da Glória! Vai fazer o impossível, mas precisa conseguir!

— Ele não vai querer ficar conversando comigo...

— Fale daquela negra! Diga que está feliz por ele! Pergunte como tudo começou! Diga que quer conhecer seu filho! Diga que também não queria se casar com ele e que só estava aceitando por insistência de seus pais! Não sei, invente qualquer coisa, mas não permita que ele saia de casa!

— Está bem, vou fazer como está dizendo. E se ele não quiser falar comigo?

— Precisa arrumar um jeito de me avisar e teremos de pensar em outra maneira, mas, se falar como eu disse, sei que vai escutá-la.

— Fiz o que a senhora mandou. Fui almoçar e, depois do almoço, ele quis sair, mas consegui impedir. Comecei a falar de Maria Rita. Ele parou para me escutar. Eu fui puxando um assunto após o outro, sempre

falando dela. Disse que também não queria me casar com ele, que estava sendo obrigada por meus pais. Disse que, assim como ele, também gostava de outro. Ao ouvir isso, ele se sentou e ficamos conversando até quando a senhora voltou.

— Depois do almoço, vendo que você estava na sala conversando com ele, fui até lá.

— Desculpe Maria da Glória, mas todas as tardes eu preciso dormir. Fique conversando com João Pedro até que eu acorde. Espero que não fique brava, mas estou acostumada.

— De maneira alguma, dona Eliete. Conheço seu costume.

— Percebi que João Pedro não ficou contente, mesmo assim, me afastei e caminhei em direção ao meu quarto. Entrei, coloquei um casaco comprido sobre o vestido, peguei um cachecol e enrolei sobre a cabeça e o rosto, deixando apenas os olhos para fora. Precisava tomar cuidado para que ninguém me visse, não podia deixar rastro algum da minha passagem pela casa de Maria Rita. Como não era muito longe, fui caminhando. Poderia tomar uma charrete, mas, caso a polícia desconfiasse de alguma coisa, poderia ser reconhecida pelo chofer. Quando cheguei frente ao portão, olhei para os lados e, para minha alegria, não havia ninguém na rua. Abri o portão e entrei. O corredor era imenso. À medida que caminhava, pude ver que, de um lado, só havia quartos e do outro, as cozinhas. O lugar era deprimente. Lembro-me de que, enquanto caminhava, pensava:

Este lugar é digno de uma negra como ela!

— Caminhei alguns metros, até que cheguei à porta em que Zefinha me disse que ela morava. Pude ouvir o choro de uma criança. Bati à porta e fiquei esperando. Quando Maria Rita abriu e me viu, começou a tremer:

— O que a senhora quer aqui? Como me descobriu?

— Fique calma. Não estou aqui para fazer mal a você. Ao contrário, João Pedro me falou do menino e eu quero conhecê-lo. Posso entrar?

— Ela, receosa, se afastou para que eu entrasse.

Entrei e o que vi me deixou arrepiada. O quarto era minúsculo. Tinha só uma cama de casal e roupas penduradas em pregos presos às paredes. Sobre duas cadeiras forradas com um travesseiro, estava o menino que chorava sem parar. Maria Rita seguia todos os meus movimentos. Quando me aproximei do menino, ela se colocou na minha frente e, nervosa, perguntou:

— O que a senhora quer com o meu filho?

— Apenas conhecê-lo e levar você e ele para a nossa casa, até que os papéis do casamento fiquem prontos.

— Casamento?

— Claro que sim! João Pedro me contou tudo. Não entendo por que esconderam por tanto tempo. Ainda mais agora que esta coisa linda nasceu! É o meu primeiro neto e ele vai ter tudo do que precisa e ainda mais! Ele vai ser o nosso príncipe!

Raquel, ao se lembrar daquela cena, começou a chorar:

— Como pude fazer aquilo, meu Deus?

Samuel respondeu:

— Usou seu livre-arbítrio. Teve a chance de escolha.

— É verdade...

Francisco, nervoso e curioso, perguntou:

— O que você fez Raquel?

— Maria Rita, acreditando no que estava dizendo, pegou o menino e deu para que eu o segurasse. Quando peguei o menino no colo, senti um frio pela espinha e um asco tão grande que não consegui olhar no seu rosto. Aconcheguei-o junto ao meu peito e comecei a embalá-lo. Ele, parecendo pressentir o que estava para acontecer, chorava sem parar. Maria Rita, confiante, disse:

— Não sei o que fazer dona Eliete, ele não para de chorar. Já dei de mamar, troquei a fralda, mas ele não para!

— É normal, Maria Rita. Isso acontece com todo recém-nascido. Eles sentem cólica. Não sei qual é o motivo, deve ser porque seu organismo precisa funcionar. Sabendo disso, antes de vir para cá, fui conversar com mãe Albertina. Você se lembra dela?

— Claro! Todo mundo conhece! Já fui a sua casa em busca de algum medicamento.

— Foi por isso que, antes de vir para cá, fui até lá. Quando eu tive meus filhos, ela tinha um pó que colocava na chupeta e essa cólica passava na hora. Conversei com ela. Contei que você tinha tido um filho de João Pedro e pedi que me desse aquele pó para que eu trouxesse para você. Quer experimentar?

— Não vai fazer mal?

— Claro que não! Usei com meus filhos e eles se acalmaram na hora! Não se esqueça de quem me deu foi

mãe Albertina, ela sabe o que faz!

— Nisso a senhora tem razão. Ela é muito boa no que faz. Vamos experimentar.

— Pegue a chupeta dele e vamos colocar um pouco desse pó. Precisa molhar um pouco para que o pó grude.

— Ela, confiando, pegou a chupeta, molhou em um copo onde havia água e me deu. Peguei a chupeta, passei pelo pó e coloquei na boca do menino que, após chupar, adormeceu. Ela ficou encantada:

— Deu certo, dona Eliete! Ele está dormindo!

— Não falei que funcionava? Quando ele começar a chorar, faça isso novamente. Ele vai deixar de sofrer e você vai ficar mais calmo.

— Vendo que meu plano estava dando certo, falei:

— Está muito frio, Maria Rita. Você tem algum tipo de chá?

— Tenho de cidreira. A senhora quer?

— Gostaria.

— Vou preparar. A senhora não se importa de ficar tomando conta dele?

— Não, pode ir. Estou, realmente, com muito frio.

— Ela, ainda acreditando em mim, saiu do quarto. Eu sorri. Sabia que a cozinha ficava em frente. Logo depois, ela voltou com duas xícaras. Colocou em uma pequena mesa que havia ali e disse:

— Desculpe, mas não tenho pires nem açucareiro. Adocei da minha maneira, espero que esteja bem, mas, se não estiver, eu pego outro ou coloco mais açúcar.

— Peguei a xícara e tomei um gole.

— Desculpe Maria Rita, mas está um pouco amargo.

— Coloquei bastante açúcar, mas, se quiser, posso colocar mais.

— Se não se incomodar, gostaria muito.

— Ela saiu e eu aproveitei para colocar o veneno no chá que ela ia beber. Voltou logo depois e me entregou a xícara. Enquanto eu tomava o meu chá, ela tomava o dela. Quando terminei, disse:

— Agora que colocou mais açúcar, o chá está muito bom, Maria Rita. Eu precisava mesmo. Estava com muito frio.

— Ela sorriu. Ia dizer alguma coisa, mas não conseguiu. Sentiu o corpo fraco, contraiu o rosto e, com os olhos abertos, caiu sobre a cama. Vendo que ela ainda não estava morta, peguei um travesseiro, coloquei sobre seu rosto e fiquei apertando bem firme. Percebi quando tentou, em um último esforço, se mexer, mas não dei importância. Continuei segurando e apertando, até perceber que seu corpo havia amolecido. Tirei o travesseiro e constatei que ela não respirava mais. Feliz por ter dado certo, voltei-me para o menino que dormia. Peguei o mesmo travesseiro, coloquei sobre seu corpinho e apertei sobre seu rosto. Ele demorou bem menos que a mãe para deixar de respirar. Depois disso, peguei uma das xícaras em que ainda havia um pouco do veneno e, com cuidado, abri os dedos dela e coloquei a xícara, para parecer que ela havia tomado o chá com veneno. Peguei a chupeta que estava ao lado do menino, passei pelo pó e, com esforço, consegui abrir a boquinha dele e colocar a chupeta. Peguei a xícara em que eu havia bebido o chá, saí dali e, rapidamente, voltei para casa. Entrei pelo portão dos fundos. Fui para o meu quarto, troquei de roupa, depois de alguns minutos, para poder respirar tranquilamente, fui até a sala, onde você,

Yara, ainda conversava com João Pedro.

— Quando vi a senhora entrando na sala, respirei aliviada. Já havia falado sobre todos os assuntos. Ele estava se despedindo, dizendo que ia ver Maria Rita e o menino. Eu não sabia mais o que fazer. Fiquei com medo de que ele a encontrasse lá.

— Também fiquei com medo, Yara, mas confiei que você estivesse seguindo nosso plano.

Samuel disse:

— Deveria ter temido não pelo fato de João Pedro poder encontrá-la ali, mas, sim, pelos vultos negros que a esperavam do lado de fora do quarto de Maria Rita. Assim que você saiu, eles a envolveram e acompanharam até depois de sua morte.

— Eu sei. Eles me aterrorizaram por muito tempo. Raquel tentava segurar as lágrimas de arrependimento que caíam sobre seu rosto. Yara estava pálida e também chorava. Raquel, olhando para todos, disse:

— Eu mereci tudo o que veio depois. O que eu fiz?

Tirei uma criança inocente dos braços da mãe para matá-la? Matei uma mulher sem motivo algum? Samuel, que segurava sua mão, afastou-se.

— Foi isso o que fez Eliete, ajudada por você, Maria da Glória. Porém, embora estivesse feliz por seu plano ter dado certo, na realidade não deu. Assim que você chegou, João Pedro saiu dali e foi ao encontro de Maria

Rita. Quando chegou e viu que ela e o filho estavam mortos, ficou desesperado, sem entender o que havia acontecido. Começou a gritar o que atraiu os vizinhos. Todos se comoveram com o sofrimento dele. Chamaram a polícia e, enquanto os corpos foram levados, você, Eliete, e você, Maria da Glória, ainda conversavam. Entusiasmada, você contava:

— Consegui que ela confiasse em mim, Maria da Glória. Não desconfiou nem por um minuto de que aquilo que eu falava era mentira! Deu tudo certo. João Pedro deve voltar logo, por isso você vai ficar aqui para consolá-lo. Vai precisar ter paciência. Por algum tempo, ele vai sofrer muito, mas logo esquecerá e vocês poderão se casar e serão felizes para sempre! Samuel continuou:

— Realmente isso aconteceu. Quando os corpos foram levados, João Pedro voltou para casa. Como vocês previram, ele estava arrasado e desesperado. Assim que ele entrou, vocês correram para ele.

— O que aconteceu, meu filho?

— Ele, chorando, respondeu:

— Estão mortos...

— Demonstrando um nervosismo que não sentia você perguntou:

— Quem morreu João Pedro?

— Maria Rita e meu filho...

— O que você está falando?

— Eles estão mortos, mamãe!

— Morreram como?

— Não sei! Quando cheguei, encontrei os dois mortos...

— Como isso aconteceu?

— Não sei! Não sei...

— Mesmo diante do desespero de seu filho, você não se comoveu Raquel. A única coisa com que se importava era que seu plano havia dado certo. Você também, Maria da Glória, estava feliz. Sabia que agora poderia se casar com o homem que tanto queria.

Ainda chorando, João Pedro foi para seu quarto.

Assim que ele saiu, você, vitoriosa, disse:

— Deu certo, Maria da Glória! Ele não desconfia do que aconteceu! Por alguns dias, ele vai ficar assim, mas logo todo esse sofrimento vai passar e ele poderá ser só seu!

— É só isso que quero dona Eliete! Quero ficar com ele para o resto da minha vida!

— Também quero isso! Imagine se eu ia permitir que uma negra ignorante como aquela entrasse para a minha família que tem nome e tradição!

Raquel, agora, estava em prantos:

— Lembro-me de tudo isso e não entendo como pude fazer uma coisa como aquela...

— Hoje, você pensa assim, mas, naquele dia, achava que estava certa. Ao cometer aquele crime, você escreveu o seu destino, a sua próxima encarnação.

— Estou começando a entender...

Samuel continuou:

— Após uma rápida investigação, a polícia concluiu que Maria Rita havia matado o filho e se matado depois. João Pedro não se conformou, não entendia por que ela havia feito aquilo. Julgava-se culpado por não tê-la assumido logo e por tê-la colocado ali naquele cortiço. Desde esse dia, ele se trancou no quarto e só saiu para ir ao enterro. Depois que o enterro terminou, ele foi para um bar e bebeu sem parar.

— Foi isso que aconteceu. Começou a beber e, embora eu e você, Yara, tenhamos tentado, ele não parou nunca mais. Logo pela manhã, saía de casa, bebia muito e ficava perambulando pelas ruas. A culpa que sentia não o abandonava.

— É verdade, Eliete. Você, que não quis que seu nome fosse comentado por ter uma negra na família, era, agora, comentado, por ter um bêbado, que mais parecia um mendigo. Com a vida que levou e a quantidade de bebida que tomou, em pouco tempo, João Pedro adquiriu uma doença no fígado e morreu muito jovem. No momento de sua morte, Maria Rita estava ao seu lado, esperando-o. Com a morte de seu filho, você ficou inconsolável. Ninguém havia desconfiado do que acontecera realmente, o que, a princípio, deixou-a muito feliz e tranqüila, mas, ao ver seu filho naquela situação e sabendo o que havia feito, sentiu-se culpada. Como companhia, você tinha os vultos negros que, com suas energias, não a deixavam esquecer.

— Com o peso da minha culpa, também adoeci e morri. Assim que dei o último suspiro, pude ver essas energias de que está falando, Samuel. O medo que senti foi terrível. Sem que falassem qualquer coisa, eu sabia

o motivo de estarem lá. Tentei fugir, mas não consegui. Em todos os lugares, eu via o rosto de Maria Rita e do menino. As energias me rodeavam, não importando o lugar onde eu tentasse me esconder.

— Foi isso o que aconteceu. Quando se ouve dizer que, mesmo não pagando um mal na Terra, Deus tomará conta, muitos dão risadas e não acreditam, porém, isso é verdade. Ninguém fica impune de um crime praticado.

— Eu corria e me escondia. O lugar era horrível, ouvia prantos, gemidos e monstros me atacavam, não importando o lugar em que eu estivesse. Sentia-me só e desamparada.

— Mas não estava, Raquel. Apesar do que havia feito, seus amigos estavam sempre ao seu lado, até mesmo Maria Rita e Mauro, o filho dela.

— Mauro?

— Sim, ele mesmo. Mauro, que depois seria seu filho, era o menino que você havia matado. Depois de você ser resgatada, e chegando a hora de renascer, ele aceitou ser seu filho. Ambos sabiam que ele morreria cedo. Assim, você sofreria a dor de perder um filho, ainda criança. O mesmo aconteceu com Francisco. Mesmo sabendo de tudo o que você havia feito, ele quis renascer ao seu lado e ficar até o dia em que estivesse pronta para caminhar sozinha, para fazer suas escolhas e, assim, resgatar todos os erros cometidos.

— Espero que, desta vez, eu esteja agindo certo.

— Até aqui, sim. Por isso trouxemos você até aqui. Você sentiu a dor de perder um filho e reagiu muito bem a isso. Também superou a dor de perder um marido e a de ficar sozinha. Agora, vai passar por uma prova definitiva. Nunca se esqueça de que tudo por que está passando foi opção dada e aceita por você.

— O senhor falou em prova definitiva. Que prova vai ser essa?

— Sempre que falhamos em algo, a mesma situação se repete. Você, por orgulho, ignorância e preconceito, falhou com Maria Rita, seu filho e com João Pedro. Isso acontece há várias encarnações, mesmo assim, eles sempre voltam para ajudá-la a superar esses sentimentos nocivos.

— Já cometi esse crime outras vezes?

— Sim, infelizmente. Por mais que se arrependa, sempre volta a fazer, de maneira diferente, as mesmas coisas. Precisa resgatar o mal que lhes causou. Antes de renascer, sabia que esse dia chegaria. Estamos aqui somente para ajudar você, neste momento decisivo.

— Nunca mais vou fazer o que fiz!

— Não fale com tanta certeza, Raquel. O orgulho, a ignorância e, principalmente, o preconceito são sentimentos muito fortes, difíceis de serem superados.

— Sei disso, mas, como Raquel, não tenho preconceito algum. Converso com todas as pessoas. Hoje estou bem, tenho dinheiro e tranqüilidade, mas não esqueço os momentos difíceis por que passei! Dessa vez, tenho certeza, vou vencer!

— Estamos torcendo por você. Tomara que consiga!

— Vou conseguir!

— Agora, precisa voltar. Está amanhecendo e você vai ter um longo dia de trabalho. Descanse.

— Está bem e obrigada por tudo o que estão fazendo por mim. Voltou-se para Francisco.

— A você, também, preciso agradecer por ter ficado sempre ao meu lado.

— Aconteça o que acontecer, estarei sempre ao seu lado...

Ela beijou-o e disse:

— Sempre soube disso e é por isso que tive forças para continuar.

Yara perguntou:

— E eu? O que vou fazer?

— Terá a mesma chance que Raquel. Em muitas vidas, tem sido sua cúmplice, tomara que, nesta, consiga reagir e fazer a coisa certa.

— Vou conseguir! Desta vez não vou me deixar influenciar!

— Está bem, faça isso e só nos trará alegria e, para você, será um aval para continuar em busca do amanhã, da eternidade.

Antes que pudesse dizer algo, desapareceram. Raquel acordou sentindo sede. Yara virou-se na cama e continuou dormindo.

## A cobrança

O tempo passou. Raquel continuou viajando. Ela se ausentava duas ou três vezes por mês. Fazia isso com tranqüilidade, pois sabia que em sua casa, tudo estava bem, porque Lia cuidava de tudo.

Em uma tarde, Lia estava conversando com uma das empregadas da casa, quando Marcos entrou.

Como sempre fazia, beijou-a no rosto.

— O que está fazendo em casa a esta hora, Marcos? Não foi à faculdade?

Ele abriu um largo sorriso e respondeu:

— Como sempre, curiosa, dona Lia! Não, não fui à faculdade. Vou me encontrar com alguns amigos para fazermos um trabalho juntos. Eles virão para cá. Espero que não fique nervosa.

— Quando foi que fiquei nervosa por trazer amigos aqui em casa? Se fosse Moacir, eu estranharia, pois sei que ele não é de fazer muitos amigos, mas você, não, é amigo até de desconhecidos.

— Moacir é muito sério. Gosta mesmo é de trabalhar com a mãe. Gosta de empresa. Eu não quero viver a vida e ser feliz!

— Ainda bem que ele é assim. Quando sua mãe resolver parar de trabalhar, alguém vai precisa continuar com a empresa.

— Que seja ele. Não quero ser como minha mãe.

— O que está dizendo, Marcos? Sua mãe é uma grande mulher! Trabalhou muito para transformar a pequena marcenaria que seu pai começou nessa grande empresa! Com muito trabalho, conseguiu dar a você e a seu irmão a vida com que sempre sonhou! Você deveria agradecer a Deus pela mãe que tem!

— Eu agradeço, dona Lia! Mas, de vez em quando, fico pensando em quanto eu perdi para ter tudo o que tenho.

— O que você perdeu Marcos?

— Nunca tive minha mãe por perto. Sempre que a via ou tentava conversar com ela, não podia, porque ela estava entrando ou saindo. Ela nunca teve tempo para nós, seus filhos.

— Você está sendo injusto, Marcos! A única preocupação dela foi sempre com vocês. Conseguiu pagar uma boa escola e a faculdade. Poderia ter se casado outra vez e olhe que não faltou oportunidade, mas sempre recusou. Quando eu perguntava por que não aceitava que qualquer homem se aproximasse, ela respondia:

— Não quero dar outro pai para meus filhos, Lia! Francisco foi o único homem da minha vida!

— Moacir gosta disso, eu não.

— Por que não, Marcos?

— Quando meu pai morreu, minha mãe passou a se preocupar só em ganhar dinheiro, se esqueceu de que precisávamos da sua presença. Eu preferia que ela tivesse se casado, assim teria ficado mais tempo ao nosso lado. A sorte foi que tivemos a senhora e o seu Norberto, que são os nossos verdadeiros pais.

Lia, emocionada, disse:

— E vocês sempre foram os filhos que não tivemos, mas você não está sendo justo com sua mãe. Ela só pensou em dar tudo a vocês. Ela sempre quis que vocês fossem felizes e crescessem com tranqüilidade.

— Isso, ela conseguiu, graças à senhora e ao seu Norberto, mas, mesmo assim, senti muito sua falta. Só sei que nunca vou me casar, mas, se isso acontecer e eu tiver um filho, vou estar sempre presente em sua vida!

— Olhe quem está falando! Você que nunca se interessou realmente por moça alguma! Você só quer namorar todas, mas sem compromisso!

Ele começou a rir:

— Tem razão! Para que vou me casar e ficar só com uma, quando posso ter tantas? Nunca vou me casar! Quero continuar vivendo assim como vivo!

— Sabe que essa vida, quando terminar a faculdade, vai acabar não sabe?

— Sei. Minha mãe já deixou isso bem claro. Ela quer que eu também trabalhe na empresa. Vou ter que fazer isso, mas, enquanto essa hora não chegar, vou aproveitar a vida.

— Faça isso, meu filho. Aproveite bem a vida. Nunca sabemos quando ela vai terminar.

— Pare com isso, dona Lia! Vou viver muito!

— Claro que vai, Marcos!

— De uma coisa eu tenho certeza!

— Do quê?

— Não vou fazer como Moacir!

— O que seu irmão faz que desagrada tanto a você?

— Não sei como ele conseguiu namorar e se casar com uma moça como a Joice.

— Por que está dizendo isso, Marcos? Ela é uma boa moça.

— Pode ser uma boa moça, mas é pedante. Já viu as roupas e sapatos que usa?

— Sim, são bonitos.

— E muito caros dona Lia! Não sei como ela consegue gastar tanto!

— Seu pai sempre teve muito dinheiro e sempre fez todas as suas vontades.

— Pode ser, mas, mesmo assim, acho que gasta mais do que pode. Sempre que a vejo, está carregando um pacote de alguma grande loja. Quem compra roupas em lojas? A senhora compra? Minha mãe compra? Olhe que minha mãe, se quisesse, poderia usar roupas muito cara, mas não faz isso.

— Raquel é diferente, sempre foi muito simples, já Joice gosta de andar bem arrumada.

— O que ela gosta é de gastar! Não sei se Moacir vai ter tanto dinheiro assim.

— Com o tempo, ela vai mudar.

— Não sei, não. Jamais me casaria com uma mulher igual a ela.

Lia começou a rir:

— Vamos ver com quem você vai se casar. Sabe que sua mãe quer muito que você se case com Yara. Ela, além de muito bonita, é filha de deputado!

— Quem quer é minha mãe, eu não! Yara pode ser muito bonita, mas não quero me casar nem ter compromisso, mas, se um dia for me casar, com certeza não vai ser com ela!

— Esse casamento deixaria sua mãe muito feliz.

— Então ela vai ficar infeliz para o resto da vida. Não vou me casar com Yara nem com ninguém! Nunca vou me casar! Quero viver a vida!

— Está bem, vamos esperar o tempo passar. Quando encontrar aquela que vai ser sua mulher, garanto que vai mudar de idéia.

— Pode esperar sentada. Isso nunca vai acontecer!

— Vamos esperar Marcos.

Ele, beijando-a novamente, disse:

— Vamos esperar, mas, agora, vou para a biblioteca. Meus amigos devem estar chegando.

— Vá e, assim que eles chegarem vou servir um lanche para que comam enquanto estudam.

Antes de sair, Marcos, parecendo lembrar-se de alguma coisa, perguntou:

— Como está o seu Norberto?

— Do mesmo modo. Ele está sofrendo muito com a doença. Quando o vejo sofrer dessa maneira, sem que eu possa nada fazer para evitar sua dor, sofro muito, mas o médico disse que não podemos ter esperança. Não há cura para sua doença. É só uma questão de tempo. Ele é um bom homem, um bom marido e fez de tudo para que eu fosse feliz e, agora, nada posso fazer para que não sofra...

— Sinto o mesmo que a senhora, pois, além de tudo o que a senhora falou, ele foi o melhor pai que poderíamos ter tido. Não entendo por que a morte precisa ser assim...

— Assim como, Marcos?

— Por que precisamos sofrer tanto para morrer? Um homem como ele não merece tanta dor, tanto sofrimento. Penso que, quando chegasse há nossa hora, devíamos dormir à noite e, no dia seguinte, não acordar. Sem dor, sem sofrimento...

— Isso seria o ideal, mas, infelizmente, não é assim.

— Quando vejo o quanto ele está sofrendo, eu penso que, se ele tivesse sido um homem mau, até que merecia sofrer tanto, mas não, ele sempre foi bom! Foi o pai que não tivemos! Não merecia isso!

— Também penso assim, mas o que sabemos da vontade de Deus?

— Embora todos falem muito em Deus, tenho cá as minhas dúvidas...

— O que está dizendo, Marcos? Tem dúvidas sobre o quê?

— Quando vejo o que está acontecendo com o seu Norberto, chego a duvidar de que Deus exista realmente...

Raquel estava entrando e ouviu o que Marcos disse. Nervosa, falou:

— Não fale isso nem brincando, Marcos!

Ele e Lia se voltaram. Ele, rindo, disse:

— Olá, mamãe! A senhora já chegou?

Ela, ainda nervosa, respondeu:

— Já cheguei e não gostei de ouvir o que você falou!

— A senhora está dizendo isso, porque não ouviu toda a nossa conversa.

— Não ouvi, mas nada existe que possa colocar em dúvida a existência de Deus! De onde tirou essa idéia, meu filho?

— Estávamos falando sobre a doença de seu Norberto, de quanto ele está sofrendo.

— Também não entendo tanto sofrimento, mas, mesmo assim, não iremos duvidar de que Deus existe.

— Não sei como logo à senhora pode falar algo assim.

— Logo eu, por quê?

— A senhora perdeu o marido e o filho no dia em que nasci como pode, ainda, acreditar que Deus existe? Eu penso ao contrário, mesmo que exista é muito mau!

— Quando seu pai e seu irmão morreram também me revoltei, mas, graças a Deus, uma pessoa me ajudou muito a entender que Deus existe e que é muito bom.

— Que pessoa? O que ela disse?

— Dona Catarina, a mãe de Martin. Ela, infelizmente, já morreu, ela foi de grande ajuda naquele momento pelo qual eu estava passando e graças a ela, consegui

retomar minha vida e chegar até aqui, sentindo-me vitoriosa. Embora muitas vezes não entendamos os motivos de alguns sofrimentos, Deus existe e é muito bom, Marcos.

— O que posso fazer, se a senhora pensa assim. Eu ainda tenho minhas dúvidas.

— Não vou tentar mudar sua opinião. Porém foi muito bom encontrar você em casa. Precisamos conversar.

— Eu é quem digo isso. Quase nunca vejo a senhora. Quando não está trabalhando, está viajando.

— Graças ao meu trabalho, você tem uma boa vida. Marcos, rindo, perguntou:

— Sobre o que quer conversar?

— Como está o seu namoro com Yara?

Ele rindo, mais ainda, respondeu:

— Eu não namoro a Yara, mamãe! De onde tirou essa idéia?

— Como não namora? Vocês saem juntos! Vão a teatro, cinema e festas?

— Assim como vou com ela, vou com outras mais!

Não existe namoro! Não quero namorar sério com ela nem com ninguém! Ela é uma boa companhia e minha amiga! Nada mais que isso!

— Você precisa se casar com ela, Marcos.

— Precisa? O que está dizendo, mamãe!

— É o que ela mais quer!

— Nem pensar, mamãe! Já disse que não estou pronto para me casar e, quando estiver, com certeza não será com ela que me casarei!

— Não entendo o porquê dessa rejeição quanto à Yara. Ela é uma moça bonita, educada, fala nem sei quantos idiomas e já viajou por muitos lugares. É uma moça preparada para ser sua mulher!

— Ela é tudo isso, mas não a amo para me casar com ela. Quando eu me casar, se isso acontecer, vai ser com uma mulher a quem amo e com queira viver ao lado por toda minha vida e Yara, definitivamente, não é essa mulher!

Raquel, nervosa, falou:

— Você precisa se casar com ela, Marcos!

— Não estou entendendo por que tanta insistência para que eu me case! O que está acontecendo?

— Hoje almocei com o deputado, pai dela. Conversamos muito e ele me falou de quanto ela gosta de você e do quanto gostaria que se casassem.

— O que mais ele disse para que a senhora viesse falar comigo a esse respeito?

— Ele me contou que está sendo terminado o prédio onde vai ser instalada a Câmara e que, por isso, vai ser aberta licitação. Disse que, com sua ajuda, a nossa empresa poderá ganhar a licitação, Marcos!

— O que eu tenho a ver com isso?

— Ele não falou claro, mas falou nas entrelinhas que só tem uma filha, que é a coisa mais importante na vida dele e que faria qualquer coisa para que ela fosse feliz. Depois, falou do grande interesse que ela tem por você. Depois dessa conversa, deduzi que, se você se casar com Yara, poderemos vencer a concorrência e ganhar muito dinheiro!

Marcos voltou a rir:

— A senhora está me vendendo, mamãe?

— Não é isso, Marcos! Só estou vendo uma maneira de ganharmos muito dinheiro!

— Não entendo a senhora! Nossa empresa é sólida! Exportamos não só para outros estados como para alguns países da América do Sul! A senhora conseguiu bens móveis e imóveis Temos tanto dinheiro que meus filhos e netos poderão ter uma boa vida! Para que a senhora precisa de mais dinheiro?

— Para dar a você e ao seu irmão tudo do que precisam!

Ele voltou a rir, só que muito nervoso:

— Não, mamãe! No princípio, pode ter sido esse o motivo, mas agora não é mais! A senhora se tornou gananciosa! Largou seus filhos para correr atrás de um sonho! De umas conquistas! Conseguiu, mas não venha pedir que eu sacrifique minha juventude, minha vida! Não farei isso! Não vou me casar com Yara nem com qualquer outra que não ame e que eu mesmo não escolha! Não vou fazer isso!

Raquel, perplexa, olhou para Lia que a tudo assistia:

— Você ouviu o que ele disse, Lia? Depois de tanto trabalho, tanto sacrifício, eu ouvir que sou gananciosa! Não consigo acreditar que tenha dito isso, Marcos! Vivi a minha vida por vocês! Dei tudo do que precisavam! Moram em uma boa casa, comem o que sentem vontade, usam as melhores roupas, sempre freqüentaram as melhores escolas e nunca sentiram frio! Sempre dormiram em uma boa cama! Quando seu pai morreu, eu não tinha trinta anos! Nunca quis me casar para não dar um padrasto para vocês e é assim que me agradece?

Marcos, ainda nervoso, respondeu:

— Essas foram suas escolhas que eu agradeço, mas não é justo exigir que eu pague por tudo isso! É um preço muito alto, que não estou disposto a pagar! Não vou me casar com qualquer mulher que a senhora escolher! Só vou me casar com aquela que eu amar e escolher!

Lia, ao pressentir para onde aquela conversa caminhava nervosa, falou:

— Parem com isso! Nem parece que são mãe e filho! Os dois estão errados e não é assim, ofendendo um ao outro, que resolverão essa situação!

Raquel ia falar qualquer coisa, mas a campainha tocou. Lia ainda nervosa, disse:

— Seus amigos chegaram Marcos. É melhor deixarmos essa conversa para depois.

Calada e muito nervosa, Raquel saiu.

Marcos se voltou para Lia e, beijando seu rosto, disse:

— Obrigado por tudo o que sempre fez por nós, dona Lia.

Ela sorriu e foi abrir a porta e, disfarçando o nervosismo, recebeu-os com um grande sorriso. Eles, também sorrindo e brincando, entraram.

Estudaram a tarde toda. Quando estavam indo embora, José Carlos, um deles, perguntou:

— Não se esqueçam da festa, sábado, na minha casa! É o meu aniversário e vai ser muito boa.

Marcos, feliz, perguntou:

— Convidou muitas moças?

— Claro que sim, Marcos! Se elas não fossem, não haveria festas!

Um deles disse:

— Não vá querer ficar com todas elas!

— Por que está dizendo isso, Paulo?

— Olhe a cara de inocente dele! Você nunca se contenta só com uma! Quer todas!

— Não sei por que está reclamando, todos vocês já têm uma fixa! Eu, ao contrário, ainda estou procurando a minha!

— Não tem uma fixa porque não quer! Yara faria qualquer coisa para namorar você!

Marcos lembrou-se da conversa que havia tido com a mãe, mas, disfarçando, disse:

— Ela é somente minha amiga.

— Pode ser para você, mas, para ela, não é não! Ela gosta de você e não esconde isso!

— Está exagerando, Paulo!

— Eu não! Você é que não quer ver!

— Deixe isso para lá! O importante é que não se esqueçam do meu aniversário! Vamos embora.

Todos olharam para José Carlos, riram e, acompanhados por Marcos que os levou até o portão, foram embora.

## O encontro

Marcos e Raquel não conversaram mais sobre Yara. Ela queria muito que aquele casamento se realizasse, mas conhecia o filho e sabia que ele nunca se deixaria

dominar pela pressão. Resolveu esperar o momento oportuno para voltar ao assunto.

O dia do aniversário de José Carlos chegou. Após vestir um terno azul-marinho, uma camisa rosa - clara, e de se olhar no espelho pela quarta vez, Marcos saiu do quarto e foi para a sala, onde Raquel e Lia conversavam. Entrou e, ainda da porta, perguntou:

— Como estou? Sei que muito bem! - disse rindo.

Lia e Raquel levantaram-se.

Lia disse, entusiasmada:

— Você está lindo, Marcos!

— Está mesmo, meu filho, mas não sei por que você está tão surpresa, Lia? Ele sempre foi bonito, parece com o pai!

— É verdade, Raquel. Francisco era um homem muito bonito.

— Seu irmão também vai à festa?

— Não, mamãe. Embora José Carlos tenha convidado, Moacir, desde que se casou, não faz mais parte da nossa turma. Não entendo como ele se casou com Joice, aquela pedante...

— Não fale assim, Marcos. Ela é uma boa moça, de uma boa família.

— Pode ser de uma boa família, mas não deixa de ser pedante. Não sei o que Moacir viu nela. Nunca pensei que se casaria com uma moça como aquela. Logo ele que é tão responsável! Será que ele não vê como ela gosta de dinheiro! Ela vai levá-lo à falência!

— Você está exagerando! Ele gosta dela e, quando isso acontecer com você, vai entender.

— Nem pense isso, dona Lia! Nunca vou me apaixonar por mulher alguma!

Lia olhou para Raquel e, rindo, disse:

— Vai sim. Todos, um dia, se apaixonam.

— Só quando eu for bem velho! Antes disso, tenho muitas moças para conhecer! Não quero me prender a ninguém!

Beijou-as e, fazendo uma espécie de continência, sorrindo, saiu. Assim que saiu, Raquel disse:

— Ele é mesmo muito bonito, Lia...

— É sim, Raquel, por isso que namora tantas moças de uma só vez.

— Isso me preocupa...

— Preocupa, por que, Raquel?

— Ele já está com vinte e oito anos. Está passando da hora de se casar.

— Ora, Raquel, deixe o menino! Você é a primeira mãe que conheço que quer que os filhos se casem! Nunca vi isso!

— Sabe que o casamento dele com Yara é importante para a empresa.

— Pode ser para a empresa, mas não é para Marcos. Deixe o menino viver a vida!

— Eu não entendo como um irmão pode ser tão diferente do outro. Enquanto Marcos é assim, folgadão e brincalhão, Moacir é sério e concentrado no trabalho e já está casado.

— É verdade, mas não se esqueça de que ele é mais velho do que Marcos.

— Tem razão, mas, mesmo assim, ele sempre foi muito responsável.

— Marcos não suporta a Joice. Ele diz que ela só anda com roupas caras e que gasta mais do que tem.

— Já notei isso, Lia, mas tudo isso vai passar. Ela vai entender que não pode continuar assim.

— Tomara que isso seja verdade, Raquel.

Raquel ia dizer algo, quando uma das empregadas entrou na sala.

— Com licença, dona Lia, parece que o senhor Norberto não está bem.

Lia e Raquel levantaram-se e, apressadas, foram para o quarto. Assim que entraram, correram para junto da cama onde Norberto estava. Lia se ajoelhou e, olhando para o rosto dele, desesperada, gritou:

— Ele não está bem mesmo, Raquel! O que vamos fazer?

— Acalme-se, Lia. Ele já teve essas crises outras vezes. Vamos levá-lo ao hospital.

Marcos saiu com o carro e o seu está na oficina. Como vamos fazer?

— Vou telefonar para o hospital e pedir que mandem uma ambulância.

— Vai ficar muito caro, Raquel!

— Graças a Deus temos dinheiro para isso, Lia. No final das contas é só dinheiro! Fique aqui com ele, vou até a sala e já volto.

Raquel saiu e voltou em seguida.

— A ambulância já está vindo.

Lia não conseguia parar de chorar. Raquel permaneceu ao seu lado até que a ambulância chegou.

Rapidamente, Norberto foi colocado nela e levado para o hospital. Após um exame, o médico internou-o. Diferente do tempo de Francisco, agora, Raquel podia pagar, por isso, ele foi colocado em um quarto particular e elas puderam ficar ao lado dele.

Raquel disse:

— Não chore mais, Lia. Ele vai ficar bem.

— Não vai, não, Raquel! Ele, dessa vez, não está bem. Nem me ouve mais...

— Parece que não a está ouvindo, Lia, mas olhe, ele está olhando para frente e sorrindo!

— Será que ele está nos ouvindo, Raquel?

— Não sei, Lia.

Norberto, olhando para frente, sorrindo, disse:

— Mãe, pai, José?

Lia olhou para Raquel e, assustada, perguntou:

— Ele está vendo seus pais e seu irmão que morreram Raquel?

— Não sei, Lia, mas parece que sim...

— Será?

Elas não podiam ver, mas Norberto, efetivamente, estava vendo seu pai, sua mãe e seu irmão. Sua mãe, sorrindo, disse:

— Está na hora, meu filho, e estamos aqui para acompanhar você. Não tenha medo, tudo vai ficar bem.

— Sua mãe tem razão, meu filho. Você vai ficar bem e todas essas dores que sente vão desaparecer.

Lágrimas surgiram em seus olhos.

— Não vou mais sentir dor, pai?

— Não, meu filho. Seu tempo aqui na Terra está terminando e você está voltando vitorioso. Desta vez, conseguiu cumprir quase tudo o que havia prometido.

— Ainda não posso ir...

— Por que não?

— Como vai ficar Lia? Vivemos tanto tempo juntos. Ela vai sofrer muito...

— Vai sofrer, sim, mas o tempo se encarregará para que essa dor fique cada vez mais distante. Ela ainda vai ficar um pouco mais, mas, como acontece com todos, logo estará ao seu lado. Você, agora, tem um novo caminho para seguir e nós estaremos ao seu lado. Agora, você precisa dormir. Durma meu filho.

Ele abriu os olhos, olhou para Lia e sua respiração parou. Seus pais pegaram o espírito adormecido e o levaram embora.

Lia e Raquel perceberam que ele acabara de morrer. Lia começou a chorar. Raquel, abraçando-a, disse:

— Terminou, Lia. O sofrimento dele terminou...

— Sei que o sofrimento terminou, mas é triste, Raquel. Como vou viver sem ele?

— Da mesma maneira que eu continuei, Lia. Como dona Catarina me disse naquele dia, ele, apenas, está indo na sua frente. Assim como você fez comigo, vou ficar ao seu lado. Embora você não seja minha irmã, eu a considero como se fosse. Sabe o quanto eu e meus filhos gostamos de você. Não está e nunca ficará sozinha. Estaremos sempre ao seu lado.

Lia ouviu o que ela disse, mas não conseguiu parar de chorar. Depois, olhou para Norberto e disse:

— Parece que ele está dormindo, Raquel...

— É verdade, Lia. Agora, a dor passou. Precisamos ir. Temos de avisar os meninos e Martin.

— Não, Raquel. Vamos deixar para mais tarde. Moacir telefonou dizendo que ia ao teatro com Joice e Marcos estava tão animado com a festa. Vamos para casa e vamos esperar que Marcos volte. Mais tarde, avisaremos Moacir.

— Tem razão, Lia. Podemos esperar que Marcos volte para casa, mas acho que precisamos chamar o Martin. Ele é mais experiente.

— Vamos fazer isso.

Lia olhou mais uma vez para Norberto, beijou sua testa e, abraçada por Raquel, saiu. Conversaram com o médico que as encaminhou até a recepção do hospital. Ali, depois de esperarem um pouco, pegaram o atestado

de óbito e as instruções de como deveriam agir.

Raquel pagou a conta e foram para casa.

Em casa, telefonaram para Martin.

Lia, por mais que quisesse, não conseguia parar de chorar.

— Foram tantos anos juntos, Raquel. Como vai ser a minha vida sem ele? Por que a morte existe? Já que existe, acho que as pessoas que se amam deveriam morrer todas juntas e no mesmo dia. Só assim um não ficaria sofrendo tanto pela falta do outro.

— É verdade, Lia, mas como vamos saber os mistérios da vida e da morte. Hoje, enquanto Norberto partiu, garanto que muitas crianças estão nascendo e, assim, a vida vai continuar. O mundo vai evoluir e cada um deixará um pouco de si, uma história...

Enquanto isso, Marcos, na festa, conversava com algumas moças junto a uma mesa de salgados que estava em um dos cantos de uma sala enorme. Entre as moças que o rodeavam, estava Yara, que disse:

— A festa está boa, não é, Marcos.

— Está sim e esses salgados estão uma delícia!

— Você diz isso, porque ainda não foi até a mesa dos doces. Eles, sim, é que estão maravilhosos!

— Mais tarde vou até lá.

— Como está sua mãe?

— Está bem. Hoje está em casa com a dona Lia. O seu Norberto não está bem.

— Ele tem sofrido muito...

— Tem sim e não acho justo. Foi sempre um homem tão bom. Foi o pai que não tive. Ele não merecia sofrer tanto. É difícil vê-lo sofrendo daquela maneira sem poder fazer nada. Não entendo por que a vida é assim, Yara.

— Nem eu, Marcos, mas, como você disse, não há o que se fazer. Só mesmo esperar a vontade de Deus.

— Não me fale em Deus, Yara! Como sua vontade pode ser a de ver alguém sofrendo como o que está acontecendo com seu Norberto?

Percebendo que ele estava alterado, ela disse:

— Acho que você tem razão, mas vamos mudar de assunto? Hoje é dia de festa, precisamos festejar! Depois que terminar de comer, vamos dançar?

— Vamos, sim.

As outras moças também ficaram conversando. Todas tentando chamar a atenção de Marcos, mas ele não se interessou por nenhuma delas. Na realidade, dava a mesma atenção para todas, igualmente.

Quando terminou de comer, disse:

— Agora vamos dançar? Quem vai ser a primeira? Yara, sorrindo, respondeu:

— Eu, Marcos.

— Está bem. Você vai ser a primeira, mas não se esqueça de que vou dançar com todas. Não vim até aqui para ficar somente com uma! Quero a todas!

Elas, que já o conheciam, sorriram. Ele, pegando a mão de Yara para conduzi-la até o centro da sala, onde as pessoas estavam dançando, voltou-se rapidamente e deu de encontro com uma moça que carregava uma bandeja com copos que continham cervejas e refrigerantes. O encontro foi tão forte que os copos caíram sobre ele, molhando todo seu paletó e camisa. Desnorteada, a moça quase chorou:

— Desculpe moço, não pensei que fosse se virar... Yara, procurando secar o paletó dele com um guardanapo, gritou:

— Você é uma irresponsável! Não olha por onde anda!

— Desculpe...

— Agora não adianta pedir desculpas! Como ele vai ficar molhado dessa maneira?

— Acalme-se, Yara. Não é para tanto. Foi um acidente, não foi, moça?

Ela levantou os olhos que se encontraram com os dele. Um arrepio percorreu o corpo dos dois. Marcos ficou algum tempo olhando para aqueles olhos que parecia conhecer. Ela, desajeitada, abaixou os seus.

Yara, sem perceber o que estava acontecendo, disse, quase gritando:

— Isso é imperdoável!

— Já disse para se acalmar, Yara! Não é para tanto! Moça pode me levar a algum lugar para que eu possa me secar?

— Só se for à cozinha. Há toalhas e panos de prato. Mesmo assim, acho que não vai conseguir se secar. Molhou muito...

— Sei disso, mas, pelo menos me sequei um pouco. Pode me acompanhar?

— Eu vou com você, Marcos.

— Não precisa Yara. Vou, me seco e volto imediatamente.

— Eu vou, Marcos.

Ele, nervoso, disse:

— Já disse que não precisa Yara! Vou com a moça e você vá dançar com alguém!

Yara, raivosa, mas não querendo contrariá-lo, obedeceu.

Ele, acompanhado por aquela moça que o havia impressionado tanto, foi para a cozinha. Assim que entrou, encontrou Lena, a cozinheira da casa.

Ao vê-lo com a roupa molhada e manchada, curiosa, perguntou:

— O que aconteceu com suas roupas, Marcos?

Quem respondeu foi à moça:

— Fui eu quem derramou uma bandeja com copos sobre ele...

— Como foi fazer uma coisa dessa, Marília? Logo hoje, no seu primeiro dia de trabalho!

Marcos interferiu:

— Ela não teve culpa, Lena. Eu me voltei rápido, ela não teve como desviar.

Lena, parecendo não ouvir o que ele dizia, continuou falando:

— Sei que não está acostumada, mas precisa prestar mais atenção minha filha.

— Não tive como evitar, mãe...

— Mãe? Ela é sua filha, Lena? Conheço você desde que era menino e nunca ouvi falar que você tivesse uma filha!

— É minha filha, sim, Marcos. Quando o pai dela morreu, ela só tinha cinco anos. A cidade em que eu morava era muito pobre. Não tinha trabalho. Minha tia, que trabalhava aqui, ficou doente e perguntou se eu não queria ocupar o seu lugar. Sabendo que, com o dinheiro que eu ia ganhar aqui, poderia dar uma vida melhor para minha filha, vim embora e ela ficasse com minha mãe. Agora que minha mãe morreu e ela já está com dezoito anos, veio para cá e vai trabalhar aqui por algum tempo, até conseguir coisa melhor. Ela é estudada, não é burra como eu.

Marcos olhou para a moça que o olhava.

— Ela é muito bonita, Lena...

— É, sim, mas não pense que vai brincar com ela. Conheço você, sei o que faz com todas as moças...

Ele, rindo, disse:

— Nem pense nisso. Ela é diferente...

Novamente os olhos se encontraram e novamente os corações bateram forte.

Lena, percebendo algo, disse:

— Marília, vá servir mais bebidas.

Ela, desajeitada, pegou alguns copos, colocou sobre a bandeja e saiu. Ele a acompanhou com os olhos.

Lena, após Marília sair, pegou um pano de pratos, molhou e, enquanto limpava o paletó e a camisa dele, disse:

— Ela não é diferente coisa nenhuma, Marcos! É uma moça como outra qualquer e não é do seu meio. É honesta, mas pobre. Não brinque com ela.

— Não se preocupe com isso, Lena. Pode dizer que ela não é diferente, mas eu digo o contrário. Ela é, sim, diferente de todas as moças que conheci até aqui.

— Pode parar Marcos! Ela não é do seu meio. É honesta, mas pobre. Fique longe dela!

Ele, rindo novamente, disse:

— Vou tentar Lena. Prometo que vou tentar...

Ela, após terminar de limpar, disse:

— Foi o que deu para fazer. Não ficou muito bom, mas deu para disfarçar.

— Está ótimo, Lena. Também já são quase dez horas. A festa está terminando.

— É verdade. Aproveite para se divertir um pouco mais.

Ele, rindo, saiu da cozinha. Entrou na sala. As pessoas continuavam dançando, conversando, bebendo e comendo. Com os olhos, procurou por Marília, que servia a todos.

Yara se aproximou:

— Conseguiu limpar?

— Mais ou menos, mas está bom. Também, a festa já está terminado.

— Você vai me levar para casa?

Ainda com os olhos em Marília, ele respondeu:

— Como foi que você veio?

— Com um táxi, mas há esta hora é difícil conseguir um. Você sempre me leva de volta, por isso não me preocupei.

— Está bem, eu levo você.

Marília continuou servindo, mas, mesmo não querendo, não conseguia evitar que seus olhos procurassem por ele.

Ficaram assim pelo resto da noite. Quando todos começaram a se despedir, Marcos se aproximou dela:

— Boa-noite, Marília. Seja bem-vinda. Fiquei feliz em conhecê-la espero poder vê-la outras vezes.

Ela pegou a mão que ele lhe oferecia e, olhando em seus olhos, sorriu:

— Obrigada. Boa-noite.

O contato das mãos fez com que os dois estremecessem. Rapidamente, ela retirou a mão e se afastou.

Ele, sorrindo, acompanhou-a com os olhos.

Yara, sem que ele imaginasse, seguia todos os seus movimentos.

Assim que Marília se afastou, ela se aproximou de Marcos.

— Vamos embora, Marcos?

Ele, ainda olhando em direção à Marília, respondeu:

— Vamos, Yara.

Despediram-se de todos, saíram e entraram no carro. Enquanto ele dirigia em silêncio, ela, tentando disfarçar o nervosismo, perguntou.

— Quem é aquela moça, Marcos?

— Que moça, Yara?

— Aquela serviçal, Marcos.

— Por que está falando assim a seu respeito?

— Porque ela é uma serviçal, além de negra!

— Que preconceito é esse, Yara?

Ela, não conseguindo esconder seu ciúme e nervosismo, respondeu:

— Não é preconceito, é uma realidade! Ela é uma serviçal e negra!

— Tem razão, mas também é filha da Lena que conhecemos desde que éramos crianças. Ela veio morar e trabalhar com a mãe. Só não entendo o motivo da sua preocupação.

Percebendo que ele estava nervoso, ela, procurando se controlar, disse:

— Não estou preocupada, só achei que ela é uma desastrada! Não viu o que fez com sua roupa?

— Foi um acidente, Yara, e também tive minha parcela de culpa.

— Você não teve culpa, era ela quem devia ter prestado atenção.

Ele ficou calado. O carro chegou a frente à casa de Yara.

Marcos parou o carro, desceu, deu a volta e abriu a porta para que ela saísse.

— Não quer entrar um pouco?

— Não, já está tarde. Boa-noite, Yara.

Ela, percebendo que ele estava nervoso, resolveu não insistir.

— Boa-noite, Marcos.

Ele deu a volta, entrou no carro, ligou e saiu.

Chegou a casa, desceu do carro e abriu o portão. Voltou ao carro e, assim que entrou, viu que o carro de Martin estava ali.

Preocupado, estacionou o carro e entrou apressado. Assim que entrou, viu Lia, Raquel e Martin conversando. Preocupado, perguntou:

— O que aconteceu para estarem acordados há esta hora?

Lia, chorando, levantou-se e abraçou-se a ele:

— Norberto morreu.

Marcos abraçou-a e perguntou:

— Como? Onde ele está?

— Hoje à noite, assim que você saiu Marcos, ele passou mal, levamos para o hospital, mas ele não resistiu, morreu. Está lá.

— Por que não me chamou? Sabiam onde eu estava!

— Sabíamos que estava bem e que logo chegaria a casa. Martin está aqui e vai nos ajudar com a papelada. Só então Marcos se lembrou que Martin estava ali.

— Boa-noite, Marcos.

— Boa-noite, Martin. O que vamos fazer?

— Já peguei os papéis que o hospital deu, com eles, vamos providenciar o sepultamento. Só estava esperando você chegar.

— Vamos agora mesmo!

Beijaram Raquel e Lia, depois saíram.

No dia seguinte, pela tarde, acompanhado por parentes, amigos e conhecidos, Norberto foi sepultado.

Lia inconformada, abraçada à Raquel, chorava sem parar ao mesmo tempo em que pensava.

Você foi meu companheiro por tantos anos. Sei que vou sentir sua falta, mas, ao menos, não está sofrendo mais. Espero que, de onde estiver, possa me ajudar a terminar minha jornada...

Olímpia e Samuel, que estavam ali, sorriram e jogaram luzes brancas sobre todos os presentes, principalmente sobre Lia.

## A Decisão

Mais de um mês se passou. Daquele dia em diante, Lia, apesar de chorar pelos cantos, aos poucos, foi se envolvendo com os afazeres da casa. Enquanto Raquel trabalhava, era ela quem comandava as compras, os empregados e tudo de que os meninos precisavam.

Marcos, por mais que tentasse, não conseguiu esquecer-se de Marília, que, por sua vez, embora tivesse sido avisada por sua mãe de como ele era namorador, também não se esquecia dele.

Em uma manhã, enquanto tomava café, ele disse:

— Dona Lia, pela primeira vez em minha vida, acho que estou apaixonado.

Lia começou a rir:

— O que está dizendo, Marcos? Você, apaixonado? Deve estar brincando!

— Não sei se estou apaixonado, mas não consigo esquecer o rosto lindo de uma moça que conheci no dia da festa do José Carlos! Ela é linda! A senhora precisa ver os seus olhos! Nunca vi iguais!

— Nossa! Parece que está apaixonado mesmo! Que bom, meu filho, já estava na hora! Quando vai trazê-la aqui em casa para que possamos conhecê-la?

— Não sei...

— Como não sabe?

— Eu disse que estou apaixonado, mas ela ainda não sabe.

Lia começou a rir:

— O que está dizendo, a moça não sabe que você está apaixonado por ela? Você não disse? Estou desconhecendo você!

— Só a vi na festa.

— Ela gosta de você?

— Não sei. Porém, conhecendo as mulheres como conheço, acho que sim. Ela me olhou de um jeito...

— Que jeito?

— Não sei explicar, de um jeito que só olhamos quando gostamos da pessoa.

— Quem é ela, a que família pertence? Sabe que sua mãe já tem planos para você...

— Aí é que está o problema. Ela não pertence a nenhuma família importante e não tem um nome, como mamãe diria. Ela é filha da empregada da casa de José Carlos.

— Filha da Lena?

— Dela mesmo. Seu nome é Marília e é linda!

— Mas a Lena é...

— Negra? É isso que ia dizer?

— Sim, exatamente. Ela é negra, portanto, a filha deve ser também...

— Ela, além de ser negra, é linda! Estou verdadeiramente apaixonado!

Lia, preocupada, disse:

— Por mim, não vejo problema algum, já com sua mãe, não sei, não. Ela, para o bem da empresa, quer muito o seu casamento com Yara.

— Ela pode querer, mas eu não quero! Eu sempre disse que nunca me casaria, mas, agora, se tiver de me casar, vai ser com Marília!

— Será que não está interessado justamente por ela ser diferente?

— Não, dona Lia! Não sei o que aconteceu, mas assim que olhei seus olhos, senti que era a mulher da minha vida!

— Não consigo acreditar que estou ouvindo você dizer isso! Pretende falar com ela?

— Eu não disse que estou apaixonado? Preciso falar com ela, mas não sei como me aproximar. Sabe que a Lena, assim como à senhora, me conhece e não quer que eu me aproxime da filha.

— Ela tem razão. Está vendo, ganhou a fama, agora deite na cama. Vai ser difícil você convencer a Lena ou qualquer pessoa que o conheça. Todos sabem que você é um namorador...

— Eu era, agora, não sou mais! Só quero Marília.

— Sendo assim, não vejo motivo algum para que não vá até a casa de José Carlos. Sempre foi lá e sempre foi bem recebido. Vá até lá, converse com a moça e com Lena e veja o que acontece. Na vida, para uma pergunta, existe somente uma resposta: é um sim ou um não.

— Tem razão, é isso que vou fazer. Hoje à tarde, após a faculdade, vou com José Carlos até sua casa. Vou falar com Marília, depois com a Lena. Como você disse, só posso ter uma resposta: sim ou não. Tomara que

seja um sim.

— Faça isso, meu filho. Vai dar tudo certo.

Marcos beijou Lia no rosto e saiu apressado. A tarde, no fim das aulas, aproximou-se de José Carlos:

— Preciso ir a sua casa.

— A minha casa, por quê? Não temos que estudar!

— Quero falar com Marília.

— Marília? Por quê?

Marcos contou o que havia acontecido e como estava desde o dia da festa. Terminou, dizendo:

— Ela é o amor da minha vida! Não consigo esquecê-la por um minuto! É a mulher com quem quero me casar!

José Carlos ficou nervoso:

— Marcos! Conheço você, sei o que costuma fazer, mas não vai fazer com Marília! Ela é uma moça simples, não merece ser enganada! Além do mais, é filha da Lena! Sabe como a Lena gosta de mim e dos meus irmãos e como gostamos dela! Não vou permitir que a faça sofrer!

Agora, quem ficou nervoso foi Marcos:

— Será que você não entendeu o que falei? Eu disse que ela é a mulher da minha vida e que quero me casar com ela! É difícil entender o que estou falando?

— Não, não é difícil, só é inacreditável.

— Pode parecer inacreditável, mas é a verdade, José Carlos! Nunca senti por outra mulher o que estou sentindo por ela!

— Não acredito no que está dizendo, mas, supondo-se que fosse verdade, já pensou nas conseqüências disso que está querendo fazer?

— Que conseqüências? Apenas vou me casar.

— Como pode dizer isso?

— Eu só disse que vou me casar! O que tem isso demais?

— Todos sabem que você vai se casar com a Yara!

— Todos? Que todos?

— Todos os nossos amigos! Todos aqueles que fazem parte do nosso meio social!

— Eu nunca, até hoje, disse que ia me casar com Yara nem com outra qualquer!

— Nunca disse, mas sempre deixou isso muito claro!

— Como, muito claro?

— Estão sempre juntos! Depois da cada festa, se não estiver acompanhado, leva-a para casa! Além disso, sua mãe e os pais dela têm certeza de que esse casamento vai acontecer! Todos sabemos que, depois de se cansar de todas as outras, vai ficar com ela!

— Eu gosto da Yara como companhia. Nós nos conhecemos desde que éramos crianças! Ela é alegre, engraçada, mas nunca a namorei nem fiz qualquer promessa! Estão todos enganados!

— Sua mãe também?

— Principalmente ela! Já discutimos várias vezes a esse respeito e sempre deixei bem claro que não vou me casar com Yara nem com outra qualquer que ela escolha! Até agora, apesar de ter namorado muitas moças, nunca me interessei realmente por nenhuma delas! Hoje, sei que amo Marília e, se ela me aceitar, com ela, sim, quero me casar!

— Está bem, mas, supondo-se que esteja falando a verdade, acha que sua mãe vai consentir nesse casamento?

— Não vai por quê?

— Marília não pertence ao nosso nível social e, além de ser pobre, é negra...

— O que tem isso, José Carlos. Não me importo a que nível social ela pertença! Não me importo de que cor ela é! Só sei que a amo! Minha mãe não vai se importar com isso. Ela se orgulha de ter começado do nada e de ter chegado aonde chegou e, pelo que saiba, nunca teve preconceito de cor ou de qualquer coisa. Nenhum desses motivos será um empecilho para que eu e Marília sejamos felizes.

— Você está perturbado! Está doente!

— Não, meu amigo, estou apaixonado!

— Nossa, Marcos, pelo seu tom de voz, parece que está dizendo a verdade! Nunca vi você assim!

— Claro que estou dizendo a verdade! Só preciso que me leve a sua casa para poder conversar com ela!

Não acha engraçado estarmos tendo essa conversa sem que ela imagine o que está acontecendo? Sem

saber se ela me quer? Preciso falar com ela, José Carlos!

— Está bem, vou ajudar você, mas, se fizer algo que a magoe, nunca vou perdoar! Ela não merece!

— Sei disso, e jamais farei algo que a machuque! Só quero é amá-la e fazer com que seja feliz! Vamos para sua casa!

— Não adianta irmos para minha casa. Ela não está lá.

— Como não? O que aconteceu, ela foi embora?

— Não, está trabalhando como balconista na mercearia.

— Balconista?

— Sim, ela não se acostumou como doméstica e Lena conseguiu esse trabalho para ela. Com o salário das duas, alugaram uma casa pequena. Lena não mora mais lá em casa, mas continua trabalhando lá.

— Até que horas Marília trabalha você sabe?

— Acho que é até as seis.

— Ainda são duas horas. Vou para casa e, mais tarde, vou até a mercearia, esperar que ela saia. Vou conversar com ela, dizer do meu amor e espero que me aceite. Da maneira como me olhou na festa, acho que a impressionei.

— Não sei, não, Marcos. A Lena já deve ter dito a ela como você é namorador.

— Sei disso, mas vou provar o contrário. Vou fazer com que ela acredite em mim, no meu amor.

José Carlos começou a rir:

— Do que está rindo?

— Nunca pensei, em minha vida, que um dia veria você dizer algo como o que está dizendo. Imaginem Marcos, o namorador, aquele que sempre teve a mulher que queria apaixonado! Acha que isso não é para rir?

— Não amole José Carlos...

— Não quero amolar você, só não posso deixar de rir.

— Está bem, ria à vontade. Estou indo para casa. Amanhã, vou contar o que ela decidiu.

Acenando com a mão, Marcos entrou no carro e foi para casa.

José Carlos, ainda não acreditando no amigo, respondeu ao aceno e também entrou em seu carro. Marcos chegou a casa. Lia o esperava. Assim que entrou, ela percebeu que alguma coisa estava acontecendo.

Perguntou:

— O que aconteceu, Marcos?

— Nada aconteceu, dona Lia, mas vai acontecer. Conversei com José Carlos e ele me disse que a Marília está trabalhando em uma mercearia. Hoje, às seis horas, vou até lá para conversar com ela.

— O que ele achou disso que pretende?

— Não acreditou, mas não me importo. Gosto dela de verdade!

— Você disse que ela não sabia do seu interesse...

— Não sabe, mas vai saber. Sinto que ela também gosta de mim! Vai dar tudo certo, a senhora vai ver!

— O que é que vai dar certo, Marcos?

Voltaram-se e viram Raquel que havia feito a pergunta.

— Nada, mamãe...

— Como nada? Estou vendo que você está eufórico. Posso saber o que está acontecendo?

— Ele está apaixonada, Raquel, e diz que vai se casar.

— Apaixonado? Casar?

— É isso mesmo, mãe! Assim que eu terminar a faculdade, pretendo me casar.

— Com quem?

Lia começou a rir e respondeu:

— Com uma moça que não sabe das intenções dele.

— Como é?

— Isso mesmo, mamãe. Estou apaixonado, quero me casar, mas ela ainda não sabe.

Raquel começou a rir:

— Como pode ser isso?

— É uma longa história. Agora, não posso contar. Vou tomar um banho e me preparar para um encontro muito importante. Dona Lia, conte para ela o que está acontecendo.

— Está bem. Vá tomar seu banho.

Ele foi para seu quarto. Raquel sentou-se ao lado de Lia:

— Que história é essa, Lia?

Lia contou tudo o que havia acontecido e terminou, rindo e dizendo:

— Como pode ver Raquel, parece que ele está apaixonado mesmo!

— Sabe que eu preferia que fosse com Yara, mas se ele não quer nada posso fazer.

— Ainda bem que pensa assim. Estava preocupada, achei que você não fosse aceitar e, conhecendo Marcos como conheço isso seria um problema.

— Estou estranhando você, Lia.

— Por quê?

— Disse que conhece Marcos, mas me conhece muito mais. Sabe que a única coisa que sempre quis nesta vida foi à felicidade dos meus filhos.

— Sei disso, mas...

— Não tem mais nem menos. Você disse que ele conheceu essa moça na festa de José Carlos. Quem é e a que família pertence?

— Ela é filha da Lena.

— Que Lena?

— A empregada da Cândida.

Raquel parou e ficou pensando. Transtornada, perguntou:

— Filha de uma empregada?

— Sim e negra...

— Negra? Não pode ser, Lia!

— Você nunca teve preconceito algum, Raquel.

— Não tenho, mas isso não quer dizer que quero uma negra como nora! Não vou aceitar de maneira alguma!

— Não fale assim, Raquel. Marcos está apaixonado e decidido. Nada vai fazer com que mude de idéia.

— Vai ter de mudar! Não vou aceitar!

— Você não pode agir assim, se continuar intransigente dessa maneira, vai perder seu filho. Não faça com que ele precise escolher entre você e ela.

— Vai ter de escolher, sim, Lia! Se ele a escolher, eu não o quero como filho! Depois de tanto sacrifício que fiz para criá-lo! Não vou permitir que se una a uma moça que, além de ser pobre, ainda é negra! Não vou aceitar! Não vou!

— Não faça isso, Raquel...

Raquel, calada e pisando firme, foi para seu quarto. Olímpia e Samuel, que estavam ali, olharam-se. Ela disse:

— Será que tudo vai se repetir, Samuel?

— Não sei Olímpia. Tomara que não. Ela, até aqui, se comportou tão bem. Superou todos os problemas. Agora está em suas mãos resvalar o que fez de mal. Como você sabe, não podemos interferir. Ela tem seu livre-arbítrio. Por isso, só ela pode decidir.

— Tem razão, Samuel. Vamos esperar que, desta vez, ela decida bem.

Faltavam dez minutos para as seis horas e Marcos já estava em frente à mercearia onde Marília trabalhava. De onde estava, podia vê-la atendendo, com um sorriso, aos clientes.

Ele estava nervoso, com medo de que ela não o aceitasse. Sabia da sua fama de namorado, sabia também que, por causa disso, teria dificuldade para convencê-la, mas estava decidido:

Ela precisa acreditar em mim. Estou realmente apaixonado.

Os minutos demoraram a passar, até que, finalmente, Marília saiu. Apressada, sem imaginar que ele a esperava, se encaminhou para o ponto de ônibus.

Ele, rapidamente, atravessou a rua e seguiu-a. Assim que se aproximou, chamou:

— Marília!

Ela se voltou e, ao vê-lo, estremeceu. Seu coração começou a bater forte.

— Marcos? O que está fazendo aqui?

— Preciso conversar com você.

— Comigo, conversar sobre o quê?

— Para onde está indo?

— Para o ponto de ônibus. Ele tem hora certa para passar por aqui e, se me demorar, eu o perco e o outro vai demorar muito.

— Meu carro está ali na esquina. Posso levar você até a sua casa.

Ela pensou um pouco, depois disse:

— Não, obrigada. Vou de ônibus.

— Precisamos conversar. Não se preocupe, prometo que estará em casa no mesmo horário.

— Não sei sobre o que deseja conversar, Marcos.

— Preciso conversar sobre nós.

— Sobre nós? Não entendo o que está dizendo.

— Eu queria que fosse diferente, mas, já que insiste em não me ouvir, vou ser direto. Eu, desde que a conheci na festa, estou apaixonado e quero namorar você.

Ela, com um sorriso assustado, perguntou:

— O quê?

— Isso que ouviu. Desde aquela noite, não consigo me esquecer de você. Por isso, precisamos conversar.

Ela, lembrando-se de tudo o que sua mãe havia dito sobre ele, disse:

— Minha mãe me avisou sobre você. Não quero envolvimento algum com você.

— Tem razão em pensar assim. Sei que já namorei muitas, mas um você é diferente. Nunca senti por ninguém o que estou sentindo por você. Estou realmente apaixonado. Nunca levei moça alguma para conhecer minha mãe, mas, se você quiser, estou disposto a levar você, Marília.

— Está ouvindo o que está falando, Marcos?

— Sim, claro que estou!

— Sabe que somos diferentes.

— Diferentes por que, em quê, Marília?

— Não pertenco ao seu meio. Sou filha de uma doméstica e esclarecida o suficiente para saber que sua mãe nunca me aceitaria, pois, além de pobre, sou negra.

— Minha mãe nunca teve preconceito algum. Ela foi muito pobre trabalhou muito para chegar aonde chegou.

Ela só quer a minha felicidade e a minha felicidade só será completa no dia em que me casar com você.

— Casar?

— Sim, casar! Não estou brincando, estou falando sério. Da maneira como me olhou, naquele dia, sei que você também gostou de mim.

Ela ficou calada. Ele continuou:

— Quero muito ficar com você e, se me aceitar, hoje mesmo, vou falar com sua mãe.

Marília começou a rir:

— Ela vai colocar você para fora de casa!

Ele também riu:

— Tem razão, sei que é isso que vai acontecer, mas não se preocupe. Sei que vou convencê-la e, se você me aceitar, não haverá empecilho algum.

Ela ficou sem saber o que dizer. Ele, segurando-a pelos braços e fazendo com que seus olhos se encontrassem, disse:

— Olhe em meus olhos e diga que também não tem pensado em mim...

Ela tentou desviar o olhar, mas ele não deixou:

— Diga que não pensou em mim.

— Não posso fazer isso, pois, embora saiba que não devo, não consegui evitar pensar em você.

— Está vendo? Eu sabia que também havia gostado de mim! Sendo assim, nada poderá nos separar!

Assim que eu terminar a faculdade, vamos nos casar. Minha mãe sempre quis que eu trabalhasse com ela, eu nunca quis, mas agora, para ter o meu próprio dinheiro e poder sustentar você e aos nossos filhos que vão nascer, vou trabalhar muito!

— Não sei o que falar...

— Somente diga que quer me namorar!

— Não sei, custa-me acreditar que está falando a verdade...

— Estou falando a verdade, sim! Para provar, podemos pegar o meu carro e ir até sua casa para falar com sua mãe.

— Ela, assim como eu, não vai acreditar.

— Sei que vai ser difícil, mas vou conseguir convencê-la, porque estou falando a verdade! Vamos pegar o meu carro?

Sem que ela tivesse tempo de pensar, ele pegou sua mão e quase a obrigou a segui-lo. Percebendo que ele não ia desistir, ela resolveu acompanhá-lo.

Entraram no carro e após dirigir por mais de vinte minutos, ele parou em frente a uma casa que ela lhe mostrou. Desceram e entraram por um corredor longo.

— Eu e minha mãe alugamos um quarto e cozinha nos fundos.

Ele, calado, acompanhou-a.

Quando estavam chegando, Lena saiu à porta e, ao vê-los, estranhando, perguntou:

— Marcos? O que está fazendo aqui?

Ele, rindo, respondeu:

— Boa-noite, Lena! Estou acompanhando sua filha.

— Ela não precisa de companhia! Conhece o caminho muito bem!

— Não precisa ficar nervosa. Estou aqui para conversarmos.

— Não sei o que tem para conversar comigo, Marcos!

— Sei que deve estar estranhando a minha presença, mas logo saberá do que se trata. Posso entrar?

Ela, a contragosto, se afastou para que ele entrasse. Ele entrou, percebeu que, embora fosse uma casa pobre, estava limpa e bem arrumada. Lena, ainda desconfiada, mostrou-lhe uma cadeira onde ele se sentou. Ela e Marília sentaram-se em outras.

Depois de sentados, Lena, muito nervosa, perguntou:

— Agora pode me dizer qual é o motivo da sua visita?

— Pensei que gostasse de mim. Afinal, me conhece desde que eu era ainda um menino.

— Gosto, sim, mas não entendo o porquê da sua visita e acompanhado pela minha filha.

— É muito simples. Eu e Marília estamos namorando.

— O quê?

— O que a senhora ouviu. Eu e Marília estamos namorando e estou aqui para pedir o seu consentimento.

Ela olhou para a filha e perguntou nervosa:

— Por que não me contou Marília?

— Também não sabia mãe...

— Como não sabia?

— Vou explicar para a senhora o que aconteceu. Contou tudo, desde a primeira impressão que teve quando conheceu Marília na festa. Terminou, dizendo:

— Sei que não vai acreditar, mas, assim que vi sua filha, senti que era a mulher que eu queria para minha esposa. Aquela com a qual vou passar o resto da minha vida! Aquela com a qual vou ter uma porção de filhos!

Ela, ao ouvir aquilo, levantou-se e, apontando o dedo para ele, disse nervosa:

— Você está brincando ou quer mais uma para sua coleção!

— Não, Lena, não estou brincando e não quero outra para minha coleção! Tudo o que disse é verdade! Quero me casar com sua filha!

— Não pode ser! Se não estiver brincando, não está bom da cabeça!

— Não entendo o porquê de todas as pessoas falarem isso!

— Porque todas as pessoas estão vendo aquilo que você não está! Elas têm bom senso! Somos pobres, Marcos! Não pertencemos ao seu meio!

— E são negras! Não é isso que vai dizer Lena?

— Isso mesmo, somos negras, Marcos!

— Será que só eu ouvi que a escravidão terminou? Será que só eu não vejo motivo algum para julgar as pessoas pela cor da sua pele? Não me importo que sejam pobres ou negras! Amo sua filha e ela também gosta de mim, isso, sim, é o que importa!

— Não pode ser... Não pode ser...

— Claro que pode e é! Sua mãe não vai aceitar.

— Ela vai, sim. Sempre disse que só quer a minha felicidade e a do meu irmão. Ela vai entender que minha felicidade é me casar com a sua filha.

Lena olhou para Marília e perguntou:

— O que você acha de tudo isso? Gosta mesmo dele, Marília?

— A senhora sabe que sim. Eu já havia comentado, mas tentei esquecê-lo por saber quem era.

— Embora ele diga que não vai haver problema algum, sei que vai. Está disposta a enfrentar?

Ela olhou para ele que, pegando sua mão, sorriu.

— Estou mãe. Vamos enfrentar tudo o que vier pela frente.

— Sendo assim, não posso me opor. Como sua mãe disse Marcos, só o que me importa é a felicidade da

minha filha. Estou acreditando no que está dizendo, mas se for mentira, eu mato você!

Ele, sem pensar, levantou-se e beijou Lena no rosto;

— Não vai precisar me matar! Sua filha vai ser feliz ao meu lado, a senhora vai ver!

— Está bem. Espero que esteja dizendo a verdade. Agora, já que está aqui, não quer jantar? A comida é simples, mas garanto que está muito boa.

— Eu conheço sua comida, Lena, por isso, não posso me recusar a comê-la uma vez mais.

Lena sorriu e voltou-se para o fogão. Ele, segurando a mão de Marília, sorriu.

Enquanto isso acontecia na casa de Lena, Raquel, em seu quarto, nervosa, pensava:

Eu não vou permitir que meu filho se case com uma doméstica! Com uma negra! Não foi para isso que trabalhei tanto! Não foi para isso que sacrifiquei a minha vida! Sacrifiquei a minha juventude para cuidar somente deles, para, no final, receber isso? Não! Não vou aceitar! Vou fazer o que for possível e impossível, mas ele não se casará com ela! Preciso que se case com Yara para que seu pai facilite a licitação. É uma oportunidade sem par para a minha empresa. Preciso pensar em uma maneira para evitar que ele faça uma loucura como essa!

Saiu do quarto e foi para a sala, onde Lia assistia à televisão. Lia que a conhecia muito bem, percebeu que estava nervosa:

— Por que está nervosa assim, Raquel?

— Não é para estar, Lia? Você não está vendo que Marcos vai acabar com sua vida?

— Por que está dizendo isso?

— Não ouviu quando ele disse que está apaixonada por uma moça que além de pobre, é negra?

— Ouvi Raquel, e não vejo tanto problema como você está vendo. Ele está feliz e isso era o que devia importar. Condição financeira é questão de momento e, quanto à cor, não vejo motivo algum para esse nervosismo. Somos todos iguais. Já foi o tempo em que as pessoas eram julgadas pela cor da pele. Deixe disso.

— Não posso deixar, Lia! Tinha muitos planos para ele! Isso de que somos todos iguais não passa de balela! Não somos iguais! Branco é branco e negro é negro e, entre os dois, existe uma enorme distância!

Não foi para isso que criei meu filho! Não foi para isso que passei minha vida toda trabalhando! Ele merece o melhor e o melhor, com certeza, não é uma negra!

— Ele merece ser feliz e se sua felicidade estiver ao lado de uma negra que seja Raquel! Você trabalhou, sim, se sacrificou, sim, mas isso não lhe dá o direito de cobrar de seus filhos! As escolhas que fez foram suas, não deles! A vida que teve foi sua, não a de seus filhos! Cada um deles tem sua vida, você não pode nem deve interferir!

— Como pode falar assim, Lia? Logo você que acompanhou toda minha vida! Que sabe por tudo o que passei!

— Estive todo esse tempo ao seu lado. Sempre a admirei por sua luta, por sua garra! Pensei que a conhecesse, mas, para minha tristeza, vejo que nunca a conheci! O que você está fazendo não é certo, Raquel! Por ser mãe, não pode fazer planos em relação ao seu filho! Com essa atitude vai afastar seu filho! Não faça com que ele tenha de escolher entre você e a mulher que ama, pois, com certeza, ele vai escolher a mulher e você só vai sofrer. Deixe que ele decida a vida que quer! Até aqui, você foi uma ótima mãe e mulher, não se deixe levar pelo preconceito nem estrague uma vida tão cheia de realizações!

— Está dizendo isso porque ele não é seu filho, se fosse, pensaria diferente!

Lia ficou furiosa:

— Ele não é meu filho porque não nasceu de mim, mas é muito mais do que seu Raquel! Eu cuido dele desde que era um bebê! Enquanto você esteve trabalhando, fui eu quem cuidou deles, deu atenção e ensinou a serem quem são! Seus filhos são mais meus do que seus!

— Eles não são seus filhos, Lia! São meus!

— Sei disso, mas não vou permitir que faça com que sofram, por um preconceito qualquer! Moacir já está casado e Marcos vai se casar com quem quiser!

— Ele, se casar com essa moça, vai se arrepender muito! Não vai ser recebido em muitos lugares e, por todo lugar por que passar com ela será sempre apontado!

— Isso não deve importar a você, Raquel! Ele é quem vai ter de enfrentar toda essa situação! Não interfira. Deixe que ele decida a vida que quer ter e, se der certo, muito bem, se não der, foi mais um aprendizado, foi escolha dele.

— Pode falar o que quiser, mas vou encontrar uma maneira de impedir que esse casamento aconteça!

— Nem sabemos se vai haver casamento! A moça nem sabe que ele está apaixonado! Estamos tendo essa

conversa sem necessidade, Raquel! Vamos esperar para ver o que acontece!

— Você acha que ela não vai querer ficar com ele? Claro que vai, Lia! Ele, além de ser bonito, é rico e pode dar a ela uma vida com a qual nunca sonhou!

Não posso e não vou permitir que isso aconteça!

— Não sabemos o que vai acontecer, mas, seja o que for, precisamos apoiar Marcos.

— Nunca vou apoiar uma coisa como essa, Lia!

Nunca!

— Nunca é muito tempo, Raquel. Vamos esperar para ver o que acontece. Agora, vou preparar um chá. Vamos tomar e ficaremos mais calmas. Depois, é só esperar.

Foram para a cozinha. Lia colocou água para ferver. O chá ficou pronto, começaram a tomar. Marcos chegou e, ao vê-las sentadas, tomando chá, sorrindo e feliz, beijou-as e perguntou:

— Como estão as mulheres da minha vida!

— Estamos bem, Marcos. Você parece que está feliz!

— Estou, sim, dona Lia. Marília me aceitou! Vamos namorar e, assim que eu terminar a faculdade vamos nos casar!

Lia olhou para Raquel, que disse:

— Tem certeza do que está fazendo, Marcos?

— Claro que tenho mamãe! Assim que a vi, senti que era a mulher da minha vida! Aquela que tenho procurado entre tantas! A senhora vai conhecê-la e vai me dar razão! Ela, além de ser linda, é educada.

— Como vai ficar Yara nessa história?

— O que tem Yara a ver com esta conversa?

— Todos sabem que vocês estão namorando.

Ele começou a rir:

— Todos sabem menos eu! Nunca namorei Yara, mamãe. Já lhe disse isso mil vezes. Somos amigos, saímos juntos, mas sempre foi sem compromisso e ela sabe disso.

— O pai dela pensa diferente. Ele até me falou da casa que está comprando para vocês morarem.

— Ele pode comprar quantas casas quiser, mas não vou me casar Yara.

— Eu me comprometi com ele...

— Não devia ter feito isso, mãe. Agora, terá de quebrar esse compromisso. Sempre disse que nunca ia me casar, mas como à senhora fala, dona Lia, nunca é muito tempo. Encontrei a mulher da minha vida e só com ela vou me casar, com mais ninguém.

Lia olhou para Raquel e percebeu que ela ia falar algo de que se arrependeria. Apressada, disse:

— Está bem, mas agora já está na hora de dormirmos. Vamos, Raquel. Deve estar cansada, trabalhou o dia inteiro.

Raquel, percebendo sua intenção, levantou-se, dizendo:

— Está certa, Lia. Realmente estou cansada. Outro dia conversamos a esse respeito, Marcos.

— Não há o que conversar mamãe. Vou me casar com a mulher mais maravilhosa deste mundo!

Raquel e Lia se retiraram Marcos sentou-se e também tomou um pouco de chá.

## Situações que se repetem

Três meses se passaram. Marcos e Marília continuaram apaixonados. Todas as tardes, ele a esperava na hora em que ela saía da mercearia. Namoravam por algum tempo sentados em um banco da praça e, depois, iam para casa de Lena.

Como isso se tornou uma rotina, aos poucos, Lena foi confiando nele e não colocou mais empecilho algum. Aos sábados e domingos, ela permitia que saíssem que fossem ao cinema ou simplesmente passear. Marília estava encantada com todo o carinho e atenção com que ele a tratava.

— Mãe, ele é maravilhoso e acho que gosta realmente de mim. Estamos fazendo muitos planos para o nosso casamento.

— É difícil acreditar que ele esteja falando a verdade. Ele é muito namorador, minha filha. Tome cuidado.

— Não se preocupe mãe. Ele esta sendo sincero.

Quer mesmo se casar comigo!

— Está bem, mas tome cuidado. Sempre ouvi dizer que ele namora até conseguir o que quer, depois, ele abandona as moças.

— Não acredito que isso seja verdade. Ele, comigo, está sendo sincero. Quer mesmo se casar.

Raquel, por sua vez, não se conformava com aquele namoro. Fez simpatia, acendeu vela e tudo o que lhe ensinavam para que Marcos se desinteressasse de Marília. Todas as noites, antes de dormir, dizia: Francisco, você precisa me ajudar a salvar o nosso filho. Ele não pode se casar com essa moça! Ela não o merece. Se for verdade que existe vida depois da morte, você, que sempre foi tão bom, deve poder fazer alguma coisa.

Francisco e Olímpia ouviam o que ela pedia. Ele, desesperado, dizia:

— Nada posso fazer Raquel. Não posso interferir no seu livre-arbítrio ou no de Marcos. Mesmo que pudesse, eu não o faria. Você já cometeu um erro muito grande. Está tendo a chance de se redimir. Não interfira, deixe que Marcos viva a vida da maneira que escolher. Não cometa o mesmo erro de antes. Você fez tudo tão certo! Conseguiu vitórias, não estrague a sua encarnação. Sempre que foi possível, para ajudá-la a superar as crises, estivemos ao seu lado, mas, para isso, é impossível. Somente você vai poder escolher o caminho que quer seguir. Tomara que escolha bem. Precisa agir certo para que, quando chegar a hora do seu regresso, possamos nos encontrar.

Embora sem saber, ela ouvia o que ele dizia, mas não dava atenção, continuava a pensar em uma maneira de evitar aquele casamento.

Sempre que estava em casa, Marcos, para desespero de Raquel, só falava em Marília.

— Está quase terminando o ano e vou pegar meu diploma. Assim que isso acontecer, vou me casar.

— Não acha que ainda é cedo, Marcos? Você é ainda muito novo!

— Como novo, mamãe! Estou com quase trinta anos! Moacir se casou com vinte e três.

— Moacir sempre foi mais responsável, estudou e nunca repetiu o ano. Você, ao contrário, repetiu muitos anos e, a muito custo, vai conseguiu se formar.

— Eu queria viver a vida, mamãe, mas isso terminou. Daqui para frente, vou ser um homem decente e trabalhador. Quero dar a Marília tudo o que ela merece! Para isso, vou fazer aquilo que a senhora sempre quis, vou trabalhar na sua empresa e ter um salário como Moacir. Vou trabalhar muito, a senhora vai ver!

— Realmente eu sempre quis que você fosse mais interessado na empresa. Eu continuei com o trabalho de seu pai para que vocês pudessem crescer com tudo, mas, agora, acho que está sendo precipitado. Deveria, ao receber seu diploma, começar a trabalhar e só depois de um ano ou dois, pensar em se casar.

— Não entendo a senhora, mãe! Queria porque queria que eu me casasse com Yara. Agora que encontrei a mulher da minha vida e quero me casar, diz que é cedo?

— Com Yara é diferente...

— Diferente, por quê? Porque com o meu casamento a senhora poderia obter lucro para a empresa?

— Tem razão, mas não é somente esse o motivo. Yara é uma moça rica, viajada, tem um diploma e pertence a uma boa família.

— Ela pode ter tudo isso, mas não é a mulher com quem quero passar o resto da minha vida! A senhora precisa aceitar mãe! Vou me casar com Marília e vou ser feliz!

— Está bem, a vida é sua. Faça o que quiser com ela. Depois de falar isso, ela saiu e foi para seu quarto.

Lia, que a tudo vira, disse:

— Não ligue para o que sua mãe pensa ou diz Marcos. Conheço-há muito tempo e sei que ela só quer a sua felicidade. Depois que se casar e ela vir que você é feliz, vai aceitar Marília e tudo vai ficar bem.

— Espero que seja assim, dona Lia. Não queria ter de escolher entre Marília e minha mãe...

— Não vai ter de fazer isso. Ela vai aceitar.

Embora Lia falasse isso, Raquel, em seu quarto, tremia de tanto ódio: Ele não vai se casar com ela!

Não vai! Não vou permitir que uma mulher como aquela entre para a minha família!

Seu ódio era tanto que atraiu para perto de si entidades que, assim como ela, sentiam muito ódio. Juntas, rodopiavam à sua volta e iam intuindo-a com vários pensamentos de como ela poderia agir para conseguir o que queria.

Raquel, achando que os pensamentos eram seus, pensou: Essa pode ser uma maneira de evitar que esse casamento não aconteça. Amanhã, bem cedo, vou conversar com Yara. Somente ela poderá me ajudar a evitar que Marcos se case com aquela moça! No dia seguinte, logo cedo, ela estava na casa de Yara que, ao vê-la estranhou:

— A senhora tão cedo aqui, dona Raquel, o que aconteceu?

— Precisamos conversar Yara.

— Sobre o quê?

— Sobre Marcos.

— Acho que não adianta. Ele está comprometido com aquela moça. Já apresentou para todos os nossos amigos.

— Você desiste muito cedo, Yara! Se eu tivesse agido assim, não teria chegado aonde cheguei! Não quer mais se casar com Marcos?

— Claro que quero! Foi o que sempre quis!

— Pois bem, sendo assim, existe uma maneira que, talvez, dê certo.

— Que maneira?

— Essa moça diz estar apaixonada por Marcos. Não que eu acredite, ela, na realidade, está apaixonada é por nosso dinheiro, nossa posição.

— Será dona Raquel?

— Claro que sim, Yara! Porém, poderemos tirar essa dúvida.

— Como?

— Você vai ao encontro dela. Diz que está grávida de Marcos e que ele não quer assumir a criança, pois diz estar apaixonado por ela. Diga que ele a enganou até que se entregasse! Vai precisar ser uma atriz, Yara! Precisa convencê-la a abandoná-lo! Diga que se ele não se casar com você, seus pais a colocarão para fora de casa!

— Não sei se vou conseguir...

— Precisa conseguir! Essa é a única maneira de poder se casar com ele! Chore! Implore!

— Mesmo que ela o abandone isso não quer dizer que ele vai se casar comigo...

— Primeiro, vamos nos concentrar para que ela o abandone, depois encontraremos uma maneira de fazer com que ele se case com você.

— Ela pode contar a ele.

— Você precisa fazer com que ela não faça isso!

— Como?

— Diga que, se ele souber que você foi falar com ela, ele a abandonará de vez e você estará perdida.

— Será que vou conseguir?

— Claro que vai, Yara!

— Ela pode não se importar...

— Se fizer isso, teremos a certeza de que ela só quer o nosso dinheiro!

— Marcos, se descobrir, vai me odiar e ficará com ela para sempre!

— Não! Isso não vai acontecer! Ele não vai se casar com ela, nem que, para isso, eu tenha de matá-la!

Olímpia, Samuel e Francisco estavam ali. Olímpia, assustada, perguntou:

— Será que ela vai cometer o mesmo erro novamente, Samuel?

— Não sei Olímpia. Tomara que não...

Francisco, também preocupado, perguntou:

— O que vai acontecer, se ela voltar a praticar o mesmo crime?

— Terá de passar por todos os tormentos por que passou e esperar a oportunidade de uma nova encarnação para poder, novamente, tentar resgatar.

— Mas Raquel, desta vez, fez tudo perfeito! Conseguiu superar os momentos difíceis por que teve de passar!

Foi valente, guerreira! Não é certo que, por não ter cumprido uma só das etapas, seja condenada para sempre!

— Não vai ser condenada para sempre, Francisco! Terá, simplesmente de renascer e passar novamente pela mesma prova! Embora seja mais uma das etapas, é a mais importante! Não se esqueça de que na encarnação anterior, ela cometeu dois crimes horrendos! Tirou a vida de uma mulher inocente e, o pior, tirou a vida de uma criança que não podia se defender! Até os juízes da Terra condenam uma atitude como essa! Preciso passar pelos tormentos do vale, mas teve a oportunidade de renascer e consertar o mal que fez. Porém, se não aproveitar essa oportunidade, terá muito mais tempo de sofrimento no vale. O plano espiritual, sempre há justiça e dela ninguém escapa.

Olímpia, desesperada, disse:

— Parem com essa conversa! Não sabemos o que ela vai fazer! Vamos orar para que faça o certo.

— É a única coisa que podemos fazer Olímpia. Orar e esperar que as coisas aconteçam. Podemos, também, jogar luzes de amor e paz sobre ela, mas sabemos que, por estar envolvida por essas entidades que atraiu sobre si, essas luzes dificilmente conseguirão chegar a ela.

Raquel, alheia a tudo o que falavam e na tentativa de ajudá-la, eufórica, continuou falando:

— Você precisa convencê-la de que está grávida Yara! Precisa fazer com que acredite que Marcos somente a está usando, como usou você! Diga que seu pai, por ser deputado, não vai permitir que você tenha um filho sem pai! Sei lá, invente qualquer coisa, mas precisa convencê-la! No final, se fizer tudo direito, da maneira como estou falando, vai dar certo.

— Vou tentar, dona Raquel, tomara que dê certo...

— Vai dar Yara! Vai dar!

— Seria tão bom se fosse verdade, se realmente eu estivesse esperando um filho de Marcos, sei que ele se casaria comigo sem pensar...

— Esse casamento vai se realizar, Yara!

— Queria ter a mesma certeza que a senhora.

— Só venci na vida, porque sempre acreditei em mim!

Yara, embora soubesse que aquilo que Raquel queria fazer era errado, concordou com a cabeça. Raquel disse:

— Vamos sair agora mesmo. Durante a manhã, Marcos está na faculdade, portanto, não há perigo de que a encontre lá conversando com aquela moça!

— A senhora vai comigo?

— Vou, mas ela não pode me ver. Enquanto conversa com ela, vou ficar na praça, sentada em um banco. Faça da maneira que falei. Procure ser verdadeira para que ela não desconfie.

— O que vou dizer a minha mãe para sair tão cedo? Raquel pensou um pouco, depois, disse:

— Vamos dizer que preciso ir a um médico e que, por não querei ir sozinha, pedi a você que me acompanhasse.

Fizeram isso. Depois de mentir à mãe, que aceitou prontamente, saíram.

Chegaram à praça que ficava perto da mercearia. Raquel, olhando firme para Yara, disse:

— Agora, vá, Yara. Não se esqueça de que desta conversa depende o seu futuro... O seu casamento...

— Está bem, dona Raquel, vou fazer o melhor que puder.

— Vai conseguir! Agora, vá. Vou ficar aqui esperando por você.

Yara respirou fundo e se encaminhou para a mercearia. Assim que entrou, viu Marília que servia a um cliente. Assim que o cliente se afastou, ela se aproximou:

— Bom-dia, Marília!

Marília, admirada, disse:

— Bom-dia.

— Você me conhece, não é?

— Acho que já a vi algumas vezes na casa da patroa da minha mãe.

— Isso mesmo. Sou amiga de José Carlos. Fazemos parte da mesma turma.

— Agora, estou me lembrando, mas o que está fazendo aqui, tão distaste da sua casa?

— Preciso conversar com você. Será que poderia sair por alguns minutos?

— Não posso. Estou trabalhando.

— Sei disso, mas o assunto que tenho para conversar é urgente.

— Urgente?

— Sim, e de seu interesse.

— Não posso imaginar que assunto, partindo de sua parte, possa ser de meu interesse.

— Assim que falar o motivo de eu estar aqui, vai ver que temos muito em comum.

Marília, curiosa, olhou para o dono da mercearia. Sabia, também, que, àquela hora o movimento era fraco.

Aproximou-se dele e perguntou:

— Senhor Fernando, será que posso sair por alguns minutos? Preciso conversar com aquela moça.

Ele olhou para Yara que também o olhava e percebeu que ela não pertencia àquele bairro. Também curioso, disse:

— Está bem, desde que não demore muito.

— Não vou me demorar.

Saíram e, já na rua, Marília perguntou:

— Qual é o assunto urgente que tem para conversar comigo?

— Você disse que me conhece, sabe que pertencço ao mesmo grupo de José Carlos, portanto ao mesmo grupo de Marcos. Sendo assim, já deve ter ouvido que eu o namoro.

— Ouvi dizer que ele namorou muitas.

— Sei, mas, desde que éramos crianças, sabíamos que íamos nos casar. Fizemos um acordo que, enquanto ele estivesse estudando, teria a liberdade de namorar quem quisesse, mas, assim que se formasse todas elas ficariam para trás e nós nos casaríamos.

— Eu e ele estamos namorando...

— Sei disso e é por isso que estou aqui.

— Não entendi...

— Como ele está terminando os estudos, resolvemos que vamos marcar a data do nosso casamento.

— Ele disse que quer se casar comigo!

Yara, esforçando-se para disfarçar seu nervosismo, sorriu:

— É o que ele diz para todas. Faz isso até que elas se entreguem.

Marília, assustada, porque aquilo já havia acontecido, argumentou:

— Ele me pareceu sincero...

— Ele sempre parece, mas o real motivo para eu estar aqui é outro.

— Que motivo?

— Estou grávida.

— Como?

— É isso que ouviu. Estou grávida de um mês e precisamos marcar o nosso casamento.

— Não pode ser...

— Não pode ser por quê?

— Estamos namorando há três meses e ele me jurou que nunca mais teve interesse por outra...

— É bem a maneira como ele age, mas o que estou dizendo é a verdade.

— Ele já sabe?

— Claro que sabe e ficou muito feliz!

— Preciso conversar com ele.

— Eu preferia que não fizesse isso, pois ele poderá ficar bravo comigo. Nem a mãe dele nem meus pais sabem. Marcos quer que contemos juntos, a eles. Só estou aqui para alertar você.

— Desculpe, mas preciso conversar com ele, no mínimo, para dizer que não presta!

— Por favor, não faça isso!

— Não tem como eu aceitar o seu pedido! Ele me enganou, aproveitou-se do meu amor! Não posso deixar que fique impune! Hoje à tarde, ele deve vir me pegar, quando eu sair da mercearia. Vou conversar com ele, dizer que sei sobre tudo o que está acontecendo, colocá-lo em seu lugar! Depois, pode se casar e espero que seja feliz! Desculpe, mas preciso voltar para o meu trabalho!

Sem mais nada dizer, com lágrimas nos olhos, Marília entrou na mercearia.

Yara, desesperada por ver que o plano não havia dado certo, foi ao encontro de Raquel que, ansiosa, a esperava:

— Então, Yara, saiu tudo como planejamos?

— Não, dona Raquel. Não deu certo.

— Como não deu certo? O que você fez de errado?

— Fiz tudo como a senhora disse. Ela acreditou, mas disse que vai conversar com Marcos, hoje à tarde, quando ele vier buscá-la. Sabe que se fizer isso, tudo estará terminado e ele vai me odiar para o resto da vida!

Agora, sim, que esse casamento jamais acontecerá...

Raquel, nervosa e envolta pelas entidades escuras, ficou pensando por alguns segundos. Depois, disse:

— Temos o dia todo pela frente. Vou encontrar uma maneira para evitar que ele fale com ela! Nem que para isso eu tenha de matá-la!

— Não fale assim, dona Raquel!

— Como não, Yara! Ele não pode se casar com essa mulher! Não pode! Ela vai acabar com a vida dele!

— Também penso assim, mas acho que é inevitável. Assim que ela contar o que eu disse, ele vai saber que menti. Quando ele vier falar comigo, eu não sei o que dizer...

— Ele não pode saber que você falou com ela! Vamos pensar em alguma coisa!

— Não consigo pensar em nada...

— Deixe que eu pense! Agora, vamos embora. Vou para casa e, em meu quarto, sozinha, vou encontrar uma solução.

Foram embora.

Yara, chorando, foi para sua casa e Raquel, tomando um caminho diferente, foi para a sua.

Em seu quarto, ficou pensando. Olímpia, Samuel e Francisco estavam ali, tentando demovê-la daquela idéia. Não conseguiam, porque as entidades a envolviam totalmente. Falavam sem parar. Cada uma falando pensamentos diferentes.

De repente, sem saber que estava sendo influenciada, Raquel disse em voz alta:

— Já sei o que vou fazer para evitar que eles se encontrem. Olhou para o relógio. Faltavam quinze minutos para Marcos, como fazia todos os dias, sair de casa e ir se encontrar com Marília. Levantou-se foi para a cozinha, onde Lia dava as últimas orientações para o jantar.

Assim que Raquel entrou, ela estranhou:

— O que está fazendo há essa hora aqui em casa, Raquel? Não vi quando chegou.

— Quando cheguei você estava em seu quarto e não quis preocupá-la.

— Preocupar-me, por quê?

— Não sei o que tenho, mas não estou me sentindo bem.

— O que você está sentindo?

— Uma dor aqui, sobre o coração.

— Você nunca teve problema algum no coração, Raquel!

— Sei disso, por isso não estou entendendo esta dor. Está muito forte...

— Acho melhor irmos ao hospital.

— Não, não acho que seja necessário. Logo vai passar.

— Não sei não. Nunca vi você reclamar de dor alguma...

— Nunca senti dor alguma, Lia, mas esta vai passar.

— Estou preocupada.

— Não se preocupe, logo vai passar.

Raquel ficou o tempo todo com a mão sobre o coração. Quando ouviu que Marcos saía de seu quarto, deu um grito e caiu no chão, fingindo estar desmaiada.

Lia desesperada começou a gritar:

— Raquel! O que você tem?

Marcos, ao ouvir o grito, correu e chegou à cozinha. Ao ver a mãe caída, também ficou desesperado. Abaixou-se e, segurando sua mão, começou a chamar:

— Mãe! Acorde! O que a senhora tem?

Raquel, que a tudo observava, não movia um músculo do rosto. Permaneceu fingindo estar desmaiada. Marcos, desesperado, perguntou:

— O que ela tem, dona Lia?

— Não sei Marcos. Ela chegou cedo e disse que estava com dor no coração.

— Dona Lia, precisamos levá-la para o hospital!

— Vamos fazer isso! Você consegue carregá-la?

— Acho que sim! Preciso que me ajude a levantá-la. Ao ver que Marcos colocava, com cuidado, os braços sobre suas costas, Raquel, parecendo não saber o que estava acontecendo, abriu os olhos e, com a voz trêmula, perguntou:

— O que aconteceu, Lia?

— Você desmaiou Raquel.

Marcos, ainda tremendo e assustado, disse:

— Precisamos ir ao hospital!

Raquel, tentando se levantar sorriu:

— Não, meu filho. Não foi nada, foi apenas um malestar. Ajude-me a me levantar.

Enquanto ele a ajudava, nervoso, dizia:

— Claro que aconteceu algo, mamãe! Ninguém desmaia do nada! Dona Lia disse que a senhora estava com dor no coração. Vamos ao hospital e pedir que façam alguns exames! — Não precisa. Agora, estou bem...

— Bem ou não, vamos ao hospital!

Raquel, feliz por ver que seu plano estava dando certo, demonstrou fraqueza, levantou-se e, apoiada por Marcos e Lia, foi até onde o carro estava.

Com cuidado, ele a acomodou no assento de trás. Lia sentou-se ao seu lado.

Ele entrou no lado do motorista, ligou o carro e, dirigindo com cuidado e devagar, foram para o hospital.

Assim que chegaram, foram atendidos por um médico que, após ouvir o que havia acontecido, disse:

— Vamos examinar a senhora, dona Raquel.

Mediu a pressão, ouviu o coração e, finalmente, disse:

— Aparentemente não há nada errado, mas nunca se sabe. Para que não haja dúvida alguma, vamos fazer um eletrocardiograma. Ele vai nos dizer, realmente, como está o seu coração.

Raquel olhou para um relógio que estava em uma parede. Marcava seis horas e quarenta e cinco minutos. Feliz, mas demonstrando preocupação, disse:

— Não acho necessário. Estou bem...

— Bem ou não, a senhora vai fazer o exame, mamãe! Não quero nunca mais ter um susto como o que tive hoje!

Ela, sorrindo, disse:

— Está bem, meu filho, se isso vai deixar você mais tranquilo, vamos fazer o exame, mas garanto que estou bem. Foi só um mal-estar, não é, doutor?

— Nunca se sabe dona Raquel. Depois do exame, eu confirmo ou não o que a senhora está dizendo.

O eletrocardiograma foi feito. Depois de algum tempo, veio o resultado. O médico, sorrindo, disse:

— Está tudo bem com seu coração, mas um desmaio como a senhora teve não é normal. Sugiro que, hoje, vá para sua casa, mas, amanhã, procure seu médico e faça mais alguns exames.

Lia começou a rir:

— Ela não tem médico algum, doutor, sempre diz que não acredita neles.

Quem riu foi o médico:

— Muitos dizem isso, mas, quando a coisa aperta, todos correm atrás de um médico.

Raquel também riu. O médico, olhando para Raquel, disse:

— Acreditando ou não, acho melhor que procure um e faça os exames.

— Vou procurar doutor.

Despediram-se. Estavam saindo, quando Marcos se lembrou da hora. Olhou o relógio em seu pulso e, nervoso, disse:

— Nossa! São quase dez horas! Marília deve ter ficado me esperando e deve estar preocupada! Depois que as deixar em casa, vou até a casa dela!

— Não, meu filho. Está muito tarde. Sabe que tanto ela como a mãe trabalham cedo. Devem estar dormindo. Amanhã, com mais calma, você conta a ela o que aconteceu. Ela vai entender.

Ele ficou algum tempo com o olhar distante, depois, disse:

— A senhora tem razão, mamãe. Amanhã vou conversar com ela.

Chegaram a casa. Marcos acompanhou Raquel até seu quarto.

Lia ajudou-a a colocar a camisola e a se deitar. Depois que Raquel estava acomodada, ela, preocupada, disse:

— Você precisa se cuidar, Raquel... Toda sua vida só pensou em trabalho. Está na hora de descansar. Não é mais jovem...

Raquel sorriu:

— Não se preocupe, Lia, estou bem.

— Está bem. Boa-noite. Procure dormir bem, Raquel, mas, se sentir alguma coisa, me chame.

— Eu chamo, mas não vou sentir nada. Já disse que estou muito bem. Boa-noite Lia.

Assim que Lia saiu, Raquel, ajeitando-se na cama, pensou: Obrigada, meu Deus, por ter me ajudado a que

tudo desse certo. Depois de tudo o que Yara contou e Marcos não comparecendo ao encontro, espero que ela desista e vá embora para bem longe.

Obrigada a você também, Francisco. Sei que, de onde está, cuida muito bem de todos nós.

Francisco, que estava ali, ao ouvir aquilo, olhou espantado para Samuel e Olímpia:

— Ela está pensando que eu a ajudei? Ela acha que está certa?

Samuel, tristemente, sorriu:

— Sim, Francisco. Todos, quando conseguem algo que querem muito, de bom ou de ruim, sempre agradecem a Deus por isso. Quando conseguem algo de bom, sentem-se felizes, mas se for algo que, intimamente, sabem ser ruim, não param para pensar que Deus jamais as ajudaria a prejudicar a outra pessoa, mas precisam dividir as responsabilidades.

— Isso acontece mesmo?

— Muito mais do que possa imaginar. Não está vendo. Agora mesmo, Raquel, em seu íntimo, sabe que mentiu e enganou ao próprio filho, mas está feliz e, sem medir as conseqüências do seu ato, tenta dividir com Deus e com você a responsabilidade pelo que fez.

— Está errado! Não há uma maneira de ajudá-la a entender que o que fez foi errado?

— Como disse, ela sabe que é errado, mas seu orgulho e preconceito são maiores. Você está ao nosso lado há muito tempo, sabe o quanto fizemos tentando ajudá-la, mas, ela, com seus pensamentos destrutivos, atraiu para junto de si essas entidades que não permitem que nos aproximemos.

— Sempre ouvi que a força do bem é maior! Que Deus pode tudo!

— É verdade, mas só quando alguém está sendo injustiçado. Quando o próprio espírito escolhe o caminho que quer percorrer, nada pode feito, a não ser esperar.

— Esperar pelo quê?

— O espírito sempre tem a chance de se arrepender e tentar consertar aquilo que julga ter sido errado. Para que isso aconteça, vamos continuar ao lado de Raquel, tentando enviar-lhe bons pensamentos, Normalmente, a isso se dá o nome de consciência.

— Será que vamos conseguir?

— Esperemos que sim, mas, se ela continuar acompanhada por essas entidades, dificilmente conseguiremos. Vamos tentar conversar com as entidades e, talvez, eu disse talvez, consigamos que elas também entendam que estão no caminho errado e que estão sofrendo, abandonadas sem motivo.

Quem sabe elas aceitem as nossas palavras e mudem de atitude e, se isso acontecer, será bom para Raquel, mas muito mais para elas mesmas.

— Quando vamos começar a conversar com elas, Samuel?

Olímpia, olhando para Samuel, sorriu e respondeu:

— Já começamos Francisco. Tudo o que dissemos a você, elas ouviram e, agora, estão conversando entre si.

— Tomara que aceitem a nossa ajuda.

— É o que esperamos.

Raquel, alheia ao que acontecia no mundo espiritual, feliz, tentou dormir.

Marcos, em seu quarto, pensando em Marília, adormeceu.

No dia seguinte, assim que acordou, Marcos foi para a cozinha, onde Lia sentada tomava café:

— Bom-dia, dona Lia!

— Bom-dia, Marcos. Sente-se e tome seu café.

— Como minha mãe passou a noite? Estou preocupado. Não me lembro de algum dia vê-la doente.

— Parece que dormiu bem, ao menos não me chamou. Também estou preocupada. Ela é forte, mas o tempo passa e o corpo vai ficando mais fraco.

— Hoje vou levá-la a um médico para que possa ser mais bem examinada.

— Faça isso, meu filho.

— Fazer o quê?

Voltaram-se e viram Raquel, que entrava na cozinha.

— Vou levar à senhora ao médico. Precisamos saber o que foi aquilo que aconteceu ontem...

— Já fui ao médico e, como vocês viram o eletro não acusou nada. Foi somente um mal-estar. Hoje, estou muito bem.

— Não sei, não. Acho melhor fazer mais exames, Raquel...

— Estão se preocupando à toa. Você, Marcos, vá para a faculdade, você, Lia não fique preocupada. Estou bem, depois de tomar café, vou me trocar e sair.

Tenho uma reunião importante.

— Tem certeza, mamãe?

— Claro que sim, meu filho. Não sou criança, se sentir algo, vou para o hospital ou volto para casa.

— Está bem. Sei que a senhora não vai mudar seu pensamento. Agora preciso ir. Hoje à noite vou me encontrar com Marília e contar o que aconteceu. Raquel, fingindo preocupação, disse:

— Faça isso, meu filho. Diga a ela que eu fui à culpada por você não ter ido encontrá-la.

— Ela vai entender. Até mais.

Beijou as duas e saiu.

À tarde, minutos antes das seis horas, Marcos chegou à mercearia e estranhou por não ver Marília servindo os clientes. Entrou e perguntou ao dono:

— A Marília não está?

— Não. Ela não trabalha mais aqui.

— Como? Por quê?

— Não sei o motivo. Ela veio logo cedo, pediu as contas e disse que precisava viajar.

— Viajar para onde?

— Não sei, ela não disse. Só sei que seus olhos estavam vermelhos e inchados. Parece que chorou muito...

— Chorou? Por quê?

— Já disse que não sei...

— Está bem, obrigado.

Desnortado, Marcos saiu.

Na rua, parou e ficou pensando: Será que ela ficou nervosa por eu não ter vindo ontem? Não, isso não pode ter acontecido. Ela deveria saber que, se eu não vim, foi por algum motivo. Precisava me dar a oportunidade de contar o motivo. O que será que aconteceu? Preciso saber. Vou até sua casa. Ela deve estar lá.

Entrou no carro e foi para a casa de Lena. Estava entrando pelo corredor que o levaria à casa dos fundos, onde elas moravam, quando uma senhora que morava na casa da frente disse:

— Elas não estão em casa...

— Onde estão?

— A moça foi viajar e a dona ainda não voltou do trabalho.

— Sabe para onde a moça foi viajar?

— Não, não sei. Só vi quando ela saiu carregando duas malas. Perguntei se ia viajar e ela confirmou com a cabeça.

— A que horas dona Lena chega?

— Deve estar chegando.

Marcos saiu e ficou sentado no carro, esperando que Lena chegasse. Meia hora depois, viu que ela descia do ônibus. Saiu do carro e foi ao seu encontro.

Assim que o viu, ela, nervosa, perguntou:

— O que está fazendo aqui, Marcos?

— Quero ver Marília! Não estou entendendo essa pergunta!

Lena, muito nervosa, disse:

— Eu pedi a você que não fizesse com ela o que faz com as outras moças!

— O que eu fiz? O que ela disse?

— Ela não quis dizer o que você fez, só disse que você não presta e que não quer vê-lo nunca mais!

— Não estou entendendo! Para onde ela foi? Precisamos conversar!

— Ela me fez jurar que eu não diria e não vou dizer! Deixe minha filha em paz! Continue a sua vida de conquistas e enganosa!

— Não quero mais essa vida, Lena! Amo Marília! Quero me casar com ela!

— Não precisa continuar mentindo! Ela foi embora e não quer ver você nunca mais! Agora, boa-noite, preciso entrar e preparar o meu jantar!

— Para onde ela foi Lena?

— Não sei. Ela não disse.

— Deve saber Lena, porque, do contrário, estaria tão nervosa como eu! Sei que ela não tem dinheiro para ir a um lugar que nem ela nem você conhece!

— Para ver minha filha longe de você, dei a ela todo o dinheiro que consegui economizar durante o tempo em que trabalhei na casa de dona Cândida. Ela disse que, assim que estiver instalada, me avisa de onde está.

Sem dar tempo para que Marcos falasse alguma coisa, ela entrou pelo portão e fechou-o.

Ele, sem imaginar o que havia acontecido, ficou ali, parado, olhando-a entrar em casa.

Depois, nervoso e surpreso, entrou no carro e foi para casa.

Assim que chegou a casa, Lia percebeu que ele não estava bem:

— O que aconteceu, Marcos? Por que está assim?

— Marília foi embora... Abandonou-me...

— Embora? Por quê?

— Não sei. Ela não disse, simplesmente viajou e proibiu sua mãe de me dizer para onde foi.

— O que você fez para que ela tomasse essa atitude?

— Nada! Não fiz nada! Somente não fui, ontem, ao nosso encontro. A senhora sabe o motivo de eu não ter ido.

— Sei Marcos, e esse não pode ter sido o motivo para ela tomar uma atitude como essa! Deve ter acontecido alguma coisa mais...

— Também penso assim, mas o que foi que aconteceu? Ela não me deu chance alguma! Não sei o que fazer...

— Primeiro, fique calmo e vamos pensar em uma maneira de encontrá-la. Assim que isso acontecer, ela vai explicar o motivo. Sua mãe deve estar chegando. Ela sempre tem solução para tudo. Ela tem muitos conhecidos, quem sabe consiga encontrar Marília. Fique calmo, Marcos.

— Como posso ficar calmo, dona Lia?

— Não sei como, só sei que precisa ficar calmo. Enquanto o jantar fica pronto, vá tomar um banho. Depois, conversaremos com ela. Sei que vai encontrar uma solução. Ela sempre encontra.

— Está bem. Não tenho mesmo o que fazer...

Marcos saiu.

Lia ficou pensando:

— O que será que aconteceu? Por que ela tomou uma atitude como essa? Logo agora que, pela primeira vez, Marcos está mesmo interessado em alguém? Ele estava tão feliz! Logo depois, Raquel chegou:

— Boa-noite, Lia. Está tudo bem aqui em casa?

— Antes de responder, preciso saber como você está, Raquel, passou bem o dia?

— Estou muito bem. Não senti mais nada. Por que está me fazendo essa pergunta? Aconteceu alguma coisa com que deva me preocupar?

— Não sei se vai ficar preocupada, mas Marília desapareceu.

Raquel, fingindo surpresa, perguntou:

— O que está dizendo, Lia?

— Isso que ouviu, Marília desapareceu e Marcos está desesperado.

— Desapareceu? Como e por quê?

— Marcos não sabe. Ela foi embora e a mãe não quer dizer para onde.

— Será que ela foi embora com outro homem, Lia?

— Não, Raquel, como pode pensar isso? Ela parecia gostar muito de Marcos.

— Parece não quer dizer que gostava realmente. Mulher alguma desaparece, sozinha, sem dizer para onde.

Sabe que a mulher, dificilmente, consegue se sustentar sozinha. Deve ter um homem por trás dessa história.

— O que a senhora está dizendo, mamãe?

Raquel se voltou e, ao ver Marcos, tentou disfarçar:

— Nada, meu filho! Não estou dizendo nada.

— Claro que está eu ouvi. A senhora acha que ela foi embora com outro homem?

— Não sei Marcos. Só acho estranho que uma mulher possa ir embora sozinha. Como balconista, ela não consegue se sustentar. Sabe que a mulher é dependente em tudo de um homem.

— Não, mãe, ela não foi embora com um homem. Lena deu a ela todo o dinheiro que havia economizado. Marília tem dinheiro, não precisa de um homem para sustentá-la. Aconteceu alguma coisa e eu vou descobrir!

— Faça isso, Marcos, mas não espere muito. Pense que o fato de ela haver sumido dessa maneira demonstra que ela não gosta de você. Falando nisso, convidei Yara para vir jantar esta noite. Não podia imaginar que você estivesse tão nervoso.

— Não estou em condições de fazer sala para Yara nem para ninguém, mamãe!

— Eu sei que não, mas não podemos tratar mal uma convidada. Como eu poderia imaginar que uma coisa como essa ia acontecer? Como eu poderia imaginar que aquela moça ia embora e que você ficaria dessa

maneira? Yara não tem culpa do que aconteceu. Por isso, por favor, precisa recebê-la bem. Seja educado.

— Embora eu esteja nervoso, vou tratar Yara como sempre tratei.

— Faça isso e não se preocupe. Amanhã, vou falar com algumas pessoas para ver se consigo encontrar Marília.

— Vai me ajudar, mãe?

— Claro que sim, meu filho. Sabe que vivi toda minha vida em função da sua felicidade e a de seu irmão.

Não importa para onde essa moça foi nós vamos encontrá-la e você vai saber o que aconteceu realmente.

Agora, trate bem Yara.

Marcos foi para o seu quarto e Lia para a cozinha, orientar a cozinheira. Raquel ficou na sala, assistindo à televisão.

Assim que a campainha soou, Raquel foi até o portão para receber Yara, que chegava curiosa e ansiosa:

— Então, dona Raquel, o que aconteceu?

Raquel contou e terminou, dizendo:

— Como pode ver Yara, saiu melhor do que esperávamos.

— A mãe dela não quis dizer para onde a filha foi?

— Não! Disse também que não sabe qual foi o motivo.

— Como Marcos está?

— Pode imaginar. Está desesperado, mas isso vai passar. Você deve ficar ao lado dele. Tente entender sua dor e o aconselhe a procurar por ela.

— Não vou fazer isso! Não quero que ele a procure!

— Sei que não quer, mas ele não precisa saber. Você precisa ser a melhor amiga que ele vai querer por perto. Com o tempo, ele vai se esquecer dela e vai entender que você é a pessoa que serve para ser mulher!

— A senhora acredita nisso?

— Claro que sim. Você precisa ter paciência, Yara, mas vai conseguir se casar com ele!

— Está bem, vou fazer como está dizendo. Tomara que dê certo...

— Vai dar Yara! Claro que vai dar!

Entraram. Marcos recebeu Yara com um sorriso. Sentaram-se para jantar. Em dado momento, Raquel disse:

— Marília desapareceu, Yara.

Marcos, com olhar de reprovação, olhou para a mãe.

— Por que está me olhando assim, Marcos?

— Esse assunto não é para ser tratado assim, mãe!

— Por que não, Yara é nossa amiga e sempre soube tudo o que acontece nesta casa...

Yara, fingindo surpresa e ignorando o que Marcos disse, perguntou:

— Ela desapareceu? Como? Por quê?

— Marcos não sabe, ela simplesmente desapareceu.

— Você precisa encontrá-la, Marcos. Deve existir uma razão para ela ter feito isso. Sei o quanto está sofrendo, porque, pela primeira vez, vi em você interesse por uma moça, como nunca havia visto antes. Se eu puder ajudar de alguma maneira, pode contar comigo.

— Obrigado, Yara. Vou continuar procurando por ela e sei que vou encontrá-la.

— Assim espero. Sabe que o meu desejo foi sempre o de que você fosse feliz.

— Sei disso e, mais uma vez, obrigado.

— Pode contar comigo. Você sabe o quanto gosto de você. Já está tarde, preciso ir embora. Poderiam telefonar pedindo um táxi.

— Você veio de táxi, Yara?

— Sim, dona Raquel. O motorista lá de casa está acompanhando meu pai, que tinha um compromisso.

— Não pode ir sozinha há esta hora. Marcos pode levá-la para casa. Não pode Marcos?

Ele, a contragosto e, embora não quisesse, respondeu:

— Posso claro que posso. Vamos, Yara? Levantaram-se. Yara despediu-se de Raquel e de Lia e, acompanhada por Marcos, saiu.

Assim que saíram, Lia surpresa, perguntou:

— O que aconteceu aqui, Raquel?

— Aconteceu, o quê, Lia?

— Por que pediu a Marcos para levar Yara? Sabe que ele não está bem!

— Claro que sei, por isso mesmo não pode ficar sozinho, somente pensando.

— Também concordo, só não entendo por que precisa ficar com Yara. Você sabe o interesse que ela tem por ele.

— Sei por isso mesmo, ninguém melhor do que ela para ficar com ele neste momento pelo qual está passando.

— Não consigo entender você, Raquel. Parece que está feliz com o que está acontecendo com seu filho.

— Não posso esconder a minha felicidade! Era o que mais queria! Sabe que o casamento de Marcos com aquela moça ia acabar com a vida dele!

— Você teve alguma coisa com esse desaparecimento?

Raquel, demonstrando indignação, respondeu:

— Claro que não, Lia! Como poderia ter alguma coisa com isso!

— Não sei Raquel. A única coisa que sei é que você não queria esse casamento. Conheço você há muito tempo e sei que, quando quer uma coisa, consegue.

— Tem razão, sempre consegui o que desejei, mas jamais interfeiri na vida dos meus filhos. Sempre deixei que escolhessem seus caminhos.

— Preciso concordar com isso.

— Bem, agora vou dormir. Tive um dia cheio e cansativo. Boa-noite Lia.

— Boa-noite, Raquel.

No carro, enquanto Marcos dirigia, Yara disse:

— Não consigo entender o motivo pelo qual Marília desapareceu.

— Nem eu, Yara. Até ontem, estava tudo bem.

— Será que ela tem outro namorado?

— Claro que não, Yara! Por que está perguntando isso?

— Por nada. Desculpe só que não consigo entender o motivo.

— Nem eu, mas vou descobrir.

Chegaram à frente do portão da casa de Yara. Ele desceu, deu a volta e abriu a porta do carro. Assim que desceu, ela tentou beijar a boca dele, mas ele, percebendo sua intenção, voltou-se e ela conseguiu somente, beijar seu rosto.

Constrangida, disse:

— Desculpe Marcos. É uma questão de hábito.

— Sou eu quem precisa pedir desculpas, Yara, mas estou desesperado. Sei que não sou boa companhia.

— Não fique assim, você vai encontrá-la.

— Vou, sim! Nem que seja apenas para descobrir o que aconteceu! Boa-noite, Yara.

Marcos entrou no carro e foi embora.

Yara ficou olhando até que o carro desaparecesse na esquina. Esperançosa, entrou.

Raquel, em seu quarto, mais uma vez agradecia a Deus e a Francisco por tudo estar saindo como imaginara.

Obrigada, Francisco! Com o desaparecimento de Marília, Marcos vai se casar com Yara. Esse casamento não vai ser bom apenas para ele, mas para a empresa também.

Sorrindo, ajeitou-se na cama e tentou dormir.

Durante seis meses, Marcos ia sempre à casa de Lena para saber de Marília, mas a resposta era sempre a mesma. Ela lhe mostrava uma carta em que Marília escrevia.

Mãe estou bem. Não se preocupe.

Lena também sempre dizia a mesma coisa:

— É só isso que ela me mandou, Marcos. Não tenho o seu endereço.

— Não vem escrito na carta, no lugar do remetente? Lena lhe mostrava o envelope e, realmente, não havia remetente, nem endereço.

Depois de seis meses, em uma manhã, como sempre fazia, Marcos voltou à casa de Lena e recebeu a mesma resposta de sempre. Desanimado, disse:

— Esta é a última vez que venho aqui, Lena. Já que Marília não quer que eu saiba onde está, vou respeitar sua decisão. Quando ela voltar ou conseguir falar com ela, diga que não sei o motivo de ela haver me abandonado, mas que sabe onde me encontrar.

Estarei esperando por ela.

— Você gosta mesmo da minha filha, Marcos?

— Claro que gosto, Lena! Não entendo por que ela fez e está fazendo isso!

— Estou acreditando em você e, se eu soubesse onde ela está, diria a você, mas não sei...

— Está bem, Lena. Até qualquer dia.

Ele, cabisbaixo, se afastou e ela o acompanhou com os olhos.

## O chamado da consciência

Dois anos se passaram.

Naquela manhã, Raquel, que estava sentada em uma cadeira em frente a uma mesa grande, pensava:

Hoje estou completando sessenta anos, por isso pedi à Lia que esforce para que o jantar desta noite esteja perfeito. Afinal não é todo dia que se completam sessenta anos.

Levantou-se, foi até uma janela de vidro, pela qual pôde ver um grande galpão, onde vários homens e mulheres trabalhavam em máquinas cujo barulho era ensurdecedor. Andou até o lado oposto e viu caminhões que entravam e saíam carregados de mercadorias. Sorriu e voltou para sua cadeira. Acomodou-se confortavelmente e olhou para a parede à frente de sua mesa, onde um quadro estava pendurado. Nele, havia uma fotografia de Francisco, que sorria. Olhando para a fotografia, começou a pensar:

É uma pena, Francisco, que não esteja aqui para ver no que se transformou aquela pequena marcenaria com a qual tanto sonhou. Hoje é uma grande empresa. Os móveis que você desenhou são vendidos aqui e no exterior. A sua pequena marcenaria se transformou em uma grande potência com filiais, espalhadas pelas principais capitais.

Lágrimas surgiram em seus olhos. Rapidamente, secou-as, mas continuou pensando:

Perante meus filhos e todos que me conhecem sou uma mulher forte e incapaz de chorar, não é, Francisco? Essa imagem precisa, continuar por mais um pouco de tempo. Ninguém pode saber deste momento de fraqueza. Durante toda minha vida, nunca pude me deixar levar pelas emoções, pois, se o tivesse feito, não teria conseguido vencer, sozinha, como consegui! Não sei como, mas consegui!

Por mais que não quisesse, as lágrimas continuavam molhando seus olhos. Voltando a secá-las, continuou pensando:

O que está acontecendo comigo? Hoje é um dia de festa. Será que é por que estou ficando velha, Francisco? Começando, não! Já sou.

Rindo, voltou a se levantar e, olhando-se em um espelho, disse:

— Apesar da minha idade, você não pode negar que ainda sou uma mulher bonita, não é? Claro que estou longe de ser aquela com a qual você se casou e não tenho mais a beleza da juventude. Minha cabeça está bem, porém, meu corpo já não a acompanha mais, mas, mesmo assim, ainda sou bonita, sim!

Voltou a olhar para a fotografia e a pensar:

Não sei por que estou pensando tanto em você. Sabe que isso quase nunca acontece. Sempre que penso muito em você da maneira como estou pensando agora, alguma coisa acontece e, na maioria das vezes, é coisa ruim. O que está para acontecer, Francisco?

Sentou-se novamente. Pegou o interfone que estava sobre a mesa e discou um número. Do outro lado, uma voz de mulher respondeu:

— Pois não, dona Raquel.

— Por favor, Marisa, traga-me um pouco de café.

— Vou coar e levarei em seguida, senhora.

Raquel acenou com a cabeça e continuou pensando: Durante todos esses anos em que estive trabalhando, quase nunca tive tempo para parar e rever a minha vida. Agora, que está tudo bem, que consegui ganhar muito dinheiro, muito mais do que alguma vez sonhamos, sinto um vazio muito grande e uma saudade imensa de você, Francisco. Eu não queria pensar em você, mas quem consegue mandar no pensamento? Quem consegue deixar de pensar por um segundo sequer? O que será o nosso pensamento? Será a nossa alma? Não sei, mas, embora tenha medo de pensar em você, pois sei que alguma coisa vai acontecer, não consigo evitar. Também, não sei por que estou pensando assim, nem sempre aconteceram coisas ruins, algumas vezes foram boas e me deixaram feliz.

Ouviu uma leve batida à porta e a mesma se abriu em seguida. Por ela, entrou Marisa, que trazia em suas mãos uma bandeja, sobre ela, uma xícara, um pequeno bule e um açucareiro confeccionados em porcelana e pintados a mão. Aproximou-se:

— Aqui está o seu café, dona Raquel. Pedi que fosse feito da maneira como à senhora gosta. Trouxe também os seus biscoitinhos.

Marisa sorriu e, enquanto Raquel tomava o café, pediu licença e saiu. Raquel, com a xícara na mão e olhando para parede onde estava a fotografia, continuou pensando:

Está vendo, Francisco, quanto tempo se passou? E eu não tive tempo para notar. O trabalho sempre, graças a Deus, foi muito. Hoje, sinto que minha missão terminou. Nossos filhos estão criados. Nossos netos são lindos

e a nossa empresa está caminhando muito bem.

Com ela, muitos empregados conseguiram criar seus filhos e tocar suas vidas. Estou bem e em paz. Acho que está na hora de me afastar. Já trabalhei muito. Preciso aproveitar um pouco o tempo que ainda me resta. Vou deixar tudo nas mãos dos meninos e vou fazer aquilo que sempre sonhei. Viajar, conhecer o mundo. Acho que tenho o direito, posso me dar a esse luxo, você não acha?

O vulto de Francisco, acompanhado por Olímpia e Samuel, sorriu e, com a cabeça, concordou.

Raquel terminou de tomar o café, colocou a xícara na bandeja.

Ainda com os olhos molhados, olhou para uma foto que estava sobre sua mesa. Nela estavam, Francisco, Moacir e Mauro. Os três sorriam. Ela também sorriu. Embora eles tenham crescido e sejam adultos, lembro-me do dia em essa fotografia foi tirada. Levamos as crianças ao zoológico. Eles adoraram e eu também.

Fui eu quem bateu essa foto, logo depois de comermos o lanche que eu havia levado. Gosto muito dessa fotografia, pois, além de você estar nela, Mauro

também está. É a única fotografia que tenho dele. Por que aquilo teve de acontecer? Por que tive de perder você e nosso menino tão cedo?

Novamente seus olhos voltaram a se encher de lágrimas e, novamente ela os secou.

De qualquer maneira, esse dia foi especial. Eles eram crianças e não podiam imaginar como seriam suas vidas. Não sabiam das dificuldades que passávamos para que nada lhes faltasse. Mesmo assim, eram crianças felizes e nós também. Aquele tempo foi difícil, mas agora, como sempre acontece, tudo passou. Mauro deve estar com você. Moacir está casado e bem, quanto a Marcos... Ele não está bem e a culpa é minha. Ultimamente, tenho pensado em tudo o que fiz para separá-lo de Marília, achando que estava fazendo um bem, mas acho que me enganei...

Estava distraída, pensando, que não ouviu a batida na porta. Assustou-se quando Moacir entrou:

— Bom-dia, mamãe! Feliz aniversário! Sessenta anos, está ficando velha!

— Obrigada, meu filho. Estou ficando velha? Já sou! Sabe o que é se carregar sessenta anos nas costas?

— Velha coisa nenhuma! Tem muito ainda para fazer. Esta empresa não estaria onde está se não fosse à senhora com sua luta e garra. Está animada para o seu jantar?

— Estou sim. Não sei por que, mas desde cedo não paro de pensar em como tudo começou e em seu pai. Parece que ele está aqui ao meu lado.

Moacir começou a rir:

— Quando foi que ele não esteve mamãe? Acho que, se existe mesmo uma vida depois da morte, ele deve ter estado sempre ao nosso lado.

— Tem razão, mas, hoje, não sei por que, parece que sinto a sua presença mais forte. Marcos já chegou?

— Não. Ele telefonou, disse que vai chegar mais tarde.

— Por quê?

— Não deve ter tido vontade de vir. A senhora sabe como ele é não sabe? Ele só vem aqui, porque a senhora o obriga. Sabe que ele não se interessa por nada, muito menos pela empresa.

— Sei disso. Ele queria se casar com aquela moça que desapareceu. Não entendo por que ele se recusou a se casar com Yara e olhe que ela tentou! Não podemos negar que esse casamento seria um bom negócio para a empresa.

— Para a empresa poderia ter sido, mas para Marcos, não. Ele nunca esqueceu Marília.

— Sim, é verdade, mas não sabemos o que aconteceu com ela. Desapareceu sem deixar endereço.

— A senhora não sabe mesmo, mamãe?

Raquel, intrigada, olhou para o filho:

— Por que está perguntando isso, Moacir? Acha que tive alguma coisa a ver com o desaparecimento dela?

— Não sei mamãe, sempre tive dúvidas a esse respeito, mas hoje não é dia de falarmos sobre isso. É o dia do seu aniversário! É um dia de festa!

— Tem razão. De qualquer maneira, não tive nada a ver com o desaparecimento de Marília. Não sei o que aconteceu para ter ido embora e nunca ter escrito uma linha para seu irmão.

— Também nunca entendi. Ela parecia tão apaixonada. Mas, como já disse, vamos deixar essa conversa para outro dia. Hoje é dia de comemorar o seu aniversário.

— Como você está com a Joice? Ela continua gastando dinheiro sem parar?

— Agora ela está bem. A senhora sabe que é uma doença. Ela não consegue se controlar. Tudo o que vê, quer comprar e compra. Agora está se tratando e parece bem.

— Não sei se é doença, só espero que fique boa. Já lhe avisei que não vou dar mais dinheiro para cobrir as

dívidas dela. Chega Moacir! Você, por conta da irresponsabilidade dela, já levou muito dinheiro. Se continuar assim, logo estaremos na falência.

— Não se preocupe, ela está bem. Já lhe disse que hoje não é dia de falar em problemas. É dia de festa! Raquel sorriu e abraçou e beijou o filho.

— Tem razão, meu filho. Outro dia conversaremos sobre isso. Hoje é meu aniversário e tenho uma coisa importante para anunciar.

— Que coisa, mamãe?

— Vamos deixar para a noite, só posso lhe adiantar que afetará a você e ao seu irmão.

— Estou curioso, o que é mamãe?

— A noite saberá.

— Está bem, vou esperar. Agora vou para minha sala. Preciso ver algumas notas fiscais. Assim que Marcos chegar, sei que vem aqui para cumprimentar a senhora.

Ele saiu. Ela, olhando para a fotografia, sorriu e pensou:

Está vendo, Francisco, em que belo moço se transformou o nosso pequeno Moacir? Além de muito bonito é responsável, um bom marido e melhor ainda como pai. Marcos também nunca me deu trabalho. O único problema que teve foi quando quis se casar com aquela moça.

Francisco aproximou-se mais e disse:

— Você não devia ter interferido, Raquel. Será que não percebe no que Marcos se tornou?

Sem imaginar que Francisco estivesse conversando com ela, continuou pensando:

Percebeu como ele se parece com você? Como ele é lindo! Às vezes, quando o vejo triste pelos cantos, sinto remorso pelo que fiz.

Depois daquilo, nunca mais sorriu. Vive triste e pensativo. Não tem mais amigos, não sai de casa. Só vem aqui, à empresa, porque eu o obrigo. Se eu não fizesse isso, ele não sairia do quarto e ficaria só pensando. Por que será que ele não reagiu diferente? Francisco, que a ouvia, disse:

— Não devia ter interferido, Raquel. Muito menos da maneira como fez. Ele não consegue se conformar por não saber o que aconteceu. Um dia antes, eles haviam feito muitos planos. Ele estava feliz. Ainda é tempo de consertar tudo. Está em suas mãos.

Raquel, sem imaginar que Francisco lhe mandava seus pensamentos, pensou:

Eu poderia contar a ele o que fiz. Assim, ele saberia que aquela moça foi enganada. Poderia procurá-la e, quem sabe, ser feliz ao seu lado.

Francisco olhou para Olímpia e Samuel e, feliz, perguntou:

— Ela está me ouvindo?

— Está sim, Francisco. Com o tempo, ela deixou de pensar com ódio em Marília e as entidades que a acompanhavam, vendo que nada mais conseguiriam, se afastaram e levaram com elas aquela nuvem densa que impedia que Raquel nos ouvisse. Isso não quer dizer que ela vai fazer o que você está intuindo. Não se esqueça de que, mesmo sem as entidades, ela ainda tem seu livre-arbítrio.

— Como poderia esquecer Olímpia?

Raquel continuou pensando:

Estou feliz com a minha família e com a vida que tive Francisco. Apesar dos momentos ruins pelos quais tive de passar e algumas decisões difíceis que tive de tomar, que nem sempre agradaram a algumas pessoas, não tenho o que reclamar de Deus. Tudo o que fiz de errado ou certo, no momento em que aconteceu, era o que precisava ser feito. Agora que o tempo passou e que tudo está em ordem, nossos filhos estão criados, nossa empresa está a todo vapor, já posso descansar e esperar o momento de reencontrar você.

Quem falou agora foi Samuel:

— Ninguém é perfeito, Raquel. Todo espírito, renascido ou não, comete erros e acertos. Os acertos devem ser felicitados e os erros, se houver como,

devem ser consertados. Você teve muito mais acertos do que erros e o erro que cometeu ainda pode ser consertado. Basta contar a Marcos o que aconteceu. Fazendo isso, terá seu filho de volta, da maneira como ele era, feliz e descontraído. Como Francisco falou, está em suas mãos consertar tudo o que fez.

No mesmo instante, Raquel pensou:

Estou preocupada com Marcos. Ele não reagiu bem ao sumiço de Marília nem se casou com Yara. Para que foi que fiz tudo isso? Que preconceito foi aquele? Logo eu que comecei do nada! Logo eu que tive como melhor amiga, depois de Lia, Jandira, que é uma negra adorável! Onde eu estava com a cabeça? Vou contar a Marcos tudo o que fiz. Francisco, ao ouvir aquilo, ficou eufórico:

— Faça isso, Raquel! Faça isso e poderemos, em breve, nos reencontrar e continuar a nossa jornada! Raquel levantou-se, olhou novamente para a fotografia que estava pendurada e pensou:

Sei que deveria falar com Marcos e contar o que fiz, mas não posso Francisco. Se fizer isso, ele vai me odiar e perder o respeito que sempre teve por mim. Ele não imagina que eu tenha feito aquilo.

Francisco, em lágrimas, disse:

— Isso não importa Raquel! Ele pode odiar você por algum tempo, mas é seu filho e reconhece tudo o que fez por ele e por Moacir! Quando contar a ele, se contar, não estará fazendo um bem para ele, mas, muito mais, a você mesma. Fazendo isso, não vai permitir que esta sua encarnação tão cheia de vitórias seja manchada, seja perdida. Precisa contar, Raquel! Precisa fazer isso!

— Não fique assim, Francisco. Sei o quanto está preocupado com o futuro no espiritual de Raquel, mas sabe que nada pode fazer. Ela, agora, ao menos já está arrependida e pensando na possibilidade de contar. Já é um grande avanço. Vamos esperar e torcer para que tenha tempo de se redimir.

— Espero que isso aconteça, Samuel. Quero muito esperar Raquel, quando chegar à hora de ela voltar.

— Vamos esperar Francisco. É a única coisa que podemos fazer.

Raquel, alheia ao que eles conversavam sentada, olhava para a fotografia de Francisco, que sorria. Estava assim, quando ouviu uma leve batida na porta, que se abriu em seguida. Por ela, entrou Marisa:

— Tem uma visita para a senhora, dona Raquel. Afastou-se e, por trás dela, entrou Tereza, sorrindo. Raquel, ao vê-la, levantou-se e, também, sorrindo, perguntou:

— Tereza, você aqui?

— Como poderia deixar de vir hoje? Feliz aniversário, minha amiga!

— Obrigada. Entre, sente-se!

Enquanto Tereza se sentava, Raquel, entusiasmada, perguntou:

— Há quanto tempo nós não nos vemos, Tereza?

— Quase dez anos. Graças a você consegui me aposentar e, agora, estou ajudando a criar meus netos. Nem sei como agradecer tudo o que você fez por mim e pela minha família!

Raquel, rindo, disse:

— Vamos pular essa parte, Tereza! O importante é que você esteja bem e que seus três filhos também estejam.

— Não posso pular essa parte, Raquel! Graças a você, além de ter me dado um lugar para morar e um trabalho, consegui minha aposentadoria e, o mais importante, deixar aquele homem que tanto mal me fazia e aos meus filhos. Se não fosse você, eu ainda estaria com ele, sofrendo e fazendo meus filhos sofrerem. Como não agradecer a você, quando meus filhos sempre tiveram um emprego, aqui na sua empresa, e podem criar seus filhos com dignidade!

— Deixe isso para lá, Tereza! Você, na época aceitou minha ajuda e, quanto aos seus filhos, só permanecem aqui, por serem honestos e bons profissionais. Estou feliz por você e por eles. Obrigada por ter vindo me cumprimentar em um dia tão especial.

— Você merece todos os cumprimentos. Tenho algo mais para dizer. Hoje em dia, não acompanho somente as novelas. Acompanho também, com muita atenção, os noticiários e leio jornais. Aprendi a ser cidadã! Hoje, conheço as leis do país, seus políticos e sei em quem votar. Portanto, tenho muito que agradecer a você, Raquel!

Raquel começou a rir:

— Fico feliz em ter ajudado você a se interessar por algo mais do que novelas. Só assim, nosso país poderá se desenvolver, o que será bom para todos.

— Também acho. Como estão as crianças? Novamente Raquel riu:

— Não são mais crianças, Tereza! Moacir está casado, tem dois meninos lindos!

— Para mim, serão sempre crianças. Marcos se casou ou continua namorador como sempre?

Raquel lembrou-se de Marcos e de sua tristeza. Sentiu um aperto no coração, respondeu:

— Não, Tereza. Ele ainda não se casou. Espero que isso logo aconteça.

— Ainda é cedo, Raquel! Ele é muito bonito, tem muito tempo!

— Não é tão novo assim. Está passando da hora.

— Quando ele encontrar a mulher da vida dele, ninguém vai conseguir impedir que ele se case. Enquanto isso deixe que continue namorando todas! Raquel ficou calada, apenas concordou com a cabeça.

— Agora, preciso ir embora. Preciso pegar as crianças na escola. Mais uma vez, parabéns.

— Obrigada, Tereza. Não pode imaginar como fiquei feliz com a sua visita. Volte sempre. Gosto de lembrar

o passado e só posso fazer isso com você que viveu junto comigo nos momentos mais difíceis.

— Vi, também, como você, com sua garra, conseguiu vencer. Você é uma vitoriosa, Raquel!

Raquel sorriu. Tereza levantou-se, pegou a mão que Raquel estendia e, sorrindo, saiu da sala.

Raquel voltou a se sentar e, intuída por Francisco, pensou:

Realmente, sou uma vencedora. Consegui alcançar muito mais do que sonhei, mas, por outro lado, causei a infelicidade do meu filho. Que vitória é essa?

Estava pensando, quando Marisa entrou com alguns papéis que ela precisava assinar.

Ela assinou os papéis e Marisa saiu.

Raquel estava ansiosa para que chegasse a hora do jantar.

Hoje, após o jantar, vou fazer uma comunicação muito importante, por isso quero todos reunidos. Eles não esperam pelo que vai acontecer. Espero que entendam a minha decisão.

Levantou-se da cadeira, deu alguns passos, pensando:

Não posso continuar aqui. Preciso ir para casa e ver se tudo está caminhando bem. Sei que a Lia é competente, mas, mesmo assim, não consigo ficar aqui sem saber o que está acontecendo.

Pegou novamente o interfone:

— Marisa, por favor, avise o Célio que estou indo para casa.

— Está bem, senhora. Vou avisar.

Raquel pegou a bolsa, olhou novamente para seu escritório, para a fotografia de Francisco, sorriu e saiu. Passou por Marisa que estava em sua mesa na sala ao lado:

— Marisa, se algum dos meus filhos perguntar por mim, diga que fui para casa, mas que os estou esperando hoje à noite para o jantar. Não se esqueça de que você e seu marido estão convidados.

— Eu aviso e é claro que não vou me esquecer de ir. Fiquei muito feliz quando a senhora me convidou, nunca pensei que faria isso.

— Por que não?

— A senhora é muito importante, é minha patroa...

— O que tem isso? Acredita que eu seria quem sou se não tivesse contado com a ajuda de pessoas como você que estiveram sempre ao meu lado? Estou feliz e quero que todos aqueles que me ajudaram estejam felizes também. Vai ter algum problema para deixar o seu filho? Pode levá-lo também.

— Não, senhora. Minha mãe vai cuidar dele. Amanhã ele tem aula pela manhã, por isso, precisa dormir cedo.

— Que bom. Agora estou indo.

Estava em frente à porta do elevador, quando dele saiu Yara.

— Está indo embora, dona Raquel.

— Yara! Que bom ver você! Sim, estou, mas não preciso ir agora. Vamos até minha sala?

— Não vai ser por muito tempo. Passei por aqui, somente para dar parabéns pelo seu aniversário.

— Obrigada, Yara, mas vamos para sala, precisamos conversar.

Entraram na sala. Raquel sentou-se em sua cadeira e apontou outra que estava em frente à mesa. Depois de sentadas, Raquel, com olhar preocupado, disse:

— Que bom que veio Yara. Temos um assunto importante para conversar.

— Que assunto?

— Estive pensando muito em tudo o que fizemos e em como Marcos reagiu.

— Não estou entendendo o que a senhora está dizendo.

— Quando decidimos enganar Marília, achamos que, com seu desaparecimento, Marcos resolveria se casar com você, mas isso não aconteceu. Ele se tornou amargo, triste. Não é nem de longe o Marcos de antigamente, que ria, brincava e que estava sempre feliz. Estive pensando que, com nossa atitude destruimos Marcos. Estou preocupada com ele. Está em uma depressão profunda. Estou com medo de que ele cometa uma loucura.

— Não estou entendendo aonde a senhora quer chegar...

— Estou dizendo que vou contar a Marcos o que fizemos. Assim, sabendo o motivo de Marília haver desaparecido, talvez, ele volte a ser como antes.

— A senhora não pode fazer isso, dona Raquel! Quando ele descobrir o que fizemos, vai nos odiar e nunca mais vou ter chance de me casar com ele.

— Você não tem chance, Yara. Ele nunca vai se casar com você e temo que com ninguém mais! Ele não quer mais nada desta vida! Meu filho está cada vez mais distante de tudo! O que fizemos foi errado!

— Foi à senhora quem teve a idéia, só fiz o que mandou!

— Tem razão, por isso resolvi contar o que fiz. Posso até dizer, se ele quiser que não teve culpa, que só fez o que mandei, mas preciso contar a verdade. Pensei que, ao fazer aquilo, estava fazendo um bem para meu filho, mas, na realidade, só fiz mal. Preciso dar a ele um motivo para voltar a viver.

— A senhora não pode contar! Ainda tenho esperança de me casar com ele!

— Não adianta Yara, isso não vai acontecer. O que preciso é tirar meu filho de uma depressão que pode ser fatal. Vou contar a verdade e seja tudo como Deus quiser...

— Quando pretende contar?

— Esta noite, durante o jantar vou fazer uma comunicação importante para a família e para a empresa. Depois disso, vou contar a todos o que fiz.

— Esta noite?

— Não posso estar presente! Ele é capaz de me matar na frente de todos! Tenho medo de sua reação! Ele nunca me perdoará!

— Foi por isso que contei a você a minha intenção.

Não quero que a minha confissão a pegue de surpresa. Quando a convidei para o jantar, não pensava em contar. Por isso, você decide se vai ao jantar ou não.

— Não posso ir, dona Raquel! Não quero estar presente, quando a senhora contar!

— Não precisa ficar assim. Claro que ele vai ficar bravo, mas, com o tempo, depois de encontrar Marília, vai se esquecer do que fizemos e voltará a ser como antes.

— Nunca mais vai ser como antes, dona Raquel.

Antes, embora Marcos sempre houvesse dito que não se casaria comigo, era meu amigo. Depois que a senhora contar, nem essa amizade existirá mais!

— Sei que corremos o risco de ele nos odiar pelo resto da vida, mas é a única maneira que encontrei para tentar fazer com que ele volte a ser feliz.

— Eu, como fico dona Raquel!

— Está na hora de esquecer Marcos e seguir sua vida.

— Eu odeio a senhora! Por sua culpa, perdi Marcos para sempre! Queria que morresse!

— O que está dizendo, Yara?

— O que a senhora ouviu! A senhora acabou com minha vida!

— Sabe que tentei ajudar você e só não consegui, porque, por mais que fizéssemos Marcos nunca gostou de você como mulher, somente como amiga!

— Eu odeio a senhora!

Assim dizendo, Yara levantou-se e saiu da sala. Pegou o elevador e foi para a garagem.

Raquel ficou pensando por mais algum tempo em tudo o que havia acontecido, antes e agora.

Sei que ela tem razão, posso perder meu filho para sempre, mas é a única solução que existe. Preciso contar a verdade.

Francisco, feliz, olhou para Olímpia e Samuel e disse:

— Ainda bem que ela escolheu o melhor caminho! Fiquei com medo de que nunca mais pudéssemos ficar juntos!

Depois, Raquel voltou a pegar a bolsa e a sair. Despediu-se de Marisa, desceu na garagem, onde Célio a esperava junto ao carro. Entrou e rumaram para casa.

## A força do impulso

Moacir voltou para sua sala. Estava preocupado. Sentou-se, pensando:

Não sei o que mamãe vai anunciar esta noite, durante o jantar. Pelo seu tom de voz, pareceu ser importante. Será que ela descobriu que tenho tirado dinheiro da empresa? Se isso acontecer, não sei o que vou fazer... O telefone tocou. Ele atendeu:

— Alô.

— Sou eu, Moacir. Precisa vir para casa. Estou com um problema grave...

— O que aconteceu, Joice?

— Não posso dizer por telefone. Precisa vir para cá.

— As crianças estão na escola?

— Estão, por isso mesmo, precisa vir agora, antes que elas voltem.

— O que aconteceu, Joice?

— Já disse que não pode ser falado por telefone. Venha para casa, por favor.

— Está bem, estou indo.

Desligou o telefone.

— O que será agora? Como se já não soubesse. Deve ter gastado mais dinheiro do que podia. Não sei mais o que fazer. Menti para minha mãe que ela estava se tratando e que não fazia mais isso, mas a verdade é que nem o tratamento deu certo. Ela continua comprando o que não precisa sem se preocupar se tem dinheiro ou não. Mamãe já me deu muito dinheiro para pagar dívidas que Joice fez. Já tirei muito dinheiro, escondido, da empresa para pagar as dívidas de Joice. O que vou fazer?

Pegou o paletó, as chaves do carro e, ao sair da sala, disse para a secretária:

— Nilza, estou saindo, se alguém perguntar por mim, diga que fui visitar um cliente.

— Está bem, doutor.

Pegou o elevador que o levaria até a garagem. Meia hora depois, entrou em casa. Encontrou Joice chorando, desesperada. Correu até ela:

— O que aconteceu, Joice? Por que está chorando assim?

— Você vai me matar!

— O que foi agora? O que você comprou sem precisar? Você me disse que não faria mais isso! Faz tempo que não me pede dinheiro! O que foi Joice?

— Aí é que está o problema... Eu não lhe pedi mais dinheiro, para que não brigasse, peguei de um agiota. Achei que ia conseguir juntar para pagar sem que você soubesse, mas não consegui e, agora, ele quer receber. Não tenho como pagar. Ele está violento. Disse que, se eu não pagar de um jeito, vou pagar de outro. Disse que tenho filhos lindos. Estou com medo, Moacir...

— Meu Deus do céu, Joice! Como foi fazer isso?

— Eu não queria, mas sabe que não posso ver coisas que sinto vontade de comprar. Comprei alguns sapatos e vestidos de grife. São muito caros.

— Para quê, Joice? Não frequentamos a alta sociedade, você não tem onde usar essas coisas!

— Sei disso, mas não consegui me controlar. Eu precisava ter aqueles vestidos e sapatos. Comprei bolsas e algumas jóias. Achei que conseguiria juntar o dinheiro...

— Juntar? Como, Joice? Você não consegue ter um tostão em suas mãos sem que gaste!

— Perdão, Moacir... Prometo que esta foi a última vez... Não vou comprar mais nada...

— Quantas vezes já disse isso, Joice? Já perdi a conta! Você está doente, precisa ser tratada, precisa ser internada em uma casa de saúde para ver se consegue se livrar disso?

— Eu faço o que você quiser Moacir, mas, por favor, pague àquele homem, estou com medo.

— Vou pagar, mas vou também internar você. Qual é o valor da dívida?

Ela ficou olhando para ele e não respondeu. Ele, nervoso, perguntou, gritando:

— Qual é o valor da dívida, Joice?

Chorando, desesperada, ela respondeu:

— Cinquenta mil...

— O quê? Cinquenta mil? Está louca mesmo! De onde vou tirar todo esse dinheiro?

— Não sei Moacir. Pode pegar na empresa. É você quem lida com o dinheiro. Tira agora, depois pode devolver.

— Devolver como, Joice? O meu salário, embora seja muito bom, não sobra para que eu possa devolver! Já

peguei muito dinheiro da empresa e, se alguém perguntar, não saberei como explicar! Minha mãe que, esta noite após o jantar, tem uma comunicação importante. Se ela descobriu o que andei fazendo, nem imagino o que vai fazer.

— O que ela pode fazer Moacir?

— Pode me colocar para fora da empresa! Pode me tirar a sociedade. Não tenho como pegar esse dinheiro na empresa!

— Não sei como vai fazer, mas precisa pagar àquele homem. Ele ameaçou as nossas crianças.

— Como pôde fazer isso? Como pôde colocar a nossa vida e a dos nossos filhos em perigo?

Joice, chorando, respondeu:

— Sei que tem razão, mas não consigo resistir.

Quando vejo algo de que gosto, preciso comprar. Acho que sou doente mesmo...

— Claro que é doente Joice. Preciso pensar em uma maneira de pagar essa dívida. Só mesmo vendendo o seu carro será possível conseguir esse dinheiro.

— Vender meu carro? Como vou fazer para sair de casa?

— Não precisa sair de casa. Aliás, não vai sair nunca mais! Está proibida de sair, de entrar em uma loja, mesmo, visitar alguma amiga! Está proibida de sair sozinha, Joice! Não posso mais permitir que gaste ainda mais. Vou conversar com um amigo para ver se consigo encontrar uma clínica onde possa ficar e se tratar.

— Não posso ficar sem carro, Moacir!

Moacir, muito nervoso, gritou:

— Vai ficar Joice! Não estou vendo outra maneira de conseguir esse dinheiro!

— Vamos supor que sua mãe morresse o que aconteceria com você?

— Que pergunta é essa, Joice?

— Não precisa ficar nervoso, só estou fazendo uma pergunta.

— Essa pergunta não tem nada a ver com o que estamos discutindo.

— Claro que tem Moacir.

— Tem, como?

— Se ela morrer, como vai ficar a empresa?

— Ela não vai morrer, tem boa saúde.

— Sei que tem boa saúde, mas, supondo-se que ela morresse como ficaria a empresa?

— Ela tem cinquenta por cento. Os outros cinquenta são divididos entre mim e Marcos.

— Você passaria a receber muito mais do que recebe agora, não é?

— É, mas não estou entendendo por que está falando isso.

— Por nada... Por nada... Só pensei uma coisa...

— Que coisa, Joice?

— Nada, foi uma bobagem. Sua mãe não vai morrer tão cedo. Como você disse, ela tem uma ótima saúde.

— Tem mesmo, graças a Deus, mas não mude de assunto. Vou sair agora com seu carro e vou vendê-lo. Depois, você vai me dar o endereço desse agiota e eu vou até lá, pagar o que está devendo e dizer a ele que, se lhe der mais dinheiro, nunca mais vou pagar. Vou também falar com o meu amigo e você vai para uma clínica.

— Você está certo, mas por quanto tempo vou ficar internada?

— Pelo tempo que for preciso. Precisamos descobrir como livrar você dessa doença, Joice!

Ela se aproximou e, abraçando-se a ele, disse, chorando:

— Eu amo você e aos nossos filhos, Moacir. Não quero ficar longe...

— Também amo você, Joice. Se isso não fosse verdade, já teria me separado de você há muito tempo. Ela se afastou e, encarando-o, nervosa, disse:

— Sei que me ama, mas não é verdade que é por causa disso que não me abandona.

— O que está falando?

— Estou dizendo que não me abandona porque sua mãe jamais permitiria! Ela não quer um filho separado e seus netos sem mãe! Ela é conservadora, acredita no casamento.

— Tem razão. É conservadora e acredita no casamento, mas não pensará a mesma coisa quando descobrir o que fiz por sua causa.

— Ela precisa entender Moacir...

— Precisa Joice? Como precisa, se nós mesmos não entendemos? A empresa só foi para frente porque ela sempre tomou cuidado com o dinheiro. Lembro-me de que, muitas vezes, deixou de comprar coisas de que

precisávamos para não mexer no dinheiro da empresa. Fui criado assim, com responsabilidade, por isso, sei que ela jamais me perdoará!

— Ela é mãe, Moacir, e toda mãe sempre perdoa aos filhos, mas não fique preocupado. Juro que isso não voltará a acontecer. O medo que senti, agora, vai fazer com que, antes de comprar qualquer coisa, eu lembre e não compre.

— Queria muito acreditar no que está dizendo, mas quantas vezes fez essa promessa, Joice? Muitas, e nunca cumpriu. Confesso que não tenho mais esperança...

— Pode acreditar desta vez é para valer! Antes, nunca havia sido ameaçada, nunca senti tanto medo...

— Espero que seja verdade. Agora, vou sair com seu carro. Vou deixar o meu aqui. Assim que conseguir vender e pagar àquele homem volto. Antes de eu sair, preciso que me dê o endereço do agiota.

Ela abriu uma gaveta, pegou uma caneta, um papel e escreveu o endereço. Moacir pegou o papel, olhou, colocou no bolso do paletó e, desanimado, saiu.

Joice o acompanhou até a garagem. Enquanto ele se afastava, ela pensava:

A única solução seria a morte de Raquel. Sem ela, tudo seria mais fácil para Moacir. Marcos confia nele e não está preocupado com a empresa, aliás, nunca se preocupou. Por isso, nunca saberá que Moacir tirou o dinheiro. Assim pensando, entrou em casa.

## O jantar

Raquel foi para casa. Assim que entrou, viu que algumas mulheres andavam de um lado para outro. Elas colocavam flores desde a entrada da casa, até a sala onde seria servido o jantar. Foi para a para a cozinha, lá uma senhora estava junto ao fogão, preparando o jantar. Ao seu lado, uma moça lhe dava temperos, outra cortava legumes e outra lavava a louça.

Raquel sorriu e perguntou:

— Como está indo o preparo do jantar, Cleide?

Cleide, a cozinheira, se voltou e, sorrindo, respondeu:

— Está tudo em ordem, dona Raquel. Não precisa se preocupar, na hora certa, tudo vai estar pronto.

— Sei disso, conheço você há muito tempo, e sua comida também, mas mesmo assim, estou preocupada.

— Não precisa se preocupar, Raquel, cuidei de tudo. Agora quem se voltou foi Raquel. Olhou para trás e viu

Lia, que sorria.

— Olá, Lia. Prometi que não viria antes da hora, mas você me conhece. Não resisti, não consegui ficar na empresa.

— Eu sabia que não ia conseguir ficar longe sem saber o que estava acontecendo. Conheço você há mais de trinta anos, sei como é.

Enquanto saíam da cozinha, Lia disse:

— Ninguém me conhece como você, só mesmo o Francisco sabia como eu era e me entendia.

— É uma pena que ele não esteja aqui para ver você completar sessenta anos e também ver no que se transformou aquela pequena marcenaria.

— É verdade, Lia. Não contei a você, mas, hoje, vou me despedir da empresa. Não quero trabalhar mais.

— Não vai trabalhar mais? O que aconteceu para que tomasse essa decisão?

— Nada aconteceu, já estou com sessenta anos. Passei todo esse tempo trabalhando, nunca tirei férias, acho que está na hora de eu parar, viajar e conhecer o mundo. Sabe que esse foi sempre o meu desejo.

— Você sempre falou que queria viajar, mas nunca pensei que esse dia chegaria.

— Chegou, Lia. Agora, que tudo está correndo bem, que a empresa está sólida, acho que já posso deixar nas mãos dos meninos. Eles continuarão aquilo que eu e Francisco iniciamos.

— Acha que eles estão prontos para isso? Para essa tremenda responsabilidade?

— Caro que estão, Lia! Você deveria saber melhor do que eu. Afinal, foi você quem os criou, quem lhes deu a maior parte da educação.

— Para que pudessem ter tudo do que precisavam, você precisava trabalhar Raquel. Para mim, foi uma felicidade poder ter ajudado você. Se não fosse por você, nem sei onde estaria hoje. O mínimo que eu poderia fazer era ajudá-la a criar as crianças, que amo como se fossem meus verdadeiros filhos.

— Nunca duvidei da sua dedicação, não só para com eles, como para comigo também. Eu é que não sei como teria sido a minha vida se não tivesse tido você ao meu lado. Tem razão, eu precisava trabalhar. Agora que estão criados, preciso dizer que seu trabalho foi muito bom, Lia. Eles se tornaram homens de bem.

Lia sorriu:

— Não fui eu, Raquel. Eles já nasceram bons. O sangue que corre por suas veias é de gente boa.

Tanto você, como Francisco, são pessoas de bem.

— Francisco, com certeza era bom. Eu, embora nunca quisesse, tive de tomar uma decisão que, hoje, sei não foi certa, mas no momento em que surgiu me pareceu ser certa.

— Está falando sobre Marcos, não é?

— Sim. Acho que, por minha culpa, ele não é feliz.

— Do que você se culpa Raquel? O que fez?

— Algo terrível, mas, esta noite, vou tentar consertar.

— Estou curiosa, mas hoje não é para se pensar no que foi feito. Certo ou errado, já está feito! Hoje é dia de festa!

— Tem razão. Vou subir tomar um banho e esperar a Cinira. Ela vai chegar logo para fazer o meu cabelo e minha maquiagem. Quero está muito bonita!

— Você não precisa se arrumar. É e sempre foi muito bonita.

Raquel sorriu e se afastou.

Logo mais, Cinira chegou e, em pouco tempo, Raquel estava com os cabelos arrumados e uma maquiagem simples. Assim que deu o último retoque, Cinira, feliz pelo seu trabalho, disse: A senhora está linda, dona

Raquel!

Raquel olhou para o espelho que estava à sua frente e, sorrindo, falou:

— Estou bem, mesmo, mas devo isso a você e à dedicação com que trabalha. Você é uma ótima profissional, Cinira! Meus parabéns.

— Estou feliz que esteja contente. Agora vamos colocar o seu vestido. Seus convidados já devem estar chegando.

Raquel olhou para seu pulso e deu um grito:

— Tem razão! Nem percebi o tempo passar! Meus filhos e meus convidados já devem estar aqui, sabem como sou rigorosa com o horário. Nunca suportei atrasos e, hoje, quem está atrasada sou eu!

Cinira, enquanto ajudava Raquel a colocar o vestido, começou a rir:

— Não se preocupe com isso, dona Raquel! Seus filhos a conhece muito bem. Além do mais, hoje é o seu dia! Tem o direito de fazer que quiser!

— Sabe de uma coisa? Você tem razão! Hoje é o meu dia! Quando me virem bonita como estou, não vão se importar!

— Assim é que se fala dona Raquel! A senhora é poderosa mesmo!

— Nem tanto, Cinira... Nem tanto...

Raquel voltou a olhar-se no espelho. Sorriu e, lentamente, saiu do quarto, percorreu o imenso corredor e parou no topo da escada.

Moacir foi o primeiro a vê-la e subiu, correndo, os degraus. Logo estava junto à mãe:

— Mamãe! A senhora está linda!

— Obrigada, meu filho. A felicidade faz milagres, não é mesmo?

— Estou feliz por vê-la assim. A senhora merece toda a felicidade do mundo.

— Obrigada, Moacir, mas precisamos descer. Você me dá o seu braço?

— Claro que sim, dona Raquel. É um prazer conduzir tão bela dama...

Segurando o braço de Moacir, Raquel desceu a escada e caminhou em direção aos demais. Após cumprimentar a todos, Moacir afastou a cadeira que estava na ponta da mesa e ela se sentou.

O jantar foi servido. Conversaram e riram. Todos estavam felizes por verem estampada no rosto de Raquel a felicidade que sentia.

Após o jantar, enquanto tomavam café, Raquel disse:

— Convidei a todos para que viessem a este jantar, não só por causa do meu aniversário, mas para fazer uma comunicação importante. Tenho uma notícia boa e, infelizmente, uma confissão ruim.

— Estamos curiosos, Raquel.

— Sei disso, Martin, mas a curiosidade já vai terminar. Primeiro vou contar a notícia boa. Decidi que não vou mais trabalhar. Estou cansada. Hoje, a empresa está bem, vocês, meus filhos, com a supervisão do Martin, conseguirão tocá-la sem que eu esteja por perto.

— Por que vai fazer isso, mamãe? Está doente?

— Não, Marcos. Quero descansar, viajar, conhecer o mundo, que foi sempre o meu sonho. Já trabalhei demais, agora é hora de vocês tomarem conta de tudo.

Abismados, entreolharam-se.

— Tem certeza de que deseja fazer isso, Raquel?

— Tenho Martin. Você, como meu amigo de longa data e, agora, como gerente financeiro da empresa, é a prova viva do quanto trabalhei e, por isso, sabe que tenho o direito de aproveitar esses últimos anos que me restam.

— Nisso você tem razão. Trabalhou muito mesmo.

— A senhora vai se afastar?

— Vou, Moacir. Sei que posso fazer isso, com tranqüilidade. Vou deixar que você e o Marcos continuem com a empresa. Ela está sólida e não corre risco algum, não é, Martin?

Martin, pego de surpresa, demorou um pouco para responder.

— Está bem, Raquel. Claro que está.

— Sendo assim, posso deixar a empresa sem me preocupar. É o que mais desejo: viver sem preocupação alguma.

— Pode ficar tranqüila, mamãe. Vai ficar tudo bem.

— E você, Marcos, o que diz?

Marcos, que estava com o olhar distante, voltou-se e olhando firme para a mãe, respondeu:

— Nada tenho a dizer mamãe. A senhora, sempre que tomou uma decisão, cumpriu-a, sem se preocupar com a opinião dos outros.

Ao ouvir aquilo, Joice sorriu e pensou:

Parece que Deus ouviu as minhas orações. Com ela fora da empresa e com a pouca vontade de Marcos, tudo ficará nas mãos Moacir e, conseqüentemente, nas minhas. Embora o melhor, mesmo fosse que ela morresse.

Raquel, também constrangida, mas sem perder a classe, voltou-se para Marisa que, assim como os outros, não se sentia à vontade.

— Marisa, pedi que viesse para o jantar, porque você foi muito importante na minha vida. Sem a sua ajuda profissional, como uma secretária eficiente, não teria conseguido chegar aonde chegamos. Por isso Martin, quero que ela receba um aumento de salário. Seu filho está com oito anos, precisa frequentar uma boa escola.

— Está bem, Raquel. Você é quem manda. Também acho que ela merece.

Marisa, tomada de surpresa, olhou para o marido, que sorria satisfeito.

— Agora é com você, Lia.

Lia, ao ouvir Raquel falando, voltou seu olhar para ela.

— Comigo o quê, Raquel?

— Amanhã, bem cedo, vamos até algumas lojas. Precisamos comprar roupas para a nossa viagem.

— Nossa viagem?

— Claro que nossa! Achou que eu iria conhecer o mundo, sozinha? Sem você?

— Não posso viajar Raquel...

— Não pode, por quê?

— Não posso deixar a casa. Preciso ficar aqui para cuidar de tudo...

— Ora, Lia não se preocupe com isso. Sem a nossa presença, somente Marcos vai ficar aqui. Aliás, depois do que eu confessar esta noite não sei se ele ainda vai continuar morando em casa.

Todos, curiosos, olharam para ela, que continuou:

— Vou deixar esse assunto para depois, agora quero cuidar da nossa viagem, Lia. Cleide poderá tomar conta de tudo. Ela está conosco há muito tempo, é de total confiança. Não tem desculpa, a não ser que não queira me fazer companhia, não queira viajar, conhecer o mundo...

— Claro que quero viajar, conhecer o mundo, mas você, com tudo o que está fazendo esta noite, está me deixando um pouco tonta. Somos velhas, Raquel, como poderemos viajar sozinhas?

— Somo velhas, mas não estamos mortas. Claro que não vamos escalar montanhas ou praticar esportes radicais. Vamos para lugares calmos e acolhedores. A cada lugar a que chegarmos, contrataremos um guia para nos acompanhar. Vai ser maravilhoso, Lia!

— Está bem, você tem razão. Vamos nos divertir muito.

— Que bom que concordou comigo, Lia! Merecemos isso! Todos vocês sabem como merecemos.

Todos riram. Somente Marcos estava com os olhos fixos nela. Raquel percebeu, mas ficou calada. Olhou para Martin e disse:

— Martin, preciso conversar com você. Quero que me deixe a par da situação financeira da empresa. Preciso saber, com certeza, se posso me afastar sem problema algum. Vocês podem ir até o jardim. Assim que terminar minha conversa com Martin, irei até vocês para nos despedirmos. Tenho, ainda, uma surpresa para todos.

Olharam-se e lentamente se levantaram. Embora surpresos com aquele pedido, não estranharam, era essa a maneira de Raquel e todos a conheciam muito bem.

Assim que saíram da sala, aproveitaram para ir ao banheiro, andaram pela casa, viram tudo.

Raquel olhou para Martin e perguntou:

— Está tudo bem com a empresa, Martin?

Não posso lhe dizer o que está acontecendo. Ela está tão feliz e merece esse descanso.

Olhou firme para ela e respondeu:

— Está, Raquel. Não tem com o que se preocupar. Pode viajar sossegada. Vai ficar tudo bem.

— Ainda bem que me disse isso. Se não fosse assim, eu não viajaria tranquila. Acredita que os meninos poderão continuar com a empresa sem problema algum?

— Eles estão crescidos, Raquel, não são mais crianças. Você lhes ensinou tudo.

— Que bom que está me dizendo isso. Vou, realmente, ser muito feliz, pois estou realizando os meus sonhos.

— Você merece Raquel. Vá em paz e aproveite todos os minutos.

— Vou fazer isso, Martin. Chegou a hora de me acalmar e aproveitar a vida. Agora, vamos nos despedir dos

outros, antes, porém, preciso fazer uma confissão. Vai ser dolorosa, mas é necessária.

— Que confissão, Raquel?

— Sei que está curioso, mas precisa ser feita na presença de todos.

— Está bem, vou esperar.

Levantaram-se e voltaram para a sala que estava vazia. Sentaram-se.

Em seguida, os outros começaram a retornar e a se sentar também. Após todos se sentarem, com os olhos, Raquel fez um sinal para Martin, que retirou do bolso alguns envelopes e os entregou a cada um. Raquel, sorrindo, feliz, disse:

— Em cada envelope, há uma quantia em dinheiro. É para que todos usem como quiser. Eu poderia dar um presente, mas acho que não agradaria a todos. Por isso, comprem o presente que desejarem como se fosse meu.

Surpresos, mas felizes, cada um pegou seu envelope e guardou. Em seguida, Raquel disse:

— Sei que todos gostam de mim e me respeitam. Porém, por uma atitude que tomei, não mereço esse respeito. Sei que, como pessoa, sempre trabalhei me superei e, com a ajuda de todos vocês, cheguei até aqui, porém, como mãe, falhei e cometi um erro grave. Todos olharam, com surpresa e curiosidade. Raquel, firme e sob as luzes que Olímpia e Samuel jogavam sobre ela, continuou:

— O que tenho que confessar é muito grave e tem a ver com você, Marcos. Quando fiz o que fiz, achei que era para o seu bem, mas, hoje, vendo como você ficou e está, cheguei à conclusão de que foi um erro muito grande e que só o prejudiquei. Com a minha atitude, provoquei uma infelicidade enorme e sem volta para você, meu filho. Preciso contar o que fiz e pedir o seu perdão.

Todos, atônitos, olhavam para ela, muito mais Marcos que perguntou:

— O que a senhora fez, mãe?

Raquel, olhando nos olhos do filho, disse:

— Sei que, depois de contar o que fiz talvez nunca me perdoe Marcos. Só quero que saiba que, embora o que fiz tenha sido errado, ao fazer achei que era o certo...

Marcos, nervoso, gritou:

— Fale logo, mãe!

Raquel contou o que havia feito e terminou, dizendo:

— Sei que errei, mas ainda é tempo de corrigir esse erro. Agora, vou, realmente, ajudar você a encontrar Marília! Prometo que não vou descansar enquanto isso não acontecer... Perdão, meu filho...

— Perdoar? Como posso perdoar? A senhora acabou com a minha vida! A senhora afastou a única mulher que amei e com a qual eu queria me casar! Nunca vou perdoar à senhora! Nunca! Não preciso que me ajude mais! Eu vou procurar Marília, vou encontrá-la, vou ser feliz! Como Yara se prestou a fazer isso? Sempre pensei que fosse minha amiga!

— Ela não teve culpa, foi eu quem a envolvi! Para você ela é apenas uma amiga, mas ela ama você, Marcos, e faria qualquer coisa para ficar com você!

— Assim como para a senhora, não existe desculpa para ela, mãe! Eu nunca dei esperança alguma para ela, nem mesmo antes de conhecer Marília! Eu odeio vocês duas! A minha vontade era que estivessem mortas, mãe!

— Não fale assim, Marcos! Ela é sua mãe!

— Que mãe, dona Lia? Que mãe faria o que ela fez? Aliás, ela nunca foi minha mãe! Ela sempre só se preocupou em ganhar dinheiro, sempre mais! Minha mãe sempre foi à senhora, a quem amo como tal! A senhora, sim, foi uma verdadeira mãe! Tenho certeza de que jamais faria algo que me fizesse sofrer nem ao Moacir!

Lia, emocionada, abraçou Marcos, que também a abraçou. Depois de se soltar do abraço, batendo a porta, saiu da casa sem destino.

Raquel olhou para todos e, levantando-se, disse:

— Agora, vou me deitar, não tenho mais idade para tanta emoção. Só quero agradecer a vocês a presença, pois sei que todos os que estão aqui, além dos meus filhos, são amigos verdadeiros. Fiz questão de contar, na presença de todos vocês, o que fiz. Sei que cada um tirará suas próprias conclusões. Não sou perfeita! Sou apenas um ser Imano e, como tal, passível de acertos e erros. Espero que tenha reconhecido, a tempo, o meu erro e que me perdoem. Todos, embora constrangidos, sorriram, beijaram Raquel e, acompanhados por Lia, saíram.

Quando estava só, Raquel respirou fundo e voltou a se sentar.

Lia, após se despedir de todos, voltou para a sala:

— Foram embora, Raquel. Agora já pode descansar.

— Tem razão, Lia. O dia foi muito intenso. Estou realmente muito cansada. Sei o que está sentindo, depois do que contei, mas, hoje, por favor, não me recrimine.

— Não vou recriminá-la, Raquel, mas estou com muita raiva de você pelo sofrimento que causou a Marcos! Você não devia ter feito aquilo! Ele é um bom menino, não merecia! Embora eu sempre tenha sido sua amiga e continuarei sendo, neste momento, o meu desejo é que estivesse morta!

— Você tem razão, Lia. Eu não devia ter feito aquilo e, assim como você, neste momento, desejaria estar morta...

— Embora eu esteja com muita raiva, sei que, no final, tudo vai se arranjar. Agora, vamos nos deitar. Estou exausta.

Lia acompanhou-a até a porta do quarto que ficava junto ao seu.

— Boa-noite, Raquel...

— Boa-noite, Lia. Tomara que eu consiga dormir...

Lia sorriu e entrou em seu quarto.

Raquel também entrou. Lentamente, trocou as roupas que estava usando, soltou os cabelos e, com uma escova, sentada em frente a um espelho, escovou-os com calma e devagar. Depois, vestiu sua camisola e se deitou.

Após se deitar, olhou para uma fotografia que estava em seu criado-mudo. Era a mesma que tinha no escritório, com Francisco, Moacir e Mauro. Sorriu. Francisco, em lágrimas, sorriu também.

Quando estava quase dormindo, lembrou-se de que não havia tomado aquele comprimido que o médico havia lhe receitado, há muito tempo, para que fosse tomado, todas as noites, antes de dormir. Ele lhe disse que era para que tivesse uma boa noite de sono.

Abriu a gaveta do criado-mudo, onde estavam seus remédios.

Pegou um comprimido, um pouco de água que havia em uma jarra, que a empregada sempre deixava para que ela bebesse caso sentisse sede durante a noite. Após tomar o comprimido, olhou novamente para a fotografia, sorriu e adormeceu em seguida.

Após estar algum tempo adormecida, Raquel foi acordada, gentilmente, por uma voz sua conhecida. Abriu os olhos e, feliz, com um pulo, sentou-se na cama e abraçou-se a Francisco que, com os braços abertos, aconchegou-a.

Raquel estava tão feliz por vê-lo ali, que nem se deu conta de que ele estava morto. Após um longo abraço apertado e um beijo demorado, ela lembrou-se de que ele estava morto. Afastou-se, olhando em seus olhos, disse:

— Que bom poder ver, abraçar e beijar você, Francisco. Embora saiba que isso não é possível...

Que devo estar sonhando...

— Será que está sonhando, Raquel?

— Claro que sim! Estou em seus braços, posso senti-lo! É como se estivesse vivo, mas sei que morreu! Eu acompanhei o seu enterro. Porém, se estou sonhando ou não, isso não tem importância, o que me deixa muito feliz é estar ao seu lado, seja da maneira como for. Hoje, especialmente, estou feliz e pensei muito em você. Esta noite, consegui contar a Marcos o que fiz e, agora, vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para encontrar Marília e eles, finalmente, serão felizes.

— Estou muito feliz por ter tomado essa atitude, Raquel. Agora, não há motivo para que não possamos continuar juntos.

— Não estou entendendo o que está dizendo. Acho que, por ter pensado tanto em você, durante o dia todo, é que estou sonhando, agora. Você está muito bonito. Está jovem, igual ao dia em que morreu. Eu, ao contrário, estou velha. Isso não é justo, Francisco... Francisco começou a rir:

— Envelhecer é o preço que o espírito paga para poder viver na Terra. Por outro lado, quanto mais tempo viver, mais poderá aprender resgatar e se aperfeiçoar para a eternidade.

— Não entendo muito bem o que está dizendo, mas, mesmo assim, me vendo tão velha diante de você tão jovem, fico constrangida...

— Não precisa se constranger. Olhe para mim. Posso ficar com a aparência como a sua ou você como a minha. Escolha a que quiser.

Raquel, ao ver o rosto e o corpo dele se transformando, estremeceu. Arregalou os olhos.

Em pouco tempo, estava, diante de si, o mesmo Francisco que conhecera, só que mais velho, com a aparência de um homem de sessenta anos.

Olhou para ele e começou a rir.

— Você está velho, Francisco, mas ainda continuo achando que não é justo!

— O que não é justo, Raquel?

— Apesar de mais velho, você ainda continua bonito! Diferente de mim, que estou feia...

— Você não está feia, Raquel. Está uma velhinha muito bonita! Pela idade que tem, está muito bem...

— Você está muito mais bonito do que eu...

Agora, ele gargalhou:

— O que queria? Sempre fui bonito. Quantas vezes me disse que eu era muito bonito?

— Tem razão. Sempre o achei bonito, mas parece que, agora, está ainda mais.

— São os seus olhos e seu amor por mim. Você também está bonita. Olhe suas mãos.

Raquel olhou para suas mãos e, estupefata, viu que elas mudavam de aparência. Deixavam de ser curvadas, enrugadas. Instintivamente, passou-as pelo rosto e percebeu que o mesmo acontecia com eles.

Embora não tivesse, diante de si, um espelho, pôde sentir, com as mãos, que ele estava liso e macio.

— O que está acontecendo comigo, Francisco?

— Está exatamente igual ao que era quando morri.

Está jovem e bonita. Não é isso que quer?

Ela lembrou-se de que havia um espelho em um armário que ficava em frente à sua cama.

Rapidamente levantou-se e se colocou em frente ao espelho, onde podia se ver por inteiro. Olhou de frente, de um lado, do outro, por trás e pela frente. Sorriu:

— Que sonho maravilhoso é este que estou tendo, Francisco? Confesso que não queria acordar mais.

— Vejo que está feliz. Gostaria que aquele tempo voltasse? Gostaria de ser jovem outra vez?

— Quem não gostaria?

— Era feliz naquele tempo?

Ela pensou um pouco e respondeu:

— Não sei... Naquele tempo, eu tinha um pensamento diferente sobre a vida e as coisas... Era insegura e, algumas vezes, tinha medo de não conseguir atingir meus objetivos. Quando você morreu, fiquei com medo de não conseguir continuar sozinha e de criar nossos filhos...

— Essa é a vantagem de se envelhecer na Terra. Nela conseguimos aprender a nos conhecer melhor. Veremos que temos muito mais força do que imaginamos e que, sempre que for necessário, saberemos encontrar essa força. Isso só se consegue com a experiência da própria vida. Muita coisa que, naquele tempo, foi muito importante para você, hoje não tem a menor importância...

— Tem razão...

— Por outro lado, essa vontade, essa importância das coisas é necessária aos jovens. Eles precisam sonhar desejar coisas e trabalhar para conquistá-las. Só assim a humanidade evolui e o espírito aprende e se prepara para a eternidade. Tudo está dentro dos planos de Deus para os filhos que tanto ama. Tudo está sempre certo, Raquel. Tudo o que acontece foi planejado. Cada um está em um estágio de aprendizado. Por isso, existem tantas religiões, para que cada um possa estar onde deseja, onde se sinta bem e feliz. De uma maneira ou de outra, o espírito está aprendendo, evoluindo, sempre para o melhor.

— Quanta coisa você disse, Francisco. Estou estranhando, pois não me lembro de tê-lo ouvido falar sobre religião, muito menos sobre Deus...

— Tem razão, Raquel, mas, desde que morri, aprendi muito. Foi difícil para mim aceitar ter deixado você e as crianças. Eu me sentia na flor da idade e tinha muito ainda para fazer. Só não sabia que o melhor a fazer era deixar você sozinha para que se encontrasse e se tornasse a mulher que se tornou. Ao meu lado, não teria conseguido ser quem é. Estaria sempre na minha dependência, sujeita à minha opinião. Quando entendi isso, parei de sofrer e somente acompanhei a sua jornada. Muitas vezes me preocupei com algumas escolhas que você fez, mas fui alertado de que tudo está sempre certo e que as escolhas certas ou erradas, fazem parte do aprendizado, do aperfeiçoamento do espírito, portanto, não devia me preocupar. Vi nossos filhos crescerem, se tornarem homens de bem e isso, muito, devem a você e à educação que lhe deu.

— Talvez eu tenha algum mérito, mas acho que não foi tanto. Como diz a Lia, eles têm bom sangue, já nasceram pessoas de bem. Lia é a responsável pela educação deles, eu não tive muito tempo, precisava ganhar o nosso sustento, precisava trabalhar. Não sei como teria sido a minha vida, se não tivesse tido Lia ao meu lado.

— Realmente, ela foi de grande ajuda, mas, também, tudo estava acertado para que isso acontecesse.

— Isso tudo está muito estranho, Francisco...

— O que é estranho, Raquel?

— Este sonho...

— Por quê?

— Ele me parece tão real. Não é como costuma ser um sonho. Não é confuso... Estou segurando suas mãos.

Parece que você está vivo ao meu lado...

— O espírito nunca morre Raquel. Sempre estive ao seu lado e muito vivo.

— Por que, quando acordamos, não nos lembramos tão bem do que sonhamos?

— Por causa do corpo humano e suas limitações. Mas isso não tem importância. Agora você vai tornar a dormir. Quando acordar, estará sentindo-se muito bem. Vou permanecer aqui ao seu lado.

— Está bem... Mas precisava fazer mais uma pergunta...

— O que é Raquel?

— Por que, desde que Mauro morreu, só sonhei com ele uma vez. Assim como estou vendo você, gostaria muito de poder vê-lo.

— Ele está bem. Assim como eu, estive sempre ao seu lado e dos irmãos. No momento, ele não pode estar aqui, mas, qualquer dia destes, poderá vê-lo. Agora, precisa dormir.

— Tem razão, estou mesmo muito cansada... Preciso dormir, mesmo...

Carinhosamente, ele fez com que ela se deitasse novamente. Cobriu-a com um lençol, beijou seu rosto. Ela sorriu e perguntou:

— Quando eu acordar vou estar jovem, como agora? Ele começou a rir:

— Quer acordar jovem?

— Não sei, mas que seria estranho, seria, não é?

— Lógico que seria. Estaria com a aparência dos seus filhos, mas, se quiser, pode acontecer.

— Estou brincando. Claro que não quero. Cada ruga do meu rosto tem uma história e, afinal, você disse que envelhecer é o preço que se paga por se viver. Estou feliz com a minha vida e com tudo o que consegui.

— Já que é assim que deseja, assim será. Agora, feche os olhos e durma. Quando acordar, estará muito bem.

Ela olhou para ele mais uma vez e adormeceu.

## A visita

Enquanto isso, Moacir e Joice voltavam para casa.

Ele, parecendo preocupado, procurava dirigir o carro com cuidado.

Joice, ao seu lado, embora calada, também estava preocupada:

— O que você acha da decisão que sua mãe tomou Moacir?

— Acho que, em outras circunstâncias, seria muito bom para ela, mas, diante de tudo o que está acontecendo, acho que não é hora para ela se afastar da empresa.

— Por que está dizendo isso, Moacir?

— Ora, Joice, não se faça de boba. Por que acha que ela quis falar sozinha com Martin? Ela deve ter perguntado a ele da situação financeira da empresa.

Se ele não lhe disse hoje, terá de dizer. Ele sabe que peguei muito dinheiro da empresa. Eu lhe disse que devolveria o mais rápido possível, nem que fosse preciso vender nossos carros e a casa, mas, mesmo assim, o dinheiro não seria suficiente para repor tudo o que tirei. Diante de mais uma loucura sua, tendo de vender o seu carro, hoje, restou menos dinheiro. Quando minha mãe perguntar, não sei o que responder. Se tudo continuasse como está, ela não se preocuparia em saber e eu teria mais algum tempo. Agora não sei o que vai acontecer. Embora saiba que ela mereça esse tempo de descanso, pois já trabalhou muito, essa não é uma boa hora. Estou desesperado, não só pelo dinheiro, mas por decepcioná-la, pois sempre pediu que eu não envolvesse a empresa nos nossos problemas, mas isso não foi possível. Não sei o que fazer...

Ela começou a chorar:

— Eu sou a culpada por toda a sua aflição, não é? É isso que está pensando?

— Claro que você é a culpada, Joice. Se não fosse por essa mania de querer comprar tudo o que vê e de que não precisa, o meu salário seria o suficiente para termos uma boa vida. Mas, da maneira como age, não tem solução.

— Para tudo sempre existe uma solução. Vai precisar conversar com sua mãe. Ela vai entender. Sempre entende... Afinal... É sua mãe... Ama você...

— É minha mãe. Sei que me ama e que vai me ouvir, mas isso não quer dizer que vai me perdoar Joice! Ela já havia me avisado e sempre foi muito rígida em relação à empresa. Se não fosse assim, não teria chegado aonde chegou! Preciso encontrar uma maneira de conseguir esse dinheiro, antes que ela pressione o Martin. Vou conversar com ele e ver por quanto tempo ele pode adiar essa conversa. Precisa ser o tempo suficiente para eu conseguir o dinheiro.

— Acha que ele vai conseguir Moacir?

— Como vou saber Joice! Preciso conversar com ele!

— Está bem, procure se acalmar, pois, se continuar assim, não vai encontrar solução alguma.

— Não consigo me acalmar. Hoje, mesmo, ela perguntou como você estava e eu menti, dizendo que estava bem. O que vou fazer Joice?

Ela não respondeu. Ficou pensando por um tempo, depois disse:

— Se ela morresse tudo ficaria bem, não é?

— Que conversa é essa Joice? Ela não vai morrer. É forte e está com ótima saúde!

— Eu sei disso, mas somente a morte dela poderia nos deixar tranquilos. Você sabe como conversar com Martin e o Marcos não se preocupa com a empresa.

Ele tem muita raiva tanto dela como de sua mãe. Ele não vai querer saber como a empresa anda se receber seu salário todos os meses.

— Você é doente mesmo, Joice! Minha mãe não vai morrer e, mesmo que isso acontecesse, eu nunca roubaria o meu irmão!

— Sei disso, desculpe, foi só um pensamento que tive, mas que podia acontecer podia, não é mesmo?

Ele freou o carro bruscamente e gritou:

— Pare com essa conversa, Joice! Você, em momento algum, se julga culpada por nossa situação? Tudo isto está acontecendo por sua causa, Joice! Se eu tivesse ouvido minha mãe, já teria abandonado você há muito tempo!

— Eu sempre soube que ela não queria o nosso casamento! Ela nunca gostou de mim!

— O que está dizendo, Joice? Ela nunca se opôs ao nosso casamento. Só começou a se preocupar quando percebeu o que você fazia.

— Você sabe que não tenho culpa de ser assim... Sou doente...

— Eu não queria acreditar nisso, mas agora, depois que tudo se acalmar, já disse a você que irá para uma clínica e ficará lá o tempo que for preciso. Tenho de ter paz para arrumar tudo o que foi estragado. Com você ao meu lado, isso não será possível, pois nunca saberei o que está fazendo!

Ela, sem responder, começou a chorar:

— Não venha com esse choro, agora, Joice! Estou nervoso demais para isso. Vamos embora, tentar dormir e, amanhã, veremos o fazer.

Ela continuou calada, mas pensou:

Bem que ela podia morrer, só atrapalha a minha vida... Moacir voltou a colocar o carro em funcionamento e saiu dirigindo devagar. Estava nervoso, permaneceu calado, somente pensando:

Estou nervoso, não consigo me conformar com o que fiz. Como pude mudar tanto? Como pude me deixar envolver por Joice desta maneira? O que vou fazer? Como vou sair dessa? Estou mais nervoso ainda por saber que, já tive várias vezes, esses mesmos pensamentos que Joice está tendo. Quantas vezes eu pensei que a única solução para os meus problemas seria a morte da minha mãe? Meu Deus! Como cheguei a esse ponto? Como sair dessa situação em que me coloquei?

Em silêncio, entraram em casa. A babá estava na sala de estar, assim que entraram, ela disse:

— Está tudo bem. As crianças estão dormindo já há algum tempo.

— Obrigada, Odila, agora já pode se deitar.

— Está bem, senhora. Boa-noite.

A babá se retirou. Joice, tirando a estola que vestia, disse:

— Sei que o dia foi muito intenso, muito mais à noite, por isso, vou me deitar e tentar dormir. Também, vou pensar e tentar encontrar uma solução para ajudar você.

— Boa-noite, Joice, e apenas durma, não tente me ajudar, você sabe qual é a solução. Precisa deixar de ser da maneira como é. Precisa ser uma pessoa normal, que só gasta o que tem. Se conseguir fazer isso, estará me ajudando muito.

— Sei disso.

Ela se aproximou e, abraçando-o, disse:

— Sei que sou a culpada de tudo, não precisa dizer mais. Desculpe por tudo o que estou fazendo você passar e também por ter todos aqueles pensamentos em relação a sua mãe. Ela, apesar de alguns defeitos, como todos, é uma boa pessoa e sempre viveu para os filhos. Ela vai ter uma vida longa, Moacir, e vai aproveitar viajando pelo mundo.

Ele olhou-a e apenas disse:

— Boa-noite, Joice. Pode ir dormir, vou ficar um pouco aqui, pensando.

— Pode ficar, mas não adianta, esta noite, nada poderá fazer. Apenas tentar dormir.

— Sei disso, mas, mesmo assim, vou ficar um pouco mais aqui.

Ela se afastou, sorriu e saiu andando, tirando o colar caro que havia comprado com o dinheiro que pedira ao agiota.

Moacir foi até o bar, preparou um drinque e se sentou em um dos sofás da sala. De onde estava, podia ver a lua no céu. Ela, embora não estivesse na sua fase de cheia, estava brilhante. Ao seu lado, algumas estrelas também brilhavam. Não sabia, mas seu pai sentou-se ao seu lado.

— Como pode fazer o que fez meu filho? Esqueceu-se de tudo o que pude lhe ensinar. Embora tenha ficado ao seu lado por pouco tempo, fiz o que pude e o que sabia para que se tornasse um homem de bem. Agora, depois do que fez, não sei qual será o seu futuro, embora saiba que tudo, acertos ou erros, faz parte do aprendizado. Temo pelo preço que terá de pagar por sua atitude de hoje.

Moacir, sem saber por que, começou a pensar no pai, do qual se lembrava muito pouco, pois era muito pequeno quando ele morreu, mas, como sua mãe sempre lhes falava sobre ele, o quanto fora bom e o quanto ele os amara, ele sempre teve pelo pai um sentimento de carinho muito grande. Sempre que estava com algum problema, em pensamento, conversava com o pai. Naquele momento, mais do que nunca, precisava falar com alguém e ninguém melhor que seu pai para ouvi-lo. Sentia como se ele estivesse ali ao seu lado e o escutasse realmente. Pensou:

Pai, como eu gostaria que estivesse vivo. Sinto que, se isso tivesse acontecido, eu não estaria na situação em que estou...

Embora não esteja vivo na carne, meu filho, sempre que pude, estive ao seu lado, da sua mãe e do seu irmão. Nunca pude interferir nas escolhas que fizeram, pois cada um tem seu livre-arbítrio, mas sempre torci para que conseguissem resgatar escolhas erradas do passado.

Pai, se estiver me ouvindo, sabe a loucura que fiz hoje. Não sei como vou reparar. As coisas se precipitaram e eu fiquei sem saber o que fazer e fiz uma coisa que não tem perdão. O meu amor por Joice e o medo de que meu casamento se acabe e de que meus filhos sofram por isso fizeram com que eu tomasse aquela louca decisão. O que vou fazer agora? Mamãe sempre foi uma mulher maravilhosa. Dedicou sua vida a mim e ao Marcos, como pude fazer isso com ela? Ela não merecia. Sempre confiou em mim... Não tem perdão, mesmo...

Sei o que fez e sinto muito. Tentei evitar, estive o tempo todo ao seu lado, enviando-lhe intuições no sentido de que não o fizesse, mas tudo foi em vão. Agora, precisará responder pelo que fez. Sei que não será fácil e que sua vida mudará, mas terá de ser feito. Sei que foi errado, mas, diante do que estava acontecendo, não havia outro caminho a tomar...

Tudo o que você tinha de fazer, fez. Agora só resta esperar e tentar consertar. Tudo será como tem de ser. Os erros nos ensinam e aprendizado é aquilo de que precisamos. Agora, vá se deitar e tente dormir. O amanhã sempre acontece e, com ele, novas oportunidades surgem. Eu abençoo você, meu filho, e, apesar de tudo que fez, sei que Deus também. Ele está sempre de braços abertos esperando por Seus filhos...

Embora desesperado com o que tinha feito, Moacir, após beber o último gole do drinque que estava tomando, colocou o copo sobre a mesinha de centro, levantou-se e, respirando fundo, foi para seu quarto.

Quando entrou, viu que Joice estava com os olhos fechados e parecia dormir.

Apesar de tudo, olhou para ela e pensou:

Até onde eu cheguei por você, Joice? Até onde ainda preciso ir? Ainda arrasado, trocou de roupa, deitou-se e tentou dormir. Quando se deitou, Joice o abraçou e ficaram, assim, juntos.

## A culpa

Nesse mesmo instante, Martin também entrava na garagem de sua casa. Durante todo o tempo, desde que saíram da casa de Raquel, ficou calado. Parou o carro e, antes de sair, disse, preocupado:

— Estou preocupado, Lídia.

— Preocupado com o quê?

— Com a atitude que Raquel tomou.

— Pois eu achei que será bom para ela. Já trabalhou tanto, tem o direito de descansar.

— Também penso assim, mas foi uma surpresa. Se ela tivesse me dito antes, eu não estaria no desespero que estou hoje.

— Qual é o problema? O que foi uma surpresa? Não está tudo certo com a empresa?

— Não, Lídia, não está. Muito dinheiro desapareceu e não sei como repor.

— Você tirou dinheiro da empresa?

— Tirei, mas pretendia devolver.

— Como fez isso, Martin?

— Sou o gerente financeiro da empresa. Foi fácil.

— Por que fez isso?

— Queria dar a você e às crianças uma vida melhor. Queria que um de vocês tivesse seu próprio carro e pudesse morar em uma bonita casa como a nossa. Queria que as crianças pudessem estudar uma boa faculdade.

— Eles estão estudando em uma boa faculdade, e cada um tem seu carro, mas sempre pensei que o seu salário fosse suficiente para pagar tudo isso.

— Mas não era, Lídia. Eu via tanto dinheiro entrando naquela empresa e o meu salário era tão pequeno.

— O seu salário é muito bom, Martin. Raquel paga há você muito mais do que você receberia em qualquer outra empresa.

— Sei disso, mas, mesmo assim, não era o suficiente para eu ter tudo o que queria.

— O que você fez e há quanto tempo?

— Tudo começou quando Raquel conseguiu o contrato para enviar móveis ao exterior. Os dólares começaram a entrar como nunca. Nós morávamos na casa da minha mãe. As crianças precisavam ir para uma boa escola e eu sabia que não teria condições de pagar, que elas teriam de ir para uma escola pública. Vendo que os filhos de Raquel sempre estudaram em boas escolas e sabendo que, mesmo assim, havia muito dinheiro, peguei o suficiente para matricular nossos filhos na mesma escola. Eles mereciam Lídia! Eu ajudei Raquel desde o início, se ela conseguiu tudo o

que tem foi graças ao meu trabalho, ao meu conhecimento.

— Lembro-me de que, na época, você disse que quem pagava a escola era a empresa.

— Não menti. Realmente, o dinheiro da escola, materiais e uniformes, saíam da empresa, mas Raquel não sabia.

— Por que não conversou com ela? Acredito que ela não se negaria a pagar a escola.

— Já pensei muito a esse respeito, mas, na época, eu nem imaginei me humilhar para Raquel. Sabe como ela sempre foi altiva, eu achava que ela não entenderia.

— Ninguém desconfiou?

— Não. O que fez com que eu quisesse sempre mais. Comprei a casa e um carro para cada um de vocês. Nas férias, viajamos pela Europa. Tivemos uma vida boa, Lídia.

— Tivemos, sim, mas a que preço?

— Ao preço do meu trabalho! Durante todo esse tempo, trabalhei muito!

— Sei que trabalhou Martin, mas o preço que terá de pagar não será somente o que está sentindo hoje.

— O que está dizendo?

— Estou desconhecendo você, Martin. Como pôde ter feito essa escolha? Logo você que nasceu e foi criado em um lar espírita? Teve uma mãe dedicada e que sempre ensinou a você a Doutrina, as leis da espiritualidade. Você conhece a Lei de ação e reação. Nunca poderia ter roubado.

— Eu não roubei! Apenas tirei aquilo a que tinha direito!

— Que direito, Martin? O direito de perder esta encarnação? O direito de ser cobrado? Sim, pois sabe que será cobrado, não só pelos que vivem ao seu lado, mas, muito mais, pelo plano espiritual.

— O plano espiritual nada tem a ver com isto.

— Como não? Você nasceu em um lar espírita para que aprendesse logo cedo as leis da espiritualidade. Sempre foi ajudado. Raquel e Francisco foram enviados até você em um momento de que precisava muito, no início de carreira, o que proporcionou a você ter uma vida tranqüila em relação a dinheiro. Portanto, poderia, assim, dedicar um pouco de seu tempo para trabalhar para a espiritualidade, mas não, não fez isso.

— Falar em espiritualidade, quando se tem tudo é fácil, mas não vivemos no espaço, vivemos aqui, na Terra, onde precisamos de coisas que só o dinheiro pode comprar. Espírito algum assina um cheque de um milhão para você, para mim ou para ninguém!

— Não acredito que esteja falando isso, Martin! De quanto você precisa para ser feliz? Quantas casas, carros, e outra coisa qualquer você precisa? O salário que você sempre recebeu sempre foi suficiente! Não morávamos em uma mansão como esta em que moramos agora, mas tínhamos uma boa casa, um bom carro, dinheiro para fazermos ao menos uma viagem grande ao ano! Quando eu ia ao supermercado, não me preocupava, pois poderia comprar tudo do que precisávamos. Vivíamos melhor

do que muitas pessoas. Não precisávamos de mais, Martin...

— Claro que precisávamos. As crianças cresceram, precisavam de um carro, precisavam de uma casa melhor para receber seus amigos.

— Receber amigos? Ora, Martin, para o verdadeiro amigo, não importa o quanto você tem no banco ou em que condições vive! O verdadeiro amigo é aquele que está e sempre estará ao seu lado, nos bons e maus momentos. Aquele que vier a nossa casa para ver de que maneira vivemos, ou porque moramos em uma mansão, não é um verdadeiro amigo, portanto, não é bem-vindo. Você errou Martin, e muito será cobrado. Sabe que a cobrança sobre você será maior do que daqueles que nada sabem sobre o plano espiritual! Estou falando daquele que teve a oportunidade de aprender e você teve.

— Nos últimos dias, tenho pensado muito a esse respeito, mas agora é tarde. Já fiz e sei que terei de responder não só à justiça humana, como pior, à justiça espiritual, e sei que dessa nunca poderei escapar.

— Espero que o plano espiritual entenda seus motivos e tenha piedade para com você...

— Também espero Lídia. Sei que errei. Sei que fui levado pela ganância, pelo desejo de poder. Pelos erros normais de um ser humano que não vive flutuando no infinito, mas aqui na Terra com um corpo para sustentar!

— Tem razão. O espírito, quando encarnado, esquece-se de suas promessas e da missão que trouxe e, na maioria das vezes, deixa-se levar por aquilo que julga ser felicidade e necessidade. Por mais que tenha, por mais que consiga, sempre quer mais e isso o leva ao caminho que você trilhou Martin, ao erro, ao engano e a dívidas que terão de ser pagas. Enfim, esse é o preço que temos de pagar pelo uso de nosso livre-arbítrio.

Martin, com lágrimas nos olhos, ouvia o que a mulher dizia.

— Sei que tem razão, mas agora já foi feito. Não tem volta. Tem razão, me esqueci de tudo o que aprendi ou, na realidade, não aprendi, apenas li, estudei, falei para que as pessoas fizessem, quando eu, na primeira oportunidade, joguei tudo para o ar e comecei a me comprometer e, como foi fácil, continuei pegando sempre mais.

— Não entendo como não foi descoberto, Martin...

— Raquel sempre confiou em mim. Moacir também tem tirado muito dinheiro, por isso, nunca quis saber o que acontecia. Nunca checkou direito as contas. Eu dava os papéis para ele assinar, assinava e pronto, estava tudo certo. Com medo de que descobrisse ou cobrasse algo, sempre ficou calado. Acho até que ele sabe o que fiz, mas não vale à pena perguntar.

— E Marcos?

— Esse, sim, foi quem nunca se importou, mesmo.

Não gosta da empresa. Está lá só porque acha que tem direito de receber o salário que recebe, mas não tem preocupação alguma. Hoje, depois do que Raquel contou, vai gostar e se interessar menos ainda.

— Agora entendo por que está tão preocupado. O que vai fazer?

— Já fiz Lídia... Já fiz...

— Pelo amor de Deus, o que você fez Martin?

— Não quero conversar sobre isso. Amanhã, você e todos saberão.

— Meu Deus! O que você fez Martin?

— Fiz o que foi preciso. Minha vida está acabada. Não tive outra solução...

— Que loucura você fez?

— Já está feito, não tem volta.

— O que você fez Martin? - ela gritou.

— Amanhã, você e todos saberão. Sei que será a minha ruína, mas não havia outra solução. Agora, vamos

entrar e tentar dormir. Amanhã, bem cedo, tudo será esclarecido e veremos como vai ficar.

— O que você fez Martin? - ela, desesperada, voltou a perguntar.

— Amanhã você saberá Lúdia. E espero que me perdoe. Esqueça-se de tudo o que contei a você.

— Como quer que eu me esqueça das loucuras que fez? Como quer que eu durma e espere até amanhã para saber o que fez? Não vou conseguir! Preciso saber para poder ajudar você a encontrar uma solução!

— Já encontrei uma solução. Foi à única que encontrei. Espero que tudo dê certo.

— Não vai, mesmo, me contar, não é?

— Não, não vou, Lúdia. Não sei se com o que fiz vou conseguir me safar, ou piorar as coisas, mas tinha de ser feito...

— Está bem. Sei que não adianta insistir. Estamos casados há muito tempo e eu conheço você muito bem. Está dizendo que não vai contar, sei que não vai mesmo. Por isso, vamos para o quarto. Vou tomar um calmante e tentar dormir. Sei que não vai ser fácil, mas é o melhor a fazer.

— Sinto muito por tudo o que fiz Lúdia. Não sei como me desculpar. Se pudesse voltar no tempo, não faria novamente.

— Todos que cometem erros dizem a mesma coisa: se pudessem voltar no tempo, mas não podem Martin! Ninguém pode! Quando teve essa idéia maluca de tirar o dinheiro, por que não me contou, não pediu a minha opinião? Por que tem de ser tão superior, aquele que sabe tudo e que não admite interferência?

— Tem razão, sou assim mesmo. Sabia que, se contasse você ia querer me impedir e eu não queria ser impedido! Embora seja errado, naquele tempo, e ainda hoje, acho que mereci todo o dinheiro que tirei. Com ele dei boa vida a vocês!

— Bem, não sei o que você fez esta noite. Espero que não seja uma loucura maior. Deus nos ajude Martin.

— Só fiz o que precisava ser feito. Agora, vamos deixar de conversar. Preciso pensar em tudo o que aconteceu.

— Está bem. Faça o que acha ser certo. Sei que, embora eu queira você não vai permitir qualquer ajuda. Vamos entrar.

— Tem razão, mesmo querendo, não pode me ajudar. Vamos entrar.

Entraram. Calada, Lúdia foi para o seu quarto e, chorando desesperada, ficou relembando como havia sido sua vida até ali.

## O reencontro

Na casa de Raquel, a polícia chegou e seu corpo foi levado.

Todos ficaram esperando o resultado da autópsia e, desconfiados uns dos outros, evitaram conversar.

Algumas horas depois, o corpo foi liberado.

Quando Martin e Moacir retornaram, mostraram o atestado de óbito. Ele dizia que o motivo da morte havia sido mesmo um infarto fulminante.

Ao tomarem conhecimento do resultado, todos respiraram aliviados.

A notícia se espalhou e as pessoas começaram a chegar. Entre elas chegou Cândida, a mãe de José Carlos e patroa de Lena. Cumprimentou a todos. Quando chegou perto de Marcos, com o qual, por ser amigo de seu filho, tinha mais afinidade, abraçou-o:

— Como isso foi acontecer, Marcos? Sua mãe parecia ser tão saudável...

— Também não entendemos. Nunca pensei na possibilidade de que este dia chegasse. Minha mãe sempre foi uma fortaleza.

— É verdade. Ela foi uma heroína, conseguiu construir uma grande empresa e criar você e seu irmão muito bem. Precisa agradecer a Deus pela mãe que ele lhe deu.

— Realmente, ela foi uma heroína, pena que, comigo, ela falhou e conseguiu estragar a minha vida...

— O que você está dizendo, Marcos?

— Nada, dona Cândida. Após o enterro, vou até a sua casa. Preciso conversar com Lena.

— Por quê?

Marcos contou o que Raquel havia feito. Cândida pensou um pouco, depois, disse:

— Não posso imaginar que sua mãe tenha feito isso, Marcos...

— Mas fez dona Cândida. Foi por isso que Marília desapareceu. Ela achou que eu a estava enganando, mas não estava. Eu ainda a amo e é por isso que preciso falar com Lena. Sabendo a verdade, talvez me diga onde Marília está.

— Lena não trabalha mais lá em casa há mais de um ano.

— Não? A senhora sabe onde ela está?

— Prometi que nunca diria a você, mas, diante de tudo o que contou, acho que devo dizer. Lena me contou o que você havia feito com Marília e disse que precisava ir embora para ficar com a filha e que não tinha para onde ir. Depois de tanto tempo em que ela trabalhou em casa, não podia abandoná-la, por isso, ela e Marília foram para a nossa fazenda e estão lá.

— Estão na fazenda? Marília também?

— Sim, estão trabalhando lá.

Marcos, rindo, abraçou-se a ela e, beijando seu rosto, disse:

— Vou agora mesmo para a fazenda! Preciso contar a Marília o que aconteceu realmente e reencontrar a minha felicidade!

— E o enterro, Marcos, você não vai esperar?

— Não, dona Cândida! Não posso esperar nem mais um minuto! Vou agora mesmo! Depois de ontem, de minha mãe ter contado o que fez e me prometido de que tudo faria para encontrar Marília, sei que não vai se importar que eu não esteja no enterro.

— O que as pessoas vão dizer?

— Não me importo dona Cândida, só quero reencontrar Marília!

— Sendo assim, está bem. Vá, Marcos, e seja feliz! Marcos, apressado, foi para seu quarto, trocou de roupa, pegou uma maleta e, para surpresa de todos, saiu.

Estava entrando em seu carro, quando viu Yara que chegava. Ao vê-lo, ela, sorrindo, aproximou-se e, abraçando-se a ele, disse:

— Sinto muito pelo que aconteceu com sua mãe, Marcos.

Ele, como estava muito feliz e não queria estragar aquele momento, apenas disse:

— Obrigado, Yara. Só quero dizer a você que minha mãe, ontem, durante o jantar, contou o que vocês fizeram.

Yara começou a tremer:

— Ela contou?

— Sim, contou, mas não se preocupe, não vou dizer uma palavra contra você. Com a morte da minha mãe, não há motivo para que continue vindo a minha casa nem que eu a veja. Você é uma mulher infeliz, Yara.

Tenho pena de você.

— Ela me obrigou Marcos. Não tive culpa...

— Não, Yara. Você é adulta. Já sabe distinguir entre o certo e o errado. Também, isso não importa. Estou indo, agora, ao encontro de Marília! Finalmente vou ser feliz! Quanto a você, se não mudar de atitude e de pensamento, se tornará cada dia mais amarga e infeliz. Até nunca mais, Yara!

Sem dar tempo para que ela dissesse alguma coisa, ele entrou no carro e se afastou.

Ela, envergonhada e com raiva de Raquel, não entrou e voltou para casa.

A fazenda ficava a mais de cinco horas de distância, mas Marcos não se preocupou com o tempo que levaria, pois sabia que, por mais que demorasse, no final da viagem encontraria sua felicidade.

À medida que o carro andava, a paisagem ia mudando. Logo havia apenas campos coloridos de um verde de vários matizes. Marcos respirava fundo e sorria ao ver toda aquela beleza. Quando chegou, já estava quase anoitecendo. Havia apenas alguns reflexos do sol sobre o verde. Era uma imagem inesquecível.

Entrou pela porteira da fazenda e, devagar, foi dirigindo até chegar ao pátio da casa-grande.

Assim que estacionou, a porta da casa se abriu e, por ela, saiu Lena que, ao vê-lo, perguntou assustada:

— Marcos? O que está fazendo aqui?

Ele, ainda dentro do carro, disse:

— Olá, Lena! Como você está?

— Estou bem, mas não respondeu a minha pergunta.

O que está fazendo aqui?

— Dona Cândida me contou que vocês estavam aqui e vim para conversar com Marília.

— Ela contou? Por que fez isso? Ela prometeu que não contaria!

Ele, saindo do carro, respondeu:

— Porque sabe que gosto muito de Marília e que quero me casar com ela.

— Casar? Ainda pensa nisso? Mesmo depois de tudo o que aconteceu?

— Nunca deixei de pensar, Lena. Onde ela está?

Lena não respondeu, mas desviou o olhar para o lado. O olhar foi tão penetrante que fez com que Marcos se voltasse e olhasse para o mesmo lado.

Assim que se voltou, viu Marília, que estava com uma cesta de roupas. Ao vê-lo, ficou paralisada, sem saber o que fazer.

Ele, feliz, correu ao seu encontro. Assim que se aproximou e, antes que ela dissesse alguma coisa, abraçou-a e beijou-a com amor e saudade.

Ela, a princípio, tentou se afastar, mas a saudade era muita. Em poucos instantes, correspondeu ao abraço e ao beijo. Após o longo beijo, ele, se afastando, disse:

— Descobri o que aconteceu, Marília! Fomos enganados, traídos! Eu amo você e nunca menti!

Quero me casar com você!

— Quem nos traiu, Marcos?

— Vou contar tudo, mas, posso entrar? Estou cansado da viagem e com muita sede.

Marília olhou para Lena que a tudo ouvia e que, com a cabeça, disse que sim.

Começaram a caminhar em direção à porta da casa, quando, por detrás de Lena, um menino, andando e tropeçando, apareceu e, demonstrando que ainda não sabia falar muito bem, disse:

— Vovó...

Ao ouvir aquilo, Marcos estremeceu:

— Vovó? Esse menino é seu neto?

Ela, pegando o menino no colo, respondeu:

— Sim, é meu neto.

Ele, preocupado, olhou para Marília:

— Você se casou?

— Não, Marcos, não me casei, e se isso acontecer algum dia, será com o pai do meu filho...

Caminhou em direção ao menino que, ao vê-la se aproximando, abriu os bracinhos. Ela, pegando-o no colo, disse:

— Marquinhos, este moço quer muito conhecer você... Ao ouvir aquilo, Marcos arregalou os olhos:

— Marquinhos? O nome dele é Marcos?

Marília olhou para Lena e, sorrindo, respondeu:

— Sim, o nome dele é Marcos. Escolhi esse nome porque é o nome do pai dele...

— O que está dizendo, Marília?

— O que ouviu. Ele é seu filho, Marcos.

— Por que não me contou?

— Eu ia contar, mas pensei que só estivesse brincando comigo, como havia feito com tantas outras. No dia em que Yara disse que estava esperando um filho seu, eu já sabia do meu, mas não tinha como competir com ela e achei melhor me afastar.

— Foi um erro, Marília! Ela nunca poderia estar esperando um filho meu, porque nunca tivemos intimidade alguma! Sempre fomos apenas amigos. Marília sorriu. Ele caminhou e pegou o menino no colo:

— Você é lindo, meu filho! Mais bonito que eu! Isso não está certo!

Lena, rindo, disse:

— Entre, Marcos. Venha descansar e nos contar o que aconteceu.

Entraram. Após beber água e não largar o filho por um minuto sequer. Marcos contou tudo, inclusive a morte de Raquel. Terminou, dizendo:

— Como podem ver, foi tudo uma mentira. Minha mãe, apesar de ter sido uma ótima mulher, boa mãe, grande empresária, achando que o que estava fazendo era o certo, nos separou e quase impediu que eu conhecesse o meu filho. Porém, graças a Deus, ela, antes de morrer, consertou tudo. Graças a isso, estou aqui e vamos, apesar de passado muito tempo, realizar nosso sonho, Marília. Vamos nos casar! Isto é, se você ainda me quiser como marido.

Marília, que estava sentada à sua frente, levantou-se, deu a volta e, abrindo os braços, acolheu Marcos, que a abraçou com muito carinho.

Para Lena, com Marquinhos no colo, só restou chorar de emoção e de felicidade.

Mesmo sem a presença de Marcos, Raquel foi enterrada. Muitas pessoas, penalizadas, compareceram e deram o último adeus para aquela mulher, patroa, empresária e mãe.

Muitas entidades estavam presentes, trazendo conforto para todos.

## A descoberta

Dois meses se passaram. Cândida ofereceu a fazenda para que o casamento de Marcos e Marília fosse realizado ali.

Na manhã anterior, Marcos convocou uma reunião com Moacir e com Martin. Assim que chegaram e sentaram-se em volta da mesa, ele disse:

— Pedi que viessem, porque Lia me entregou esta carta, Martin. Ela a encontrou no escritório lá em casa, no dia em que minha mãe morreu. Deduzimos que você há escreveu um dia antes. Nela, você a maneira como tem tirado dinheiro da empresa sem o conhecimento da minha mãe. Nela, você confessa que cometeu um crime. Você escreveu esta carta?

Martin, com lágrimas nos olhos, respondeu:

— Sim, eu a escrevi, Marcos.

— Por que fez isso?

— Raquel sempre confiou em mim. Estive ao seu lado desde o começo e, na minha ignorância e inveja, achei que tinha direito a muito mais do que ela me dava. Naquela manhã, quando fui cumprimentá-la pelo aniversário, ela disse que ia fazer um comunicado para todos nós e me pediu para que eu mostrasse todos os livros. Queria saber como estava à saúde financeira da empresa. Fiquei apavorado, pois sabia que havia roubado muito e que ela, com sua inteligência, rapidamente, vendo os livros, descobriria. Por isso, escrevi a carta, propondo-me a devolver tudo o que tirei. Sabia que, assim que ela lesse a carta, eu seria banido da empresa e minha vida estaria acabada, mas não havia outro caminho a tomar. Preferi contar, antes que ela descobrisse, mas, infelizmente, ela não teve tempo de ler a carta. Morreu antes.

Marcos olhou para Moacir e perguntou:

— Você sabia disso, Moacir?

Com os olhos baixos, Moacir respondeu:

— Sim, eu sabia Marcos.

— Por que não avisou a mamãe?

— Eu não podia Marcos. Também estava tirando mais dinheiro do que ela me dava. Como sabe, Joice tem um problema sério que, agora, ela aceitou como doença e está se tratando. Espero que consiga sarar. Por causa dessa doença, sempre gastou mais do que tínhamos e, por muitas vezes, precisei tirar dinheiro da empresa. No dia em que mamãe morreu, fui conversar com algumas pessoas de quem Joice havia tomado dinheiro e, quando vi a quantia, me desesperei.

Mesmo vendendo o carro de Joice, não daria para pagar e, naquele dia, retirei uma quantia muito grande. Quando mamãe disse que ia abandonar a empresa, fiquei apavorado. Sabia que ela descobriria e que se decepcionaria comigo e, provavelmente, não deixaria que eu continuasse na empresa.

Marcos ouviu o que eles disseram. Com o olhar sério, disse:

— Eu não sei o que mamãe faria em uma situação como esta. Ela sempre confiou em todos nós e, como sabemos, essa confiança foi desrespeitada. Vocês erraram, mas eu também tive minha parcela de culpa. Nunca me interessei pela empresa. Para mim, bastava ter o meu salário. Porém, agora, isso precisa mudar. A empresa é sólida e poderá crescer muito mais. Temos dinheiro para viver até o fim dos nossos dias e muito vai sobrar para nossos herdeiros. Tudo isso precisa mudar. Começando por mim. Agora, tenho um filho e vou me casar. Pretendo assumir meu lugar na empresa. Apesar de tudo o que fizeram vocês são necessários para a empresa. Proponho que encontremos uma maneira para que possam, a cada mês, pagar todo o dinheiro que tiraram. Quanto a você, Martin, não sei o que Moacir pensa, mas eu acho que você merecia, sim, ter se tornado sócio da empresa, pois, sem sua ajuda, sem seu conhecimento, mamãe não teria chegado aonde chegou. Por isso, Moacir, o que acha de darmos vinte por cento a ele? Moacir olhou primeiro para o irmão, depois para Martin, que olhava para os dois.

— Acho que você está certo, Marcos. Martin merece ser nosso sócio.

Marcos, rindo, disse:

— Por outro lado, ele, sendo sócio, vai cuidar melhor do nosso dinheiro, não é, Martin?

Martin, sem acreditar no que ouvia, respondeu:

— Obrigado pela confiança e para que nunca mais aconteça o que aconteceu, todos os livros, cheques e movimentação financeira passarão a ter as assinaturas de nós três.

— Ótima idéia, Martin! Assim, nunca mais teremos problema algum. Agora que tudo foi esclarecido e que chegamos a um acordo, vamos para casa. Não se esqueçam de que precisamos ir para a fazenda. Afinal,

amanhã vai ser o meu casamento!

## Epílogo

No dia seguinte, a fazenda estava em festa. Um altar foi improvisado. Marília e Marcos não cabiam em si de felicidade. Joice, que estava internada em uma clínica, recebeu alta por todo o fim de semana para que pudesse comparecer ao casamento.

Yara, embora tivesse sido convidada, não compareceu. Estava envergonhada e magoada com o que acontecera, mas, em sua casa, pensava:

Ele pode estar se casando, mas não vai ficar casado, ainda vai ser meu!

Samuel, Olímpia, Francisco e Raquel também estavam lá. Raquel, preocupada com Yara, perguntou:

— O que vai acontecer com ela, Samuel? Tive minha parcela de culpa.

— É verdade, Raquel. Você teve culpa, mas se arrependeu a tempo e esclareceu tudo. Ela, ao contrário, até agora não se conforma, mas vai ter

todas as chances para mudar o que está acontecendo. Tem, ao seu lado, a Lei do livre-arbítrio. Pode aceitar o que aconteceu e dar oportunidade para que um espírito que a ama muito se aproxime ou pode continuar como está agora e se tornar uma pessoa amarga e infeliz. Tudo vai depender da escolha que fizer.

Tomara que faça a escolha certa...

Raquel voltou-se para o altar improvisado, onde o casamento se realizava. Ao ver a felicidade dos filhos, principalmente de Marcos, chorando, disse:

— Como pude tentar impedir tanta felicidade? Como pude errar tanto?

— Por um simples motivo, Raquel. Você é um espírito caminhando para a perfeição, como todos nós. Todos nós, espíritos encarnados ou não, estamos em um constante aprendizado. Estamos, todos, a caminho do amanhã. Quando acontece, como aconteceu com você que teve tempo para consertar o que havia feito, deve ficar muito feliz. Triste daquele que não consegue e que carrega consigo dívidas que deverão ser pagas.

— Obrigada, Samuel. Obrigada por me dar uma nova oportunidade.

— Não tem o que agradecer Raquel. Quem dá novas oportunidades a todos os espíritos é o nosso Criador. Ele não se cansa, nunca, de esperar por todos nós, nem que, para isso, tenha de esperar por toda a eternidade.

— Só tem uma coisa que está me preocupando, Samuel.

— O quê, Raquel?

— Por que até agora não consegui me encontrar com Mauro? Onde ele está?

— Como não o encontrou? Olhe para o menino que está no colo de Lia.

Raquel imediatamente olhou para Lia que, junto ao altar, estava com Marquinhos no colo. Diante dela, o rosto do menino se transformou e ela viu Mauro, que sorria feliz.

— É ele, Francisco! É o nosso filho!

— É, sim, Raquel, eu já sabia. Desta vez, ele conseguiu nascer e vai ser muito feliz ao lado de Marcos e de Marília.

Lia, sem imaginar que Raquel estava ali, abraçando o menino, com carinho, pensou:

Com você morando lá em casa, vai começar tudo outra vez. Vou ser mãe novamente.

A cerimônia terminou.

Raquel sorriu. Olhou para Francisco e, vendo que várias entidades se misturavam com os convidados, disse:

Vamos dançar Francisco. Hoje é dia de festa! Francisco olhou para Samuel e para Olímpia que, com a cabeça, concordaram.

Abriu os braços, Raquel aconchegou-se a ele e começaram a dançar.

— Eles se amam de verdade, não é, Samuel?

— É sim, Olímpia, e nós também! Já que nossa missão, por ora, terminou, vamos dançar?

Ela sorriu, abriu os braços e, felizes, começaram a dançar.

**FIM**

